

CARLA PONTES DONNAMARIA

**DO VÍNCULO VIRTUAL AO CONJUGAL:
Um Estudo Psicológico**

PUC-Campinas
2008

CARLA PONTES DONNAMARIA

**DO VÍNCULO VIRTUAL AO CONJUGAL:
Um Estudo Psicológico**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia: área de concentração como Profissão e Ciência.

Orientador: Prof. Dr. Antonios Terzis

PUC-Campinas
2008

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t152.42 Donnamaria, Carla Pontes.
D685d Do vínculo virtual ao conjugal: um estudo psicológico / Carla Pontes
Donnamaria. - Campinas: PUC-Campinas, 2008.
117p.

Orientador: Antônio I. Têrzi.
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas,
Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui anexos e bibliografia.

1. Emoções. 2. Comunicação interpessoal. 3. Usuários da Internet.
4. Psicanálise. 5. Relações homem - mulher. 6. Família - Aspectos
psicológicos. I. Têrzi, Antônio. II. Pontifícia Universidade Católica de
Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia.
III. Título.

22.ed.CDD - t152.42

CARLA PONTES DONNAMARIA

**DO VÍNCULO VIRTUAL AO CONJUGAL:
Um Estudo Psicológico**

BANCA EXAMINADORA

Presidente Prof. Dr. Antonios Terzis

Profa. Dra. Vera Lúcia Trevisan de Souza

Prof. Dr. Tales Vilela Santeiro

Meus Agradecimentos:

Ao Professor Doutor Antonios Terzis, pelo acolhimento, disponibilidade de compartilhar tantos conhecimentos e credibilidade no meu trabalho.

Aos casais que, voluntariamente, participaram, oferecendo sua história e, algumas vezes, até mesmo suas casas, para que a pesquisa fosse realizada.

Aos professores da banca de qualificação, Dayse Borges e Mauro Amatuzzi, pelas importantes contribuições.

À minha família:

Caroline, minha filha, a quem tantas vezes pedi para esperar, e a quem, sem o saber, muito me incentivou com sua alegria e curiosidade.

Celso, meu marido, por todo seu apoio e carinho, imprescindíveis para esta realização.

Meus pais, pelo amor incondicional.

Demais familiares e amigos, por perdoarem os diversos momentos em que estive ausente.

Às minhas colegas de trajetória:

Em especial a Fátima Regina Mibach do Nascimento, companheira no estudo sobre o casal contemporâneo, e que se transformou numa grande amiga.

À Mestre Lisette Weismann, pela amplitude de pensamento na supervisão.

Àqueles que se tornaram os encaminhadores dos casais participantes, pelo especial apoio.

Às Secretárias da Pós-Graduação, Eliane, Elaine, Maria Amélia e Dareide, por toda atenção.

A CAPES, pelo necessário apoio financeiro.

MUITO OBRIGADA!

SUMÁRIO

	Página
APRESENTAÇÃO	1
1. INTRODUÇÃO	
1.1. Considerações teóricas sobre o conceito vínculo	3
1.2. O vínculo conjugal e as motivações psíquicas na escolha do cônjuge	7
1.3. Influências sócio-culturais na escolha do parceiro	12
1.4. Estudos sobre as relações mediadas pela Internet	21
2. OBJETIVOS	39
3. MÉTODO	
3.1. Participantes	43
3.2. Instrumento	44
3.3. Suporte material	44
3.4. Procedimento	44
3.5. Local da Pesquisa	46
3.6. Análise do Material	46
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	
4.1. Análise e discussão da entrevista com o casal (1)	48
4.2. Análise e discussão da entrevista com o casal (2)	65
4.3. Análise e discussão da entrevista com o casal (3)	85
5. CONCLUSÃO	106
6. REFERÊNCIAS	110
7. ANEXOS	117

RESUMO

Donnamaria, C.P. (2008). **DO VÍNCULO VIRTUAL AO CONJUGAL: Um Estudo Psicológico**. Dissertação de Mestrado, PUC-Campinas, Campinas

A presente pesquisa tinha por objetivo estudar experiências emocionais de casais que transformaram vínculos virtuais em vínculos conjugais. Dentre os objetivos específicos, buscamos descrever as condições na vivência virtual favoráveis à geração de um vínculo, analisar a evolução do mesmo, e as possibilidades de convergência e de divergência entre as expectativas e as realizações decorrentes de sua transposição. De cunho qualitativo, este estudo foi conduzido com a aplicação do método psicanalítico. Participaram da pesquisa três casais, com idades de 29 a 33 anos, todos com formação superior. Realizamos uma entrevista única com cada casal. Sobre o material, aplicamos a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Mathieu, e o interpretamos de acordo com o referencial da psicanálise das configurações vinculares e da grupanálise, aplicada ao casal. Esta pesquisa possibilitou reconhecermos que apesar da possibilidade de conhecer traços da personalidade do outro numa vivência virtual, a presença é parte constitutiva do vínculo. Concluímos que, para a realidade dos vínculos amorosos, a Internet caracteriza-se como uma condição, a partir da qual o vínculo é construído por etapas que passam pela identificação de valores e desejos mútuos, pela confirmação dos dados de realidade, e pela marca que faz o primeiro encontro face a face, num processo onde o bem ou o mal suceder estão condicionados à maturidade das pessoas envolvidas tanto quanto estão em suas relações presenciais.

Palavras-Chave: Contemporaneidade, Vínculos Virtuais, Psicanálise, Casal

ABSTRACT

Donnamaria, C.P. (2008). **FROM VIRTUAL TO MARITAL BOND: a psychological study**. Master's Dissertation, PUC-Campinas.

The present study has had as its goal to study couples emotional experiences who have transformed virtual bonds into marital ones. We have tried to describe the conditions of the virtual experience that are favorable to the generation of a bond, to analyze its evolution and the possibilities of convergence and divergence between expectations and realizations after the transposition to real life. This study, defined as qualitative, was conducted by the application of investigative psychoanalytical method. Three couples have participated in this study, with ages between 29 and 33 years old, all with graduation degrees. One interview was conducted with each couple, the Content Analysis proposed by Mathieu was applied to the results, which were interpreted according to psychoanalysis reference of bonding configurations and group psychoanalysis. The research led us to recognize that, despite the possibility of knowing traces of the other's personality in a virtual bond, it is the physical presence that will define its realization. We conclude that, for the realization of a romantic bond, the internet is characterized as a condition, from which the bond is constructed by stages like identification of intentions and values, mutual desire, confirmation of data as reality and the establishment of the first face to face encounter, in a process where good or bad results depend mostly of the maturity of the ones involved as well as of its physical presence contact.

Key Words: Contemporary, Virtual Bonds, Psychoanalysis, Couple.

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

As motivações que me conduziram à escolha do tema originaram-se do meu interesse por compreender o casal contemporâneo, cuja constituição e vivência revelam-se subordinadas a uma condição de felicidade pessoal, privilegiadas em relação ao rol de expectativas sociais tradicionais da modernidade. Aproximando-me deste tema mais amplo, encontrei diferentes artigos, alguns produzidos dentro da esfera acadêmica e vários originados do pensamento comum, que questionam as possíveis dificuldades que estariam levando pessoas a procurar seu par através do mundo virtual, com ênfases em supostos problemas de relacionamento social e nos interesses em relações parciais e voláteis. Tendo uma vivência pessoal de ter constituído minha própria família a partir de um relacionamento estável, cuja história partiu de um encontro virtual, senti-me incitada pelas leituras a focar meu estudo na evolução do vínculo conjugal originado da Internet, a fim de contribuir com o conhecimento científico a respeito desta realidade ainda tão nova, ainda tão estranha, e cada vez mais comum.

Conhecer reais possíveis repercussões desse novo caminho de vinculação, diferenciado particularmente pela ausência física em suas etapas iniciais, contribuirá também para o discernimento das implicações do uso da Internet, em relação a outros movimentos do mundo contemporâneo, para as vicissitudes de uma vida conjugal. Essa compreensão, junto a outras pesquisas, produzidas ou em produção, sobre as relações no ciberespaço, poderá servir ao próprio internauta que tem a Rede como mais uma oportunidade para encontrar pessoas; certamente será útil aos profissionais de saúde psicológica, que lidam com as questões de transformações da subjetividade, e que vêm sendo questionados por seus pacientes sobre os perigos da Internet, assim como poderá levar contribuições a outras áreas de conhecimento e pesquisa, uma vez que estamos abordando um fenômeno com repercussões tanto psicológicas e culturais, quanto econômicas e sociais.

Para uma melhor compreensão das questões relacionadas a este trabalho, o capítulo introdutório apresenta uma explanação a respeito do

conceito de vínculo, o qual sofre algumas variações de acordo com o referencial teórico. Logo em seguida, há algumas considerações psicanalíticas sobre o vínculo conjugal e também as implicações contextuais que se revelaram decisivas na escolha de um parceiro ao longo da história. E, ao final da introdução, uma exposição a respeito dos mais recentes e importantes estudos com foco nos relacionamentos virtuais.

Na segunda parte, apresentam-se os objetivos e a metodologia utilizada, com base no método psicanalítico. A análise das entrevistas foi desenvolvida no quarto capítulo, no qual as principais falas dos participantes foram destacadas e interpretadas segundo o referencial grupanalítico e da psicanálise das configurações vinculares, possibilitando a compreensão do desenvolvimento do vínculo originado dos encontros virtuais. Após as análises verticais das entrevistas, está disposta a discussão dos resultados, seguida da conclusão que a pesquisa possibilitou.

No trabalho encontram-se também a bibliografia consultada para a elaboração da dissertação e os anexos, que consistem na carta de autorização da instituição que nos cedeu espaço para a realização das entrevistas, no modelo do convite realizado aos casais assim como o modelo do termo de consentimento livre esclarecido, e, ainda, a transcrição na íntegra das entrevistas realizadas para a construção do material utilizado na pesquisa.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Considerações Teóricas Sobre o Conceito Vínculo

O termo “vínculo”, do étimo latino *vinculum*, é referido, na sua forma mais elementar, como tudo aquilo que ata ou liga, reservando também o sentido figurado de ligação moral (Ferreira, 2004). A psicologia psicodinâmica, assim como a psicanálise das configurações vinculares, mantém, na aplicação do termo, a condição de que há uma ligação de pelo menos duas estruturas distintas, mais especificamente de pelo menos dois egos distintos.

A teoria das relações objetais, original no estudo das relações pela psicanálise, contribui para a compreensão dos vínculos, mas distingue-se pelo privilégio à formação intrasubjetiva, intraterritorial ao aparelho psíquico, reduzindo o outro e o mundo externo a objetos internos, desconhecidos em sua autonomia. Ela não faz menção à reciprocidade de egos e ao que Puget e Berenstein (1993) denominam espaço extraterritorial.

Um estudo da dimensão intersubjetiva abarca os aspectos que dependem da bidirecionalidade sujeito/outros, seu conceito central. Isso não significa, como nos alerta Spivacow (2005), que as perspectivas inter e intrasubjetiva sejam antagônicas, “são dois pontos de vista a articular com o fim de dar melhor conta da complexidade em jogo” (p. 21). Talvez possamos chamá-los de complementares, já que o psiquismo, como também nos lembra o mesmo autor, na verdade, está sempre aberto, assim como toda realidade depende de e se define em seu contexto. O intrasubjetivo, privilegiado sob a perspectiva das relações objetais, é um espaço apenas ficcionalmente separado.

Spivacow (2005) afirma que a bidirecionalidade é a propriedade em virtude a qual, consciente e inconscientemente, está determinada pela inter-influência com o outro, ou outros, no contexto intersubjetivo.

Ao referir a característica de bidirecionalidade entre egos, onde ambos são simultânea ou sucessivamente lugar do desejo e da realização do desejo do outro, Puget e Berenstein (1993), autores da Escola argentina de psicanálise, ampliam a metapsicologia, concebendo o vínculo como uma das bases para a construção da subjetividade, que se dá, simultaneamente, em

três espaços psíquicos: no intra-subjetivo, no intersubjetivo e no transubjetivo, este último definindo a relação entre o ego e o macrocontexto social.

Heuristicamente, podemos conceber o vínculo como uma configuração onde egos encontram-se ligados pelo que Berenstein e Puget (1993) denominaram “conector”, o qual diz respeito às representações do macrocontexto social e do complexo de Édipo, vindo a definir o que também denominaram de “espaço vincular” (p.20), ou o que Spivacow (2005) refere como “campo relacional”.

Trata-se de uma configuração porque essa define uma unidade que implica e supera a mera soma das partes de cada eu, em uma combinação que articula as constelações objetais individuais (Vidal, 1998).

Dinamicamente, sustenta-se por uma série de estipulações inconscientes tais como acordos, pactos e regras de qualidade afetiva, de modo que se pode dizer que há vínculo a partir do momento em que existe uma mútua representação interna, quando a existência de uma outra determinada pessoa deixou de ser indiferente e passou a ter significado e despertar sentimentos, incluindo o sentimento de pertinência (Puget e Berenstein, 1993; Pachuk e Friedler, 1998). Ficam excluídas, assim, da definição de vínculo, todas as relações e contatos interpessoais capazes de despertar algum sentimento momentâneo, que não chegar a abarcar o sentimento da pertinência.

Para Vidal (1998), o acordo inconsciente é um exercício pelo qual se busca unificar harmonicamente diversas resoluções do narcisismo e do complexo de Édipo de cada eu, em uma vivência de encontro que brinde o desejado e ilusório caráter de unidade.

A mesma autora também afirma que todo acordo inconsciente comporta uma ilusão de eternidade e o desejo de cada um contar com o outro como um objeto único. O acordo inconsciente se constituiria de uma apropriação mútua e compartilhada de aspectos da vida mental de cada ego, ocorrendo uma co-identificação, sobre uma base de motivos comuns. Alude-se, assim, ao conceito de identificação proposto por Freud em 1900, em *Interpretação dos Sonhos*, ao afirmar que a identificação não corresponde a uma simples imitação, mas ao processo do ego incorporar um traço do outro, que passa a funcionar como próprio, mediante uma transformação.

Vale ressaltar a observação de Puget e Berenstein (1993) de que apesar da apropriação mútua e compartilhada de aspectos de cada ego, haveria uma parte incompartilhável, em função da qual se criam pactos como, por exemplo, a conservação de objetos infantis pelo outro.

Concebido o acordo inconsciente como uma forma de estipulação inconsciente regulada, Vidal (1998) considera útil a referência ao conceito de organizador inconsciente, o que nos remete às contribuições de Kaës (1997) sobre organizadores psíquicos, os quais, segundo este autor, consistem em configurações inconscientes típicas de relação entre os objetos, capazes de mobilizar energia psíquica, e que se definem por: imagem do corpo, fantasias originárias, os complexos familiares e as imagos parentais, e imagem do aparelho psíquico individual. Mas devemos observar que, segundo Spivacow (2005), ao considerarmos a bidirecionalidade como fator ativo nos processos psíquicos, somos levados a uma diferente teorização de fantasia e à introdução do conceito de “trama interfantasmática”, o qual reformula as concepções tradicionais de fantasia e/ou fantasma, centradas no intrasubjetivo. A trama inter toma como modelo de psiquismo um sistema aberto com processos em continuidade com o outro.

Spivacow (2005) refere que, em um vínculo, o contato com o outro ativa em cada um dos sujeitos alguns funcionamentos e conteúdos conscientes e inconscientes, enquanto outros se desativam. Isso dialoga com o que foi exposto por Pichon-Rivière (2000) que, a partir da concepção da pessoa como uma totalidade integrada por mente, corpo e também pelo mundo exterior, se preocupou com a maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com outro ou outros, criando estruturas particulares em cada caso e a cada momento, concebendo o vínculo como uma estrutura dinâmica em contínuo movimento, que engloba tanto o sujeito, quanto o objeto.

É Pichon-Rivière (2000) quem também nos informa que o vínculo pode apresentar características consideradas normais e alterações interpretadas como patológicas. Refere-se vínculo normal àquele que se estabelece entre o sujeito e um objeto quando ambos têm possibilidade de fazer uma escolha livre de um objeto, como resultado de uma boa diferenciação entre ambos. E, também, que os vínculos podem ser divididos em classes, de acordo com características inerentes ao próprio vínculo, independentemente das

particularidades individuais das pessoas que o formam. O vínculo conjugal, nosso interesse particular, tem características bastante peculiares, que serão desenvolvidas no capítulo a seguir.

E como bem observa Butelman (1998), há, no vínculo, uma intencionalidade, o que dialoga com a percepção de Puget e Berenstein (1993) de que, embora os pactos sejam inconscientes, o reconhecimento do desejo do outro é consciente.

É importante também registrar a particularidade de que essa composição de pelo menos dois “eus” possui um caráter de estrutura mais ou menos estável (Vidal, 1998). Sobre este aspecto, Berenstein e Puget (1993) acrescentam à concepção de vínculo “a colocação em funcionamento da relação pensada em ausência do outro” (p. 25), com o sentimento de pertinência já referido.

Pelo exposto, temos que a presente pesquisa reservará o termo “vínculo” para toda situação onde se evidenciar uma intencionalidade na relação, com a presença de sentimentos de pertinência entre os envolvidos.

1.2. O Vínculo Conjugal e as Motivações Psíquicas na Escolha do Cônjuge

Puget e Berenstein (1993) propuseram quatro parâmetros definitórios para o reconhecimento da instituição casal: cotidianidade, projeto vital compartilhado, manutenção de relações sexuais entre si e tendência monogâmica. O que estes autores fazem é expor de forma simples e objetiva a mesma configuração que muitas vezes se mostra, de maneira implícita, na extensa literatura, sobre os vínculos conjugais. Apresenta-se como uma definição tradicional de um casal.

Trabalhos mais recentes vêm sinalizando transformações em relação a esse jeito tradicional, pontuando a realização de novas configurações de casal e de família. Escárcega e Estrada (2005) afirmam que os parâmetros definitórios propostos por Puget e Berenstein (1993) estão sendo modificados a uma velocidade vertiginosa. Observam atenuação das obrigações entre as pessoas que se unem em casal, fácil dissolução de uma união marcada por imediatismo e despreocupação com o futuro, gerando, assim, dois novos

pilares de sustentação de uma vida conjugal: um elevado bem-estar na relação e desejo voluntário de estar juntos. Berenstein (2008) afirmou em exposição recente que um casal pode manter, ou não, relações sexuais entre si, sem perder o *status* de uma relação matrimonial.

O casamento é a configuração de um novo enquadramento, mas também um retorno ao passado, com possíveis transferências ao novo parceiro de sentimentos e fantasias em relação a pessoas importantes do passado. Casa-se com o outro, mas também com a imagem de si mesmo percebida no cônjuge. “A união com o outro juntamente com a *desunião* [itálico da autora] dos aspectos intoleráveis de si próprio, identificativamente projetados no parceiro”. (Lamanno, 1990, p. 40).

Cada membro desse vínculo contribui com seu próprio grupo interno, que irá se intrinchar intimamente com o grupo interno ou família interna do outro, para constituir uma nova constelação grupal, ou seja, vive um processo de transferência recíproca, uma transferência de figuras como de todo um modo de vincular-se. Ocorre o que Losso (1987) chama de “neurose de transferência do casal”, onde, para garantir a continuidade do vínculo, cada membro transfere ao parceiro determinado personagem e determinado modo de vincular-se, ao mesmo tempo em que o outro, de algum modo, assume aquilo que lhe estiver sendo atribuído.

Esta atitude inconsciente de assumir as atribuições projetadas pelo outro tem a ver com o conceito de “colusão” (Losso, 1987; Nicolò, 1995), uma espécie de convivência inconsciente. Sobre este aspecto, vale destacar o que referiu Nicolò como uma função de reforço que cada um dos parceiros proporciona ao outro: “a natureza transformadora e *terapêutica* [itálico da autora] da relação entre parceiros, a utilização recíproca da relação objetal, inclusive como modalidade defensiva contra as pulsões pré-genitais insuficientemente controladas, a distribuição de papéis e funções” (p. 76). Cria-se uma oportunidade de conhecer a si mesmo, por meio da imagem refletida pelo outro. As ações de um produzem efeitos no outro, e vice-versa.

Ainda com respeito à transferência, podemos pensar no processo de uma pessoa que se casa na atualidade. Neste momento da história, muitos dos pais dos atuais noivos tiveram seus valores construídos dentro de uma época ainda bastante marcada pelos moldes de uma configuração familiar

hierarquizada, definição tradicional de ser casal em nossa cultura. Se o cônjuge tende a projetar no parceiro a relação tal como viveram seus próprios pais, aquela configuração estará fazendo parte deste conteúdo. Conflitos conjugais revelam essas diferenças geracionais, onde é acrescida a pressão exercida por um contexto que, se por um lado permite escolhas, por outro, como observa Rossi (2003), exige a busca de um ideal de felicidade.

De qualquer maneira, independentemente da presença destas questões, é normal à vida do casal uma maior ou menor oscilação entre momentos transitórios de fusão e momentos de diferenciação (Nicolò, 1995). Apenas no início da relação, ou quando se está no auge da paixão, o indivíduo coloca, ou projeta, no outro, aspectos de seu ideal de si, reconhecendo o outro como a “grande maravilha” (Losso, 1987). Freud (1930/1988), afirmou em *Mal-estar na civilização* que “no auge do sentimento de amor, a fronteira entre ego e objeto ameaça desaparecer. Contra todas as provas de seus sentidos, um homem que se ache enamorado declara que ‘eu’ e ‘tu’ são um só, e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato” (p. 75).

Como diz Lamanno (1994):

A paixão faz parte do universo narcísico, onde não existe a possibilidade de discriminação do outro. O outro é uma extensão do próprio sujeito em todos os sentidos e sua única função é restaurar a onipotência em troca de duas individualidades aniquiladas (p. 44).

Quando este estado termina, ocorre uma necessária desilusão, onde o outro volta a ter existência própria, o que possibilita o real encontro de duas individualidades, ainda que seguindo com aqueles momentos de fusão e de diferenciação já mencionados.

É importante também verificarmos as funções que têm uma união conjugal. Há aspectos do psiquismo, bem como do espaço extra-psíquico a serem considerados.

Como uma primeira função, o unir-se em um casal estaria atendendo aos intuitos de evitar solidão e de completar-se (Arensburg, 1991; Trunsky, 1994), o que nos remete ao mito da “cara-metade”.

Sob a compreensão psicanalítica, o estabelecimento de um vínculo conjugal pode atender ao intuito de elaborar a situação edípica. O cônjuge pode aliviar a culpa pelas fantasias incestuosas ou agressivas, a partir do

momento em que se vê aceito como cônjuge pelo outro do sexo oposto (Losso, 1987). Em algumas situações, porém, ao invés de uma saída ao Édipo, contradições na vida conjugal geradoras de sintomas, ambivalências e paradoxos, podem levar a uma reentrada naquele, onde buscas e fugas individuais se misturam com prazeres e sofrimentos que um impõe ao outro (Arensburg, 1991).

Ao mesmo tempo em que se enriquece com o amor pelo parceiro, reexperimenta-se a dependência, ciúmes, inveja e voracidade à medida que se luta contra desejos infantis de se submeter, controlar e possuir a pessoa que ama para obter aquilo que necessita (Lamanno, 1990).

A união conjugal confere também uma reafirmação da identidade, especialmente da identidade sexual. Cada pessoa se reconhece no outro. Se uma mulher ou um homem se reconhece como tal, é porque foi reconhecido assim; ou seja, cada um dos parceiros procura e confirma a masculinidade ou feminilidade no outro.

A união conjugal pode realizar-se, simultaneamente, como uma relação de proteção, de satisfação de desejos mais elementares tais como os da primeira infância, e como uma relação para reconhecer-se adulto (Losso, 1987).

Puget e Berenstein (1993) identificaram e classificaram quatro modalidades vinculares possíveis ao casal matrimonial: *vínculo adesivo (ou narcisista dual)*, *vínculo de posse*, *vínculo de controle* e o *vínculo amoroso*.

No chamado *vínculo adesivo (ou narcisista dual)*, há predominância de fantasias e emoções relacionadas com o medo de ficar isolado diante da ameaça de separação ou de perda do outro.

Sob o *vínculo de posse (possuído-possessivo)*, predominam os ciúmes possessivos, com permanente desconfiança.

O *vínculo de controle* é exercido através de alguns dos parâmetros relacionados por Puget e Berenstein (1993), sob um impulso de domínio.

Identifica-se um *vínculo amoroso* quando as emoções circulantes são as pertencentes à resolução do Édipo e à série de ternura e carinho, em reciprocidade.

E o que faz com que uma pessoa escolha a outra para casar-se e formar um casal estável, com projeto de duração? Por que não bastam características

objetivas apreciáveis (beleza, caráter etc.) para o desejo de unir-se em matrimônio?

Freud (1914/1996) identificou duas motivações que podem estar na base de um processo de escolha objetal. Quando o investimento libidinal passa pelo conflito edípico na busca de um objeto que ressignifique experiências anteriores de satisfação, ligadas a figuras parentais, busca-se uma relação de objeto denominada por Freud de *anaclítica*. Quando a busca significa uma procura por si mesmo, ou por aquela pessoa que gostaria de ser, define-se uma escolha de objeto *narcísica*.

Freud (1914/1996) afirma que estas motivações não esgotam todas as possíveis, mas são estas que se destacaram em suas observações.

Spivacow (2005) refere que para um casal se encaminhar para uma forma de relação institucionalizada, pesa fortemente a contribuição que o outro significa para o equilíbrio pessoal e para a organização defensiva do eu, à diferença do que ocorre num relacionamento transitório. Nestes casos, a escolha do parceiro/a se apóia tanto na atração erótica e sensual pelo outro como na segurança que este proporciona ao eu quanto a não convocar os aspectos da personalidade que a organização defensiva necessitou excluir.

O autor observa que as características do companheiro promovem a aceitação inconsciente porque ajudam a reforçar os mecanismos de defesa destinados a reprimir aquilo que gera angústia ao sujeito. Num processo que não se caracteriza por uma “escolha” consciente, um elemento chave corresponde à defesa: escolhem-se no parceiro aquelas características que não despertariam a pulsão destrutiva para o eu e ainda as que contribuiriam a reprimi-las melhor. Spivacow (2005) conclui que no plano inconsciente esta é a diferença mais notável entre a escolha de objeto na relação de tipo institucional/duradoura e outras formas de vida amorosa transitórias.

Ainda segundo o mesmo autor, este componente defensivo está sempre presente, mas em proporções variáveis para cada casal. A continuidade da relação fica sujeita à manutenção desta segurança interior favorável à homeostase narcísica.

Outra questão a considerar na escolha conjugal diz respeito à relevância de aspectos que não correspondem às características de personalidade, ou mesmo físicas do outro. Com valor de decisão, entram os fatores de

pertinência social e cultural, cujo privilégio revela-se com variações ao longo da história, assunto do próximo capítulo.

1.3. Influências Sócio-Culturais Na Escolha do Parceiro

Como ocorre a outras experiências humanas, expectativas e iniciativas envolvidas na escolha de um parceiro revelam o contexto onde seus protagonistas estão inseridos, e do qual sofrem influências. Aspectos sociais, culturais e até políticos e econômicos sempre interferiram, direta ou indiretamente, na escolha do parceiro, no namoro e no casamento (Araújo, 2002; Chaves, 2004; Costa, 2000; Giddens, 2002; Ramalho, 2005). Assim, este capítulo tem como objetivo mostrar aspectos do macrocontexto social, que, sob a ótica proposta por Puget e Berenstein (1993), representam o “conector” da estrutura vincular, o que se mostra imprescindível para o alcance da compreensão do porquê duas pessoas se unem, o porquê de se manterem em casal, e também o porquê da separação.

Tomamos como ponto de partida para falarmos destas questões a forma “tradicional”, reconhecida pelo senso comum, no que diz respeito à formação e manutenção do vínculo conjugal. Há, no mesmo senso comum, a idéia de que uma dissolução de valores estaria caracterizando o casamento contemporâneo como uma instituição instável, como se o mesmo sempre tivesse tido a conformação de uma união indissolúvel realizada por amor e sustentada pelo desempenho de papéis definidos para o homem e para a mulher; uma instituição que, neste momento, estaria se corroendo. Na verdade, outros valores já estiveram na base de sua conformação.

Até o século V, o casamento sequer tinha por pressuposto o amor; o clero não tinha interferência sobre a união conjugal e celebração das núpcias. O contrato conjugal tinha por objetivo um intercâmbio de riquezas, títulos e formação de alianças políticas, atuada pelos nobres (Araújo, 2002). Os filhos muitas vezes eram prometidos por seus pais, e não raro quando ainda bebês, de modo que a história da escolha do parceiro começa justamente pela não-escolha.

“O casamento não consagrava um relacionamento amoroso. Era um negócio de família, um contrato que dois indivíduos faziam não para o prazer, mas a conselho de suas famílias e para o bem delas” (Araújo, 2002, p. 70). O amor era um objetivo a ser alcançado após a concretização do casamento (Giddens, 1993).

Cumprir registrar que esta era a realidade para as famílias mais abastadas. Há carência de literatura a respeito da dinâmica de união conjugal em classes menos favorecidas.

Vainfas (1992) conta que o rito básico nessa época não residia propriamente na cerimônia nupcial, mas na promessa de casamento, no ato da *desponsatio* ou *pactum conjugale*, precursor do noivado atual. A cerimônia acontecia na casa da futura esposa, onde se reuniam parentes do “noivo” e testemunhas. Trocavam-se palavras e bens. O pai da moça transferia a tutela de sua filha ao futuro marido, que retribuía com a entrega de uma *donatio puellae* (garantia do contrato), selando a união de duas casas reais. O rito nupcial propriamente dito ocorria na casa do “noivo”, cujo momento mais importante acontecia no quarto nupcial. Numerosas testemunhas se reuniam ao redor do leito, e o pai do rapaz celebrava a união. Todos ficavam a olhar o casal despido para constatar a intenção da união carnal, e da procriação.

A partir do século V, com a expansão do Cristianismo e a queda do Império Romano, é que a Igreja, aos poucos, estende seu poder sobre o casamento, para instituí-lo como um espaço legítimo para o uso da sexualidade com objetivo exclusivo da procriação. No entanto, a normatização da moral cristã somente veio a ser estabelecida no século XIII, quando o ritual do casamento é transferido para a igreja, com cerimônia conduzida por um padre, realizando, a partir de então, o sacramento do matrimônio, tornando-o monogâmico e indissolúvel (Araújo, 2002). Mas não é ainda neste momento que o amor ganha relevância. Aspectos sociais e econômicos continuaram decisivos na escolha do cônjuge, “só em alguns casos o amor se sobrepunha a estes imperativos” (Costa, 2000, p. 25). Era um tempo em que se temia que o amor sensual pudesse enfraquecer o amor a Deus, por isso o ato sexual era atribuído exclusivamente à reprodução, de modo que podemos pensar que escolher um parceiro deveria muito significar também escolher o pai ou a mãe do futuro filho.

O casamento por amor só terá relevância social no século XVIII, quando é referido o “amor romântico” (Giddens, 1993). É neste século que o amor torna-se motivo explícito para a escolha de um parceiro e definição de uma vida conjugal. “Esse novo ideal de casamento impõe aos esposos que se amem ou que pareçam se amar e que tenham expectativas a respeito do amor e da felicidade no matrimônio” (Araújo, 2002, p.04).

Os cônjuges começam a considerar o vínculo sustentado por suas próprias qualidades. Giddens (1993) acredita que a partir da atenção à qualidade de seus vínculos, os parceiros passaram a se questionar, ao menos com mais frequência, sobre seus sentimentos e sobre a relação, levantando questões tais como: “Como eu me sinto em relação ao outro? Como o outro se sente a meu respeito? Será que nossos sentimentos são profundos o bastante para suportar um envolvimento prolongado?” (p. 56).

Uma repercussão que se notou do fato de homens e mulheres terem se tornado, de uma maneira geral, mais livres, ou pelo menos mais atuantes, para escolher seus futuros parceiros conjugais, foi uma acentuação das idealizações, cujo contraste com a realidade gerou desilusão e conflitos conjugais a partir do momento em que as expectativas se mostravam frustradas (Araújo, 2002).

Vale ressaltar que o modelo de união conjugal tendo como premissa o afeto, a amizade e o companheirismo entre os cônjuges, não resultou do que poderia ser entendido como uma conquista dos amantes. Araújo (2002) conta sobre Malthus, clérigo inglês que viveu na Inglaterra no século XVIII, que, preocupado com uma desigualdade entre crescimento populacional e econômico, propôs uma avaliação dos custos e benefícios do casamento, seu retardamento (condicionado a uma condição de independência econômica), e controle de natalidade, de modo que a procriação deixasse de ser sua finalidade principal. “Ao valorizar o afeto, a amizade e o companheirismo, o casamento se tornava um refúgio dentro de um mundo competitivo e individualista” (Araújo, 2002, p.06).

Com o desenvolvimento do Capitalismo, este modelo de casamento (malthusiano) espalhou-se pelo mundo, sofrendo adaptações, em função de diferenças culturais e econômicas. “Na atualidade, muitas das suas características são encontradas nos casamentos ditos “modernos”, como a

relação igualitária entre os parceiros, a valorização do companheirismo e da amizade na relação conjugal e a não-obrigatoriedade de procriação” (Araújo, 2002, p.06).

No século XIX, a Medicina veio reforçar a importância da sexualidade adulta e matrimonial, tal como já o fazia a Igreja. Escolher um único companheiro, de modo a não manter relacionamentos simultâneos, o que já era estimado por valores de cunho religioso e moral, tornava-se também uma conduta de prevenção em saúde.

Não obstante o amor romântico ter se iniciado por motivações e iniciativas à revelia dos amantes, não configurava o que exatamente pudesse ser sustentado, pois embora o amor romântico tivesse por pressuposto uma igualdade de envolvimento emocional entre o homem e a mulher, a realidade era que a mulher era conduzida a uma sujeição doméstica. Mas, antes de avançarmos nestas considerações, que até este ponto tiveram como cenário principal a Europa Ocidental, é oportuno olharmos como este percurso se deu no Brasil.

Freire (1979) observa, no período do Brasil Colônia, que as questões afetivas foram também inicialmente ignoradas, assim como prevaleceram razões econômicas para a escolha do futuro cônjuge, decisão tomada unilateralmente pelos pais, tutores ou responsáveis, sob o intuito de troca e preservação de riquezas. O casamento prescindia do amor para se realizar. Era praticado o dote, quando o pai da noiva transferia parte dos bens de sua família ao futuro marido de sua filha, um requisito tão necessário na época que, sem dote, a mulher não se casava. Era até mesmo comum filhas mais novas de uma mesma família não se casarem, porque o pai não dispunha mais de recursos para pagar o dote, pago ao marido da filha mais velha.

Dado importante é que ao homem, futuro marido, era possível que consentisse, e até que realizasse uma escolha entre as solteiras disponíveis, apenas com a condição de que a família da escolhida possuísse o dote. Era a vontade da noiva que definitivamente não era levada em consideração, nem sequer a celebração do casamento dependia de seu consentimento. “A mulher era dada pelo pai para o marido, representando, conseqüentemente, uma simples transferência de casa e, sem dúvida, de senhor” (Costa, 2000, p. 24).

Interesses sociais e preconceito racial, que se manifestavam nos casamentos entre grupos de famílias ou nos casamentos consangüíneos, muito comuns no Brasil neste período, também se faziam determinantes na escolha do cônjuge (Ramalho, 2005). Casamentos entre primos e entre tios e sobrinhas, que se sucederam por inúmeras gerações, tinham por objetivo preservar a família de uma condição de ex-escravo (Freyre, 2003).

Uma grande disparidade de idade que frequentemente ocorria nos casamentos consangüíneos parecia contribuir para a desvalorização de componentes afetivos para a realização do matrimônio (Ramalho, 2005).

Com o tempo, homens e mulheres ganharam o direito de escolher seus futuros cônjuges, tendo o amor como eliciador dessas escolhas, tal como acontecera na sociedade européia, ainda que, também como lá, uma liberdade favorecida pelos interesses de uma sociedade capitalista, preservadas as diferenças no que diz respeito à cultura e à economia.

Foi no decorrer do século XX que se notou a consolidação do modelo cristão de vida conjugal, que tem o amor como base do sacramento do matrimônio. É atribuída ao amor a energia responsável pela coesão da família, que se transformou em novo imperativo social (Krom, 2000).

Azevedo (1986) comenta o “namoro à antiga”, quando critérios como simpatia, atração física e correspondência afetiva se tornaram relevantes. O autor observa, no entanto, que fatores culturais como costumes, tradições, círculos de convívio, relações sociais, laços familiares e aspectos econômicos continuaram como critérios de escolha, apenas não mais de modo isolado. Assim como, embora os pais não mais anunciassem por decisão própria a escolha do cônjuge para seus filhos, a aprovação deles mantinha-se relevante. É importante também notar que, sob o controle da Igreja, não era atribuído direito ao erro ou à dissolubilidade do casamento (Costa, 2000), de modo que ainda não existe, neste momento da História, algo que possa já ser chamado de liberdade na vida conjugal.

O “namoro à antiga” apresentava-se demarcado por três momentos. O primeiro era o flerte, que correspondia à troca dos primeiros sinais de interesse. Esses sinais eram manifestos em expressões faciais e corpóreas, ritmo e estilo da marcha, da postura, do sentar-se, pelo vestuário, perfumes, e outros artifícios (Azevedo, 1986). Alguns destes artifícios estavam relacionados aos

costumes próprios da época, como, da parte do rapaz, certa disposição do lenço no bolso peitoral e movimento da bengala, e, da parte da moça, a maneira como exibia seu leque. Evidentemente estes não permaneceram, mas é importante registramos que, como pontua Weber (1998) alguns dos gestos não-verbais do comportamento humano característicos do flerte apresentam características universais. Afirma também a autora que a indicação de submissão, como ao segurar o próprio braço ou mantê-los muito próximos da área abdominal, postura que se opõe a um perigo de agressão, e, por isso, facilitadora de uma primeira aproximação, estaria entre as características básicas dos sinais de flerte. Registra uma série de outros sinais evidentes no olhar, no movimento com a cabeça, entre outros, e registra que, segundo autor por ela citado (Birdwhistell, 1970, citado por Weber, 1998), somente 35% do significado social de uma conversa corresponderia às palavras pronunciadas, o que exigiria, então, supõe Weber, uma habilidade especial com as palavras para conquistar alguém através de um *Chat* da Internet, vale adiantar.

Ainda sobre o “namoro à antiga”, para o flerte, era necessário que se freqüentasse locais públicos reconhecidos como propícios para este fim, que eram as ruas e praças importantes, onde o passeio com propósito de flerte era conhecido pelo nome de *footing*, com referência ao costume de moças e rapazes andarem em direções opostas, possibilitando uma renovação constante dos encontros dos olhares; alguns, mais provocativos, acompanhados de palavras amáveis ou de frases jocosas, emitidas pelos homens. Outros locais podiam ser o teatro, as matinês, sorveterias e cafés.

Era comum também que os rapazes passassem com freqüência na frente das casas das moças, que, se interessadas, enviavam-lhes bilhetes através de mensageiros, que podiam ser as empregadas domésticas. Assim como também os pretendentes contavam com alcoviteiros, pessoas que atuavam como mediadoras da relação ainda não concretizada, interpretando sentimentos e objetivos de ambos. Existiam, à disposição dos apaixonados, manuais para orientá-los acerca do que seriam as boas e as más condutas no flerte, bem como a padronização de alguns códigos para comunicação à distância, como a maneira de usar os acessórios ao vestuário, como já pontuamos.

O segundo momento era o namoro propriamente dito, sendo a Igreja um local bastante freqüentado neste período, um dos raros espaços onde era dada às moças permissão para que as freqüentassem também sozinhas.

Um terceiro momento correspondia a um período de compromisso que se encaminhava para o noivado formal, quando se voltava para os preparativos do casamento. Assim, o namoro anunciava sempre uma perspectiva de casamento.

É relevante observar também que nesta época a sociedade definia claramente os papéis sociais da mulher, de esposa, mãe e dona de casa, sem espaço para lazer próprio. Trabalhar fora era prática de mulheres de classes menos abastadas, e ainda assim limitadas a serviços domésticos, enfermagem e educação infantil.

Ramalho (2005) pontua que o que Azevedo chamava de “namoro à antiga” foi se modificando ao longo do século XX, mas que isso não quer dizer que tenha deixado de existir, observando o *footing* ainda bastante praticado em cidades pequenas e interioranas do Brasil.

Seguido ao período do “namoro à antiga”, encontramos as décadas de 1960/70 marcadas por importantes modificações sociais, políticas e econômicas. Foi neste período que ocorreu o que se conhece como Revolução Sexual.

O surgimento da pílula anticoncepcional parece ter sido um dos principais definidores desta revolução. Havia o movimento de emancipação feminina iniciado nos Estados Unidos, que contribuiu para o surgimento da pílula, cujo uso tornou-se possível devido à diminuição da preocupação das mulheres com as doutrinas religiosas, que impediam que o sexo fosse realizado para fim que não fosse a procriação. Até então, a busca do prazer sexual, sem finalidade de concepção, era tido como desvio da devoção a Deus. Sexo pré-matrimonial, impensável.

As mulheres passaram a desejar e exigir relações sexuais prazerosas, o que fez com que o homem tivesse que passar a se preocupar com o prazer feminino. O prazer do homem deixou de ser suficiente. E, mais do que isso, o prazer sexual tornou-se critério de escolha do parceiro.

Weber (1998) cita estudos que indicam o homem mostrando hesitação em aproximar-se se a parceira não lhe dá um sinal de interesse, e que “uma

conquista bem sucedida depende menos da beleza de uma mulher do que o ‘talento’ para o flerte” (p. 28).

O que colaborou para a diminuição da influência da Religião, é bom lembrar, se deve também ao crescimento da sociedade urbana e consumista.

A preocupação com o que definiam as doutrinas religiosas não apenas diminuiu, mas a partir da década de 1970, tornou-se comum a luta por parte das mulheres pela liberação do divórcio e flexibilização das leis do aborto (Hobsbawn, 2003, citado por Ramalho, 2005). Foram numerosas separações conjugais, provavelmente devido à busca de realização dos próprios desejos por parte da mulher, que culminaram, no Brasil, com a lei que estabeleceu o divórcio.

Mello e Novais (2000) afirmam que, no Brasil, nas décadas de 1960/70, a busca pelo parceiro se fazia, predominantemente, nos círculos das relações familiares, dos parentes e dos amigos dos parentes, ou de determinados círculos sociais, como da própria comunidade e da escola.

Quanto aos locais mais freqüentados nesta época, eram as festas e os bailes de formatura.

Os ambientes profissionais também foram se tornando possíveis locais para escolha de parceiros, à medida que esses ambientes passaram a incorporar também o trabalho feminino.

Os antigos manuais de namoro e de paquera, com seus códigos de comunicação à distância, comuns no início do século XX, já haviam caído em desuso.

As mulheres passam a tomar também a iniciativa para iniciar os primeiros olhares e as primeiras conversas.

O contato físico e as relações sexuais aconteciam antes mesmo do início de um relacionamento amoroso mais estável, mesmo do namoro. O sexo pelo sexo tornava-se comum.

Como constata Araújo (2002), o casamento tradicional, regido pela dominação masculina, vem cedendo a uma nova forma de relacionamento, onde a mulher reivindica igualdade e há uma negociação constante, levando a intimidade a se estruturar fundamentalmente com base em valores de amizade e de companheirismo.

Hoje, o namoro não mais implica necessariamente uma preparação para o casamento. Tem um valor em si mesmo, de satisfação imediata. Na realidade, todo o relacionamento, desde a paquera, o namoro e o casamento, está sofrendo um atual imperativo social de busca da felicidade (Chaves, 2004; Rossi, 2003). Aspectos julgados com poder de nutrir uma expectativa de vida feliz, ou que levem a pessoa a afirmar-se feliz, tornaram-se verdadeira regra para a escolha e definição de um vínculo conjugal. Se o campo amoroso de outrora era regulado por regras sociais claras, fixas e rígidas que regulamentavam a vida afetivo-sexual, restringiam a liberdade individual e as possibilidades de satisfação sentimental e sexual, na atualidade não existe um modelo amoroso dominante que seja imposto sobre todos ou um discurso que pretenda unificar as várias práticas afetivo-sexuais. “O que há são projetos ou perspectivas mais individuais orientados, sobretudo, para o bem-estar e o prazer próprios alcançados, preferencialmente, em curto prazo”. (Chaves, 2004, p.197).

Vale ressaltar que instabilidade nos relacionamentos era algo que já vinha se pronunciando na sociedade antes da inauguração dos primeiros provedores de acesso à Internet no Brasil, o que veio a acontecer em 1995. Vaitsman (1994), por exemplo, já observara o casamento mais instável devido a subordinação deste à satisfação emocional; as pessoas sendo estimuladas a recusar aceitar e também recusar manter relacionamentos sentidos como insatisfatórios. Ou como diz Rossi (2003): “a liberdade de expressar a própria subjetividade, de realizar os próprios desejos nas suas mais peculiares manifestações tornou-se um dever a ser cumprido pelos cidadãos”(p. 91). Ou, ainda, como diz Terzis: “o tempo presente é atualmente o tempo valorizado como aquele que merece ser vivido” (2007b, p. 68).

Ressaltamos isso por perceber o senso comum e também algumas referências da literatura, a exemplo de Bauman (2004), atribuindo instabilidade em relacionamentos a uma suposta facilidade de encontrar outras pessoas, outros relacionamentos, através da Internet, ao passo que a função *deletar* do computador surge num contexto já marcado por instabilidade em relacionamentos.

Não há dúvida de que a rede mundial de computadores possibilitou transformações, tanto no contexto macro social quanto no micro, com

referência à subjetividade, mas precisamos alcançar a maior clareza possível sobre como os fenômenos se associam para avaliá-los com respeito a seus verdadeiros sentidos.

A presente pesquisa contribuirá, assim, para o conhecimento das motivações que levaram casais que se conheceram pela Internet a unirem-se em vida conjugal, bem como acerca das repercussões desse novo jeito de escolher o parceiro, num contexto onde, como bem observa Chaves (2004), o indivíduo se tornou o único ou o principal legislador de suas práticas afetivo-sexuais, o que gerou a necessidade de saber negociar constantemente com o outro quando o objetivo de ambos for o de prolongar o relacionamento.

1.4. Estudos Sobre as Relações Mediadas pela Internet

Apesar de mais de uma década de existência, o mundo virtual ainda é muitas vezes referido envolto a sentimentos de estranheza, de medo, ou até da convicção de que por sua causa, as pessoas venham a se isolar e a descartarem-se cada vez mais (Bauman, 2004; Guzmán Toro, 2004; Levisky, 2007). O próprio termo “virtual” tem sido aplicado, no uso comum, como antônimo de “real”, o que piora o teor das especulações. Iniciamos, então, este capítulo apresentando este conceito.

A palavra virtual tem sua origem no étimo *virtualis*, do latim medieval que, por sua vez, é uma deformação da palavra *virtus*, que significa existir em potência. Lévy (2005), um dos mais conhecidos autores a tratar do tema, a utiliza com este sentido, posicionando o virtual em oposição ao atual e não ao real, como se tornou de uso comum para diferenciar as relações mediadas pela Internet das relações presenciais. Como exemplo, ele fala da relação entre a semente e a árvore: a árvore está virtualmente na semente, no sentido de que a semente contém toda a informação necessária para a formação da árvore, e a germinação da árvore atualiza a semente. Diz Lévy (2005):

“É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (p.47).

Assim, ao invés de contrapormos *virtual* ao *real*, definimos dizer sobre relações *on-line* e *off-line*, virtuais ou presenciais, ou, em condição virtual e em condição face a face.

Sobre o que vem a ser uma “relação real”, encontramos em Turkle (1999) a que julgamos a melhor definição: “*aquelas em que as pessoas se sentem suficientemente ligadas para dar-lhes real importância* [itálico nosso]” (p. 119), nela percebemos o sentido da definição de vínculo proposta por Puget e Berenstein (1993), conforme já exposto no primeiro capítulo. Embora não reconheçamos em toda relação um vínculo, estas observações salientam os aspectos de realidade, no sentido de pessoas reais estarem provocando emoções uns nos outros, ainda que sob a interface de um computador.

Quando mencionamos também o conceito de realidade, o usamos para contrapô-lo à falsidade, e não à virtualidade.

A partir dessa perspectiva, trazemos os estudos sobre relações na Internet considerando as repercussões de sua presença e uso de um modo geral, para, depois, nos determos acerca dos vínculos afetivos originados virtualmente.

Para alguns autores, como Castells (2001) e Nicolaci-da-Costa (1998; 2003; 2005), as repercussões decorrentes do uso da Rede conferem uma transformação na vida das pessoas comparável às mudanças provocadas pela Revolução Industrial do século XVIII, quando, junto ao surgimento das fábricas, surgiram os grandes centros urbanos, instaurando diversas mudanças na vida dos sujeitos que migraram para estes novos espaços. Enquanto no campo, os vizinhos de residência, os colegas de trabalho e os companheiros de lazer eram as mesmas pessoas; nos centros urbanos, pessoas distintas passaram a compor cada uma das esferas de relacionamento. Nesta migração, os indivíduos passaram a se ver expostos a um grande número de desconhecidos. O excesso de estímulos de origem pouco familiar provocou solidão, em paradoxo com a multiplicação de possíveis contatos.

Para lidar com a nova realidade vivida nos grandes centros, com excesso de estímulos em ritmo acelerado de vida, as pessoas desenvolveram alguns mecanismos de defesa psicológicos, como um comportamento de reserva e o que Simmel (1902/1987) identificou como atitude *blasé*, que consiste no embotamento do poder de discriminar. No exercício desta defesa, o

indivíduo demonstra certa indiferença, certa desvalorização do mundo objetivo, colocando-se frio diante de cenas que seriam chocantes, mas que no cotidiano das grandes cidades acabam se tornando comuns.

A Internet, enquanto um novo ambiente de atividades e convivência humana, traz novos estímulos e excessos, que vêm se somar aos já existentes. Diante desta nova realidade, Rossi e Nicolaci-da-Costa (2004) preocuparam-se em investigar quais seriam os novos excessos, e que atitudes estariam tendo os internautas para protegerem-se dos mesmos.

Quanto aos novos excessos, as autoras os observaram relacionados à esfera da comunicação inter-pessoal, manifestando-se no cotidiano sob excessos de interação, de demanda de interação e de mensagens recebidas diariamente, incluindo os *spams* (mensagens eletrônicas não solicitadas enviadas em massa por *e-mail*).

O excesso de informação é caracterizado pela ultrapassagem do limite de capacidade do sujeito de processar todas as informações que lhe são disponibilizadas. Já o excesso de interação se define quando a pessoa é submetida a uma série de interações indesejadas (Ljungberg e Sorensen, 1998).

Quanto às novas formas de defesa, Rossi e Nicolaci-da-Costa (2004) encontraram: indiferença para com o conteúdo de mensagens não desejadas, rapidamente apagadas; priorização a resposta de mensagens urgentes ou consideradas muito importantes em detrimento de outras; abertura de diferentes contas de *e-mail* com a finalidade de separar diferentes níveis de intimidade; utilização de conta de *e-mail* extra, disponibilizado para pessoas não confiáveis; utilização de um momento especial para ler e responder mensagens e, por fim, uma redução da quantidade de tempo disponível à Internet.

Esses dados oferecem ao nosso estudo um aspecto de objetividade para a avaliação do nível de confiança e de intimidade no percurso dos relacionamentos virtuais.

Concordamos com Nicolaci-da-Costa (2003) na observação de que a mídia vem excedendo na ênfase que dá aos novos perigos, inclusive como se comportamentos patológicos, depressão, isolamento, crimes, seqüestros,

prostituição de menores, pornografia, perseguições, invasões de privacidade, e outros, não existissem antes do advento da Internet.

Contrariando perspectivas negativas, Zaremba (2002), investigando como crianças e adolescentes estavam lidando com a inserção do computador e da Internet em seus cotidianos, constatou o que identificou como naturalidade, que seus sujeitos estariam experimentando prazer na interação com a máquina, com o aspecto de interatividade percebido no teclar.

Nicolaci-da-Costa (2006) considera que o sentimento de estranheza se deva ao surgimento repentino da Internet. Outros recursos tecnológicos, que se desenvolveram de maneira mais gradual, como o telefone e mesmo o celular, geraram, por isso, menor comoção.

Clay (2000) comenta pesquisas que compararam as notícias negativas a respeito da Internet ao medo de novas tecnologias, como teria acontecido no surgimento do telefone, quando uma crença de que outros poderiam ouvir as conversas em casa, ainda que o fone estivesse no gancho, teria provocado uma resistência para seu uso.

O que é particular à Internet, neste sentido, está no fato desta tecnologia ter alcançado um expressivo número de usuários, em proporções sociais, antes de perder seu caráter de novidade. Quanto maior o número de pessoas estranhando uma novidade, mais impactantes são as especulações.

Colocando à parte os exageros e a atribuição da originalidade dos diversos perigos da convivência humana à Internet, resta a constatação de que, ainda que de forma não original, os riscos ali também se encontram. Não negamos este fato. Apenas não nos aprofundamos nesta discussão, assim como sobre aspectos patológicos encontrados relacionados ao uso da Rede, por fugir aos propósitos deste estudo.

É relevante também pontuar que a comunicação, como afirma Lévy (2005), sempre se deu, num certo sentido, de modo virtual. Diz ele:

A comunicação continua, com o digital, um movimento de virtualização iniciado há muito tempo pelas técnicas mais antigas, como a escrita, a gravação de som e imagem, o rádio, a televisão e o telefone. O ciberespaço encoraja um tipo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos (telecomunicações, telepresença) e da coincidência dos tempos (comunicação síncrona). Não chega a ser uma novidade absoluta, uma vez que o telefone já nos habituou a uma comunicação

interativa. Com o correio (ou a escrita em geral), chegamos a uma tradição bastante antiga de comunicação recíproca, assíncrona e à distância. (p. 49).

Lévy (2005) acredita que a originalidade da Internet não se encontra sob a possibilidade de se comunicar de forma sincrônica (aquela onde a interação acontece integralmente num determinado momento) ou assíncrona (quando há um espaço de tempo que separa o momento em que a fonte enviou a mensagem e o momento em que o receptor a recebe), entre pessoas geograficamente distantes, pois tecnologia anterior já permitia isso. Segundo ele, a Internet inova na possibilidade de todos se comunicarem com todos em um mundo virtual, tendo a velocidade e facilidade de troca de mensagens como uma de suas principais características. E observa surgir uma nova forma de relacionamento com base em interesses pessoais, gerando comunidades virtuais a partir de uma convergência de interesses de grupos de pessoas.

Turkle (1999) considera um erro a tentativa de visualização de fronteira entre uma vida real e outra vida virtual, como se uma fosse real e a outra não, e que as pessoas com experiências de relacionamento na Internet estariam expressando um desejo de tornar mais permeável as fronteiras do “real” e do “virtual”. A separação entre dois mundos, segundo a autora, seria um esforço mais entre os especialistas do que entre os usuários, para situar certos tipos de experiência numa ou noutra dimensão.

Chavez e Luz (2007) confirmam a perspectiva de fim de fronteiras entre o “real” e o “virtual”, quando observam internautas adolescentes da geração atual. E acrescentam: “um diálogo por mensagem instantânea é hoje tão intenso quanto um encontro cara a cara e, muitas vezes, até mais intenso” (p. 14).

Turkle (1999) também observa que o aspecto do instantâneo pode produzir um sentimento de pertencimento. Essa produção estaria associada à imediatez de uma resposta em contato *on-line*, com uma idéia que fora emitida, prontamente desenvolvida pela outra parte.

A autora compara as comunidades virtuais com bares e cafés, que não possuem a intimidade da família nem o anonimato da rua, posicionando-se entre o público e o privado; espaços que, segundo ela, estariam se tornando raros no “real”.

É bem verdade que nem tudo que é dito *on-line* corresponde a uma realidade concreta. Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2007) trouxe esse fato para o campo dos estudos acadêmicos através de sua tese de doutorado intitulada *Brincando de ser na realidade virtual*, onde procurou mostrar que a Internet pode servir para o sujeito atual como um espaço para o brincar.

Observou que o anonimato, através dos *nicknames* (a tradução de apelido do inglês, como é mais usado), dá a chance de brincar e experimentar ser mais de um, sem que isso implique uma existência de “múltiplos eus”. E que dessa brincadeira pode surgir uma identidade virtual estável. Faz uma crítica a Turkle (1997), por esta mencionar a co-existência de “múltiplos eus”, entendendo que ela estaria partindo de um modelo patológico (transtorno de múltipla personalidade), e propõe-se a desconstruir tal idéia.

No entanto, a própria Turkle esclarece este ponto (Turkle, 1999):

Não digo que, on-line, sofreremos de distúrbio de personalidade. Na minha opinião, não se trata de distúrbio de personalidade. Cada um mostra diferentes aspectos de si mesmo. (. . .) O sintoma da doença é a falta de comunicação entre os componentes do ser. A linguagem da saúde mental centra-se na integração, no alcance de um estado de unidade. (. . .) Cada vez mais, pessoas tornam-se sensíveis à multiplicidade da própria unidade (p. 119).

À parte o aparente mal-entendido, as contribuições de Romão-Dias (2007) enriquecem os conhecimentos a respeito das fronteiras entre o dito “real” e o referido “virtual”, que preferimos contrapor como *on-line* e *off-line*, como já dissemos. Seus entrevistados lhe relataram experiências de multiplicidade e do brincar criativo, e que, muitas vezes, deixavam de ser anônimos, apesar de mantidas suas identidades reservadas pelo *nickname*. Isso ocorria ao criarem toda uma rede de referenciais, freqüentando os mesmos *chats* (ou salas virtuais de bate-papo), encontrando as mesmas pessoas, mantendo um discurso coerente sobre si etc. Originava-se uma identidade virtual relativamente estável, ainda que mantendo uma reserva em relação à identidade *off-line*.

É importante lembrar que a identidade múltipla não surgiu com a Internet. Ocorre que “agora, nos tempos pós-modernos, as identidades múltiplas não estão nas margens das coisas. (. . .). A Internet se converteu em um significativo laboratório social para a experimentação com as construções e

reconstruções do eu que caracteriza a vida pós-moderna” (Turkle, 1997, p. 228).

Nicolaci-da-Costa (1998) faz a seguinte afirmação que pode muito bem se aplicar tanto ao universo *on-line* quanto ao *off-line*: “Ao nos revelarmos para o outro, estamos também nos relevando para nós mesmos. E, ao observarmos nesse outro as reações àquilo que revelamos ser, somos informados do quanto vale aquilo que somos” (p. 223).

A manipulação do próprio perfil pode servir também para garantir o anonimato inicial, ou mesmo para sentir-se mais atraente (Lins, 2007). Podem ser alterados a idade, a profissão, o tipo físico, lugar em que mora, entre outros dados objetivos. Cushnir e Mardegan Jr. (2001) perceberam tendências femininas e masculinas nestas manipulações; as mulheres mentindo sobre a aparência e os homens sobre o *status* social, por saberem, segundo os autores, que são julgados por isso. Contudo, como observa Gonçalves (2002) ninguém consegue mentir no que de fato parece importar: características de personalidade, como sensibilidade, generosidade, inteligência, humor e visão que se tem do mundo. Estes vão sendo transmitidos desde o primeiro momento nestes canais de bate-papo.

De qualquer forma, como observa Nascimento (2007):

Qualquer evidência de falta de sinceridade é fatal para o estabelecimento de uma relação, e isso mais ainda num ambiente que carece de muito mais esforço e empenho para que se estabeleça a confiança no outro, base do relacionamento amoroso, na contemporaneidade (p. 140).

Os diferentes programas de comunicação *on-line* apresentam variações em suas possibilidades de interação, com algumas repercussões também próprias nos relacionamentos virtuais, que vale destacarmos:

Correio Eletrônico (E-mail)

Considerado como a ferramenta primordial da Internet, o correio eletrônico permite a comunicação com qualquer outro usuário da Rede. A forma mais simples de utilizá-lo é através do intercâmbio de mensagens escritas, mas permite também anexar documentos, imagens, sons e vídeos. Revive, de certa forma, a tradição das cartas, pelo aspecto assíncrono de sua

forma de comunicação.

As mensagens enviadas e recebidas podem ser arquivadas. Como refere Turkle (1999) a possibilidade de releitura das mesmas pode favorecer com que uma pessoa compreenda a que ponto uma relação depende do imaginário e perceber a própria contribuição na construção desse imaginário, pois através de um conjunto de mensagens enviadas e recebidas, é possível percorrer a construção de uma relação. Como observa a autora, “há mais vida nisso do que sugere a palavra ‘arquivo’” (p. 123), e que ainda reserva uma vantagem sobre as cartas de papel, pois “nossa história não se baseia em páginas empoeiradas, nem está escrita em papel que rasga. Não, está aí, como qualquer atualidade, e penso que isso é bastante significativo” (Turkle, 1999, p. 123).

O *e-mail* é apontado como a última ferramenta virtual utilizada entre pessoas que estão se encaminhando para o primeiro encontro face a face, marcando uma etapa de conquista de confiança (Lins, 2007). Entretanto, devemos observar que há pesquisas indicando que o *e-mail* tem sido a opção atualmente menos usada entre os mais jovens, os quais estariam atribuindo seu uso aos mais velhos (Schwartz, 2007).

Com característica de comunicação assíncrona, o *e-mail* permite a redação de mensagens tanto breves quanto longas. O receptor não está *online* aguardando a mensagem ser redigida, tal como ocorre nas relações síncronas, bem como poderá lê-la de acordo com sua disponibilidade. Sob esta característica, o *e-mail* mantém a mesma velha vantagem que as cartas de papel já propiciavam. A inovação se dá pelo acréscimo nas velocidades de emissão e de recepção das mensagens. A repercussão psicológica desta inovação traduz-se na preservação do sentimento de pertencimento, até então exclusivo das relações síncronas (Turkle, 1999).

Fóruns

Através dos fóruns virtuais, os internautas trocam mensagens a respeito de temas de interesse comum para o qual o programa foi criado. As mensagens permanecem acessíveis para que os participantes possam acompanhar as discussões, bem como serem conhecidas e discutidas por

novos integrantes. Não é um canal criado com a intenção propriamente de formar vínculos, mas a partir de troca de opiniões, idéias, como nas discussões presenciais, esta realidade pode acontecer.

Salas de bate-papo (chats)

Os *chats* permitem que as pessoas dialoguem em tempo real, em canais específicos, com ou sem a especificação de um tema. Como refere Dornelles (2004), o *chat* “simula o ato de estar em uma sala com outras pessoas” (p. 6). Estas salas virtuais podem estar identificadas por faixa etária, localização geográfica, estado civil, uma determinada ideologia, entre outros critérios objetivos, ou sem critério algum. Quanto mais livre de critérios, mais diversificado será o conjunto de perfis de seus usuários, assim como mais variados serão os propósitos de conexão. Por esta característica, pensamos que seja o tipo de ferramenta que mais tenha facilitado relacionamentos de pessoas que talvez nunca iniciassem um contato no mundo das relações presenciais, devido a diferenças de cultura, classe social, entre outras, prontamente denunciadas pela aparência, disparadora de preconceitos.

Para participar de um *chat*, o internauta deve preencher um campo reservado para seu nome ou, usualmente, um apelido. A chamada para o preenchimento deste campo normalmente aparece na forma de “entrar como”. A escolha deste *nickname* pode reservar o significado de uma intenção, ou do exercício de uma múltipla identidade, ou simplesmente servir para ocultar a identidade verdadeira.

Ben-Ze'ev (2004) afirma que a preservação da identidade na *Web* facilita a auto-revelação. Protegidos pelo anonimato, os internautas sentem-se mais seguros para revelar segredos, dividir sentimentos, pensamentos e fantasias.

A participação em um *chat* pode até mesmo favorecer o auto-conhecimento. Como diz Maiorino (2000):

Mesmo que com a justificativa inicial de buscar um outro, acabam experimentando papéis, personas, refletindo sobre si mesmo, em como se apresentar ao outro, e esse movimento de descoberta e de apresentação, desde a escolha dos apelidos usados nos chats (ou nicks), promove o processo de auto-conhecimento (p. 57).

Neste ambiente de relação síncrona, as mensagens costumam ser

emitidas em breves fragmentos, tal como nas situações de bate-papo face a face. Sob a tentativa de compensar a ausência de tons de voz, que indicariam, por exemplo, se um comentário foi afetuoso ou irônico, a falta da linguagem corporal, que poderia suavizar uma crítica com um sorriso, o internauta dispõe de alguns recursos. Entre estes, destacam-se os *emoticons*; derivado do inglês *emoticons-icons*, ou ícones das emoções, são expressões iconográficas representativas das expressões faciais associadas ao humor. Como coadjuvantes, são utilizados sinais de pontuação, palavras em maiúscula, ou outros códigos criados pelos próprios usuários. Estes recursos são evidentemente pobres quando comparados às sutilezas dos sinais visuais, táteis, auditivos e até olfativos, os quais também podem ter força de influência sobre um relacionamento. No que diz respeito à interpretação das mensagens, por mais cuidadosa e sincera que seja uma pessoa em suas colocações, o uso destes recursos não impede uma freqüência de mal-entendidos nos bate-papos virtuais.

Na página do *chat* pode ser vista uma listagem de mensagens compartilhadas entre seus visitantes, identificadas por seu emissor e receptor, através dos apelidos escolhidos, personalizados também quanto à fonte e cor, e um formulário de envio de mensagem escrita.

Para o envio da mensagem, o visitante deverá indicar: a quem da sala ele se dirige (incluindo a opção de se dirigir a todos); ao modo de envio, podendo ser aberta (visível a todos que se encontram na sala) ou reservada (mensagem visualizada apenas pelo emissor e receptor); e se irá incluir, ou não, alguns dos recursos iconográficos disponíveis.

MSN

Como as salas de bate-papo, o *mesenger* também permite a comunicação em tempo real. Diferencia-se daquelas no aspecto da privacidade. O usuário o acessa através de uma conta de *e-mail* e de uma senha, e interage com outros internautas também inscritos via *e-mail*, os quais são convidados ou autorizados ao contato. Somente as pessoas autorizadas têm a oportunidade de saber se a pessoa que o autorizou está *on-line*. Este programa veio substituir o antigo *ICQ*, acrescido de alguns recursos.

Através deste, é possível manter uma foto, ou outra imagem, visível na tela onde são trocadas as mensagens.

Os mesmos recursos iconográficos utilizados nas salas de bate-papo, como descrito no item acima, são utilizados também no *MSN*, com igual finalidade.

Com o tempo, tornou-se possível utilizá-lo para comunicações com voz e vídeo, acoplando-se um microfone e uma *webcam*. É comum que estes últimos recursos fiquem reservados para relações mais íntimas ou profissionais, além de situações de sexo virtual.

Skype

O *Skype* é um programa muito similar ao *MSN*, muito utilizado para atividades em videoconferência.

Sites de Encontro

Existem os *sites* propriamente criados para a procura de parceiros, cuja inscrição normalmente é realizada através de um contrato de serviço pago.

Contrariando especulações, Ramalho (2005) observou que usuários de *sites* deste tipo não estariam criando idealizações especiais a respeito da pessoa a encontrar, mesmo quando o próprio *site* propõe-se a ajudá-los a encontrar o “par perfeito”.

A opção por contratar um *site* assim pode ser simplesmente justificada pela quantidade de pessoas que podem ser conectadas num curto espaço de tempo, e até ao mesmo tempo, sem preocupação com a aparência no momento da procura, pela possibilidade de fazer isso a qualquer hora do dia e sem a necessidade de deslocar-se para um local próprio para o flerte, assim como permanecer disponível para ser encontrado mesmo quando desconectado do *site*, uma vez que o perfil permanece ali para consulta.

Estes *sites* costumam oferecer dicas sobre correção e maneiras de escrever ao pretendido, o que leva Ramalho (2005) a observar um denominador comum com os antigos manuais de paquera: um auxílio à falta de

experiência. Os primeiros manuais auxiliavam àqueles que acabavam de ganhar o direito de escolher por si mesmos o seu parceiro. O atual, para ajudar o internauta a utilizar a mais recente ferramenta para a procura de parceiros, onde se tornam privilegiadas as maneiras de pensar e de se expressar. Existem até as cartas prontas, que, segundo Finquelievich (1998) são oferecidas por consultores sentimentais a pessoas não habilidosas no ato de seduzir, um serviço virtual em expansão.

A pesquisa de Ramalho (2005) revelou também que um dos atrativos de um *site* com o propósito de buscar parceiros é encorajar algumas pessoas para que se aproximem de outras por saber que estão todos ali, uma vez cadastrados, receptivos para conhecer alguém.

Orkut

O *Orkut* é o site de relacionamento atualmente mais usado no país. Tem o nome de seu criador, funcionário de um dos mais conhecidos *sites* de pesquisa na Internet. A proposta é formar uma rede de relacionamentos. Cada usuário cadastra-se para gerar uma página própria. Nesta, além da exposição de seu próprio perfil, com opção para inclusão de fotos e vídeos, há um espaço para lista e exposição de amigos cadastrados, com seus respectivos perfis, acessíveis por um clique, que vão sendo adicionados via convite de alguma das partes. Por este caminho, acontecem reencontros, realizam-se novas amizades, e também se vivem novos romances.

É possível a exposição dos dados de identidade, os quais vêm sendo substituídos por pseudônimos, a fim de evitar “invasões” de pessoas não convidadas nas páginas, embora seja um *site* de acesso público.

Na página de perfil, fica exposta também a listagem de comunidades das quais o internauta participa. Estas comunidades são criadas por seus próprios usuários, multiplicando-se a cada dia. Através delas, navegantes virtuais participam de tópicos de discussão e enquetes sobre alguma temática, com opção de comentar a resposta.

Conforme a opção de edição escolhida pelo usuário, as mensagens que recebe, são acessíveis por todos os seus “amigos”, ou mesmo por qualquer pessoa inscrita no *site*. As aspas que colocamos em “amigos” são devido à

possível presença excessiva de usuários nesta lista, muitos deles às vezes não são sequer conhecidos. Muitos pedem para serem adicionados sem chegar a estabelecer qualquer relacionamento. E há pessoas também que usam o *site* para a troca de cartões virtuais ou outras mensagens que vão sendo encaminhadas entre os amigos, sem promover vínculo.

Por suas características, o *Orkut* torna possível verificar tanto o perfil quanto a dinâmica de vida daquele usuário que tem por hábito atualizar fotos, vídeos e comentar seu dia-a-dia com amigos. Como compara Nicolaci-da-Costa (2006), a página do *Orkut* pode ser uma vitrine pessoal para o mundo.

Retomando a realidade a respeito da possibilidade de manipulação do próprio perfil, como já salientamos, a pesquisa de Ramalho (2005) revela que quando o Internauta se dirige para a Internet sob a intenção de construir um relacionamento para trazê-lo à vivência *off-line*, ocorre uma preocupação em preservar a realidade (falar de si mesmo do jeito como se reconhece nesta), assim como, conforme observam Storch e Cozac (1995), manter preservados os aspectos mais íntimos nos primeiros momentos do relacionamento, tal como normalmente ocorre nas relações face a face.

E apesar da possibilidade de todos se comunicarem com todos no ambiente virtual, quando há esta perspectiva de transpor um relacionamento assim originado para a convivência face a face, revelou-se uma preocupação em conectar-se com pessoas geograficamente próximas (Dornelles, 2004; Ramalho, 2005).

Porém, nem sempre os relacionamentos virtuais originaram-se de um plano de transportar um vínculo assim gerado para um relacionamento não mediado pela máquina. Ocorrem diversas motivações, assim como existem diferentes possíveis caminhos para o encontro e início de um relacionamento através da Rede. Como no mundo físico, pessoas se conhecem no ciberespaço a partir de um contato profissional, de estudo, dentre outras diferentes necessidades e motivações (Finquelievich, 1998). Assim como há aqueles que afirmam no início de um relacionamento virtual que este nunca será mais do que virtual, com o tempo, descobrem-se desejosos para o encontro físico.

Seja como for, Finquelievich (1998) afirma que quando pessoas se

apaixonam pela Internet, é natural que queiram ver o outro pessoalmente, ouvir sua voz, tocá-lo, e que a grande maioria das relações não permanece no *on-line*. O tempo é variável, mas, cedo ou tarde, a tendência é que o encontro face a face seja marcado. E se o custo e disponibilidade para o deslocamento em direção ao encontro tornarem-se empecilhos, a implicação poderá ser uma insatisfação capaz de desgastar a relação.

Uma questão que surge é se a aparência física é realmente relevante, e se será decisiva para a evolução de um vínculo amoroso originado da Internet. Na vida cotidiana *off-line*, a aparência física e os fatores relacionados a ela (vestuário e tudo aquilo que se torna correspondente a uma classe ou grupo social, preferências e cultura) têm uma condição privilegiada nos primeiros contatos presenciais. Pode-se configurar como um fator de seleção para uma primeira aproximação. A comunicação *on-line*, no entanto, transforma a importância da primeira impressão, da aparência física para a capacidade de comunicação. E embora em alguns casos a aparência se revele importante para o desenvolvimento de um vínculo amoroso no face a face, em outros, revela derrubar essa prioridade (Lins, 2007).

Como observam Escárcega e Estrada (2005), fatores normalmente segregativos do mundo “real” perdem força no ciberespaço. Prevaecem os filtros de características pessoais, o que pode levar, pensamos, a escolhas mais reconhecidas como próprias. Como percebe Gonçalves (2002): “Encontros improváveis são tornados possíveis, o que representa evidentemente um enriquecimento no campo das possibilidades amorosas de todos nós” (p. 03). E já não faltam histórias de casais que afirmam que muito provavelmente teriam passado despercebidos um ao outro não fosse o caminho do conhecer-se de dentro para fora propiciado pela virtualidade.

Quanto ao amor virtual, são levantadas dúvidas sobre sua veracidade, sendo considerado por alguns autores como apenas uma fantasia. Exemplo de percepção negativa sobre este aspecto encontra-se em Sampaio (2004). Esta autora reuniu, em livro, dois anos de estudos e entrevistas sobre namoros na Internet e identificou como etéreo aquele que está do outro lado da tela, pelo fato desse alguém poder desaparecer a qualquer momento. Destaca-se a questão: como é possível amar uma pessoa sem poder vê-la, tocá-la, sentir seu cheiro? No entanto, os relatos, os casamentos com histórias originadas na

Internet revelam aspectos positivos nos relacionamentos virtuais, corroborando aquela observação de Nicolaci-da-Costa (2006) de que uma forma de pensar e viver diferente daquela a que estamos habituados pode gerar insegurança, medo; como reforça Lins (2007): “ainda mais no que diz respeito aos relacionamentos amorosos”(p. 395).

Compartilhamos com Prestes (2005) as seguintes questões:

Por que esperamos que um enamoramento on-line tenha 100% de efetividade quando a realidade off-line assinala outra coisa? Ou, acaso todos os enamoramentos da vida real terminam em bodas de prata? A relação matrimônio-divórcio tende a equiparar-se na realidade, então porque aludir o status de efêmero ao referir-se aos enamoramentos on-line? (p. 3).

O citado autor observa que a desvalorização, muitas vezes até mesmo a patologização destas relações leva usuários a ocultarem o início de uma relação *on-line* para evitar comentários maliciosos dos amigos ou familiares. Fica parecendo que uma relação iniciada via Internet não seria séria, não seria bem vista, por isso muitas vezes é ocultada num primeiro momento.

Há, no senso comum, o pensamento de que pessoas estariam se relacionando através da Internet devido a suposta dificuldade para estabelecer vínculos nas situações presenciais. Contrariando esta suposição, Pinheiro (2002) obteve relatos de internautas que não teriam, ou sequer tiveram, dificuldades para encontrar um parceiro nas relações presenciais. Afirma, amparada em estudos estatísticos que “a Internet deixou de ser refúgio para quem sempre teve problemas amorosos para se tornar uma eficiente ferramenta mesmo para quem nunca encontrou dificuldade em arrumar namoro” (Pinheiro, 2002, p.77). Há muitas pessoas que, por questões profissionais, de estudo, necessitam distanciar-se de seu círculo de amizade e contam com pouco tempo disponível para o estabelecimento de uma nova rede. A Internet, para estas pessoas, pode significar uma forma de acelerar a realização de novos vínculos, agendando encontro somente com aqueles cujo bate-papo despertar interesse.

Esclarecemos que não temos a intenção de levantar a bandeira pela Internet. O que nos interessa é que se trata de um instrumento útil, inclusive como uma oportunidade de socialização. Por outro lado, compartilhamos com Turkle (1997) a seguinte questão: “Em realidade é razoável sugerir que o modo

de revitalizar a comunidade é sentarmos sozinhos em nossas casas, tecendo em nossos computadores em rede e levar nossas vidas com amigos virtuais? (...). O que prefere ver, um crocodilo *Disney* ou um crocodilo real?” (p. 296). Ou seja, os exageros continuam desfavoráveis.

Para Bauman (2004), os relacionamentos “descartáveis”, “frágeis” e “superficiais”, seriam decorrentes de modelos frívolos dos relacionamentos virtuais. Ele afirma que “as relações virtuais (. . .) estabeleceram o padrão que orienta todos os outros relacionamentos” (p. 13). No entanto, novamente evitando os exageros, concordamos com Nicolaci-da-Costa (2005) na observação de que ambos universos configuram cenários para encontros, desencontros, paixões, frustrações, traições, mentiras, solidariedade, entre outros eventos humanos.

E apesar das pesquisas já disponíveis, muito estranhamento ainda se mostra envolvido nas falas do senso comum, e da mídia comum, a respeito da Internet. Uma matéria veiculada em encarte de jornal de notícias da cidade de Campinas/SP (Guaiume, 2007) que parece reproduzir o pensamento daqueles que olham a Internet com estranheza, não fundamentados em pesquisas, traz: “Os que têm problemas emocionais se escondem na virtualidade, na gruta do quarto. O restante, que usa a internet, mas também se relaciona pessoalmente, demonstra apenas pequenos sentimentos no corpo a corpo e deixa para o computador os grandes sentimentos” (p. 20). Como observam Escárcega e Estrada (2005), atribui-se às relações mediadas pelo computador o protótipo da relação interpessoal anônima.

Como afirma Terzis (2007a): “A Internet não é, em si, aquilo que se interpõe no caminho dos relacionamentos humanos (. . .) talvez o mal-estar refira-se à pluralidade de experiências e à dificuldade que temos em integrá-las, por conter imagens tão diversas e contraditórias” (p. 76).

Quando um relacionamento virtual não dá certo, Birman (1997) observa que a pessoa se sente menos ofendida do que se sentiria numa relação presencial, por ter sido recusada pelo discurso, não por sua aparência. Desta forma, não se sente ferida narcisicamente. É como se o recusado fosse o personagem que ela criou, não ela mesma.

Há encontros que não chegam a acontecer por medo de revelar ao outro uma imagem incoerente com a que fora fomentada na Internet e, em função

disto, sofrer rejeição. Terzis (2007b) conta o caso “Estela” que, ao chegar ao local combinado, preferiu fingir não ter ido, mentiu que estivera doente, por medo de decepcionar, após conferir que o outro até superava suas expectativas. Ela mesma havia criado uma imagem mais idealizada sobre si mesma.

Quanto ao fato da facilidade para a projeção de fantasias, Finquelievich (1998) muito bem questiona:

Acaso o fato de projetar fantasias e narcisismo no objeto de amor não é uma característica de todo enamoramento? Não nos enamoramos pela pessoa conhecida senão pela que imaginamos, ainda que o outro esteja presente fisicamente. Usamos seu corpo para vesti-lo com as imagens que nos fazem desejá-la. De certa forma, nos auto-seduzimos. Não poderíamos dizer que todo amor começa nas complexidades da realidade virtual? (p. 2).

E outro questionamento bastante oportuno feito por Finquelievich (1998), ao que ela mesma responde:

Quando se pode dizer que um sistema de comunicação gera a virtualidade real? Quando esse sistema captura a realidade (a existência material/simbólica das pessoas) e a submerge em um enquadre virtual, no qual as experiências não são somente imagens ou símbolos na tela através dos quais se comunica a experiência se não que vem da experiência mesma. (p. 2).

Pelo exposto, podemos afirmar que a Internet possibilita, não cria. Pesquisas voltadas para o estudo acerca das práticas sexuais *on-line* encontraram a repetição de paradigmas e de estereótipos transferidos do mundo “real” (Oliveira, 2001). Inclusive em *chats* de sexo explícito, verificou-se um discurso importado de outras mídias, como do cinema e das revistas pornográficas. Como constata Bettini (2002), “a forma de se vincular e de se ter atitudes na Internet, pode ser um reflexo de como o homem experimenta seu dia-a-dia” (p. 164).

Assim, a prática de um internauta exercitar ser o que não é, como dizer o que não diria se não estivesse no anonimato propiciado pelo *nickname*, conforme pontuado por diferentes autores (Maiorino, 2000; Turkle, 1999; Zeldin, 1996), provavelmente revele conteúdos que, com a Internet, simplesmente tiveram sua expressão facilitada, mas não que a existência do ciberespaço esteja fomentando fantasias jamais antes pensadas.

E à revelia das especulações, muitas destas relações originadas da Internet estão sendo transferidas para o universo dos relacionamentos face a

face, e não poucas transformadas em casamento. Questionamos: como se encaminham as relações afetivas originadas no ciberespaço?

OBJETIVOS

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Estudar experiências emocionais de casais de orientação heterossexual, casados, ou em união estável, que transformaram vínculos virtuais em vínculos conjugais.

2.2. Objetivos Específicos

- Descrever, através das experiências dos casais participantes, as condições na vivência virtual favoráveis à geração de um vínculo;
- Analisar a evolução do mesmo, contemplando os aspectos que se revelaram associados ao desejo e à decisão de transpô-lo do virtual para a convivência face a face;
- Compreender o imaginário gerado no vínculo virtual, bem como os aspectos de convergência e de divergência entre as expectativas e as realizações decorrentes de sua transposição.

3. MÉTODO

Este estudo, de cunho qualitativo, foi conduzido com aplicação do método psicanalítico, o que implica dizer que teve o inconsciente como seu objeto de investigação, bem como as formas de subjetividade que dele se originam; neste caso, no que diz respeito às experiências emocionais de casais que transformaram vínculos virtuais em vínculos conjugais.

Anzieu (1966) apresentou os seguintes critérios de cientificidade aos quais foram submetidas as hipóteses sobre os processos inconscientes:

- A cada tipo de fato clínico observado deveria corresponder uma hipótese que o justificasse, e cada hipótese devia se apoiar num material clínico significativo e preciso;

- Cada hipótese devia caber num corpo coerente de hipóteses próprias a esse campo, bem como ligar-se ou ser deduzida de hipóteses já estabelecidas em psicanálise geral;

- Cada hipótese devia também ser confirmada por sua fecundidade em outro domínio que não aquele sobre o qual foi estabelecida.

Entre os autores citados nesta pesquisa, alguns (Puget e Berenstein, 1993) não utilizam o termo “grupo” para referir casal. Porém, quando o utilizamos com o sentido que lhe deu Kaës (1997), além de tornar possível chamar casal de grupo, podemos aproveitar os ensinamentos deste autor para compreender o processo associativo que ocorre, então, neste especial grupo. Assim, num processo associativo de um grupo (ou de um casal), cada enunciado adquire sentido em relação aos outros, assim como lhes dá sentido, seja no que se refere ao sujeito singular, seja no que diz respeito ao grupo (ou, ao casal) enquanto unidade. Desta forma, os processos associativos dos casais deram acesso a significados que provavelmente não apareceriam no processo associativo de cada membro singular. Esta condição justifica a participação de ambos os membros do casal por ocasião da aplicação do instrumento de investigação.

3.1. Participantes

Propomos inicialmente estudar a experiência de quatro casais, de orientação heterossexual, adultos, casados ou em união estável cujo vínculo tivesse se originado em relação mediada pela Internet. Porém, em função dos critérios de inclusão, que definia, entre outros aspectos, que o contato virtual tivesse ido além da troca de informações meramente descritivas (idade, sexo, ocupação, entre outros), de seis entrevistas realizadas, somente três foram reservadas para a análise.

Todos são brasileiros, com idades entre 29 e 33 anos. Têm diferentes formações profissionais, com nível escolar de graduação a doutorado. Residem em diferentes localidades: Campinas/SP; Niterói/RJ; e Londres/Inglaterra.

A seguir, informações mais específicas sobre cada casal participante.

Casal 1

A Esposa (1), enfermeira, tem 30 anos e seu Marido (1), gerente de tecnologia, tem 29 anos. Iniciaram relacionamento virtual à distância de setenta quilômetros ao participarem de sala de bate-papo do *site* da igreja da qual são membros. Encontraram-se após três meses, iniciando o namoro em seguida. Casaram-se três anos e meio após, mudando-se pra Londres, onde vivem há 4 anos.

Casal 2

A Esposa (2), fisioterapeuta, tem 30 anos e seu Marido (2), professor universitário na área de engenharia elétrica, tem 34 anos. Iniciaram relacionamento virtual à distância de seiscentos quilômetros a partir de contato em comunidade do *site* de relacionamentos Orkut. Vivenciaram namoro virtual por seis meses, encontrando-se algumas vezes durante este período, após o qual transferiram o relacionamento definitivamente para a convivência face a face, casando-se seis meses após, há um ano e meio.

Casal 3

A Esposa (3) é professora de estatística e seu Marido (3), analista de sistemas. Ambos têm 33 anos de idade. Iniciaram relacionamento virtual à distância de dois mil quilômetros a partir do antigo programa de comunicação síncrona ICQ, vivenciando-o por cinco anos, com alguns encontros presenciais durante este período, após o qual se uniram estavelmente, há um ano e meio.

3.2. Instrumento

Utilizamos o instrumento que, como diz Bleger (1998) torna possível trazer a vida cotidiana do ser humano para o campo do conhecimento acadêmico: a entrevista.

Escolhemos a entrevista de tipo aberta por sua característica de flexibilidade, de modo que as perguntas e intervenções não se encontrassem pré-determinadas à entrevista; ao contrário, que permitisse que seu campo fosse configurado por variáveis que dependessem dos entrevistados, os quais foram estudados em seu comportamento total no decorrer da entrevista, a partir de suas manifestações verbais e não-verbais.

Respeitando a regra fundamental do método psicanalítico, favoreceu-se a associação livre, ou fala livre, através isenção de direcionamentos ou de críticas.

3.3. Suporte Material

Foram utilizados: um computador, com os recursos para videoconferência, incluindo o acesso à Internet, e um gravador de áudio digital.

3.4. Procedimento

Realizamos convites (Anexo II) na comunidade de Campinas, através de folders distribuídos em alguns estabelecimentos e em comunidades virtuais da rede de relacionamentos Orkut específicas para depoimentos, bate-papos,

entre pessoas que tiveram a experiência objeto de nosso estudo. Contamos também com a colaboração de colegas e outras pessoas de nossa própria rede social na divulgação da pesquisa e encaminhamento de casais.

A partir da manifestação dos casais, o que ocorreu sempre via e-mail, a pesquisadora retornou aos contatos também por e-mail, ou por telefone, conforme canal disponibilizado por eles. Para o agendamento das entrevistas era priorizado o horário e local mais conveniente ao casal, desde que preservados os cuidados éticos, embora já contássemos com sala cedida por uma clínica-escola para a realização das mesmas. Por dificuldade que tivemos de aceite de casais da comunidade local, duas das entrevistas foram realizadas via Internet, através do software Skype, o qual permitiu a comunicação por vídeo e voz. A entrevista presencial foi realizada na residência do casal.

A explicitação do objetivo da pesquisa bem como a formalização do pedido de consentimento (Anexo III) sofreu variação conforme a condição da entrevista, se presencial ou virtual. Na entrevista presencial, a explicitação do objetivo bem como a formalização do consentimento ocorreu no local e horário da entrevista, antes do início da mesma. Para as entrevistas virtuais, essas etapas antecederam a data da entrevista, para que o casal tivesse tempo de assinar e retornar o documento, o que foi feito por arquivo de imagem.

Feito isso, a entrevista iniciava-se com a seguinte questão disparadora, apresentada pela pesquisadora, com propósito de estimular a emergência de um discurso marcado por associação livre: *“Que experiências marcaram a construção do relacionamento de vocês desde o primeiro contato virtual?”*.

No decorrer da entrevista outras questões foram elaboradas a partir do material apresentado, para melhor compreensão e aprofundamento acerca da experiência objeto de investigação.

As entrevistas foram gravadas (somente áudio), e, logo ao final, transcritas, acrescentando-se registros acerca das observações dos aspectos não-verbais.

3.5. Local da Pesquisa

A entrevista presencial, realizada na residência do casal, ocorreu numa sala de estar arejada e bem iluminada, contando somente com a presença do casal e da pesquisadora. Sentamo-nos ao redor de uma mesa de tamanho padrão para quatro pessoas, de modo que podíamos nos ver e nos comunicarmos.

Nas entrevistas virtuais, a pesquisadora localizava-se em sua própria sala de estudos, devidamente isolada para a condução das entrevistas, bem iluminada, sem estímulos visuais ao fundo que pudessem ser capturados pela web-cam (apenas uma parede de cor clara e lisa), utilizando-se de um fone de ouvido e de um gravador digital conectado por cabo ao computador, para a gravação do áudio.

Ambos os casais entrevistados via Internet acomodaram-se no sofá de suas salas de estar, mantendo webcam e microfone de modo que a pesquisadora pudesse vê-los e ouvi-los em iguais condições e de modo bastante claro.

3.6. Análise do Material

O material manifesto nas entrevistas pelos casais foi submetido à técnica de “Análise de Conteúdo” proposta por Mathieu (1967), destinada ao estudo de fenômenos não passíveis de mensuração (sentimentos, reações, atitudes, etc) e que visa, a partir dos conteúdos manifestos, desvendar o que haveria na condição latente.

Como referiu Mathieu (1967), uma associação livre revela temas recorrentes, ligados por laços estruturais. Como num sonho, considera-se que na estrutura de uma narrativa, ou no arranjo de seus elementos e temas, estão contidas as criações inconscientes que buscam a satisfação de seus desejos reprimidos.

Para acessarmos esse material latente, primeiro transcrevemos cada uma das entrevistas, acrescentando as observações quanto aos aspectos não-verbais, e realizamos as análises, cuja redação inclui os fragmentos que fundamentam nossas observações.

O trabalho de interpretação apoiou-se no referencial psicanalítico de grupo e da psicanálise das configurações vinculares, e contou com a participação do orientador e de outra colega psicóloga, ambos experientes com o citado aporte teórico-metodológico. Os principais resultados encontrados no estudo foram reservados para a discussão final.

As entrevistas encontram-se na íntegra nos Anexos deste trabalho, estando as falas identificadas segundo o número atribuído a cada casal (de um a três).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentamos a análise do material coletado, com inclusão dos seus principais fragmentos.

4.1. Análise e Discussão: Casal 1¹

A primeira escolha que este casal realiza, após optar pela Internet para encontrar parceiro, diz respeito a um ambiente virtual determinado:

Esposa 1 (f2): Era uma sala de bate-papo de um site da nossa igreja. (...).

Escolhem o site da igreja da qual são membros. Uma sala de bate-papo qualquer teria a característica que Lévy (2005) atribui ao ciberespaço: um mundo “desterritorializado”. A escolha do site da igreja “territorializa” um lugar. Esta definição favorecerá a realização do “momento fantasmático”, de acordo com o modelo de seqüências organizadoras do desenvolvimento de um grupo proposto por Kaës (1997), autor que utiliza o termo “grupo” para designar a forma e a estrutura paradigmáticas de uma organização de vínculos intersubjetivos. Neste “momento fantasmático” são externalizados grupos internos para destinar a si próprio e ao outro um lugar determinado. Este lugar foi determinado na escolha do site da igreja, uma instituição que representa o princípio de cultivo ao amor e à solidariedade, uma escolha que também sugere o tipo de vínculo pretendido pelo casal.

A mesma fala da esposa (1) revela ainda outra expectativa:

Esposa 1 (f2): ...Uma das perguntas que eu não gostava que o pessoal perguntava era “como você é?”, tipo querendo imaginar se você vai ser gorda ou baixa... Não sei... Feia ou bonita. Então, eu não gostava desse tipo de pergunta, porque eu achava que não importava. Tinha que gostar da pessoa pelo que ela era. (...).

1. Esta entrevista foi realizada por videoconferência, através do programa de interação virtual skype, conforme referido no capítulo do Método.

Esta fala revela a experiência subjetiva da esposa (1) segundo a qual o homem privilegia a estética, a matéria. Os aspectos mais elevados, o plano das idéias, ficariam desprestigiados; um fenômeno, aliás, bastante presente na sociedade pós-moderna, como nos informa Terzis (1999). A esposa (1) aproveita a ausência da aparência física no ciberespaço para garantir que a conquista se realizasse em função dos aspectos psicológicos.

Marido 1 (f4): (rindo) Eu conversava com ela e com mais umas cinco ao mesmo tempo.

Esposa 1 (f3): (Olhando para o Marido e rindo): O Marcelo conversava com um monte ao mesmo tempo. Eu digitava devagar, então não conseguia conversar com um monte de gente ao mesmo tempo.

A conduta inicial do marido (1), de manter contatos múltiplos simultâneos, sugere defesa contra um provável estado de angústia, prevista para uma situação nova, conforme referencia Kaës (1997). Nenhum vínculo se desenvolve enquanto o desejo permanece diluído entre diferentes objetos. O riso que acompanha a fala reforça a suspeita de angústia nesta oportunidade de escolher e ser escolhido.

Esposa 1 (f4): Daí o que aconteceu na verdade da gente começar a conversar de novo foi que tinha uma moça com quem ele conversava, e um dia eu entrei, e eu não lembro... Ele não tava nesse dia na sala de bate-papo, tinha viajado. Aí eu entrei, aí não sei se apareceu alguém com mesmo apelido. Não... Apareceu um Marcelo e eu sabia que o nome dele era Marcelo, mas ele sempre entrava com o apelido de "Fulano". (...).

Como vimos na introdução deste trabalho, para participar de uma sala de bate-papo, o internauta deve preencher um campo reservado para seu nome ou, usualmente, um apelido. A chamada para o preenchimento deste campo normalmente aparece na forma de "entrar como". A escolha deste *nickname* (a tradução de apelido do inglês, como é mais usado) pode reservar o significado de uma intenção, ou do exercício de uma múltipla identidade, fenômeno bastante freqüente na Web, conforme referencia Turkle (1997), ou simplesmente servir para ocultar a verdadeira identidade. Desconhecemos a motivação do marido (1) para a escolha do nome "Fulano", sobre o qual

supomos a função de ocultar a identidade. De qualquer forma, nos chama atenção tratar-se de um nome que não reserva qualquer significado. Poderíamos registrar como um nome vazio de sentido. Porém, justamente por esta característica, deixa seu interlocutor livre em sua imaginação. “Fulano” fica exposto às projeções mais diversas.

Esposa 1 (f4): ...Aí eu perguntei se era ele. Aí achei engraçado que a menina se interferiu no meio, ela falou: “Não, o Marcelo tá viajando. Ele falou que ia para um acampamento”, uma coisa assim, “Você quer ver uma foto dele?”. Falei, “Ah, manda, né, eu não vou tá perdendo nada!”. Aí ela mandou uma foto. Não dava pra ver nada. Era um embaçado só. Achei até que foi de propósito. Depois ele falou que foi de propósito mesmo. Aí no final da semana seguinte... (...), entrei, ele tava lá...

Marido 1 (f5): Aí eu vi que alguém tinha procurado por mim, que alguém tinha mandado minha foto. (...).

Marido 1 (f10): Eu queria saber quem tinha mandado... Quem tinha recebido uma foto minha e porquê, daí foi que a nossa conversa começou.

Estas falas localizam o início do processo de vinculação deste casal. O marido (1) busca pela esposa (1) após saber que ela o teria procurado e visto sua foto. Supomos que estes fatos tenham lhe fomentado fantasias de aceitação, encorajando-o, assim, nesta busca. Este movimento corrobora com estudos citados por Weber (1998) de que o homem necessita de uma manifestação de interesse por parte da mulher para permitir-se atuar.

Esposa 1 (f10): Não lembro da conversa... Era pergunta daqui, pergunta dali, porque você não conhece... (...). Daí eu fiquei sabendo que a gente tinha uma conhecida em comum, que era uma amiga minha (...).

Esposa 1 (f12): ...Daí eu fui perguntar pra ela do Marcelo. (...). Aí ela falou: “Eu sei quem é. Ele é metido!” (ri). Eu falei: “Ah, é? Eu não achei o Marcelo metido. Pensei: “Sei lá, foi a opinião dela!”. Aí ela falou: “Gostei muito da família dele. A irmã dele é muito simpática. Os pais dele são muito bonzinho”. Mas ela não falou nada de muito bem do Marcelo (...).

Para minimizar a angústia e os medos ante um desconhecido, busca-se conhecer melhor quem é a outra pessoa. Ao descobrir a amiga em comum, a esposa (1) aproveita a oportunidade para obter mais informações sobre o

marido (1). É provável que ela tenha transferido para ele a imagem positiva da família, tal como a amiga lhe descreve. Interessante aqui realçar a entrada desta terceira pessoa. Já houve uma terceira pessoa mediando o envio da foto. A interferência de uma terceira pessoa seguirá até certo ponto como uma constante, conforme veremos ao longo desta análise. Esta interferência mostra-se facilitada em função das angústias de desconfiança ante o desconhecido, em função das dúvidas. A fomentação de ilusões positivas é o que incentiva o casal para a continuidade do relacionamento.

Esposa (f12): ...Aí um dia, ele falou assim: “Então, eu vou pra aí”. Não... aí como que foi? Você (Marido) descobriu meu telefone, né? Acho que você pedia meu telefone, eu te enrolava, né?

Marido 1 (f14): Não lembro... Só lembro que você mandou a foto e na foto tinha seu sobrenome...

Marido 1 (f15): E como seu sobrenome não era muito comum, fui na lista telefônica e descobri seu telefone.

Estamos percebendo que continuam as confirmações. Primeiro foi através da amiga, depois através da foto, e agora a busca na lista telefônica. Não temos dados para dizer se a esposa (1) teria conscientemente escolhido uma foto com sobrenome com propósito de que o Marido a procurasse (1). De qualquer maneira, a exposição de um sobrenome pouco comum denota um sentimento de confiança, essencial para a evolução do vínculo. O marido (1) aproveita e atua, introduzindo o primeiro aspecto sensorial nesta relação: as vozes.

Esposa 1 (f19): Quando eu comecei a conversar com ele... (...). Eu vi que ele conversava com muita gente. Pensei: “Deve ser interessante de conversar”. Então, quando ele veio me procurar, achei que era interessante. E pensei: “legal, ele veio me procurar, deve ter me achado interessante” (...).

Esta fala da esposa (1) revela que, ao ver o marido (1) em contato com as outras, ela o percebe sociável e, assim, o idealiza, lhe transferindo sentimentos positivos, tendo este episódio o significado de um elemento de minimização da desconfiança.

Esposa 1 (f19): ...Antes do Marcelo, teve um outro rapaz (...). ... Eu não continuei um relacionamento com ele por ele não ser da mesma religião que eu (...). ...Pra mim era muito importante que ele fosse da mesma religião que eu.

Este fragmento corrobora nossa hipótese inicial a respeito da escolha do *site*: um primeiro critério para a escolha de um parceiro, embasada numa ideologia. Ser alguém da mesma religião é outro elemento facilitador para a evolução do vínculo.

Esposa 1 (f22): ...A gente passou a se falar por e-mail. Ou a gente começou a falar por e-mail antes do telefone?

Marido 1 (f20): ...Por e-mail, primeiro. Você já escrevia suas novelas!

Esposa 1 (f23): É... Eu escrevia minhas novelas... escrevia muito!

Fortalecendo-se o vínculo, o casal (1) troca a sala de bate-papo pelo *e-mail*, onde a esposa (1) escrevia suas “novelas”. A associação com a novela sugere um contato ininterrupto facilitador da elaboração das fantasias. Lins (2007) observou o uso do *e-mail* caracterizando uma fase próxima ao encontro face a face, quando utilizado por pessoas que ainda não se encontraram fora do espaço virtual. Corroborando esta observação, logo o casal marcou o primeiro encontro. Porém, isto não deve significar que toda vez que um casal estiver prestes ao encontro face a face estarão utilizando o *e-mail*. Novos aplicativos vão surgindo. E como também vimos na introdução, os mais jovens estariam preterindo o *e-mail* e o associando ao costume dos mais velhos (Schwartz, 2007), o que já implica, muitas vezes, no seu desuso.

Vale acrescentar que quando a esposa (1) diz escrever muito no *e-mail*, isso pode também estar relacionado à troca de ferramenta de comunicação, de síncrona para assíncrona. Com característica assíncrona, o *e-mail* permite mensagens mais longas. O leitor não está *on-line* aguardando a mensagem ser redigida, tal como ocorre nas relações síncronas, bem como poderá lê-la de acordo com sua disponibilidade. Sob esta característica, o *e-mail* mantém a mesma velha vantagem que as cartas de papel já propiciavam. A inovação se dá pelo acréscimo nas velocidades de emissão e de recepção das mensagens. A repercussão psicológica desta inovação traduz-se na preservação do

sentimento de pertencimento, até então exclusivo das relações síncronas (Turkle, 1999).

Esposa 1 (f26): Ele falou “Vou um dia aí em São Carlos para te conhecer”. (...). Daí marquei na rodoviária em São Carlos, porque eu achava que era o lugar mais fácil pra ele chegar. (...). Daí eu tava quase perdendo as esperança dele ligar ou aparecer, aí tocou o telefone. Aí era ele: “Ah, Ana, desculpa! Meu tio teve um problema com o carro. Eu tava pra sair, acabei tendo que ajudar ele!” (...).

Marido 1 (f22): Tive que ajudar rebocar o carro... (esta fala é acompanhada de riso, e do gesto de esconder o rosto atrás de uma almofada).

Esposa 1 (f27): ...Aí ele falou: “Posso ir aí ainda?”. Falei: “Ah, vem!”.

Marido 1 (f23): Eu não tava animado... (rindo).

Estas falas revelam que esposa (1) e marido (1) se encaminham para o primeiro encontro face a face com disponibilidades emocionais diferentes. Ela, mais decidida, escolhe “um lugar mais fácil pra ele chegar”, e ainda demonstra tolerância quanto ao atraso. Ele, indeciso, atua de forma que poderia comprometer tanto o encontro quanto mesmo o vínculo.

Marido 1 (f24): Eu fui porque achei ela legal, porque pela foto que ela me mandou... Eu... Eu não fui de conhecer pela foto. Fui de gostar de conversar com ela.

O encontro é o momento que marca a introdução da realidade propriamente dita, sem a interface do computador. Quando o marido (1) diz “fui porque achei ela legal”, ele está apresentando a justificativa lógica. Sob forma latente, trata-se de um importante momento para minimização das angústias ante o desconhecido, quando são introduzidas novas experiências para o processo de constituição vincular.

Esposa 1 (f29): A minha amiga me descreveu ele como se ele fosse o Brad Pitt. Tava toda empolgada... (...).

Esposa 1 (f30): ...Ele descreveu uma blusa azul com listra e uma calça esverdeada. Falei: nossa! Que combinação, mas tudo bem! (...).

Esposa 1 (f32): ...A primeira impressão, não gostei.

Marido 1 (f28): Vamos dizer assim... As impressões foram diferentes. Ela esperava uma coisa a mais, eu esperava uma coisa a menos. Pra ela foi uma decepção, pra mim foi melhor do que eu esperava. (risos).

Podemos observar, por estes fragmentos, como as fantasias se operam no mundo virtual. Cada um fomenta suas fantasias individuais que, depois, serão confirmadas, ou não, na realidade *off-line*.

Esposa 1 (f39): A gente ficou conversando... (...) Depois, tinha o aniversário de uma amiga minha à noite, eu não sabia o que fazer, acabei levando ele para o aniversário. Aí no dia seguinte eu fui pra casa de uma amiga minha. Aí fiquei comentando dele pra ela. Falei: não sei... fiquei meio assim... esperava outra coisa. Ela: "Ah, Ana, achei ele tão bonito, nossa! Tão bonzinho!". A Marina gostou de você (Marido) desde o começo. Aí ela conversando comigo, mudei um pouco de idéia. Falei: "então, vou tentar de novo. Aí depois de umas duas semanas..."

Eis a participação de outra terceira pessoa. Neste momento, a esposa (1) ainda não tem confiança em sua própria escolha, necessita que alguém a autorize. A amiga, uma pessoa valorizada pela esposa (1), cumpre esse papel.

Esposa 1 (f41): Da segunda vez! Nem eu sabia que eu queria, e a gente começou a namorar! Na verdade eu pensei assim: vou começar, se der certo, deu; se não der certo, não deu (risos). Aí acabou em casamento!

Se isolássemos esta fala de seu contexto teríamos a compreensão de uma atuação descomprometida. No entanto, tomada no seu contexto, indica dúvida em relação à sustentação do vínculo recém-realizado. Não sabemos se a peculiaridade da novidade em relação ao caminho percorrido para a construção deste vínculo estaria agregando dúvidas. Fica como hipótese.

Marido 1 (f37): Foi dali que, vamos dizer assim... Estabeleceu um contato, foi se conhecendo... A Internet só foi um meio, vamos dizer.

Esposa 1 (f45): ...Mas teve que ter... tipo assim, a gente não começou a namorar se conhecendo pela Internet. A gente se conheceu primeiro, depois dali que a gente começou a namorar.

Marido 1 (f39): ...A gente foi se conhecendo se vendo, convivendo.

Estes fragmentos mostram os limites da Internet. Revela-se a necessidade da presença física e da introdução das vicissitudes da realidade *off-line* para a finalização da nova estruturação vincular.

Esposa 1 (f47): Talvez se não tivesse tido já interesse pela Internet, talvez nem tivesse se conhecido, sei lá...

Sugerimos, a partir desta fala, chamar o encontro virtual de um pré-encontro, ou de uma condição para o encontro, pois ainda não havia o encontro propriamente dito, porém já havia interesse, embasado numa inter-relação entre duas pessoas reais. Como observa Ben-Ze'ev (2004) sobre os relacionamentos virtuais, revela-se o paradoxo de que o outro é um desconhecido, mas não um estranho.

Estamos também observando que a realização do vínculo a partir desta condição dependerá da maturidade e de uma sintonia destas pessoas que o experimentam no processo de lidar com o conflito instalado entre o desejo e a insegurança.

Esposa 1 (f48): Achei engraçado porque a gente ta nos tempos modernos, né? A minha mãe conheceu meu pai por carta. Era uma revista... por causa da igreja dela também. Ela, procurando por nomes, se correspondia com rapazes, e ela achava as cartas do meu pai muito interessantes. Aí, depois, achei engraçado, no fim eu acabei conhecendo o Marcelo pela Internet, que foi também um outro meio, que você acha que nunca vai... que não conhece pessoas e... Foi o meio mais moderno, vamos dizer assim, depois a gente trocava e-mail, né?

Esposa 1 (f48): Modernizou o meio de comunicação, de achar, de procurar. Mas achei interessante.

Este paralelismo que a esposa (1) faz entre sua experiência e a de seus pais nos remete ao texto de Berenstein (2001) sobre a diferença entre escrever uma carta e comunicar-se na presença do outro, cujo raciocínio podemos também aplicar às relações no ciberespaço. Quando se escreve uma carta, escreve-se no objeto interno, escrevendo a alguém tal como imagina este outro, fazendo-se um diálogo interno. Diz o autor:

Ao escrever uma carta, a condição imprescindível é que o outro esteja ausente. A folha em branco coloca em cena tanto a ausência da alteridade do outro, quanto a presença do ego daquele que escreve, que se estende sobre toda a superfície do papel. A forma

de existência do outro no ego é, nessa situação, a de um objeto pensado ou imaginado. Através da carta, estabelece-se uma ilusão de simultaneidade, no espaço e no tempo próprio de um diálogo. Quando o destinatário da carta a recebe, por sua vez, outorga-lhe significado e interpreta o que lê. Sofre com a ausência e também goza do imaginário, totalmente criado pelo ego. Esse mundo interno tem sua própria lógica, tem uma impossibilidade como requisito, a impossibilidade da presença do outro. Seria o caso de nos perguntarmos quando falamos de outro como objeto externo, e quando falamos do outro como objeto da pulsão. Aqui nos defrontamos com a fronteira entre o espaço intra-psíquico e o espaço intersubjetivo. No espaço intrapsíquico, focalizamos o objeto da pulsão e da sua relação de objeto. Outro campo de regência inclui o espaço intersubjetivo. (Berenstein, 2001, p. 90).

Berenstein (2001) afirma, desse modo, que as representações intrapsíquicas são as representações do ego, que não atinge, nem abarca o outro em sua presença. Esse excede as representações, por isso define-se como um espaço diferencial, o que se aplica tanto às cartas quanto às demais relações mediadas por alguma interface.

Assim, podemos afirmar que a Internet na vida deste casal caracterizou-se como um instrumento que possibilitou o contato com elementos de vinculação que permitiram que se encaminhassem para o encontro face a face. A realização do vínculo propriamente dito aconteceu em presença, com a introdução das vicissitudes de um mundo propriamente real, sem a interface do computador.

Marido 1 (f43): ...No primeiro dia que conheci ela, ela me levou na casa dela, acho que ela queria que a mãe dela me visse, sei lá...

Marido 1 (f46): Ela falou assim... tem o shopping e tem minha casa, onde você prefere ir? Eu falei: não conheço nenhum dos dois, você me leva onde quiser. Daí ela me levou na casa dela.

O encontro parece também marcar para este casal a transição do “momento fantasmático” para o “momento ideológico”, seguindo ao modelo proposto por Kaës (1997). Neste momento de vinculação “ideológico” ocorre um “achatamento das articulações diferenciais entre os lugares destinados a cada um” (p. 215). O indício desta transição está na apresentação à família, costume reservado para os vínculos fortalecidos em nossa cultura. Como um elemento de confirmação mais próximo, a família entra para contribuir na

elaboração da situação desconhecida, a fim de definir uma posição no conflito entre o desejo e a desconfiança.

Esposa 1 (f58): Minha mãe já sabia que eu ia encontrar ele. Acho que ela até fazia questão de conhecer e ver com quem era que eu tava me relacionando. Mas, assim, acho que o fato dele ser da igreja... (...).

Esta fala denota a força do relacionamento avuncular sobre o relacionamento do casal, ao qual, neste momento relatado, ainda se sobrepunha.

Esposa 1 (f60): ...Quem não sabe da nossa história, fica surpreso: “Ah, que legal”. Acho interessante eles terem uma reação de surpresa.

A esposa (1) estranha a reação de surpresa. Talvez os relacionamentos virtuais estivessem fomentando, em pessoas que não o experimentaram, fantasias de um encontro mágico, sem as vicissitudes normais do desenvolvimento de um vínculo. Talvez prevaleça uma fantasia messiânica em torno da Internet, enquanto que, como estamos podendo constatar, os vínculos originados pela interface do computador passam por todas as dificuldades às quais os outros casais também estão sujeitos.

Esposa 1 (f62): ...Ele falava desde aquela época do interesse dele de vim estudar na Inglaterra (...).

Marido 1 (f53): Acho que com o tempo vai adquirindo afinidade, a conversa vai... Acaba falando do dia a dia...

Esposa 1 (f63): ...Foi estabelecendo um certo vínculo, depois foi achando interessante a conversa, depois já foi perguntando como era. Eu não gostava que fosse das primeiras perguntas (...). Foi lá pra terceira vez que ele perguntou qual era minha altura, minha cor de cabelo, se era morena, se era loira. Mas o jeito que ele me perguntou não me irritou. Porque também eu já tava curiosa de saber como ele era, né, então vou ter que falar como é que eu sou!

Marido 1 (f54): Ah, eu vi uma loirinha passando, andando assim... Pensei: Nossa! Bem que podia ser ela! Mas achei que não fosse pela “fotinha”. Tava meio judiada, coitada!

Marido 1 (f55): No dia, assim... Não tinha muitas expectativas. Gostava de conversar com ela, achava ela interessante, mas na verdade pensava nela muito magrela. Tinha medo de abraçar e quebrar.

Esposa 1 (f67): Acho que a expectativa maior acho que é realmente a aparência, e de eu saber como é que ele era (...).

Estamos observando a construção do vínculo amoroso a partir da Internet originando-se de uma relação de objeto, passando por fomentação de fantasias com conteúdo de confiança versus desconfiança, de idealização versus desidealização, encontros versus desencontros, ilusões versus desilusões, e partindo para a necessidade de encontrar o outro, sob expectativa material, a fim de complementar com o elemento até então ausente: a relação física.

Interessante também notar o fato de o marido (1) não ter desistido do encontro mesmo não tendo se sentido atraído pela foto da esposa (1), nos sugerindo que a aparência não seria um elemento decisivo para despertar o desejo de aproximação, ou que prevaleceria o desejo de confirmar o que a realidade física poderia revelar.

Esposa 1 (f75): ...A gente se conheceu bem no namoro. A gente brigou bastante no namoro. Não sei nem como que a gente... (risos) (...) Na verdade, assim, a minha mãe... É que o Marcelo é uma pessoa... O que eu gostava nele é que ele era muito atencioso. E, assim, uma coisa que eu gostava nele também, depois de um certo tempo, até de briga e de namoro, eu senti que ele gostava realmente de mim, e que ele lutava por me ter. (...). Porque, antes do Marcelo, eu tive um namorado, que o pai dele era descendente de alemão, e apesar dele ser uma pessoa boa, carinhosa, cristã, mas ele não era muito atencioso. E, assim... Quando eu fui pra terminar o namoro, depois de uns três anos, eu falei: "Ah! Acho que não tá dando muito certo...". Sei lá, nem lembro o que eu falei, que a gente tinha que terminar, tal. Eu percebi que ele ficou chateado, mas ele não fez... Ele não lutou por mim, vamos colocar assim... E o Marcelo sempre lutava por mim. Eu gostava disso. Pensava: então ele realmente gosta de mim. E depois de tudo que ele passou... Assim... A minha mãe tinha muito ciúme do nosso relacionamento. Ela tinha ciúme do que eu falava que a família... do jeito que a família dele me tratava, e acho que ela ficava um pouco enciumada. E ela interferiu muito, assim, eu acho, no nosso namoro. E eu lembro que teve uma vez que meu pai até falou: vocês brigam tanto, por que vocês não terminam? Aí eu fiquei com aquilo na cabeça, porque meu pai é de falar pouco. Eu falei: "Nossa! Será que não é pra ser?". Aí

eu lembro que, discutindo bastante com o Marcelo uma vez no telefone, daí ele insistiu que ele queria vir, que se fosse então pra terminar, ia terminar não por telefone, mas pessoalmente. Aí eu lembro que eu chorei, chorei, chorei, chorei. Aí minha mãe percebeu o quanto eu realmente gostava dele. E ele na casa... nem sei como é que foi... (...).

Marido 1 (f66): ...Eu falei pra ela: a gente não começou a namorar por telefone nem pela Internet, então não vou terminar com você nem por telefone nem pela Internet. Eu vou aí, a gente conversa, aí se você achar que é isso, então é isso.

Percebemos a construção do vínculo envolvendo as pessoas próximas, os familiares, que têm expectativas para seus filhos. Os pais, inconscientemente, atualizam no aqui e agora sua própria história de namoro, o próprio conflito com seus familiares de origem, de uma época de valores mais rígidos. Interferem de forma negativa, interpretando as brigas como algo destrutivo, e não como algo cuja superação promoveria autoconhecimento, uma vez que as brigas deste casal eram resultantes das inseguranças internas, mutuamente projetadas. Porém, desta vez o casal define seu próprio limite. O terceiro perde sua força de interferência. Este momento faz marca na construção deste vínculo.

Esposa 1 (f77): Aí eu lembro que ele chegou, e já chegou chorando, daí eu comecei a chorar também. Eu fiquei com dó! Mas, assim, eu gostava dele também. Pensei: eu não ia estar sofrendo tanto se eu não gostasse dele. Então era pra gente ficar junto, então a gente continuou namorando. Então acho que meus pais aceitaram mais também. É que é assim... É... A minha mãe é uma pessoa muito religiosa, e ela achava que o Marcelo não era religioso o suficiente. Ele era meio largado, assim, com a religião. E ela achava que eu tinha que namorar alguém que fosse mais ligado com a igreja. Então, acho que isso que interferiu muito.

Marido 1 (f67): Sua mãe era muito “palpitera”!

Marido 1 (f68): É tanto que agora tem um oceano separando a gente... (moram em Londres) (ri).

Esta fala revela que este afastamento geográfico também define um afastamento psíquico, em prol do relacionamento conjugal.

Esposa 1 (f79): Maldoso! Acho que era mais do tanto que minha mãe ficava na minha orelha, sabe? Falando de... Eu nem sei o que ela falava. Ah... Ela implicava tanto com nosso namoro, e eu acaba descontando no Marcelo, e a gente acabava brigando. (...).

Podemos observar que enquanto maior a força do relacionamento avuncular, menor a força do relacionamento de aliança. Fortalecendo-se o vínculo de aliança, perde força o vínculo avuncular.

Marido 1 (f69): A gente só se via no final de semana...

Marido 1 (f70): E brigava quase todo final de semana.

Com esta fala, o casal nos informa sobre outro fenômeno contribuinte para as desconfianças: a falta de tempo. Faltando tempo para a vivência do vínculo, faltava também tempo para elaborar as desconfianças.

Esposa 1 (f81): É! A gente só se via de final de semana, ou eu ia pra casa dele, ou ele vinha pra minha casa. Então, a gente passou bastante tempos juntos, deu pra se conhecer melhor. Via levantar, via... fedido, cheiroso... Então, ele veio pra Londres, ficou aqui 8 meses. Depois ele voltou, a gente casou, dois dias depois a gente veio pra cá. Só que... assim, aqui a gente só tinha um ao outro. Não tinha família... Tem uma tia, mas não é a mesma coisa. A gente só tinha praticamente um ao outro. Se brigasse... não tinha jeito, tinha que ficar no mesmo lugar também, não tinha como eu ir pra casa da minha mãe, ou sei lá...

Esposa 1 (f82): ...O lugar que a gente morava não era nem uma kitnet. Eles chamam de studio aqui. É tipo um quarto, que tem uma cozinha e um banheiro.

Marido 1 (f73): Se brigasse, não dava nem pra ficar longe.

Esposa 1 (f84): Mas acho que foi bom aqui. Apesar de a gente ter casado e já vindo pra cá, mas acho que foi bom.

Marido 1 (f74): Tudo que a gente tinha que brigar já tinha brigado.

A briga até então desencadeada pelo conflito entre o desejo e a insegurança tinha mesmo a função de promover conhecimento. Ambos atuavam embasados em experiências vinculares passadas. Desta vez mais envolvidos com a realidade do novo vínculo, cessam as velhas brigas.

Esposa 1 (f85): É. Acho que tudo que a gente tinha que conhecer, conheceu no namoro. As diferenças...

Marido 1 (f76): A gente tava consciente exatamente de como cada um era, então não foi nenhuma surpresa pra nenhum dos dois.

Há algo de social que é habilitado pelo casamento, a primeira etapa na organização de uma família, etapa a que chegam por um gosto por ficar próximos, de irem construindo o vínculo entre eles.

Marido 1 (f77): A Ana quer ter filho!

Esposa 1 (f88): Pôxa! Casados 4 anos e não ter filho também, né Carla? Não... Eu to falando pra ele... Eu acho que... ele não quer ter filho ainda porque ele tá estudando, então ele acha que vai ser um estresse a mais, e também ele fica muito ligado no financeiro, o que eu acho que tá certo também. Mas... Ah... Eu acho que é bom para o casal ter um... Ter um bebê. E... Assim, eu to pensando em ter um filho, Marcelo tá pensando em fazer o doutorado, ou trocar o carro... Não tá pensando no filho (ri). Mas eu vou conversando, que eu quero, não vou forçar idéia, vou deixar ele aceitar idéia. Ah... a gente agora tá numa situação, graças a Deus, confortável, estável. (...) ...A gente tem nosso apartamentinho, tem nosso carro... A gente tá numa situação mais estável...

O processo vincular não se finaliza na realização do vínculo. O casal continuará enfrentando desafios no casamento, no compartilhar de projetos, na constituição da família. A fala revela processos mentais secundários. Para o planejamento da realização dos desejos estão considerando as circunstâncias externas, os dados da realidade. O desejo de filho denota um sentimento de segurança neste vínculo.

Esposa 1 (f89): ...As pessoas às vezes perguntam pra gente se a gente vai voltar para o Brasil. No começo, eu sempre falava... O Marcelo falou de vim pra cá, estudar, e depois a gente voltava para o Brasil. Só que, assim, a gente casou e veio pra cá. Então, a gente começou a nossa vida aqui. Se a gente volta para o Brasil, a gente tem que começar tudo de novo. Tem que ir atrás de emprego, tem que ir atrás de casa, tem que ir atrás de um lugar pra se fixar, pra se enraizar. Aqui a gente já tá meio que enraizado. Não assim, enraizado...

Marido 1 (f79): É medo da fase de adaptação, de todo o estresse.

Esposa 1 (f90): É que no começo eu não conhecia ninguém, tava longe da família, outro país, outra cultura, apesar de já conhecer a língua, que eu tenho uma facilidade muito grande. (...). ...Aí depois que a gente foi pro Brasil, viu a família e voltamos, eu já voltei diferente. Sentindo saudade, dá saudade, claro, mas, assim, agora a gente tem amigos, a gente vai sempre... Na verdade, já tem um trabalho, já tem um lugar onde mora...

Estamos observando o desenvolvimento de um projeto compartilhado, incluindo a construção de um lugar próprio.

Marido 1 (f82): Sei lá, não sei se eu ia querer ter um filho adolescente aqui, mas... De repente até uma certa idade até dá...

Esposa 1 (f93): Assim, a gente tem intenção de voltar para o Brasil. Não tem intenção de morar aqui pra sempre.

Marido 1 (f83): Aposentado, ou antes... Não sei.

Marido 1 (f85): Então, assim, para um futuro próximo a gente não tem um plano específico. Mas, a longo prazo, voltar para o Brasil, isso com certeza, independente de onde, morar na beira da praia, andando com o pé na areia...

Marido 1 (f86): O que eu falo pra ela é que eu odiava o domingo à noite, que era quando eu tinha que levar ela pra rodoviária pra ir embora. Hoje todo dia é sexta-feira, que é quando eu ia buscar ela. Não tem aquele negócio de só final de semana... de novo tá indo embora pra casa dela, vou ter que esperar outra semana pra poder ficar com ela de novo.

Esposa 1 (f96): É, detestava rodoviária (ri). Rodoviária era bom ao mesmo tempo muito ruim. Agora não tem mais despedida. A gente pode deitar juntinho e ficar juntinho. Vai dormir juntinho, não tem que falar tchau. Assim... A gente é muito honesto no nosso relacionamento. Eu falo que o Marcelo não é só meu marido, ele é meu companheiro e meu amigo. É a pessoa que eu tenho pra... é a minha companhia. E se ele não tá... a gente fica tão junto assim, que se ele não tá por perto, acho que fica até meio esquisito. Às vezes eu saio... Às vezes o pessoal do trabalho marca pra tomar um sorvete junto, ou vamos no barzinho, alguma coisa assim. Eu fico: "Ah... Eu vou embora pra casa! Não quero ir.". "Ah! Larga seu marido, ele não deixa você ir?". Eu falo: "Não, deixar... ah... ele também não gosta de ficar sozinho". Mas eu prefiro vir pra casa ficar com ele.

Todas estas falas confirmam a satisfação na realização deste vínculo. Referem a união do casal. A rodoviária representa os momentos de encontros

e despedidas; no plano psíquico, tinha o significado da atualização de vivências mais primitivas de separação.

Marido 1 (f87): ...Difícilmente eu saio sozinho, a gente tá sempre junto. (...).

Esposa 1 (f98): Acho engraçado que quando chega final de semana, a gente fica sempre junto, aí chega de segunda-feira, cada um vai pra um canto, ele vai pro trabalho dele, eu vou pro meu, aí eu fico: "Ah... Só vou ver ele à noite agora!". Dá saudade! Fica tanto junto depois...

Por todo exposto, verificamos um casal vivendo de acordo com a modalidade de um "vínculo amoroso", conforme conceituação proposta por Puget e Berenstein (1993), quando "as emoções circulantes são as pertencentes à resolução do Édipo e à série de ternura e carinho" (Puget e Berenstein, 1993, p. 30).

Cumpramos registrar, quanto aos aspectos não verbais, que o casal mostrou-se bastante à vontade desde o princípio da entrevista, o que talvez corrobore a observação de Saraiva e Cabral (2001) de que o usuário se sente mais seguro, mais à vontade, quando acessa a Internet de casa para falar a outra pessoa sobre si mesmo.

Puget e Berenstein (1993) também propuseram o conceito de "clima emocional vincular", para falar de um "conjunto de emoções e sentimentos que funcionam como sustentação de certas interações, difíceis se de traduzirem em palavras. É a síntese de uma zona de encontro imposta aos egos, à qual é impossível subtrair-se, sem a mediação de algum elemento modificador" (p. 113). O clima emocional vincular que se estabeleceu nesta entrevista foi de alegria, conferindo a presença do sentimento de satisfação nesta união conjugal.

Este casal fala dos encontros com si próprios. Neste momento de união conjugal, abraçam a realidade. Esposa (1) e marido (1) são símbolo da sublimação do amor na sua forma madura. Simbolizam o desejo objetivado que passa à satisfação subjetiva e corporal na doação de si, na comunhão da alma, na união da psique. Cada um dos parceiros supera seu egocentrismo tornando-se o ideal da união, representado pelo companheirismo e compreensão.

4.2. Análise e Discussão: Casal 2

Este casal introduz o relato com experiências individuais, que preservamos nesta análise dado o significado que trás para compreendermos o desenvolvimento do vínculo.

Marido 2 (f2): ...Eu imaginava, assim, que as coisas seriam como nos filmes, nas músicas... Aquela cena clássica, o sujeito tá virando uma esquina, ou na rua, ou no corredor de alguma instituição, aí ele tromba com aquela garota formosa, derruba os livros e vai lá ajudá-la recolher tudo do chão, tem aquela troca de olhar, ela é bonita, ela não é casada, não tem namorado, os dois estão disponíveis, e aí rola um clima, tudo acontece... todo o cosmos atua em favor de uni-los(...). ...Só que a minha vida, os meus costumes, me levaram a não ter contato com mulheres.

Esta fala do marido (2) revela que, até decidir-se por procurar uma parceira pela Internet, nutria a ilusão de um encontro mágico, sem as vicissitudes do desenvolvimento de um vínculo, na ausência de terceiros, sem disputa, sem rivalidade. Isto nos sugere que a presença de terceiros estaria gerando uma triangularidade, provocadora de uma reedição do conflito edípico¹, bloqueando sua capacidade de escolha.

Marido 2 (f2): ...Em todos os meus ambientes de convívio muito rara a presença de mulheres. E quando havia, eu percebia que havia uma disputa muito grande (...) Então, percebi o seguinte: que eu não queria uma mulher pra mim nesse tipo de ambiente, porque, pelo que eu percebi no comportamento, é que eram pessoas que estavam cientes da oferta de parceiros, e que por isso não estavam dispostas a se doar na mesma intensidade como a outra pessoa se doaria a ela (...) Então, falei assim: não quero uma pessoa pra mim que vai sentir fazer um favor de estar comigo. (...) Em curto prazo até dá pra suportar, mas pra longo prazo é complicado. Aí comecei a ter o preconceito, sabe?

1. Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que originalmente a pessoa sente em relação aos seus pais na infância (Laplanche, J.; Pontalis, J.B., 1992).

Marido 2 (f3): ...As meninas de fora, elas não valorizavam os rapazes da igreja, pelo contrário, havia até uma ridicularização, (...) aquele pessoal que só tem um assunto, não sabe fazer outra coisa, aquela pessoa chata, aquela pessoa de papo monótono, não é uma pessoa divertida, uma pessoa ranzinza, então não é uma pessoa legal pra ficar, pra conversar (...).

Nestas falas, o marido (2) está mostrando sua subjetividade a respeito dos vínculos. Ele transfere para o aqui e agora prováveis experiências de rejeição, mostrando a representação que tem o vínculo em seu aparelho psíquico, nutrido por angústias persecutórias.

Marido 2 (f3): ...Eu já estive em outros lugares, com outras pessoas, pra diversificar isso daí, só que... eu percebia que o caminho... o sofrimento seria muito grande, eu tava me tornando uma outra pessoa. Fui duas vezes na danceteria, com o pessoal da academia, da musculação, fui em algumas festinhas por aí, só que eu pensei o seguinte: “A garota que eu vou conhecer nesse local vai lá provavelmente porque ela gosta desse tipo de local, e se ela me encontrou lá, ela tá achando que eu também gosto desse tipo de local. Aí, ao iniciar relacionamento, ela vai esperar que nós dois juntos freqüentemos esse local, e eu não vou querer freqüentar, aí vai surgir um atrito” (...).

O desejo de encontrar uma parceira o leva a experimentar lugares caracteristicamente propícios para este fim. Porém, a insegurança provoca fomentação de fantasias que o faz desistir desta opção.

Marido 2 (f3): ...Comecei a olhar ao meu redor, homens de quarenta anos pra cima, solteiros, sabe? Alguns até com mais de cinqüenta anos. Alguns ficavam com mulheres já divorciadas, com filhos (...) ...deu pra perceber o seguinte: esse negócio de status, sabe, é engenheiro, é doutor, é mestre, isso daí vai trazer pouco benefício nessa área. Aí falei: “Então, vamos ver se esse negócio (a Internet) funciona, né?”.

Nesta fala, o marido (2) nega a realidade de que sua posição profissional poderia favorecê-lo para encontrar uma parceira. A desvalorização de seu *status* revela um complexo de inferioridade², alicerce de sua insegurança.

2. Expressão que designa o conjunto das atitudes, das representações e dos comportamentos que são expressões mais ou menos disfarçadas de um sentimento de inferioridade ou das reações destes (Laplanche, J. e Pontalis, J.B., 1992).

Reconhecendo que a Internet é, entre outros aspectos, um espaço de relacionamentos não-físicos, torna-se também o ambiente onde é possível viver-se a fantasia de que ali não haveria rivalidade, especialmente através dos programas de interação assíncrona, onde não há a participação de terceiros. Isto posto, podemos pensar a opção do marido (2) pela Internet como uma fuga da triangularidade provocadora de ansiedade.

Marido 2 (f5): *Aí... Uma conversa super descontraída, né, marcamos um encontro, estive lá. Aí foi passando o tempo, a pessoa não aparecia, passava o tempo, não aparecia... (...) Dez minutos, liguei de novo, caixa postal. Deu uma hora, caixa postal (...) Só se ela perdeu o telefone, caiu no chão, quebrou... Vou dar um crédito, né?*

O marido (2) inicia sua experiência na Internet parecendo acreditar na possibilidade de realizar seu desejo de encontrar uma parceira. O pensamento de que a outra pessoa poderia ter tido um problema para não comparecer ao encontro mostra que, desta vez, não fomentou uma fantasia que o fizesse recuar. Ao contrário, autorizou-se insistir.

Marido 2 (f3): *...Tem pessoas que fazem trotes, por exemplo, então eu já passei por todas situações assim, várias situações imagináveis. Já passei por conversas super entusiasmadas, mas de repente... tchau! (...).*

Marido 2 (f4): *Era, assim, um sentimento de selva. Uma coisa é você estar na rua, no shopping, num lugar sossegado. Outra coisa é você estar num bairro violento, bairro barra pesada, com pessoas suspeitas ao seu redor (...).*

Estamos percebendo as possíveis experiências nos relacionamentos virtuais. Na frente de um computador conectado à Internet, podemos rapidamente iniciar um bate-papo, mas também sermos instantaneamente deletados, assim como nós mesmos excluirmos o outro com o esticar de um dedo, em fração de segundo. Birman (1997) afirma que quando um relacionamento virtual fracassa, a pessoa se sente menos ofendida do que se sentiria numa relação face a face, porque o recusado seria o personagem por ela criado, e não ela mesma. Não se sentiria, por isso, ferida narcisicamente. Porém, nesta experiência, o marido (2) não criou um personagem, e frustrou-

se, transferindo para o mundo virtual a insegurança vivida nas relações do mundo físico.

Se antes o marido (2) experimentou a ilusão de que na Internet não perderia o outro pela disputa, passa a temer perdê-lo pela rejeição, temer que um novo sonho pudesse não se realizar. Sua sensibilidade à frustração indica um acentuado narcisismo, ou seja, um privilegiado investimento da libido em si mesmo.

Como diz Freud (1910/1996), a quantidade de frustração da realidade que se opõe à nova escolha de objeto reduz seu valor para a pessoa em questão, “afinal não há qualquer sentido em decidir-se por uma escolha de objeto se nenhuma será de todo permitida ou se não há nenhuma perspectiva de ser capaz de escolher alguma coisa adequada” (p. 187).

Marido 2 (f5): ...A gente acaba se tornando insensível, uma pessoa até pouco humana, sabe? E teve, assim, algumas pessoas, três ou quatro pessoas, com quem eu fui cruel, acabei magoando a pessoa, ferindo a pessoa. (...). Eu já tinha conhecido muitas pessoas, então o fato de conhecer alguém deixou de ter importância pra mim (...).

Marido 2 (f7): ...A gente acaba não se envolvendo. Então, a gente acaba não dando tanto valor ao ser humano que está ali do lado, uma pessoa com sentimentos, que tem o seu valor. Acaba vivendo aquela coisa mecânica, aquela coisa comercial. “Entra o próximo, por favor!”. Então, quando um sai, é... como é o centésimo a sair... eu não estou exagerando se eu disser que foram mais de cem pessoas que eu conheci pessoalmente, da internet. (...).

Marcado pelas frustrações, o marido (2) entra num ciclo de escolha e descarte muito expressivo, o que denota uma defensiva dissociação dos afetos. Ele não desiste dos relacionamentos, mas passa a atuar com uma voracidade insaciável, comprometendo oportunidades de vínculo.

Vale lembrar que, como vimos na Introdução deste trabalho, estamos vivendo uma época de relacionamentos marcados pela instabilidade (Giddens, 1993; Vaitsman, 1994; Rossi, 2003), expressivamente sensíveis à frustração, algo que é anterior à Internet. Ou seja, na Rede há uma reprodução do comportamento que se anuncia no jeito pós-moderno de ser.

Marido 2 (f7): ...Quando eu comecei a entrar no bate-papo, tinha que ser alguém dali, de preferência do Taquaral (do próprio bairro). Quando, na pior das hipóteses, Bonfim,

Proença... (bairros próximos). Agora Jardim do Lago, aqui, São Bernardo, (bairros um pouco mais afastados) era inadmissível. Embora eu tivesse carro, eu não ia tão longe assim pra... por causa de mulher (...).

Pesquisas (Dornelles, 2004; Ramalho, 2005) indicam que quando há a intenção prévia de transpor um vínculo virtual para o mundo das relações face a face, há uma preferência por relacionar-se com alguém geograficamente próximo, sob o argumento lógico dos custos implicados nos deslocamentos entre grandes distâncias. Nesta entrevista, o tão restrito “rigor geográfico” que o marido (2) impõe às suas escolhas sugere que ele estaria, inconscientemente, lutando contra o distanciamento que o seu estado de insegurança o coloca de suas possibilidades, lutando contra sua dificuldade psíquica, o que se revela contraditório em termos lógicos, uma vez que, quanto mais restrito o limite, menores as chances.

Esposa 2 (f14): ...Amigos sempre convidando “entra no Orkut, entra no Orkut!”.

Esposa 2 (f15): ...Aí entrei no Orkut, reencontrei vários amigos, e fui me empolgando. (...) Ela (uma amiga) falou: “Deixa eu fazer um perfil pra você”. (...). Aí falei pra ela: ‘então faz, mas coloca uma foto minha bem simples porque eu não quero uma foto emperetecada pro cara achar que sou uma pessoa que eu não sou. Porque eu tinha aquela visão: o cara tinha que gostar de mim pelo que eu sou, não pela minha aparência. (...).

A esposa (2) quis mostrar logo sua verdadeira face, sem disfarce, o que denota uma atitude embasada no princípio da realidade. E como a esposa (1), também revela um desejo de conquista não pela aparência, mas sob privilégio dos aspectos psicológicos.

Esposa 2 (f18): ...Voltando naquela história de eu ter entrado no perfil dele, na época eu tava com intenção de fazer uma pós-graduação aqui. (...). E como eu vi que a gente tinha vários... a mesma religião, ele também era uma pessoa que tava nesse meio, porque na época tava fazendo doutorado... vi várias coisas ali no perfil dele... fotos de família, quer dizer, você vê que é uma pessoa que é mais família, não é uma pessoa que coloca foto de festa, boate, seja lá o que for, né? Então senti uma certa segurança. E mandei o recado falando pra ele tudo isso, e que eu gostaria de manter contato com uma pessoa que fosse daqui, porque eu tinha plano de vir pra cá (...).

A esposa (2) fala das condições para a sua escolha de parceiro: alguém que, como ela, estuda e valoriza a convivência familiar, o que denota a expectativa de construção de um vínculo estável.

O sentimento que ela refere experimentar ao ler o perfil do Marido nos remete ao “momento fantasmático” proposto por Kaës (1997) a respeito da construção dos vínculos, quando são externalizados grupos internos para destinar a si próprio e ao outro um lugar determinado, o que minimiza a ansiedade inicial ante um desconhecido, fenômeno também observado na análise anterior.

Esposa 2 (f18): ...E ele entendeu tudo errado, entendeu como sendo uma...

Marido 2 (f22): Uma cantada.

Esposa 2 (f19): Uma cantada, assim, bem da disfarçada. Mas quando ele entrou no meu perfil pra responder, viu lá que tinha recados de outras pessoas, porque eu tava conhecendo outras pessoas. Comunidades de pessoas na minha profissão, “ah, eu também sou fisioterapeuta, que bom te conhecer...”. Aí ele falou “bom, essa daí tá atirando pra todos os lados”. Tinha de meninas também, mas nessa hora ninguém vê nada, né? (...). E a resposta que me deu, eu não entendi nada, porque, pra mim, assim, site pra conhecer rapazes pra um possível namoro era este procurando Par Perfeito. Site pra amizade era o Orkut. (...). Só que eu sempre quero ouvir o lado da pessoa. Aí eu ficava insistindo, mandando recado pra ele. Aí ele respondia mais ou menos a mesma coisa “não, porque é isso mesmo”. Eu falava assim “você tem certeza que é isso que você quer falar?”. (...) ...eu queria provar pra ele que aquilo era possível, uma pessoa, que era minha intenção, mandar recado inocente, que eu tinha mandado. Daí nisso a gente passou do Orkut pro e-mail.

Esta fala de que a esposa (2) estaria “atirando para todos os lados” poderia sugerir a maneira como o marido (2) concebe a mulher que mantém diferentes relacionamentos, cuja natureza ele sequer conhecia. Nem ao menos ponderou a possibilidade de tratar-se de uma pessoa mais sociável. Pelo imediatismo de sua reação, e considerando seu comportamento nas situações anteriores, podemos pensar a atitude do marido (2) como um mecanismo de defesa contra uma nova triangularidade. Este vínculo estaria comprometido se não houvesse a paciência e persistência da esposa (2). Foi a atuação dela, embasada no princípio da realidade, que impediu um novo descarte.

Marido 2 (f21): ...Umas duas semanas antes de conhecer a Débora, eu conheci pela Internet, pelo Orkut, uma menina do Paraná, da mesma distância de Maringá (cidade da Esposa). E teve um grande envolvimento meu. Ela falava coisas que seduzia, sabe? Aquele tipo de conversa que cativa os homens. E eu tava, assim, totalmente envolvido. Essa foi a situação na qual a Débora me conheceu. Então, eu tratei a Débora de uma forma, assim, bastante insensível, por que? Era de Maringá. De forma alguma eu ia aceitar ter relacionamento com alguém que fosse de Maringá. Segundo, que já tinha passado por muitas desilusões antes. E terceiro: se era pra conhecer alguém... pra conversar com alguém de tão longe, pagar interurbano, eu preferia falar com a outra, que ela falava as coisas que eu queria ouvir, coisas que a Débora não falava. (...). Eu era áspero, porque eu não tinha a menor intenção de criar algum relacionamento com a Débora.

Sobre “aquele tipo de conversa que cativa os homens”, referida acima pelo marido (2), ele esclarece na seguinte fala:

Marido 2 (f58): ...Percebi, assim, uma ferramenta até infelizmente eficaz para as meninas seduzirem os rapazes: por meio do sexo, ou algo relacionado a sexo (...). As meninas tinham muito poder sobre mim quando elas apelavam pra esse tipo de ferramenta (...). Aquela menina do Paraná, ela usava esse tipo de recurso nas conversas ao telefone.

Nestas falas, o marido (2) revela um relacionamento com objetos parciais, ou seja, uma relação com partes do corpo, e não com a pessoa como um todo, o que é anterior à possibilidade de desenvolvimento de um vínculo no seu sentido de relação inter-psíquica, com produção de subjetividade.

Esposa 2 (f22): ...O susto que ele levou foi quando eu continuava respondendo. Ele mandava e-mail falando “que as mulheres são isso, não sei o quê, lá, lá, á...”. E eu respondia sempre tentando entender o porquê que ele pensava isso.

Esposa 2 (f23): ...De e-mail a gente passou para o MSN. Até começou a ficar uma coisa doentia. (...). ...se juntasse todo o tempo que a gente conversava durante o dia, já dava mais ou menos umas 3 horas, 4 horas (...). Voltava pra casa, mais ou menos umas oito e meia, nove horas, a gente voltava a conversar, e ficava até três, quatro horas da manhã falando.

Esposa 2 (f25): ...É que eu conversava mais com ele do que com meus pais! Então, praticamente já era um namoro mesmo. (...).

Estamos observando a evolução do vínculo que, nesta etapa, transgride limites racionais. Por motivações emocionais, Paulo e Débora entram numa relação ininterrupta. O desenvolvimento deste vínculo permite o comparativo proposto por Mazon (2008) do surgimento de um vínculo amoroso do casal com o estágio inicial de desenvolvimento do bebê. Sofrem uma regressão narcísica. Cada um entrou nas necessidades do outro. Para o marido (2), ela apresenta-se como uma mulher diferente das outras que ele conheceu, uma mulher que persiste, que se mostra decidida em sua escolha. E para ela, estar com ele representa a realização de sua escolha. Regredidos narcisicamente, atuam pelo princípio do prazer e perdem-se nas horas de conexão. Tornam-se exclusivo objeto de vínculo, afetando outros vínculos mais próximos, incluindo os vínculos familiares. Do ponto de vista tóxico, cria-se uma instância desejada e idealizada.

E corroborando pesquisas anteriores (Lins, 2007), a troca de um programa de interação menos reservado por outro mais reservado, indica maior aproximação, maior intimidade. Nesta experiência, deixam o *Orkut*, onde os recados podiam ser acessados no mínimo por todos os amigos, ou até mesmo por todos que visitassem a página, dependendo da opção da configuração escolhida; vão para o endereço eletrônico, onde o acesso já era reservado, mas a comunicação, assíncrona, e logo o substituem pelo *MSN*, de acesso reservado e síncrono, sugerindo maior intimidade.

Marido 2 (f26): ...O que acabou aproximando a gente assim foi que a Débora (Esposa) não desistia, sabe, de discutir esses assuntos (...), e eu ficava inconformado, "puxa vida, né. Como é que ela não me manda catar coquinho? Mas também não se cansa de ficar nessa conversa" (...).

Nesta etapa, o marido (2) deixa de atuar da forma reativa que vinha até então comprometendo possibilidades de vinculação.

Marido 2 (f29): ...Ela desafiava a minha inteligência, sabe? Inclusive eu falava, brincando, pro pessoal, que o defeito da Débora (Esposa), era ser muito inteligente, era ser mais inteligente do que eu. Brincadeira, né. Eu me sentia desafiado (...).

Esposa 2 (f26): De repente ele viu tudo aquilo... aquela armadura que ele tinha construído em volta dele cair. De repente ele se viu gostando de uma menina que não

era nem de Campinas, nem de Paulínia. Era de Maringá! 600 km de distância! Uma menina que não saiu chorando desesperada no primeiro desaforo que ele falou...

A persistência da Esposa em sua escolha revela-se como um “acontecimento”, conforme conceito proposto por Berenstein (2007) ao dizer daquilo que se torna capaz de transformar a subjetividade ao mostrar-se significativamente diferente das expectativas ou das experiências que a pessoa tenha tido até então. A Esposa faz marca no Marido. Ele encontra alguém que, ao persistir, contraria suas expectativas de rejeição. A Esposa lhe oferece um lugar valorado, o que nos pareceu capaz de suspender a repetição que parecia até então ocorrer de relacionar-se com o outro através dos objetos internos, revelados nas projeções, nas fantasias, favorecendo, assim, o desenvolvimento do vínculo.

Esposa 2 (f28): ...O que eles (pais) estranhavam mais era ficar tantas horas conversando, mas porque é mesmo... você ficar uma hora junto com a pessoa, parece que já supre aquela necessidade. Pela Internet, parece que não supre. Era uma coisa assim... a gente ficava, ficava, ficava... na Internet, e parece que não supria.

Essa experiência da insuficiência do relacionamento virtual corrobora a observação de Finkelievich (1998) de que quando as pessoas se apaixonam pela Internet, quer ver o outro pessoalmente, ouvir sua voz, tocá-lo.

Observamos também que a manutenção de contato ininterrupto pode se justificar pelo desejo de suprir, sem sucesso, a ausência física.

Esposa 2 (f31): ...Tem frases na qual a entonação é praticamente tudo na frase. Agora, como é que você vai dar essa entonação na... Pode significar uma coisa, pode significar “eu te amo”, pode significar “eu te odeio” dependendo do tom que você der. Agora, na Internet, como que você vai dar essa entonação? (...) ...A grande maioria das vezes das brigas era porque eu tinha falado “eu te amo”, ele entendeu com uma outra entonação, que era outro... entendia errado.

Marido 2 (f34): Por causa disso, fizemos uso daqueles emoticons...

Esposa 2 (f36): ..Esses bonequinhos aí eram muito importante. Se a gente não usasse podia ser catastrófica a conversa naquele dia porque uma frasinha que você falou super simples, entendeu tudo errado, transformava num... num caminhão.

Turkle (1999) afirma que, na relação virtual, com a possibilidade de ler e reler uma mensagem, as pessoas podem compreender a que ponto uma relação depende do imaginário e perceber a própria contribuição na construção desse imaginário. Em função desta mesma possibilidade, Finquelievich (1998) observa que a oportunidade de poder refletir sobre mensagens eventualmente confusas faz com que muitos internautas tenham menos problemas em suas relações virtuais do que acaba tendo em suas relações reais. O que esta entrevista revela, neste sentido, é que esta idéia não se aplica quando o programa de comunicação utilizado é de interação síncrona, como o *MSN*, utilizado por este casal. Referem mal-entendidos que tentaram suprir com uso dos *emoticons*, ícones de característica pré-verbal.

Puget e Berenstein (1993) afirmam que “o mal-entendido é uma disfunção do processo de comunicação, apoiado na ilusão de entendimento. É uma divergência entre duas pessoas que acreditam compartilhar significados e sentidos” (p. 68).

A comunicação escrita perde o apoio dos movimentos corporais, das expressões faciais e do olhar. Os *emoticons*, entre outros símbolos criados para facilitar o entendimento, por sua característica primitiva de comunicação, podem fomentar uma ilusão de entendimento. O ato comunicativo sempre inclui uma interpretação e, a partir dela, inferimos uma busca permanente de elementos faltantes, certos indícios que adquirem valores diferentes, em cada contexto. “O ego precisa tolerar a frustração de mal-estar por não ser entendido totalmente, por não poder compartilhar as imagens internas, que não podem ser transmitidas tal e qual, mas apenas por sucessivas aproximações” (Puget e Berenstein, 1993, p. 68). Daí a importância que pelo menos uma das partes tenha atuado predominantemente sob processo secundário para que o vínculo pudesse evoluir, que é a forma como estivemos percebendo atuar a esposa (2), salvo na regressão que ela também sofreu quando se perderam nas horas de conexão.

Esposa 2 (f42): ...Tinha uma certa confiança. Ele tinha um site que tinha fotos de família. Falei “não é possível que alguém inventa tão bem uma história de vida assim”. Então, eu tinha uma certa confiança de que as coisas que ele me falava não era mentira (...).

A esposa (2) idealiza o marido (2) e nega a possibilidade de frustrar-se.

Marido 2 (f39): ...Demorou pra eu superar essa questão de Maringá ser longe, mas o que ajudou foi que ela tinha parentes em Santo André. Então, aí, no final do ano ela esteve em Santo André. (...).

Esposa 2 (f45): Por eu ter vindo para Santo André.

Marido 2 (f46): Graças a isso a gente se conheceu, porque, como eu falei, eu tinha muito medo de ir lá e não encontrar ninguém. Pensei que não era tão ruim, porque eram cento e dez quilômetros (...). Mas pra Maringá...

Mais uma vez nos deparamos com a questão da distância e o que esta representa, despertando dúvidas em relação à realização do encontro, o que tem a ver com o medo da não realização do desejo, além do risco desta vez de perdas reais (de tempo e de dinheiro) caso o encontro não se realizasse.

Esposa 2 (f51): ...A minha auto-estima com a parte física era muito baixa (...) Aí quando a gente começou a namorar, que daí é inevitável, sempre a sua auto-estima sobe um pouquinho mais, eu comecei a mudar, comecei a colocar outras fotos (...).

Quando a esposa (2) diz que o namoro elevou sua auto-estima corrobora o que Freud (1914/1996) observou em relação à finalidade de uma escolha objetual narcisista: ser amado. Disse Freud: “nas relações amorosas, o fato de não ser amado reduz os sentimentos de auto-estima, enquanto que os de ser amado os aumenta. Como já tivemos ocasião de assinalar, a finalidade e satisfação em uma escolha objetual narcisista consiste em ser amado” (Freud, 1914, p. 104).

Esposa 2 (f52): ...Na Internet (...), é onde você pode se mostrar, você pode conseguir chegar até uma pessoa sem que sua aparência física seja um primeiro empecilho, porque homem, por mais que fale, homem é muito visual.

Marido 2 (f54): ...A beleza pode não ser o mais importante, mas é o ponto de partida. E se não passar por esse critério, o homem não vai se dar o trabalho de avaliar o interior da mulher.

Como observaram Escárcega e Estrada (2005), fatores normalmente segregativos do mundo das relações face a face perdem força no ciberespaço,

ou como diz Spivacow (2007), a experiência virtual pode propiciar um conhecer “de dentro para fora”.

Esposa 2 (f53): ...Apesar de você conseguir às vezes chegar a conquistar a pessoa só através da conversa, que talvez tenha sido meu caso, a necessidade de ver a pessoa, nem que seja através de foto, ela não acaba. Então, a Internet é uma coisa muito restrita. (...) Quando eu falei com ele a primeira vez pelo telefone, a gente ainda não tinha se encontrado pessoalmente, o engraçado era que mesmo eu tendo visto uma foto dele, eu imaginava ele completamente diferente, porque eu achava que a voz não condizia com aquela foto que eu tinha visto. Então, quer dizer, a gente foi meio que tendo conhecimento fragmentado. Primeiro eu vi uma foto, depois conversei, mas só por meio de texto, depois pelo telefone, aí quando eu encontrei com ele, aí eu pude juntar essa coisa toda fragmentada. (...).

Estamos mais uma vez observando que a Internet, para a realidade dos vínculos amorosos, caracteriza-se como uma condição para o início de um processo de vinculação que vem se mostrando se constituir pelas seguintes etapas: pelas informações que oferecem perspectivas de identificação, pelas fotos, pela voz ao telefone, pelo encontro face a face e pelo seguimento à relação presencial.

Chegamos a questionar (Donnamaria & Terzis, 2007) se na virtualidade, onde está ausente o corpo, mas fazendo-se presente o jeito da pessoa pensar, de reagir às falas do outro, de provocar reações, não haveria a realização de um vínculo. A percepção de um “conhecimento fragmentado”, que veio se estruturar somente em presença, sugere que a idéia de vínculo virtual não se adéqua à concepção de vínculo proposta por Puget e Berenstein (1993), embora, paradoxalmente, não se caracterize como um não-vínculo.

Marido 2 (f55): No nosso primeiro encontro (...) eu nunca tinha visto ela tão bonita.

Marido 2 (f57): ...A primeira vez que eu fui surpreendido positivamente foi no encontro com a Débora (Esposa), por causa das fotos ruins que foram colocadas no Orkut.

Marido 2 (f59): ...Aí o primeiro encontro foi aquela coisa agradável, só que quando eu vi que não teria o desfecho que eu imaginava, me frustrei e novamente agi daquela forma egoísta, insensível, como eu agi com algumas outras.

O primeiro encontro torna-se a parte constitutiva do vínculo. Estas falas do marido (2) representam a atribuição dele à esposa (2) de sentimentos positivos (ela é bonita, o encontro é agradável). Neste momento, ela representa a mulher de sua fantasia.

Marido 2 (f60): ...Naquela época eu ainda tinha essa aversão de sair de Campinas (...). Com outras, fiz muito menos, e recebi muito mais (...) ...Eu fiz questão de externar isso. (...). A Débora falou que precisava ir pra casa. Morri de raiva. E essa raiva é que, por ironia até, me impulsionou a conversar mais ainda, porque eu não conformava com isso. Como é que podia? Ela tá interessada em mim...

Esposa 2 (f58): ...Falava “gente, não é possível uma coisa dessa, a pessoa falar não quero, pronto, acabou o relacionamento, não olha mais na cara”. Ainda mais mulher, que é mais romântica, que tem que ter todo um preâmbulo aí pra isso acontecer, né? (...).

Ao perceber que o primeiro encontro não teria o desfecho que imaginara, o marido (2), mais uma vez, atua sob o princípio do prazer. É a intolerância à frustração que sinaliza essa regressão. E ao dizer que a raiva o teria impulsionado a retomar o contato, ele nega seu desejo pela esposa (2).

Marido 2 (f62): ...Se eu tivesse um megafone (...), pros jovens principalmente eu ia dar conselho de contrariar a própria natureza masculina, mas de evitar assuntos da vida sexual no bate-papo, porque é incrível como o poder de avaliação do homem se torna... fica comprometido quando o assunto é esse (...) Muitas vezes a mulher não tem uma aparência atraente, só que ela se vale disso, e às vezes tem até melhores efeitos do que se ela fosse atraente, porque o homem, ele tem uma insegurança muito grande. Então, se na foto ela parece muito bonita, ele pode se sentir ameaçado pelos homens ao redor (...) ...quando são só palavras, se ela está falando aquelas coisas, ela já está receptiva. Então, essa insegurança masculina cai por terra nessa hora. (...).

Esposa 2 (f59): Por outro lado, um cara que eu conheci, que era casado, ele me manipulava com palavras românticas, que é o que convence mais as mulheres (...).

Marido 2 (f63): E eu não tinha um papo muito romântico no bate-papo, então muitas vezes eu era preterido, sabe?

Observamos que quando a mulher mostrava-se sexualmente disponível e disposta, o marido (2) acreditava-se aceito e permitia atuar na direção do

encontro. Talvez sem o gesto, só com a estética, capaz de despertar desejo, mas que não declara amor, se sentisse amedrontado e, por isso, reprimia seu desejo. Esta condição corrobora o que enfatizou estudo citado por Weber (1998) de que “uma conquista bem sucedida depende menos da beleza de uma mulher do que do seu ‘talento’ [grifo do autor] para o flerte” (p. 4). Porém, a esposa (2) não conquistou a confiança do marido (2) através da esfera sexual, como vimos. Mesmo assim, ele nutriu a fantasia de que o primeiro encontro seria marcado pela realização do desejo sexual, talvez embasado numa idéia de que um relacionamento completo o incluísse. A esposa (2), por sua vez, não confirma esta expectativa. O marido (2) se frustra e se sente rejeitado.

Marido 2 (f64): ...Eu odiava o bate-papo por causa daquilo que eu já comentei: mais mais homens do que mulheres (...).

O marido (2) percebe predominância masculina nas salas de bate-papo, onde possivelmente revivia a situação de triangularidade, desta vez na virtualidade, quando se relacionando através desse recurso de interação, onde várias pessoas estão em comunicação síncrona.

Esposa 2 (f60): ...Ele falou “aonde eu conseguir um trabalho é onde eu vou”. (...) ...a gente ficava naquele medo, né? “Se você não conseguir um trabalho em Maringá, de duas, uma: ou a gente vai ficar, sabe Deus até quando nessa vida de ficar até madrugada aí, tendo que suprir essa necessidade de estar junto, conversando na Internet, ou a gente vai chegar uma hora, a gente vai falar assim: não dá mesmo, nenhum dos dois quer ter um relacionamento virtual pro resto da vida, então a gente vai ter que parar por aqui”. (...) ...fui levando o currículo dele num lugar ou outro (...) e deu resultado (...) ...seis meses depois que a gente tinha... aquele primeiro contato, tudo, ele conseguiu um trabalho lá em Maringá, aí ele se mudou pra lá (...) já morava bem perto, três quadras, o sonho, né. (...). Daí a gente nem gostava mais de conversar no MSN, como ele falou, meio que traumatizou. Mesmo a gente que foi um relacionamento que foi pra frente, traumatiza por causa dessa questão que eu falei pra você, que a entonação da frase, o jeito que você fala, e ter que ficar na dependência daquelas carinhas...(...).

Este fragmento revela a importância do relacionamento físico para um casal. Mais cedo ou mais tarde, a tendência é que os apaixonados marquem o encontro face a face, tal como observaram alguns autores (Finquelievich, 1998; Turkle, 1999). Eventual dificuldade para esta realização pode significar uma insatisfação capaz de comprometer a relação.

Esposa 2 (f61): ...Um relacionamento já não é uma coisa fácil. Agora, pela Internet, muitas outras coisas se adicionam aí nesse problema.

Marido 2 (f66): E é muito cansativo, muito desgastante. Então, a minha recomendação é a seguinte: que a pessoa, se ela puder conhecer pessoas pelos meios convencionais, preferir, porque a Internet é um trabalho demorado, é um trabalho de garimpo, e nesse garimpo ela se coloca em diversos riscos, tantos homens quanto mulheres. (...).

Estas falas retomam os aspectos de dificuldade nos relacionamentos virtuais, os quais também podem agregar sofrimento num projeto de busca de parceiro.

Marido 2 (f67): ...Eu e a Débora não teríamos a menor chance de nos conhecermos se não fosse pela Internet, porque eram cidades diferentes. A Débora não tinha nada pra fazer aqui em Campinas, eu não tinha nada pra fazer em Santo André.

Esposa 2 (f65): Talvez essa seja a parte mais legal da Internet, fazer com que pessoas, assim, que jamais poderiam se encontrar, se encontrem.

Nestes fragmentos, marido (2) e esposa (2) referem um importante significado social da Internet: favorecer o encontro de pessoas de locais e perfis diversos, de maneira como nunca houve.

Perguntados sobre os motivos que teriam levado aos terminos e voltas (os mal-entendidos), respondem:

Marido 2 (f73): Acho que foi... sexo? (pergunta para a Esposa).

Esposa 2 (f67): ...Na verdade, talvez nem fosse tanto a questão do sexo em si (...). Talvez fosse mesmo a necessidade de um contato físico, que existe num casal normal, vamos dizer assim, que não seja pela Internet. (...).

Estamos observando que na construção de um vínculo amoroso, o homem está revelando maior fomentação de fantasias sexuais, enquanto a

mulher fala da união, da proximidade física, da necessidade de conhecer melhor.

Rojas (1994) afirma que a máquina pode funcionar como produtora de objetos de satisfação auto-erótica com poder de alimentar a ilusão de um objeto sempre presente, o que permitiria prescindir do outro real, sem as dificuldades vindas da complexidade das relações interpessoais. Por estas entrevistas, podemos observar que, no mínimo, há exceções para este fenômeno, onde a ausência física caracteriza uma incompletude.

Marido 2 (f75): ...Realmente foi uma batalha muito grande, sabe? Mas é por isso, acho que nós fomos provados de uma maneira bastante intensa, sabe? Porque, veja bem, imagina um rapaz que passou por todo esse processo de se acostumar com esses relacionamentos rápidos, conhece uma, descarta, pega outra, descarta, pega outra...

Marido 2 (f78): ...A Débora casou virgem, né. Pra mim foi uma luta muito grande, sabe? Era algo que vinha contra o que eu tinha me acostumado. Então, tudo isso aí levava a brigas, essa distância toda, conflito de opiniões. Paralelamente a isso, a busca por um emprego, estabilidade, mudança de cidade. Foi uma época bem tumultuada (...). Esse sofrimento que nós passamos juntos provou nossa união, mas também mostrou pra nós mesmos que nós temos condições de juntos enfrentar outras dificuldades até piores, que vierem pela frente, filhos... saúde... coisas assim. Então, assim, a gente sente mais confiança de que vai dar pra gente continuar juntos até que a morte nos separe.

Estes fragmentos retomam diferenças de gêneros. Enquanto o homem se mostra mais impulsivo, atuando na direção do encontro mais embasado no processo primário, a mulher assume uma conduta mais conservadora e demonstra atitudes mais embasadas no processo secundário.

O marido (2) também descreve as experiências que irão sustentar o vínculo presencial, com as vicissitudes implicadas na realidade *off-line*.

Esposa 2 (f75): Em alguns aspectos talvez a gente se conhecesse mais que muitos casais que às vezes eram até casados já há anos.

Esposa 2 (f77): Porque, assim, outros casais que tem um convívio ali físico mesmo, tem outras coisas pra fazer, vão... estão se beijando... e a gente não tinha outra coisa; pra gente estar junto a gente tinha que estar conversando. Então, acho que isso acabou trazendo um conhecimento muito maior. Porque às vezes alguns casais acabam baseando o relacionamento numa coisa física apenas, e acaba esquecendo que você

tem que conhecer a pessoa, então passaram cinco anos juntos e praticamente não se conhecem. Como a única coisa que a gente tinha pra fazer pra gente estar juntos, a gente tinha que conversar. Não tinha como ficar os dois parados no MSN.

Estamos observando que a realização de um vínculo não garante sua continuidade. A experiência do diálogo deve permanecer na relação face a face. O romance virtual deste casal foi todo sustentado pelo diálogo, confirmando a importância deste para o amadurecimento de um relacionamento, ainda que enfrentando uma série de mal-entendidos.

Marido 2 (f85): ...Antes de eu saber que eu ia mudar pra Maringá (...), eu já tinha certeza quanto a Débora ser a mulher certa pra mim. Eu não sabia se nós íamos dar certo pela questão geográfica. Se não fosse morar lá, não ia dar certo.

Não é possível se ter certeza de que algo será bem sucedido enquanto ainda não vivenciado. Sob o discurso manifesto de convicção de ter encontrado a esposa (2) certa, há uma idealização latente, com propósito de favorecer a transposição da condição virtual para o relacionamento face a face.

Esta fala também retoma a percepção de que um vínculo amoroso pode nascer numa relação *on-line*, mas sua sustentação dependerá da introdução da realidade *off-line*.

Esposa 2 (f82): Nessa época já não era aquela coisa fria que ele tinha... de longe, então tchau, não quero saber. Já virou, assim, uma questão de sofrimento dos dois. E se a gente não conseguir morar na mesma cidade, como que a gente vai fazer?

Esposa 2 (f83): ...Aí a gente entrou num problema, assim, de casais normais. A gente saiu daquela coisa do nosso problema ser a distância, ser ficar só na Internet, pra gente entrar em coisas que são mais comuns de outros casais. Porque daí ele tava passando por muitas mudanças, mudança de cidade, sair do doutorado pra entrar mesmo na vida profissional.

Este fragmento evidencia a perda do caráter de virtualidade do vínculo, que se integra à realidade e às vicissitudes que esta oferece.

Marido 2 (f86): ...Antes do Carnaval ainda tinha aquela dúvida. Será que vai sumir, tal... Mas no Carnaval, como não deu certo minha ida pra lá, eu sofri tanto por não ter ido, sabe? Naquela ocasião percebi, realmente não era mais paixão, já era amor mesmo.

Por este fragmento, podemos perceber que abandonar um estado de ilusão pode significar um sofrimento psíquico.

Esposa 2 (f88): E se a gente não casasse, a gente iria voltar ao mesmo problema do início porque, os meus pais, eles iam ficar morando em Maringá até o final de 2006. (...) Eu, como eu não tinha ainda estabilidade financeira, e não queria que ele arcasse comigo sem a gente ter um compromisso, um casamento, falei “o que vai acontecer? Vamos ter que fazer o caminho inverso, (...) vamos voltar naquela vida de novo”, aí bateu um desespero (ri). Não que a gente tenha tomado decisão de casar só por causa disso. (...) ...a gente ficou naquele pavor. “Se os meus pais se mudarem (...), ter que voltar pra Internet... não sei o quê, já se conhecendo, mas ter que voltar a depender da Internet pra manter contato”. (...) Mas acho que essa vivência de Internet, que já foi um início sofrido, é o que tenha dado forças pra gente. Então, acho que nesse sentido a Internet teve uma importância, não só pra gente se conhecer, mas pra gente criar uma base sólida pro nosso relacionamento.

Esta fala denota a realização do vínculo cuja base foi construída no relacionamento virtual, mas cuja sustentação necessita do relacionamento face a face, como já observamos a partir de fala anterior do marido (2), de modo que o casal compartilha da suposição de que um retorno ao relacionamento virtual, após já ter rompido com este caráter, teria o sentido de uma experiência não sustentável.

Marido 2 (f94): ...O que eu achei, assim, bastante interessante com a Débora foi a disponibilidade que ela teve de me acompanhar, de Maringá pra Tatuí, de Tatuí pra Campinas (...), ela nem começou a montar o negócio dela, que ela planejava. Ela percebia a possibilidade de sair. (...). ...O homem, ele precisa dessa segurança. Nenhum homem quer ficar mudando de cidade toda hora, mas é uma possibilidade, sempre há o risco, ou o perigo de ter que se mudar. A incerteza de contar com a companhia da esposa numa mudança de cidade é algo terrível. De repente... tem mulher que prefere o divórcio. Esse é o medo. Então, a Débora já provou que... espero que não, mas caso a gente tenha que sair de Campinas, ela estará lá comigo. Isso é bem reconfortante.

As primeiras experiências com as vicissitudes da realidade são geradoras de angústia, dado o enfrentamento do desconhecido, das incertezas em torno da vida profissional e de vários outros aspectos relacionados a uma vivência conjugal. Emerge uma necessidade semelhante à do bebê que, ao nascer, precisa de uma mãe para minimizar sua angústia. O marido (2) atualiza

no aqui e agora a primeira fantasia de separação do corpo materno. A Esposa, neste sentido, representa tanto a companheira que é, quanto a mãe que emocionalmente o protege.

Esta necessidade de disponibilidade, bem como a disposição da esposa (2) para atendê-la, sugere também uma vivência de acordo com a modalidade de vínculo onde predominam fantasias e emoções relacionadas com o medo de ficar isolado diante da ameaça de separação, ou do medo da perda do outro, denominada por Puget e Berenstein (1993) de *vínculo narcisista dual*.

Para fim de complementação, o casal foi questionado novamente sobre o namoro virtual, sobre o qual referem:

Esposa 2 (f92): ...Até mesmo quando a gente terminou a primeira vez... e a falta que fazia aquela pessoa! Podia conversar com outros vinte amigos no MSN, entendeu? Sentia falta de conversar especificamente com ele, (...).

Marido 2 (f100): Eu lembro que a última vez, que eu que terminei, aí eu fiquei doente. Passei muito mal, lembra? Aí eu liguei pra você quase sem voz, lembra?

Esposa 2 (f99): ...O máximo que a gente ficou sem se falar durante esses tempos, foi coisa de três dias...

Estamos observando que a incompletude do vínculo virtual gera a necessidade de um contato ininterrupto.

Estes fragmentos também sugerem a formação do “Pressuposto Básico da Dependência”, com referência aos pressupostos propostos por Bion (1961), quando os membros do grupo dependem de um líder, ou daquilo que se aplica a este casal: de sua própria história para se sentirem seguros.

Esposa 2 (f100): ...Um outro motivo que a gente também brigava (...) era por essa necessidade de se encontrar (...) Ele falava assim “por que sempre eu que tenho que ir pra Maringá e você nunca vir pra cá?”. E eu tentando explicar, falando, assim: “Meu pai é uma pessoa mais conservadora, ele não acha legal ficar indo aí na sua casa sozinha, não sei o quê...”. (...) A gente falava: “Se a gente ficasse cinco minutos juntos, equivaleria... saciava o estar juntos de uma conversa de duas horas no MSN”.

Para a aproximação deste casal, a mulher tinha uma dificuldade maior de locomoção. A dificuldade da mulher vai além do aspecto econômico; ela

sofre também as restrições culturais, através da qual ela é mais reprimida no sentido da realização de seus desejos sexuais.

A incompreensão do marido (2) para com as dificuldades da esposa (2) o denota novamente atuando sob processo primário.

Marido 2 (f106): O que era engraçado é, quanto tinha briga, principalmente quando eram brigas da Débora, você lembra? (Esposa ri). O texto assim, várias linhas você escrevia, eu, duas palavrinhas: "Pois é!"

Este fragmento ilustra as conseqüências de diferença de atuação entre os processos primário e secundário. Este último, embasado no pensamento e em dados de realidade, favorece a elaboração que o princípio do prazer não favorece.

Sobre a experiência de terem construído um vínculo a partir da Internet, referem:

Marido 2 (f112): ...Homem que é homem, chega junto lá, conquista a menina ali com olhar, e pronto! (...) Eu tive já esse pensamento (...).

Esposa 2 (f111): Tudo que é novo é complicado (...) ...o que será que vai passar na cabeça dos nossos filhos? Como é que pessoas do convívio dele, os amigos, que os pais se conheceram de uma forma normal, vão lidar com isso? (...).

Marido 2 (f114): ...Se meu filho tiver alguma dificuldade pra se aproximar das meninas (...) tenho essa preocupação de meu filho achar que "meu pai não é competente nessa área. Não pode ajudar, tem que pedir ajuda pro outro cara aí, tal, o pai é um fracassado nessa área..."

A esposa (2) fala do preconceito com relação aos relacionamentos virtuais, enquanto o marido (2) se reconhece como uma pessoa com dificuldade para escolha. Desta vez ele não projeta, nem racionaliza sua dificuldade, o que sugere um fortalecimento egóico.

O clima emocional vincular predominante na sessão é de entusiasmo. Pensamos que este clima se estabeleceu entre eles devido à superação do desafio, produzindo algo novo proveniente do vínculo.

4.3. Análise e Discussão: Casal 3¹

A esposa (3) inicia referindo o que a teria levado a buscar um contato virtual:

Esposa 3 (f1): (...). ...Meu interesse era só de amizade (...). Até porque, na época, eu tinha um namorado de três anos e... Acho que era três anos e pouco... Então eu queria uma pessoa só pra conversar, pra me explicar, porque as pessoas que eu tava esperando pra conversar não apareciam. Eu queria aprender a mexer no software. Aí ele tava on-line.

Marido 3 (f2): Trabalhava on-line.

Podemos assinalar um discurso manifesto por parte da esposa (3) de que uma expectativa despreziosa de relacionamento a teria levado à Internet. Trata-se também de uma fala que ilustra o aspecto de que nem todos os romances originados no espaço virtual nasceram de um plano de encontrar um parceiro. A partir de motivações diversas, as pessoas podem se encontrar no ciberespaço e desenvolver um relacionamento muitas vezes por consequência de um encontro, e não por consequência de uma busca conscientemente determinada.

Esposa 3 (f3): ...O que me chamou atenção nele, assim, porque tinha gente que eu procurava, e as pessoas começavam a paquerar: "Ah! Mas como que tu é? Qual tua altura?". Aquelas coisas de ficar perguntando do teu físico, né? E geralmente as pessoas que me perguntavam do meu físico eram pessoas que eu conversava o início, e cortava. Teve outras pessoas que eu conversei assim, mas não cheguei a dar continuidade porque as pessoas tinham interesse em... Um relacionamento, assim, que não era amizade.

A esposa (3) revela sua experiência subjetiva de que os homens privilegiam a aparência física, um fenômeno comum nestas entrevistas, e aproveita a ausência desta no ciberespaço para garantir que a conquista se realizasse pelos aspectos psicológicos.

1. Esta entrevista foi realizada por videoconferência, através do programa de interação virtual skype, conforme referido no capítulo do Método.

Esposa 3 (f3): ...Daí, depois de uns dois meses, com a Internet em casa, aí a gente começou a falar durante a madrugada, porque eu conectava sempre depois da meia noite pra poder falar bastante.

Marido 3 (f4): Porque era mais barato.

Se estivéssemos analisando o relacionamento de um casal de adolescentes, teríamos a pesquisa de Dornelles (2004) para sustentar que o horário de acesso à Internet teria uma relação entre o estilo de vida do indivíduo com o tipo de conexão por ele utilizada, como observa o referido autor em relação ao comportamento do adolescente. Para a conexão discada, as empresas de telefonia costumam oferecer descontos no valor da chamada durante a noite, e mais ainda de madrugada. Esta é uma explicação lógica para esta escolha. Porém, o casal em questão, pessoas adultas, com tarefas a cumprir pelo dia, substituem parte das únicas horas que teriam de sono por horas de conexão. Ainda que tenham valorizado o fator economia, parece razoável pensar que não o aproveitariam se não houvesse uma significativa motivação emocional, onde já poderia estar implícito o desejo de uma relação mais sexualizada se levarmos em consideração que as madrugadas costumam ser reservadas para a intimidade. Atuam sob o princípio do prazer, quando o espaço do pensamento é ocupado pela emoção. Levis (2007) afirma que dentre as motivações para os relacionamentos virtuais “alguns o fazem para divertir-se; outros, necessitados de afeto e companhia, aspiram encontrar amor sob qualquer de seus disfarces” (p. 2). Não temos dados para dizer se por trás da intenção despreziosa do início já havia um desejo latente por afeto. De qualquer maneira, um prazer já se anuncia nesta relação.

Marido 3 (f9): ...Aí... Então que acontece, eu tinha namorada, ela tinha namorado, né, então acabou focando nossa conversa numa amizade mesmo. E isso facilitou bastante, porque, talvez por isso não tenha ficado aquela conversa chata de... Como é que você é? Características físicas...

Esta fala sugere uma triangularidade a nível fantasmático. Ambos se introduziram como terceiros ante dois relacionamentos do mundo físico. O discurso de que se trataria de uma relação de amizade pode ter o significado de uma distorção defensiva do desejo de uma relação mais sexualizada.

Marido 3 (f10): E nossos papos começaram a ficar muito densos... Chegava quase a ser uma terapia em grupo, porque a gente ficava falando coisas dos nossos relacionamentos um pro outro. Ela falava dos problemas dela, eu falava dos meus, e tal... Aí acabava falando sobre problemas familiares. (...).

Marido 3 (f11): (...) Então ficava como numa terapia... E era engraçado, pelo menos pra mim, era que sempre que eu tinha algum problema na minha vida, assim, eu ficava esperando dar meia noite porque eu sabia que com a Renata (esposa) poderia me abrir e receber uma... Ter uma opinião... Uma... Era meio aflição de ambas as partes.

Nestas falas, podemos observar o fenômeno da escolha de um objeto para depositar as intimidades. Aquele que seria um terceiro na triangularidade, deixa de ser terceiro e é colocado em primeiro lugar. Os relacionamentos do mundo físico, que talvez estivessem carentes de significados, parecem ter perdido força para o relacionamento virtual.

Esposa 3 (f11): É até assim, por um lado, eu só tenho irmãs, e ele só tem irmãos. Então, eu sempre tinha vontade de ter um irmão pra perguntar aquelas coisas que a gente tem vontade de perguntar, mas não é pra um amigo que pergunta, não é pra um primo, porque é um segredo. Seria pra um irmão mesmo, pra te dar dicas como é que faz com outros homens... coisa e tal. (...) Então, era muito mais fácil com ele, que não tinha contato com nenhuma das pessoas do meu círculo vicioso, pra me dar opinião, de não conhecer o outro lado, do que se fosse uma pessoa que me conhecesse fosse me dar opinião.

Parece-nos que ao atribuir o lugar de irmão ao marido (3), a esposa (3) estaria, sob formação reativa, isolando a sensualidade da relação. Desta forma, ela transforma a relação num vínculo fraterno, onde não há espaço para o sexo.

Complementando a observação de Romão-Dias e Romão-Dias (2007) de que o anonimato pode favorecer a espontaneidade, compreendemos que sob exposição da identidade ela também pode ser propiciada, quando o outro está tão distante de si quanto da própria rede de relacionamento. O julgamento alheio parece, assim, tornar-se menos ameaçador. Ou, como vimos na análise anterior, sob a interface do computador a repressão revela-se abrandada.

Marido 3 (f12): ...Quando ela não podia me atender ou não aparecia naquela madrugada, era um desespero assim.

Esposa 3 (f12): É, ficava naquela ansiedade, esperando o outro.

Marido 3 (f13): Aí, tipo assim, a gente se encontrava no dia seguinte como se fosse um casal de namorados se cobrando (ambos rindo).(…).

Estas falas reforçam a idéia da presença de um desejo que não seria, na verdade, por um vínculo de amigos, o qual suportaria o reconhecimento de zonas não-compartilhadas, sem transformar-se em conflito, bem como se estruturaria com a conservação de um espaço-tempo do encontro não-cotidiano (Puget e Berenstein, 1993).

Origina-se um apego, vínculo que se caracteriza por esforços por manter o contato, por um sentimento de prazer na relação e por significativa ansiedade ante a separação, e que, como refere Espina (1995), se distingue por três componentes: a conduta de apego, um modelo mental da relação e um sentimento de desolação ante a perda. A conduta de apego se revela na dedicação das madrugadas à conexão; o modelo mental caracterizou-se pela idéia de poderem contar com o outro para a resolução dos conflitos, e o sentimento de desolação ante a perda se anuncia na ansiedade que se revela na noite em que o encontro virtual não acontece.

Podemos supor que esse apego num relacionamento virtual pode ter se sustentado por um afastamento da libido do mundo externo para dirigir-se ao próprio ego, movimento que caracteriza o narcisismo secundário. Neste sentido, o amor que se anuncia se mostra coerente com o pensamento de Freud (1915/1996) de que amamos a quem satisfaz nossas necessidades, proporciona prazer ao ego, ressignificando experiências de satisfações narcísicas.

Esposa 3 (f14): Daí, quando chegou em janeiro de 2001, eu cheguei a vir ao Rio duas vezes, mas tentei marcar com ele e não consegui conhecer ele.

Marido 3 (f15): Porque, na verdade, ela vinha durante a semana, num congresso. E ela ficava no Rio, e eu moro em Niterói, do outro lado da ponte. Então, era complicado porque ela vinha durante a semana e chegava no final, já ia embora. Durante a semana, é difícil de eu ir pro Rio. Era complicado sair daqui pra ir pra lá pro Rio. Eu saía tarde do trabalho, tal. Aí quando a gente via, chegava o final de semana já tinha

que ir embora. Aí era mais uma oportunidade que se passava da gente se encontrar. Isso rolou quase mais um ano depois...

Não temos os possíveis dados de realidade que estariam impedindo a esposa (3) de estender sua estada na cidade até o final de semana, quando ela e o marido (3) poderiam, então, se encontrar. Quanto ao marido (3), vejamos as seguintes falas:

Esposa 3 (f16): Aí eu me formei, minha formatura foi em dezembro de 2001...

Esposa 3 (f17): ...Mandei convite pra ele ir pra minha formatura. (...).

Marido 3 (f17): ...Só que era meio utópico, né, porque era longe, tal, e... 2000 km, tal. Aí eu falei: “Não vai dar e vai ser meio complicado”, tava trabalhando, tal, até que passada já a formatura dela, assim, passados alguns dias, o meu vizinho aqui de porta aqui em Niterói, chega pra mim e fala assim: “Felipe (marido), passei num concurso público, e vou morar em Bajé, no Rio Grande do Sul”, e Bagé fica do lado de Santa Maria...

Esposa 3 (f18): Não, três horas...

Marido 3 (f18): É, três horas de Santa Maria. Aí eu falei: “Pô! Tem uma amiga minha que mora em Santa Maria. Pode até ser uma oportunidade de se conhecer, né? (...). Ele comprou um carro sem saber dirigir, contando que eu ia dirigir o carro dele. Aí calhou de eu estar tirando férias. (...). Eu topei a aventura e saí daqui no dia 25 de dezembro de 2001, e a gente foi de carro até lá. Só que no meio do caminho a gente se perdeu (ri), e acabou não passando em Santa Maria. A gente foi parar em Bajé por Pelotas. Seguimos um outro caminho.

Esposa 3 (f19): (Rindo). Mas o pior é que ele não levou meu endereço, não levou meu telefone, tava tudo anotado no computador, no trabalho dele. Nem que ele quisesse, ele ia conseguir me encontrar.

Se considerarmos que o encontro face a face de pessoas que até então se relacionavam somente pela Internet tem o significado de romper com o caráter virtual do relacionamento, onde a fantasia mostra-se privilegiada, um medo de frustração torna-se compreensivo. O fato do marido (3) não levar endereço e telefone, e sequer conseguir chegar à cidade da esposa (3), sugere uma formação reativa, que poderia ser justificada pelo medo da realidade ante a fantasia. Não sabemos se, neste momento relatado, eles mantinham ainda seus namoros reais, como referidos no início, o que nos levaria a supor uma

fantasia de um vínculo de amantes, onde o encontro teria a função de concretizá-lo, e por isso evitá-lo, sob esta hipótese.

Esposa 3 (f20): Aí em janeiro de 2002, aí eu vim novamente. Eu tava fazendo um curso em São Paulo, aí eu vim dois finais de semana pra cá. (...). Aí eu marquei com ele, ele foi lá no Rio me buscar pra gente sair. Só que eu não falei nada pra minha mãe, falei só pra minha amiga, que eu tava saindo com um cara da Internet. E, pra mim, encontrar uma pessoa da Internet, pra minha criação, e pelos meus costumes, era uma coisa... muito absurda, assim, que jamais passaria pela minha cabeça conhecer uma pessoa que eu tinha conhecido pela Internet. Mas eu confiava tanto nele, e tudo que ele me passava parecia ser tão verdadeiro, que eu tinha medo de chegar e não ser aquilo. Porque, assim, a nossa construção familiar é muito parecida, os nossos valores... família, princípios, tudo assim, é muito parecido, que é uma das coisas, assim, que nos uniu muito, né?

Esta fala revela a presença de uma rigidez superegóica para a esposa (3). É a transferência positiva ao marido (3) que permite a aproximação. Embora distantes geograficamente, sentiam-se próximos psicologicamente. Essas semelhanças favorecem o “momento fantasmático” (Kaës, 1997), onde são externalizados grupos internos para destinar a si e ao outro um lugar determinado. Emerge o paradoxo observado por Ben-Ze’ev (2004) a respeito dos relacionamentos virtuais: o outro é um desconhecido, porém não é um estranho. Para evitar a angústia que a situação paradoxal poderia despertar, a esposa (3) idealiza o marido (3).

Esposa 3 (f21): ...Aí, eu saí com ele, a gente veio pra Niterói, (...). Aí, quando a gente chegou, a gente tava na praia, a gente se olhou e disse um pro outro assim: “Parece que a gente se conhece, assim, há muitos e muitos anos!”. Parecia que a gente era amigo, assim, desde a infância. A gente conversava como se fazia anos que estivéssemos juntos.

Estamos observando que no relacionamento virtual o casal pôde entrar em contato com aspectos da personalidade do outro, o que favoreceu essa experiência de reconhecimento neste primeiro encontro.

Marido 3 (f23) É... Aí, o que aconteceu? (...). ...Na hora que tava pensando em ir embora que eu senti... que, assim, que eu tava gostando dela. Senti uma coisa assim... diferente. Percebi que não era só amizade, assim. Que aquilo tinha sido muito bom,

sabe? E, você tendo a sensação de que tava acabando, né... Aí eu teria que voltar pra Niterói. Falei: “É o seguinte, eu vou assistir o filme com vocês também”. Aí acabei ficando em Copacabana até tarde lá, pra poder ficar um pouco mais junto dela. Aí acabou, na hora de ir embora, assim, a gente voltou pra casa da amiga dela, aí ouvi a amiga dela falar assim: (...) “Ah, e aquele fulano lá do congresso, ele não te chamou pra jantar, não?”. Aí eu vi que a Renata ficou meio sem graça, aí falei: “Ih! Tem boi na linha!”. (Ambos riem). Falei: “Tem alguma coisa aí nesse angú! Não vou mexer nisso, até pra não me machucar, né?”. Aí deixei quieto e fui embora. Peguei a ponte, fui embora, mas voltei, assim, meio... encucado, assim. (...).

Era como se o marido (3) estivesse vivendo um sonho. A entrada de um aspecto de realidade não desejável (ela poderia envolver-se com outra pessoa) ameaça a ilusão de que ele poderia ter o significado de objeto único. O sonho é ameaçado.

Esposa 3 (f29): Aí ficou um tempão, a gente não se viu mais. (...) A gente ficava falando piadinha... Na época eu não tava ficando com ninguém, nem ele. Teve vários rolos, ele contava os rolos... Eu orientava: “Ah, se fosse comigo, eu fazia assim...”. Aí em julho de 2003...

Marido 3 (f30): Aí, o que aconteceu? Ela veio pra esse congresso. Aí ela me ligou, eu tava no trabalho, ela falou assim: “Ah, Felipe, estou aqui no Rio. Vamos se encontrar? Vamos sair pra jantar”. Falei: “Beleza!”. Aí ela virou pra mim, falou assim: “Ah, Felipe, trás um amigo seu, você me apresenta ele que eu te apresento umas amigas minhas”. (...).

Marido 3 (f31): ...Aí falei: “Beleza!”. Chamei um amigo meu, só que ele furou. Acabei chamando meu irmão. Aí a gente foi se encontrar lá no Rio. Chegamos na boate. Na hora que eu tava apresentando meu irmão pra ela, senti, assim, que não queria apresentar ninguém pra ela. E ficou uma sensação assim... E ela não queria apresentar a amiga dela também...

Estamos percebendo a aproximação do casal com o desejo até então reprimido neste novo encontro face a face. Neste momento, a esposa (3) deixa de atribuir ao marido (3) o lugar de irmão, observado no início do relacionamento.

Esposa 3 (f34): ...Aí a gente ficou, assim, conversando, conversando. Eles nos olhavam, a gente só enxergava, assim, um ao outro... (ri).

Esta fala sugere uma paralisação em função do medo da perda. Conversar ininterruptamente impede a entrada de terceiros. É interessante lembrar que eles mesmos começaram o relacionamento como terceiros, o que poderia incrementar o significado de ameaça de outro terceiro. Podemos perceber a realização de um “acordo inconsciente”, conforme fenômeno observado por Puget e Berenstein (1993) a respeito das relações intersubjetivas. Aqui, o acordo é o de não permitir a entrada do terceiro.

Marido 3 (f36): ...A gente ficou conversando a madrugada toda. Música rolando, e a gente só conversando, conversando, conversando... tal. Aí chegou no meio da boate, aí resolvi me declarar (ri). Só que aconteceu o seguinte: tava conversando pra caramba, tal, aí eu falei pra ela assim... E ela falava muito que gostava muito da minha amizade, não sei o quê, que a gente era muito amigo... Aquela história toda. Aí eu cortei ela assim: “Pô, Renata, acho que a amizade ta se transformando em outra coisa”. Ela: “Ah, mas por que??”. Falei: “Porque estou com vontade de te dar um beijo”. (ri). Aí, ela: “Que isso?? Não sei o quê...”.

Esposa 3 (f38): (Rindo). Ta confundindo...

Marido 3 (f37): ...Na hora que ela falou isso, senti medo de perder a amizade dela, entendeu? A gente sempre teve muito medo de perder a amizade um do outro. Então, na hora que ela começou a falar aquilo, aí comecei a pensar: “Ih, cara, eu acho que estou confundindo as coisas...”. E eu fui tirando o time de campo, e pensando muito na amizade. Aí acabou que não rolou nada.

Com medo de perder a amizade, de perder o vínculo com a esposa (3), o marido (3) novamente reprime seu desejo.

Esposa 3 (f40): É, mas eu falei, assim, pra ele “não” porque eu pensava assim “se eu ficar com ele agora...”, como eu morava longe, “não sei quando é que vou voltar pra ver ele”. Mesmo ele sendo meu amigo, não tinha certeza se ele iria pra lá, como ele nunca tinha ido..., se ele iria lá pra me ver. Então, fiquei naquele receio. (...).

Esposa 3 (f41): Eu tava com vontade, mas eu tinha medo porque eu... Pra mim, se fosse pra ter alguma coisa, teria que ter continuidade, não era uma coisa “ah, vou dar um beijo, vou ficar, e depois vai esfriar, nem falar mais com ele”. Daí eu não queria.

A esposa (3) anuncia a perspectiva de um relacionamento estável, e teme que este não se realize dada a distância geográfica. A existência de

fatores objetivos que pudessem dificultar a manutenção da proximidade do relacionamento conferiria dados de realidade na sustentação deste discurso que, por outro lado, poderíamos supor reservar uma defesa com fim de preservação do objeto idealizado, tal como observamos através do comportamento do marido (3). Outra fala, adiante, irá esclarecer este aspecto.

Marido 3 (f41): ...E quando a gente se encontrava on-line, essa conversa sempre surgia. Aí eu falava: “Ah, Renata, eu acho que a gente devia ter se beijado...”. Ela falava: “Ah, você tinha que ter me beijado à força, não devia ter perguntado...”. Aí eu ficava com aquela coisa na cabeça, martelando, martelando, martelando... Aí até que passaramos mais uns seis meses, né?

Esta fala nos permite observar a habilitação que a condição virtual oferece. Como diz Terzis et al. (1999), a mesma tela que cumpre a função de mediadora pode cumprir a função de protetora. A rigidez superegóica da esposa (3) não lhe permitiu que aceitasse o beijo na condição face a face, mas o aceita, e ainda o cobra, sob a mediação da Internet.

Esposa 3 (f42): Daí, depois de seis meses eu vim pra outro curso... (...).

Esposa 3 (f43): ...Aí eu fiquei um mês inteirinho aqui. “Bom, agora, se for pra acontecer alguma coisa, vai ser agora quando eu chegar. Se não acontecer, porque não é pra acontecer”. Aí eu vim... (rindo) cheia da intenção, aí eu cheguei, tal. No dia que eu cheguei, tinha umas amigas que trouxeram a bagagem pra mim. Aí ele foi me buscar e a gente passou o dia inteiro juntos. Nos encontramos, tal, aí a gente ficou de marcar de sair. Ele disse que queria que eu visse a banda dele tocar. Que daí eu vinha pra cá, tal. Aí pensei: “Esse guri tem que ter uma namorada e não quer me contar”, porque falou do show, e o cara não se manifestava. Pensei: “Ele deve ter uma namorada e quer manter as duas”. Pra mim, não queria tirar o time de campo, e pra outra não queria também dizer que tinha uma amiga, que ia levar a amiga pra sair, mas não tinha namorada nenhuma.

Esta fala localiza o momento em que o estado de ilusão começa a dividir espaço com as possibilidades da realidade, a qual desperta dúvidas e ansiedade.

Marido 3 (f44): Porque aconteceu o seguinte, a gente acabou ficando meio desencontrado. Eu tava meio que naquela... “Ah! Será que vale a pena investir de

novos? Ela reagiu daquele jeito na boate. Não sei se vale...". Ficava com aquela coisa matutando na cabeça. E nesse meio tempo, eu tava com alguns problemas na minha família. Toda vez que a gente podia combinar alguma coisa, de final de semana, surgia um problema na minha família, eu acabava ficando sem cabeça e falava: "Ah, Renata, no momento não estou legal pra te encontrar, tal, vamos deixar pro próximo final de semana".

Podemos perceber que após a introdução da realidade *off-line*, surgem novos empecilhos para novo encontro. Ainda que os problemas familiares fossem reais, parecem ter o significado de uma justificativa complementar do marido (3) para não confirmar o encontro.

E ainda que a esposa (3) tenha revelado a reciprocidade do desejo ao cobrar o beijo no contato virtual, o fez protegida pela máquina. Esta condição sugere que, para o marido (3), havia a necessidade de confirmação no encontro presencial.

Marido 3 (f45): ...E ela acabou ficando com um amigo da amiga dela, né?

Esposa 3 (f46): ...Nessa época eu não estava trabalhando. Então, eu estava sem emprego, só estava estudando. Então, não estava com dinheiro pra viajar, e pra manter um relacionamento distante, só pela internet, não dava segurança. E o outro cara, eu não tinha nenhum sentimento que não fosse passageiro. E com ele (Marido), era diferente... Se eu fosse ficar com ele, ia ser diferente. (...).

Aqui, temos a confirmação da existência de dados da realidade que sustentaram a recusa da esposa (3) de envolver-se logo com o marido (3) num relacionamento amoroso, o qual ela não queria viver à distância.

Marido 3 (f47): ...Aí, nesse meio tempo, quando eu vi que ela tinha vindo, não tinha acontecido nada, comecei a namorar outra menina. Aí a gente ficou mais ou menos de janeiro até abril, maio, mais ou menos assim... Sem... A gente conversava muito pouco.

Por esta fala, verificamos mais uma vez a falta do gesto de aceitação por parte da mulher fazendo o homem recuar.

Esposa 3 (f48): Quando ele tava com essa namorada, eu sentia falta dele pra conversar. Aí ele sumia, no domingo, que era o dia da gente conversar, chegava tarde, aí a gente conversava muito pouco. Aí eu sentia falta daquele bate-papo, né...

Esposa 3 (f49): ...Eu também tive vários namorados. Namoro, não... Ficava. Pensava que era namoro; quando via, era uma decepção. Aí eu dizia pra ele assim: "Ah, achei o meu marido!" (Ri).

Marido 3 (f49): É... (rindo sem graça).

Marido 3 (f50): ...Aí quando chegava à noite, ela: "Felipe, terminei com o...". Eu falava: "Ah, que pena!". Mas no fundo... Aí eu ficava meio assim... Aí acabou que ela tava pra vim em julho, só que nessa época eu já tava solteiro, e tava indo em muitos aniversários, festas, com meus amigos. Aí aconteceu que ela viu uma foto minha na Internet, eu abraçado com duas amigas. (...).

Esposa 3 (f53): E dizia que eu era a melhor amiga dele! Falei: "Como?". Daí mandei uma mensagem pelo celular.

Marido 3 (f53): ...Já era uma hora da manhã, mais ou menos, aí eu recebi uma mensagem no meu celular, assim: "Como você fala que...".

Marido 3 (f54): "... Sou sua melhor amiga, sendo que tem duas meninas abraçadas com você no Orkut, e você dizendo que são grandes amigas suas? E não tem nenhuma foto minha com você no Orkut!". Aí ela falou alguma coisa assim: "Pense nisso...", não sei o quê... "Gosto muito de você", tal. Aí eu fui dormir com aquilo encucado. Falei: "Pô! Será que a Renata ficou com ciúme das amigas?". Aquilo... a madrugada inteira fiquei pensando naquilo. Falei: "Caramba...". Fiquei perturbado. Ela nunca tinha mandado recado pelo celular, ainda mais uma hora da manhã.

Ambos tentavam reprimir seus sentimentos. Quando a esposa (3) vê a foto do marido (3) com as amigas, ela revive o conflito edípico. A angústia que ela experimenta provoca uma reação impulsiva e, imediatamente, ela envia a mensagem onde revela sua impressão de ter sido preterida.

Marido 3 (f56): ...Aí ela me ligou, assim, ela falou: "Ah, Felipe, estou no Rio de novo". Aí eu falei: "Pô! Agora, não pode deixar passar essa oportunidade, vamos resolver isso". E eu queria resolver aquilo de uma maneira assim, ou a Renata vai ser minha eterna amiga, porque eu queria entender aquele sentimento, (...). Eu não sabia mais se era amizade ou se era amor, o que era. Aí, o que aconteceu? Ela me ligou, falei: "vamos jantar". Imaginei um jantar romântico. (...). Falei: "Taí, vou levar a Renata pra jantar lá". Aí botei uma roupa legal, tal, peguei o carro e fui lá pro Rio encontrar com ela (...). ...Paro o carro na porta do prédio dela, esperando, todo perfumado. De repente, desce a Renata com mais três pessoas (ri).

Quando a esposa (3) dá sinais de seu interesse, o marido (3), que até então hesitou, permite-se aproximar. Isto, mais uma vez, como vimos nas análises anteriores, corrobora estudos citados por Weber (1998) de que o homem necessita de uma manifestação de interesse por parte da mulher para permitir-se atuar.

Marido 3 (f58): (...) Aí virou um bate-papo com vários amigos num bar.

Marido 3 (f58): E a maioria era homem sentado na mesa. Aí a Renata teve a feliz idéia de falar assim: “Ah, Felipe, estou cansada. Será que você não me leva em casa? (...) ...Acabamos deixando as meninas (...). ... Quando chegou no estacionamento, falei: “Ah, agora é a oportunidade!”. Finalmente a gente se beijou. (risos).

Esposa 3 (f60): Depois de cinco anos!

Marido 3 (f65): ... Aí foi num bar mais romântico, tal. Só que na hora de ir embora, assim, eu sabia que ela ia voltar pra cidade dela, eu já comecei a me preparar psicologicamente que aquilo, na verdade, terminaria ali. Eu comecei a ter essa sensação assim comigo, falei: Ah, eu acho que a gente finalmente se beijou, mas acho que vai acabar aqui...”. Eu já comecei a me preparar assim... (...).

O beijo marcou o início de um relacionamento mais sexualizado, mas, seguido a este, ainda persistia a insegurança, a angústia da perda.

Esposa 3 (f69): Voltei pra Santa Maria, aí falei pouquíssimas vezes com ele, mas não que eu não quisesse falar com ele, era que eu estava realmente numa época muito ocupada (...).

Esposa 3 (f71): ...Eu sabia que em breve eu viria, só não sabia se ele iria, né? Eu tava sempre naquela...

A dúvida, neste momento, diz respeito à continuidade do vínculo. Ocorrem desencontros reais e emocionais. A realidade da distância geográfica em contraste com a impossibilidade de, a esta altura, negar o desejo, faz a esposa (3), com medo, afastar-se.

Marido 3 (f70): ...Ela não respondia minhas mensagens por e-mail, pelo MSN. No trabalho, eu não conseguia falar com ela. Falei: “Bom, acho que a Renata não levou aquilo a sério, vamos esquecer aquele assunto”. (...).

Esposa 3 (f74): O problema é que na época, em agosto, era o prazo que fechava pra enviar trabalho. (...).

A esposa (3) apresenta um dado de realidade para não responder às mensagens do marido (3). Porém, não tê-lo avisado de que precisaria se ausentar, e ele não a ter procurado por outro canal, como por telefone, sugere um novo desencontro emocional. Quando ele se anima, é ela quem resiste. Revela-se uma ambivalência.

Marido 3 (f74): Aí... Resumindo, ela me mandou a mensagem, dizendo assim: “Oi, vou estar no Rio em setembro...”.

Marido 3 (f75): “Consegui férias”. Só que eu... Eu tava assim... Falei: “Agora??” (Esposa ri). Agora não quero mais! (ri). Você me ignorou um mês, não... Ela falou: “Você não ta feliz com essa notícia?”. Falei assim: “Sinceramente, Renata, eu tô confuso agora”. E eu tava confuso mesmo, falei: “Ah, pô, ela me ignorou praticamente um mês, depois da noite do beijo, e agora vai falar que vai passar um mês de férias no Rio?”

O afastamento e a repentina volta da esposa (3) fomentam imagens com conteúdo de desconfiança no marido (3).

Marido 3 (f77): “Não estou entendendo o que você quer. Você sumiu, e agora ta dizendo que vai passar as férias, tal”. Aí eu sei que a gente discutiu assim, pra caramba. Aí eu achei que até ela fosse desistir de vir pro Rio, né? Porque eu falava tudo aquilo pra ela, né? Só que ela não desistiu. Aí ela: “Ah, mas mesmo assim estou indo pra aí, e a gente se encontra. A gente se encontra e vamos ver o que vai acontecer”.

Marido 3 (f79): ...Aí acabou que a gente foi direto pro apartamento onde ela tinha alugado a casa. Aí falei: “Ah, Renata, dessa vez vou te levar pra conhecer a região dos lagos”. Aí acabou que...

Esposa 3 (f82): E eu tava com medo, porque eu não tinha tido nenhum relacionamento com ele, né? (...) Passou na minha cabeça, assim: como assim, ele vai me levar pra um motel, vai dormir junto comigo?? (Ri). (...). ...No apartamento ele podia dormir, tinha outro cômodo, não tinha problema, mas ir direto pra um hotel, não... não tava funcionando aquilo na minha cabeça.

Marido 3 (f80): ...Aí a gente acabou ficando no apartamento, desistimos de viajar.

Esposa 3 (f85): Eu fiquei com medo dele voltar, e atravessar toda a ponte sozinho. Na ida, ele meio que dormiu na ponte. Aí fiquei com medo, “depois acontece qualquer coisa e veio me trazer...” (...). Só que ele dormiu a semana inteira. (Risos).

Estamos observando mais uma vez revelar-se a força superegóica da esposa (3). Ela projeta no marido (3) que ele a veria como uma mulher vulgar, em função do aspecto pejorativo do motel. Para permitir que ele ficasse no apartamento, racionaliza.

Esposa 3 (f85): ...Aí a gente começou a namorar! (...). Daí eu só acreditei que o namoro ia pra frente quando ele chegou em Santa Maria (...).

Marido 3 (f99): ...Foi na época que a Gol tava querendo acabar com a Varig. (...). Aí a gente aproveitou pra viajar pra caramba. A gente viajava quase... todo mês, assim (...).

Marido 3 (f100): ...Um ano nessa ponte aérea.

Nesta etapa, o vínculo perde definitivamente o caráter da virtualidade.

Esposa 3 (f102): ...O que começou me desestimular no meu trabalho eram algumas coisas que eu não conseguia fazer por causa de algumas plataformas que tinha lá, pra desenvolver. (...). Comecei a conversar com o Felipe, dizendo: “Ah, eu queria que fosse assim, assim, assado”, que aí, a partir daí, eu ia desenvolver. Aí o Felipe começou a pesquisar algumas coisas aqui, e falou: “Ah, Renata, é legal você fazer um curso aqui, tem treinamento, não sei o quê... As oportunidades são melhores. Você vai ser bem mais valorizada aqui”. (...). ...Chegou no Natal, o meu chefe me deu a entender que era pra eu dormir lá, e adiar as férias pra dali a quinze dias. Aí eu disse assim... cheguei com a minha carta de demissão, que eu ia ficar mais três dias, e que eu tava indo embora. Aí eu vim embora...

Esposa 3 (f105): Fiz um curso aqui por quinze dias. Depois ele foi comigo, quinze dias. Aí voltou... Quando chegou o carnaval, eu vim pra ficar.

Marido 3 (f106): Aí ela veio com mala e cuia. (Risos). Aí a gente alugou esse apartamento, e estamos aqui. Basicamente isso...

Depois de um ano de relacionamento estável, sem os desencontros, e vivendo os sentimentos que estiveram por longo tempo reprimidos, a esposa (3) revela-se segura.

Esposa 3 (f106): A convivência, claro, tu desconhece. Isso é pra qualquer casal. Independentemente da Internet, quando tu vai morar junto, tu descobre outras qualidades, e alguns defeitos (ri). Mas nada assim... A gente não teve problema assim... Até hoje nunca teve... brigar, essas coisas assim. A gente é muito de conversar, a gente gosta de conversar sobre tudo. E o Felipe tem muito assim, tipo, quando discorda de alguma coisa, ele não dorme sem resolver. Tem que estar resolvido porque, se não, não consegue dormir. Daí, até digo pra ele às vezes... Eu deixei tudo, né? Deixei família, deixei tudo e vim pra cá, e às vezes eu tenho muito medo de sufocar ele (...). Mesmo que eu tenha um problema, alguma coisa que esteja me incomodando, sempre é pra ele que eu recorro.

Marido 3 (f108): De qualquer forma, a gente também conseguiu contornar esses problemas assim porque... Eu tenho uma banda, né.(...). A Renata sempre vai em todos os shows, e ela é fotógrafa. Então, ela é a fotógrafa oficial da banda, assim, né. Então, isso ajudou bastante a gente, porque os nossos finais de semana eram sempre em shows, sempre envolvidos com viagens, com ensaio da banda, tal. E isso sempre foi muito bacana. (...). ...A gente ta até brincando, que a gente vai fazer a lua de mel antes de casar (risos).

Estes fragmentos revelam a dinâmica do casal conjugal, onde o diálogo, que tanto exercitaram ao longo do relacionamento virtual, mostra-se preservado, e onde a realidade marca uma nova etapa de sonhos e realizações.

Marido 3 (f109): E é engraçado assim porque, a minha banda, apesar da gente estar junto... A banda existe há nove anos, e é um casamento de cinco pessoas mesmo, né? E às vezes muito conturbado. Então, eu me senti até mais confortável, assim, da Renata poder ir esse ano comigo, porque ano passado a gente viajou junto, cinco só. Não foram as namoradas e esposas, foi só a banda. E, na verdade, falei pra Renata que senti muita dificuldade, porque eu sempre fui muito acostumado de viajar com a Renata, né? E a gente viajando junto é uma diversão, assim, porque a gente gosta das mesmas coisas. A gente é muito aventureiro, assim.

Esta fala confirma a identificação e o fortalecimento do vínculo.

Marido 3 (f113): E é engraçado que lá em Liverpool no ano passado, eu senti muita falta dela porque eu chegava numa estação de trem, aí eu via que tinha um trem dali pra Irlanda, né. Aí eu chegava pro pessoal da banda, falava assim: "Pô gente, vamos pra Irlanda, conhecer a Irlanda, tá aqui do lado". Aí eles: Ah, não, Irlanda não... muito longe...". Aí eu falei: "Ah! Se a Renata tivesse aqui, ela ia, eu tenho certeza". Aí acabou que a gente foi pra Paris, chegou em Paris e eles quiseram ficar em hotel, por incrível

que pareça. Eles não queriam passear em Paris. Falei: “você não vão passear?”. Aí eu ficava pensando: “Imagina a Renata vendo aqui a Torre Eiffel”. Aí eu peguei a máquina fotográfica, e andei por Paris todinha, assim, sozinho, mas imaginando como se tivesse com ela, assim, pelas mesmas atitudes, assim. Ou seja, me metendo no metrô, comprando mapa, parecia que eu tava viajando junto com ela, sabe? Aí esse ano falei, assim, vai ser um sacrifício pra gente, tal, mas eu falei: “Ah, Renata, vamos dar um jeito e dessa vez você vai”.

O sentimento de falta referido pelo marido (3) nesta fala dá ainda maior força ao vínculo. Nesta viagem, ele vive um processo semelhante àquele do relacionamento mediado pela Internet, onde ele imagina a esposa (3) o acompanhando. É semelhante por não ter a presença, e por ter as fantasias que o outro às vezes confirma ou não, e que depois se concretiza na realidade.

Marido 3 (f116): E eu acho o seguinte, a Internet permitiu, na verdade, formar uma base do nosso relacionamento que eu considero muito importante, assim, que foi a amizade. A fundação do nosso relacionamento, na verdade, é baseado em pura amizade, na mais pura amizade possível, assim. A gente acha que isso é muito forte. E eu sempre valorizei muito. (...). Eu tenho nela uma grande amiga, e uma pessoa que eu sei que eu posso confiar. E ela a mesma coisa. Então, acho que a Internet ajudou muito nisso porque fez com que a gente tivesse uma relação, no início, muito aberta, né? (...).

Quando o marido (3) diz que a Internet permitiu formar a base de seu relacionamento com a esposa (3), ele provavelmente está se referindo ao processo que começou imerso em fantasias e que se encaminhou para a realidade com encontros e desencontros que foram sendo superados na medida em que as expectativas foram se confirmando, assim como as frustrações foram vividas com tolerância, que é o equilíbrio necessário à vida conjugal, por isso nomeando-o “base”.

Esposa 3 (f113): ...Eu pensava... “Ah nunca vou me envolver com uma pessoa da Internet”, mas não via preconceito com isso, mas tem uma coisa que eu digo assim, muitas vezes a gente sai, vai numa boate, vai lá, pensa que conheceu uma pessoa, mas o que você sabe da vida dela? Sabe muito menos do que eu sabia do Felipe até eu relacionar com ele. Quantas vezes os casais se conhecem num bar, o que eles realmente sabem da vida um do outro? Não sabe nada!

Quando a esposa (3) compara a Internet com a boate, ela revela a importância que teve a distância, que significou também uma distância no

tempo, necessário para o fortalecimento e realização deste vínculo, que hoje apresenta-se de acordo com a modalidade de Vínculo Amoroso, dentre as modalidades referidas por Puget e Berenstein (1993), onde “as emoções circulantes são as pertencentes à resolução do Édipo e à série de ternura e carinho” (Puget e Berenstein, 1993, p. 30).

O Clima Emocional vincular que se estabeleceu nesta entrevista foi de alegria, conferindo a presença do sentimento de satisfação nesta união conjugal.

O casal mostrou-se à vontade desde o princípio da entrevista, corroborando, mais uma vez, com a observação de Saraiva e Cabral (2001) de que o usuário se sente mais seguro, mais à vontade, quando acessa a Internet de casa para falar a outra pessoa sobre si mesmo.

Para finalizarmos este capítulo de Resultados e Discussões, apresentamos os aspectos de maior evidência na vivência dos participantes, bem como as principais contribuições que esta pesquisa traz para o conhecimento das possíveis repercussões emocionais da experiência de construir um vínculo conjugal a partir de um relacionamento virtual.

Destacamos que nem todos os romances originados da Internet nascem de um plano de encontrar um parceiro. Diferentes motivações para navegar no ciberespaço (como para conhecer melhor um de seus dispositivos de comunicação, como apareceu nesta pesquisa) podem promover encontros virtuais que vêm a se transformar em vínculos conjugais.

Quando há o objetivo de se encontrar um parceiro, também há variações nas motivações para fazê-lo na Rede. Em minutos, é possível acessar um dos inúmeros *sites* que reúnem pessoas com interesses comuns. Estes ambientes tornam-se atraentes para quem parte do desejo de compartilhar uma determinada ideologia.

Tivemos oportunidade de observar também a opção pela Internet como alternativa para evitar situações de disputa, de possível rivalidade. A ilusão de um relacionamento sem terceiros é propiciada especialmente pelos programas de comunicação virtual assíncrona. Sob este estado de ilusão, uma pessoa

cujos conflitos edípicos impedem aproximações nas relações presenciais, pode permitir-se atuar na virtualidade.

Uma vez em conexão, as primeiras experiências de relacionamento *on-line* revelam aspectos da subjetividade de seus protagonistas. Neste estudo, as três esposas manifestaram o mesmo pensamento de que o homem privilegia os aspectos físicos, a matéria. Os aspectos mais elevados, o plano das idéias, estariam desprestigiados. Evidencia-se, assim, um imaginário relacionado ao gênero. As três mulheres assumem a mesma proposta de evitar ou de romper as relações virtuais onde o interesse do homem por conhecer os seus aspectos físicos fosse enunciado logo no primeiro contato. Por estes dados, observamos a Internet com seu significado de um novo ambiente para encontros, reconhecido por seus usuários; oferecendo a oportunidade de um conhecer-se “de dentro para fora”, como já observara Spivacow (2007); e também podendo significar uma chance de transformação no imaginário feminino, segundo o qual para homem os traços físicos teriam privilégio sobre os aspectos psicológicos. A partir destas experiências talvez a auto-estima da mulher possa ficar menos condicionada à sua aparência física.

Sentimentos de insegurança marcaram o início dos relacionamentos virtuais. A angústia ante o desconhecido gerou diferentes atuações, onde novamente anunciaram-se diferenças relacionadas ao gênero. As mulheres colocaram-se mais cautelosas e pacientes no tempo que se mostrou necessário para a confirmação dos dados da realidade. Ou seja, elas tiveram uma atuação predominantemente embasada no processo secundário. Já entre os homens, as atuações estiveram especialmente embasadas no processo primário, em condutas de hesitação e impulsividade. As hesitações foram reveladas na diluição dos primeiros contatos, quando o homem mantinha conexão simultânea com diferentes mulheres, e nos comportamentos que manifestaram na aproximação da oportunidade do primeiro encontro presencial, hesitações estas que se mostraram superadas diante da confirmação de aceitação por parte das mulheres. A impulsividade ganhou expressão nos momentos em que o homem sentia-se rejeitado e nas repetidas experiências que um deles viveu com mulheres prontamente disponíveis para o sexo. Pensamos que esta diferença entre os gêneros esteja relacionada a variações na força superegóica.

Complementando a observação de Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2007) de que o anonimato pode favorecer a espontaneidade, verificamos que esta também pode ser propiciada mesmo sob a exposição da identidade, quando há uma distância geográfica que coloca o outro tanto distante de si, quanto da própria rede de relações.

Uma das experiências de nossos participantes ilustra o fenômeno da “descartabilidade” que parece preocupar o senso comum no que diz respeito aos relacionamentos virtuais. Partindo da ilusão de que na Internet seria mais facilmente aceito, e depois sofrendo uma série de frustrações, um dos maridos chegou a entrar num ciclo de escolha e descarte muito expressivo, com uma voracidade insaciável, dissociando-se defensivamente dos afetos. Essa dissociação o fez regredir a níveis mais primários de relação, vivendo um período de relacionamento com objetos parciais. Foi a atuação da esposa, persistente em sua escolha, e paciente para a confirmação da realidade, que pôde romper o ciclo no qual o marido havia entrado.

Para a minimização da angústia ante o desconhecido, os valores familiares foram destacados. Estes foram interpretados pelas esposas como uma evidência de bom caráter e como um indício de perspectiva de um relacionamento estável.

Os aspectos familiares, ideológicos, contribuíram também para a realização do “momento fantasmático” (Kaës, 1997), primeira etapa de um processo de vinculação, quando grupos internos são externalizados para destinar a si próprio e ao outro um lugar determinado. Numa sala de bate-papo virtual ninguém está ali para cumprir um papel social determinado, como normalmente estamos desempenhando em nossos encontros presenciais (papel de estudante, de profissional, etc), ou os quais poderiam ser sugeridos pela aparência, vestuário, entre outros elementos captados pela visão. Quando não há uma tarefa a cumprir e nem mesmo um tema específico a ser discutido numa relação virtual, ganha especial evidência aquilo que é escolhido dizer. Numa condição paradoxal, a carência dos aspectos não-verbais permite que as impressões a respeito de outra pessoa sejam construídas diretamente a partir dos valores e desejos enunciados por aquela, sem os enganos aos quais as impressões visuais também podem conduzir. Evidentemente que este favorecimento fica condicionado a um valor de verdade na sustentação dos

enunciados, sem a qual o relacionamento pode volatilizar-se de forma mais instantânea do que nas relações fora da Internet, como vimos acontecer na experiência de um de nossos participantes antes de seu encontro com a esposa.

A condição de poder escolher aquilo que será dado a conhecer também dá a possibilidade de esconder aquilo que é preterido. A descrição de informações num cadastro de perfil, a escolha do apelido com o qual o internauta participa de uma sala de bate-papo, todos sujeitos à seleção da consciência, e recortados de um todo, favorecem projeções, fantasias e ilusões que irão, ou rapidamente provocar um desinteresse e rompimento do contato, ou incrementar um desejo de aproximação.

Até que os aspectos de verdade ou de mentira possam ser confirmados e complementados com demais dados da realidade, fantasias são fomentadas. Sob o predomínio destas, uma terceira pessoa, conhecida em comum, pode ganhar o valor de um ego auxiliar, sendo-lhe atribuído o papel daquele que autoriza, enquanto o estado de insegurança bloqueia a própria capacidade de escolha.

As horas ininterruptas de conexão, justificadas pelo desejo de suprir a distância física, que não pode ser suprida, conforme os próprios participantes reconheceram, teve também a função de aproximação psíquica e foi de grande importância para a elaboração das fantasias.

A distância geográfica, nestas experiências, reservou também o significado de uma distância no tempo. Mesmo nas relações conduzidas por dispositivo de comunicação síncrona, a distância física permitiu o tempo de elaboração das fantasias e do exercício dos primeiros acordos frente às reais diferenças, de forma que desencontros emocionais pudessem ser pouco a pouco superados. Como afirma Terzis (1999), a mesma tela que cumpre a função de mediadora, pode cumprir a função de protetora, ao evitar o mal-estar que a exposição direta às vezes pode provocar.

Dados de realidade também foram buscados através da solicitação de fotos, na confirmação de um sobrenome em lista telefônica, e pelas vozes ao telefone, após os quais os primeiros encontros face a face foram, então, agendados.

O primeiro encontro presencial marca uma decisiva oportunidade de confirmação a respeito dos dados da realidade, além de caracterizar o momento em que o vínculo perde seu caráter de relacionamento virtual. Entram na relação os aspectos não-verbais bem como as vicissitudes do convívio presencial.

A experiência de um reconhecimento neste momento de encontro, entre pessoas que até então nunca haviam se encontrado presencialmente, confirma o paradoxo observado por Ben-Ze'ev (2004) de que, num relacionamento virtual, o outro é um desconhecido, mas não um estranho, em função da aproximação psíquica que este tipo de relacionamento, tão dependente das verbalizações, propicia. De qualquer forma, é a presença que poderá tirar o sujeito deste paradoxo.

A maturidade para lidar com o conflito instalado entre o desejo e a insegurança, bem como a sintonia nas expectativas e no compartilhamento de projetos, mostraram-se essenciais para o sucesso do desenvolvimento vincular destes casais, marcado pelo exercício e a manutenção do diálogo, o qual, segundo os mesmos, encontra-se preservado na cotidianidade, marcada por novos sonhos e realizações.

CONCLUSÃO

5. CONCLUSÃO

Com referência aos objetivos desta pesquisa, acerca das condições na vivência virtual favoráveis à geração de um vínculo, destacamos o sentimento de pertencimento e a proximidade psíquica propiciados pela velocidade na emissão e recepção de mensagens, bem como o favorecimento da espontaneidade quando o outro, além de encontrar-se fisicamente distante, também não participa da própria rede de relações.

Nutrindo o desejo de transpor o vínculo do relacionamento virtual para a convivência face a face, esteve a identificação dos valores pessoais e a perspectiva de fortalecimento da relação. Sustentando a decisão, destacaram-se os valores de família, especialmente apreciados pelas mulheres, como já dissemos.

Um imaginário que podemos observar ser gerado na experiência virtual ocorreu a partir da vivência prévia de um dos maridos, que chegou a associar, equivocadamente, disponibilidade sexual com desejo de vinculação, bem como a recusa para o sexo num primeiro encontro como rejeição.

Reconhecemos que as pessoas que constroem um vínculo sob a interface de um computador se vêem sob o desafio de suprir a ausência física neste processo, e que, apesar de conseguirem conhecer traços da personalidade do outro, favoráveis ao sentimento de reconhecimento no encontro face a face, é a presença que irá concluir a sua realização, de maneira que o encontro significa mais do que poder olhar, ouvir e tocar; é parte inerente da realização vincular.

Assim, para a realidade dos vínculos amorosos, podemos dizer que a Internet caracteriza-se como uma condição, como uma realidade em potencial, a partir da qual o vínculo é construído através da realização de etapas que passam pela identificação de valores e desejos mútuos, pela confirmação dos dados de realidade, e pela marca que faz o primeiro encontro face a face.

A insegurança que a falta ou a insuficiência de indícios da realidade desperta, pode significar uma defesa saudável quando coloca o sujeito atento às confirmações. Desta forma, estará menos sujeito a confundir fantasia com realidade. A insegurança será realmente desfavorável caso as fantasias de desconfiança ganhem valor de realidade, e, assim, impeçam o sujeito de

avançar num relacionamento. A ausência dela, por outro lado, coloca o sujeito em risco de se entregar a um relacionamento não apenas virtual, mas também fictício.

É desejável maturidade e predominância de atuações embasadas no princípio da realidade. Encontros entre pessoas expressivamente impulsivas ou hesitantes oferecem pouca chance de um desenvolvimento vincular, inclusive na Internet.

A insuficiência de maturidade pode manter a pessoa imersa num estado de ilusão, e, desta forma, mais sujeita à frustração.

Como verificamos na introdução deste trabalho, a Internet não cria, mas sim possibilita a reprodução de uma série das vicissitudes possíveis na vida *off-line*, com alguns processamentos próprios, identificados em nossa pesquisa, de um relacionamento à distância, o qual demanda tempo de elaboração demarcado por determinadas etapas, num processo onde o bem ou mal suceder estão condicionados à maturidade das pessoas envolvidas tanto quanto estão em suas relações presenciais.

A partir dos resultados obtidos, verificamos a necessidade de um estudo que tenha como foco a dinâmica vincular dos casais, ou das pessoas que optaram pela Internet como alternativa contra dificuldades experimentadas em suas vidas *off-line*. Pois, ainda que bem sucedidas no projeto de encontrar parceiro por este caminho, uma nova realidade, com novos desafios, exigirá novos ajustes, novos pactos e acordos para a continuidade vincular na vivência do matrimônio.

REFERÊNCIAS

5. REFERÊNCIAS

- Anzieu, D. (1993). *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. (A Fuks e H Gurovitz, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Araújo, M.F. (2002, janeiro). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia Ciência e Profissão*, 22 (2), 70-77.
- Arensburg, A.P. (1991). *La pareja: contradicciones y paradojas*. Revista de Psicología y Psicoterapia de Grupo, Buenos Aires, 15 (3-4), 225-231.
- Azevedo, T. D. (1986). *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Ática.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Ben-Ze'ev, A. (2004). *Love online: emotions on the Internet*. Reino Unido: Cambridge University Press.
- Berenstein, I. (2001). *El sujeto y el outro, de la ausencia a la presencia*. Buenos Aires: Paidós.
- Berenstein, I. (2007) *Del ser al hacer : curso sobre vincularidad*. Buenos Aires: Paidós.
- Berenstein, I. (2008, jun). La familia y el punto de vista vincular: situaciones e términos. *Conferência apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP*. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Bettini, R.V. (2002). *Vínculos pela Internet: um estudo psicológico*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Bion, W.R. (1961). *Experiências com grupos* (Wl Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Imago
- Birman, J. (1997) *Entre o gozo cibernético e a intensidade ainda possível*. In Birman, J. (Org). *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34, pp. 221-233.
- Bleger, J. (1998). *Temas de Psicologia: entrevistas e grupos*. (M. Moraes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Butelman, I. (1998). Configuraciones Vinculares. In Pachuk e Friedler, *Diccionario de Psicoanálisis de las configuraciones vinculares* (pp. 70-75). Argentina: Ediciones Del Candil.
- Castells, M. (2001). *A sociedade em rede*. (5ª. Ed.) São Paulo: Editora Paz e Terra.

Chaves, J.C. (2004). *Contextuais e Pragmáticos: os relacionamentos amorosos na pós-modernidade*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro: UFRJ.

Chavez, E., & Luz, L. (2007, Agosto). *A nova civilização on-line*. In *Veja Especial Tecnologia*, p. 12 a 16.

Clay, R.A. (2000). *Linking up online. Monitor on Psychology*. Acesso em 10 de outubro, 2007, em <http://www.apa.org/monitor>.

Costa, G.P. (2000). *A cena conjugal*. Porto Alegre: Artes Médicas

Cushnir, L., & Mardegan Jr., E. (2001). *Homens e suas máscaras: a revolução silenciosa*. Rio de Janeiro: Campus.

Donnamaria, C.P., & Teriz, A. (2007). Reflexões sobre o conceito de vínculo sob a perspectiva dos relacionamentos virtuais. *VIII Simpósio CEFAS e Jornada FLAPAG: O Trabalho com Grupos no Cotidiano das Práticas Institucionais*. Campinas.

Dornelles, J. (2004). Antropologia e Internet: quando o “campo” é a cidade e o computador é a “rede”. [Versão Eletrônica]. *Horizontes Antropológicos*, 9 (21).

Escárcega, J. S., & Estrada, L. (2005, julho-dezembro). Amor.com: vínculos de pareja por Internet. [Versão eletrônica]. *Revista Intercontinental de Psicología y Educación*, jul-dez, 7 (2), 43-56.

Espina, A. (1995). Algunas claves psicoanalíticas para terapeutas familiares. In Garrido, M. y Espina, A. *Terapia Familiar: aportaciones psicoanalíticas y transgeracionales*. Madrid: Fundamentos.

Ferreira, A.B.H. (2004). *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo.

Finkelievich, S. (1998). *Amores virtuales*. Acesso em 18 de setembro, 2007, em <http://www.etcetera.com.mx/1998/273/fs0273.htm>.

Freire, J.C. (1979). *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal.

Freud, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 5, Rio de Janeiro: Imago, 1988.

Freud, S. (1910). *Contribuições à psicologia do amor II*. In Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 11, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1914). *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. In Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 14, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1915). Três ensaios sobre a sexualidade. In Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 15, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freyre, G. (2003). *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Global.

Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, São Paulo: Unesp, 1993.

Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Gonçalves, M.S. (2002, Dezembro). *Amores virtuais: uma minoria desejante*. Acesso em 20 de julho, 2007, de <http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfera03/perfil/mat3/txtmt3.htm>.

Guaiume, S. (2007, Outubro). Mundo novo: a tecnologia está mudando as relações. *Revista MetrÓpole*, parte integrante do Jornal Correio Popular de Campinas.

Guzmán Toro, F. (2004). El narcisismo de la postmodernidad o la crisis de una modernidad decadente. [Versão eletrônica]. *Utopia y Práxis Latinoamericana*, 9 (26).

Käes, R. (1997) *O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Krom, M. (2000). *Família e mitos: prevenção e terapia: resgatando histórias*. São Paulo: Summus.

Lamanno, V.L.C. (1990). *Relacionamento conjugal: uma abordagem psicanalítica*. São Paulo: Summus.

Lamanno, V.L.C. (1994). *Repetição e transformação na vida conjugal: a psicoterapia do casal*. São Paulo: Summus.

Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1992). *Vocabulário da Psicanálise*. (P Tamen, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.

Levis, D. (2007). *Sobre chat, máscaras y otros asuntos sobre el amor em Internet*. Acesso em 20 de julho, 2008, em <http://diegolevis.com.ar>.

Levisky, R. B. (2007). *Verdades e mentiras: um percurso entre o imaginário e o real* [Resumo]. *XVII Congresso FLAPAG, VI Congresso do MESME e VIII Jornada da SPAGESP. Saúde, Cultura e Diversidade*. Santos, Unip.

Lévy, P. (2005). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

Lins, R. N. (2007). *A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito do amor e sexo: novas tendências*. (Ed. Rev.) Rio de Janeiro: BestSeller.

Ljungberg, F., & Sorensen, C. (1998). *Interaction overload*. Acesso em 16 de outubro, 2007, em <http://mobility.is.lse.ac.uk/download/LjungbergSorensen.1998.pdf>.

Losso, R. e De Losso, A.P. (1987). Psicoanálisis de la pareja: coterapia y empleo de técnicas psicodramáticas. *Temas atuais, autores argentinos*, 1 (5), 179-189.

Maiorino, F. (2000). As relações humanas nos chats. In: Sayed, E. (Org.). *Psicologia e informática*. (pp. 55-62). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mathieu, P. (1967). Essai d'interpretation de quelques pages du revê celtique. *Interpretación*. (pp. 232 - 59).

Mazon, P. (2008). Para viver um grande amor. [Versão eletrônica]. In *Contemporânea*, 5 (1), Porto Alegre.

Mello, J.M.C. & Novais, F.A. (2000). Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In Novais, F.A. (coord. geral) & Shwarcz, L.A. (Org. Vol.). *História da vida privada no Brasil*: Vol. 4. São Paulo: Cia das Letras.

Nascimento, C.R.O. (2007). *Do amor em tempos de Internet: análise sociológica das relações amorosas mediadas pela tecnologia*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia, Universidade Federal do Paraná.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (1998). *Na Malha da Rede*: os impactos íntimos da Internet. Rio de Janeiro: Editora Campus.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2003). Ciberespaço: nova realidade, novos perigos, novas formas de defesa. [Versão eletrônica]. In *Psicologia: ciência e profissão*, 23 (2), Brasília.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2005). *Primeiros contornos de uma nova configuração psíquica*. [Versão eletrônica]. In *Caderno Cedes*, 25 (65), 71-85.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2006). Internet: uma nova plataforma de vida. In Nicolaci-da-Costa (Org.). *Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação*. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio; São Paulo, Loyola.

Nicolò, A. (1995). O modelo psicanalítico de funcionamento do casal. In Andolfi, M.A.; Saccu, C. *O casal em crise*. (pp. 75-90) São Paulo: Summus.

Oliveira, E. de A.V. (2001). *Chats e linguagem: do gênero aos gêneros do discurso*. Acesso em 20 de julho, 2007, em <http://www.revcom2.portcom.org.br/index.php/galáxia/article/viewFile/1279/1950>.

Pachuk, C., & Friedler, R. (1998). *Diccionario de psicoanálisis de las configuraciones vinculares*. Buenos Aires: Ediciones Del Candil.

- Pichon-Rivière, E. (2000). *Teoria do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pinheiro, D. (2002, novembro 20). Por que milhões de brasileiros resolveram procurar um romance pela internet. *Veja*, 77-84.
- Prestes, R. B. (2005). Amor on-line: refúgios, resistenciais e inícios pós-modernos. *Textos de la CiberSociedad*. Acesso em 15 de outubro, 2007, em <http://www.cibersociedad.net>.
- Puget, J. e Berenstein, I. (1993). *Psicanálise do casal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ramalho, E.F. (2005). *Par Perfeito: um novo espaço virtual para a procura de parceiros amorosos*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Rojas, M.C. (1994). Patologias del fim de milênio. *Anales Del XI Congreso Iationoamericano de Psicoterapia Analítica de Grupo*, Uruguai.
- Romão-Dias, D., & Nicolaci-da-Costa, A.M. (2007). *Brincando de ser na realidade virtual*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia. Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Rossi, C. (2003). Os novos vínculos conjugais: vicissitudes e contradições. In Gomes, P B. *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares*. (pp. 77-108). São Paulo: Callis.
- Rossi, T. & Nicolaci-da-Costa, A. M. (2004). *Novas formas de defesa na Era dos excessos*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Sampaio, M. (2004). *Amor na Internet: quando o virtual cai na real*. São Paulo: Record.
- Saraiva, L.N., & Cabral, A. (2001). *A Internet que nos protege*. [Versão eletrônica] *Ciberlegenda*, 4.
- Schwartz, D. (2007). *E-mail is for old people*. [Versão eletrônica] *Monitor on psychology*, 38, (9).
- Simmel, G. (1902/1987). *A metrópole e a vida mental*. In Velho, O.G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Spivacow, M.A. (2005). *Clínica psicoanalítica con parejas: entre la teoría y la intervención*. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Spivacow, M.A. (2007). *Parejas electrónicas: la pareja em cuestión* [Resumo]. *XVII Congresso FLAPAG, VI Congresso do MESME e VIII Jornada da SPAGESP. Saúde, Cultura e Diversidade*. Santos: Unip.

Storch, L. W., & Cozac, J. R. (1995). *Relações virtuais: o lado humano da comunicação eletrônica*. Rio de Janeiro: Vozes.

Terzis, A. (2007a). *A Internet e o Amor Virtual*. XVII Congresso FLAPAG, VI Congresso do MESME e VIII Jornada da SPAGESP. *Saúde, Cultura e Diversidade*. Santos: Unip.

Terzis, A. (2007b). Amor Virtual em Universos Paralelos no grupo familiar: Estudo Psicanalítico. In Antonios Terzis (Org.). *Psicanálise, Grupalidade e Cultura* (2 ed.), 75 – 87.

Trunsky, D. (1994). *Creatividad en el vinculo de pareja*. XI Congresso Latino-Americano de Psicologia Analítica de Grupo, Flapag. Buenos Aires: FLAPAG.

Terzis, A.; Silva, A.T.; Silveira, D.A.; Petrini, J.F.; Toledo; M.H.C. (1999). *Construindo vínculos na sociedade pós-moderna*. Trabalho apresentado na Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo (SPAG). Campinas (Não publicado).

Turkle, S. (1997). *La vida em la pantalla: la construcción de la identidad em la era de internet*. Barcelona: Paidós.

Turkle, S. (1999, Dezembro). Fronteiras do real e do virtual. Entrevistador: Federico Casalegno. *FAMECOS*, Porto Alegre, 11, 117-123.

Vainfas, R. (1992). *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. Editora Ática: São Paulo.

Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.

Vidal, R. (1998). Pacto Inconsciente. In Pachuk e Friedler, *Diccionario de Psicoanálisis de las configuraciones vinculares* (pp. 309-312). Argentina: Ediciones Del Candil.

Weber, L.N.D. (1998). Sinais não-verbais do flerte. [Versão Eletrônica]. *Psicología Argumento*, 23, 25-36.

Zaremba, R. (2002, março). Simples como uma torradeira: um estudo sobre o computador no cotidiano da nova geração. *Psicología Ciência e Profissão*, 22, (1), 92 – 99.

Zeldin, T. (1996). *Uma história íntima da humanidade*. Rio de Janeiro: Record.

ANEXO I**Carta de autorização para realização da pesquisa na Instituição**

Autorizo a psicóloga Carla Pontes Donnamaria, mestranda em Psicologia como Profissão e Ciência, do Programa de pós-graduação da PUC-Campinas, a realizar pesquisa conforme previsto em seu projeto intitulado “Do Vínculo Virtual ao Conjugal: um estudo psicológico” nas dependências da instituição.

Declaro estar ciente da resolução 196/96 do Ministério da Saúde que regulamenta as pesquisas com seres humanos no Brasil. Também estou ciente de que o objetivo da pesquisa é estudar as experiências emocionais de casais que tiveram seus vínculos originados pela Internet, que estes serão voluntários, assim como terão liberdade para recusar ou suspender participação.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do Presidente da Instituição

ANEXO II

CARTA CONVITE AOS CASAIS COM EXPERIÊNCIA DE RELACIONAMENTO NA INTERNET

Pesquisadora convida casais que se conheceram pela Internet para participar de pesquisa que está sendo desenvolvida em programa de Mestrado em Psicologia, pela PUC-Campinas.

O objetivo é de ampliarmos os conhecimentos acerca deste particular caminho para conhecer pessoas e gerar relacionamentos.

Os interessados poderão agendar entrevista, e também esclarecer eventuais dúvidas, em contato direto com a pesquisadora pelos telefones: **(19) 3201.6045 ou 9705.0535.**

ANEXO III
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO
(aos Casais Participantes - 4 vias)

Este termo é o consentimento de duas partes envolvidas em um processo de pesquisa científica. De um lado, a pesquisadora Carla Pontes Donnamaria, aluna do curso de Mestrado em Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCCAMP/SP, RA 07503303, que está realizando uma pesquisa de mestrado intitulada: “DO VÍNCULO VIRTUAL AO CONJUGAL: um estudo psicológico”, e de outro, casais cujos vínculos originaram-se pela Internet.

Trata-se de um estudo psicológico com casais que tiveram a experiência de construir vínculos virtuais e, posteriormente, vieram a unir-se em casal, casados ou em união estável. O objetivo é verificar experiências vivenciadas por estes casais com o uso da Internet e a transposição do vínculo assim originado para a realidade não mediada pelo uso do computador.

As entrevistas serão gravadas (somente o áudio) e os conteúdos analisados conforme o método interpretativo psicanalítico.

Ressaltamos que a presente pesquisa não incorre em riscos aos casais participantes, sendo que as informações são sigilosas quanto à identificação e somente os dados obtidos serão analisados e divulgados na dissertação de Mestrado.

De qualquer maneira, sua participação é voluntária, podendo ser cancelada a qualquer momento, sem qualquer prejuízo a você.

Carla Pontes Donnamaria
19 3201.6045

Eu (nome completo do participante)

Declaro estar ciente dos objetivos e métodos desta pesquisa, assim como declaro minha participação voluntária nela, autorizando a inclusão de minha entrevista no material da investigação, respeitadas as condições de sigilo, privacidade, e o direito de avaliar o material transcrito, nos termos acima descritos. Também estou ciente de que poderei me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem quaisquer ônus a minha pessoa.

Declaro, ainda, ter recebido uma via deste termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra e por mim assinado.

Nome/assinatura:

data:

Em caso de dúvidas ou queixas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos Rodovia Dom Pedro I - Km 136 - Parque das Universidades 13.086-900 - Campinas - SP

Telefone: (19) 3343 6777

ANEXO IV

Entrevista na Íntegra: Casal 1

Psicóloga (f1): “Que experiências emocionais marcaram a construção do relacionamento de vocês desde o primeiro contato virtual?”.

Marido 1 (f1) : O primeiro contato não foi esperado. Conversei com ela uma vez... E... Ah... Pra falar a verdade, não gostei muito. Acho que ela também não. Não nos falamos mais... Aí eu saí. A gente não se falou mais acho que umas duas semanas pelo menos.

Psicóloga (f2): Não gostaram?

Marido 1 (f2): Acho que ela tava conversando com mais pessoas, eu também, ficou meio assim... deixou pra lá. Acho que a gente começou a conversar realmente porque uma pessoa...

Esposa 1 (f1): Eu conversava com ele e com um outro rapaz ao mesmo tempo.

Psicóloga (f3): Qual o programa de internet utilizavam?

Marido 1 (f3): Era uma sala de bate-papo de um *site*.

Esposa 1 (f2): Era uma sala de bate-papo de um *site* da nossa igreja. Aí eu falei pra ele começar porque ele falou que quando ele me conheceu, ele não gostou de conversar comigo. Achou eu meio chata, porque uma das perguntas que eu não gostava que o pessoal perguntava era “como você é?”, tipo querendo imaginar se você vai ser gorda ou baixa... não sei... feia ou bonita. Então, eu não gostava desse tipo de pergunta, porque eu achava que não importava. Tinha que gostar da pessoa pelo que ela era. E não sei se de repente do jeito que eu respondia para as pessoas, ele não gostou de mim.

Marido 1 (f4): Eu conversava com ela e com mais umas cinco ao mesmo tempo.

Esposa 1 (f3): (Olhando para ele, rindo): O Marcelo conversava com um monte ao mesmo tempo. Eu digitava devagar, então não conseguia conversar com um monte de gente ao mesmo tempo.

Psicóloga (f4): Vocês disseram que voltaram a conversar por que tinha uma pessoa...?

Esposa 1 (f4): Daí o que aconteceu na verdade da gente começar a conversar de novo foi que tinha uma moça com quem ele conversava, e um dia eu entrei, e eu não lembro... ele não tava nesse dia na sala de bate-papo, tinha viajado.

Aí eu entrei, aí não sei se apareceu alguém com mesmo apelido... Não... apareceu um Marcelo e eu sabia que o nome dele era Marcelo, mas ele sempre entrava com o apelido de “Fulano”. Aí eu perguntei se era ele. Aí achei engraçado que a menina se interferiu no meio, ela falou “não, o Marcelo tá viajando. Ele falou que ia para um acampamento”, uma coisa assim. “Você quer ver uma foto dele?”. Falei “Ah, manda, né, eu não vou tá perdendo nada!”. Aí ela mandou uma foto. Não dava pra ver nada. Era um embaçado só. Achei até que foi de propósito. Depois ele falou que foi de propósito mesmo. Aí no final de semana seguinte... como eu estudava em Ribeirão, eu entrava só de sexta-feira à noite, quando eu estava em casa, em São Carlos, ele é de Rio Claro, fica mais ou menos uns 70 km ali de São Carlos. Daí ele voltou... Não... Aí na sexta-feira seguinte, entrei ele tava lá...

Marido 1 (f5): Aí eu vi que tinha alguém procurado por mim, que alguém tinha mandado minha foto. Daí eu queria saber porque tinham mandado minha foto.

Esposa 1 (f5): Ah, tá. Daí a gente ficou conversando.

Psicóloga (f5): Quanto tempo de contato já tinham?

Marido 1 (f6): Esse era o segundo ou terceiro, que foi quando a gente estabeleceu um contato maior assim. A conversa rendeu mais.

Psicóloga (f6): Voltando no primeiro contato, vocês se lembram sobre o que teriam conversado?

Esposa 1 (f6): Eu acho que ele não... (Voltando-se pra ele) Por que você não gostou de mim?

Marido 1 (f7): (Para a psicóloga) É que antes a gente ficava conversando com mais um monte de gente, e a conversa com os outros tava mais interessante... devia estar conversando com mais umas quatro pessoas ao mesmo tempo...

Esposa 1 (f7): É que é assim... eu não ia atrás. Eu entrava e ficava esperando alguém vir conversar comigo. E eu acho que de repente ele veio conversar comigo, não sei se tava conversando com outra pessoa... ele demorava pra responder... de repente não procurava muita conversa... depois ele achou... não sei...

Marido 1 (f8): Acho que você tava conversando com mais gente, eu também, e ficou nisso! Não ficou muito...

Esposa 1 (f8): Eu lembro de você falar que eu fui meio chatinha. Não gostou muito de falar comigo.

Marido 1 (f9): Não... Acho que você tava falando com mais gente, eu também, ficou por isso!

Esposa 1 (f9): Daí... na segunda vez, ou o outro cara nem apareceu, ou eu não tava conversando com ele direito, daí o Marcelo deu mais trela, daí a gente ficou conversando, conversando, daí a conversa rendeu.

Marido 1 (f10): Eu queria saber quem tinha mandado... quem tinha recebido uma foto minha e porque, daí foi que a nossa conversa começou.

(Silêncio)

Psicóloga (f7): E o que conversaram sobre isso?

Esposa 1 (f10): Não lembro da conversa... era pergunta daqui, pergunta dali, porque você não conhece... Mas eu não lembro mais direito da conversa. Daí eu fiquei sabendo que a gente tinha uma conhecida em comum, que era uma amiga minha, que ela fez faculdade em Rio Claro, de matemática, e ela tava fazendo mestrado em São Carlos, em matemática. Aí eu não sei porque...

Marido 1 (f11): A gente já conversava umas duas ou três semanas, você deve ter contado pra ela.

Esposa 1 (f11): Não... Não lembro como que a Helen surgiu na conversa agora...

Marido 1 (f12): Eu comentei que conhecia alguém, e você foi perguntar pra ela!

Esposa 1 (f12): É, daí eu fui perguntar pra ela do Marcelo. Falei que eu tava conversando com um moço da Internet, de Rio Claro, da igreja, e ele falou que te conhece. Aí ela falou “eu sei quem é. Ele é metido!”. (risos). Eu falei: Ah é? Eu não achei o Marcelo metido. Pensei, sei lá, foi a opinião dela! Aí ela falou “gostei muito da família dele. A irmã dele é muito simpática. Os pais dele são muito bonzinho”. Mas ela não falou nada de muito bem do Marcelo. Aí ele sempre chamava pra eu ir pra Rio Claro, que eu falava assim “A Helen sempre fala de ir pra Rio Claro”, pra ver os amigos dela, e tudo mais. Só que a gente nunca ia pra Rio Claro. Aí um dia, ele falou assim “então, eu vou pra aí”. Não... aí como que foi? Você (Marido) descobriu meu telefone, né? Acho que você pedia meu telefone, eu te enrolava, né?

Marido 1 (f13): Não lembro como foi... lembro que a gente ficou um tempão conversando um dia, aí você resolveu me mandar uma foto...

Esposa 1 (f13): Você pediu pra eu mandar uma foto!

Marido 1 (f14): Não lembro... Só lembro que você mandou a foto e na foto tinha seu sobrenome...

Esposa 1 (f14): Ah...

Marido 1 (f15): E como seu sobrenome não era muito comum, fui na lista telefônica e descobri seu telefone.

Esposa 1 (f15): Ah... ta! Aí eu não acreditei porque eu não tinha dado meu telefone. Aí ele ligou lá! Aí foi quando a gente estabeleceu o contato por telefone. Passamos a falar pelo telefone também. Acho que depois a gente nem falava mais pela Internet...

Marido 1 (f16): Falava sim...

Esposa 1 (f16): Não, é... falava, e daí quando eu tava em Ribeirão Preto, a gente se falava por telefone. Se não, era por *e-mail*.

Psicóloga (f8): Até o telefone, o contato era somente pelo bate-papo?

Marido 1 (f17): Pelo ICQ também, acho.

Esposa 1 (f17): É, pelo ICQ.

(Silêncio)

Esposa 1 (f18): (Pergunta ao Marido): Por que você começou a conversar comigo?

Marido 1 (f18): Ah... queria bater-papo, a gente começou a conversar, vi que a gente tinha coisas em comum... sei lá...

Esposa 1 (f19): Quando eu comecei a conversar com ele, não achei ele... ele que me achou sem graça, eu não achei ele uma pessoa sem graça. Eu vi que ele conversava com muita gente. Pensei "deve ser interessante de conversar". Então, quando ele veio me procurar, achei que era interessante. Pensei "legal, ele veio me procurar, deve ter me achado interessante", mas na verdade não foi nem isso, os outros que foram saindo (ri). Mas eu tinha curiosidade de conversar, sim. Acho assim... quando a gente entra num *site* de bate-papo é porque você tem interesse de conhecer alguém. Esse pelo menos era meu interesse, se eu achava alguém interessante, conhecer, e... Porque, até, na verdade, antes do Marcelo, teve um outro rapaz, até a Selma conheceu, e ele falou que estudava na USP, tal, até marquei da gente se encontrar, aí ele foi até lá em casa, até falei pra Selma: "Selma, ele vai vim, você vai sair comigo, porque eu não sei quem é". Aí ela até saiu junto. Só que daí, na verdade eu não continuei um relacionamento com ele por ele não ser da mesma religião que eu. Então, tipo assim, algumas coisas iam entrando em conflito. Ele era uma pessoa muito bacana, muito interessante. Outra coisa que eu não gostei nele também, ele era um pouco mais velho que eu, tava fazendo doutorado, mas, assim, uma pessoa que só estudava, estudava, estudava... mas não saía daquilo. Mas um dos principais motivos foi que eu... foi mais por religião mesmo... Ele não tinha interesse na minha religião, e pra mim era muito importante que ele fosse da mesma religião que eu.

Esposa 1 (f20) (Perguntando ao marido): Você chegou a sair com alguém?

Marido 1 (f19): Eu cheguei a conhecer alguém, mas não tive interesse. Era mais de dar risada. Não tava procurando uma namorada.

Esposa 1 (f21): Não! Ele não tava procurando, eu tava! (ri).

Psicóloga (f9): Quando passaram a usar telefone e *e-mail*, o que era mais freqüente, contato pelo telefone ou Internet? Continuaram no bate-papo?

Esposa 1 (f22): Eu tinha acesso à internet da faculdade, mas por alguma razão eu só entrava neste *site* de sexta-feira. Mas pela internet a gente passou a se

falar por *e-mail*. Ou a gente (pergunta ao Marido) começou a falar por *e-mail* antes do telefone?

Marido 1 (f20): Acho que por *e-mail*, primeiro. Você já escrevia suas novelas!

Esposa 1 (f23): É... Eu escrevia minhas novelas... escrevia muito!

Psicóloga (f10) : O que dizer do primeiro contato por telefone?

Esposa 1 (f24): Ele não gostou da minha voz, não foi?

Marido 1 (f21): Não é que não gostei. Eu já tinha conversado com um monte de gente. E de todas as vozes, não era a voz que mais me atraía... mas eu gostava de conversar com você!

Esposa 1 (f25): Eu gostava de receber a atenção que ele me dava, não sei.... (ri). Eu era carente. Sou uma pessoa carente, Carla! (ri).

(Silêncio).

Psicóloga (f11): E o que mais sobre esse primeiro contato?

Esposa 1 (f26): Ele falou "Vou um dia aí em São Carlos para te conhecer". Eu: Ai! Aí fiquei pensando: será que ele vem mesmo? Aí marcamos num sábado à tarde. Nem lembro o horário que a gente marcou. Daí marquei na rodoviária em São Carlos, porque eu achava que era o lugar mais fácil pra ele chegar, e daí ele ficou de ligar antes de sair. Acho que ele marcou umas três horas e deu três horas e nada. Aí liguei pra minha mãe, ela: "Ih! Esse cara tá te enrolando, ele não vai aparecer nada, você só tá aí esperando por ele e nada!". Daí fiquei, nossa! Achei que ele ia aparecer mesmo. Do jeito que ele ficou tão insistente, queria conhecer, queria conhecer... Daí eu já tava quase perdendo as esperanças dele ligar ou aparecer, aí tocou o telefone. Aí era ele: "Ah, Ana, desculpa! Meu tio teve um problema com o carro. Eu tava pra sair, acabei tendo que ajudar ele". Acho que quebrou o carro do tio dele e ele teve que ajudar.

Marido 1 (f22): Tive que ajudar rebocar o carro. (rindo, escondendo o rosto com almofada).

Esposa 1 (f27): Teve que ajudar rebocar o carro veio do tio. Aí ele falou "posso ir aí ainda?". Falei: Ah, vem! Minha mãe até falou depois: achei que ele não fosse vir!

Marido 1 (f23): Eu não tava animado... (rindo).

Esposa 1 (f28): Não tava animado, não??

Marido 1 (f24): Eu fui porque achei ela legal, porque pela foto que ela me mandou... eu... eu não fui de conhecer pela foto. Fui de gostar de conversar com ela.

Esposa 1 (f29): A minha amiga me descreveu ele como se ele fosse o Brad Pitt. Tava toda empolgada, loiro, alto... Depois, com o tempo de conversa, acabou perguntando, né, como é sua altura? Qual sua cor de cabelo? Qual a cor de olho? Teve a descrição. E ele falou que ele era alto, e eu gosto de homem alto, porque não sou muito baixa também. “Ah! Legal! Ele tem uma altura boa!. Só um pouco mais novo que eu...”, eu não gostava de homem mais novo, mas... um pouco mais novo, “mas ta interessante, não ta tão molecão”. Já gostei dele ser alto. Aí quando a gente chegou na rodoviária, falei: “vou ta usando tal roupa. Que roupa você vai estar usando?”. Homem não presta muita atenção para detalhes! Daí ele falou que ia ta usando... acho até que era essa camiseta que ele tava usando...

Marido 1 (f25): Não... não... Era uma azul escura com listinha.

Esposa 1 (f30): Ah, ele descreveu uma blusa azul com listra e uma calça esverdeada. Falei: nossa! Que combinação, mas tudo bem! (Marido ri). Falei, vou estar usando uma blusa verde com uma calça creme, pra gente conseguir se achar, porque a gente não sabia como que era o outro. Aí, ta! Cheguei na rodoviária, vi um moço sentado.

Marido 1 (f26): Ela falou que ia levar uns dez minutos. Menos de cinco, ela já tava lá.

Esposa 1 (f31): É que eu achei... não tenho muita noção de horário, de tempo, então achei que eu fosse levar uns dez minutos. Prefiro falar a mais do que a menos. Aí cheguei antes do esperado. Aí passei por um moço, vi um moço sentado, diferente, meio ali sozinho. Falei: mas será que é? Acho que não é, passei. Fui procurando, voltei. Ele: Ana!

Marido 1 (f27): Foi você que perguntou!

Esposa 1 (f32): Eu que perguntei? Ah ta, então eu que perguntei. Aí falei: é ele?? A primeira impressão não gostei.

Marido 1 (f28): Vamos dizer assim... as impressões foram diferentes. Ela esperava uma coisa a mais, eu esperava uma coisa a menos. Pra ela foi uma decepção, pra mim muito melhor do que eu esperava. (risos).

Esposa 1 (f33): Quando eu mandei a foto, era a única foto que eu tinha, porque um amigo meu que tirou de mim de eu dormindo. Falei: vou mandar uma foto meio de sacanagem. Por isso que mandei aquela foto. Não dava nem pra ver o rosto direito. Tava com o olho fechado, e tava de lado.

Marido 1 (f29): Parecia que era tão magrelinha que parecia que podia quebrar.

Esposa 1 (f34): É, ele achava que eu era muito magrela. Aí quando ele viu: ah, até que não é tão magrela!

Psicóloga (f12): Em que momento mesmo vocês trocaram as fotos?

Esposa 1 (f35): Foi logo no começo, né Marcelo?

Marido 1 (f30): Ela viu uma tentativa de uma foto!

Esposa 1 (f36): É, eu vi uma tentativa de uma foto. Ele nunca mandou uma outra. Daí foi quando ele pegou meu telefone, porque eu mandei por *e-mail* a foto.

Marido 1 (f31): Você demorou pra mandar a foto.

Esposa 1 (f37): É, não foi logo de cara, não. Acho que demorou um mês pelo menos.

Marido 1 (f32): Você ficava: não tenho foto, não tenho foto... Até que um dia, do nada, apareceu uma foto.

Esposa 1 (f38): Eu tinha uma foto, eu que não queria mandar. Tava querendo me fazer de difícil, Carla!

(Silêncio)

Psicóloga (f13): E o que mais sobre o primeiro encontro?

Esposa 1 (f39): A gente ficou conversando... Daí... como que foi? Aquele dia ele veio, a gente ficou conversando um tempão. Aí depois, tinha o aniversário de uma amiga minha à noite, eu não sabia o que fazer, acabei levando ele para o aniversário. Aí no dia seguinte eu fui pra casa de uma amiga minha. Aí fiquei comentando dele pra ela. Falei: não sei... fiquei meio assim... esperava outra coisa. Ela: Ah, Ana, achei ele tão bonito, nossa! Tão bonzinho! A Marina gostou de você (Marido) desde o começo. Aí ela conversando comigo, mudei um pouco de idéia. Falei: então vou tentar de novo. Aí depois de umas duas semanas você apareceu de novo, né?

Marido 1 (f33): Foi, depois de umas duas semanas.

Esposa 1 (f40): Aí ele tinha um amigo que estudava em São Carlos, tava fazendo mestrado lá. Daí ele ficou na casa do amigo. Aí a gente se encontrou na sexta-feira à noite, daí ele passou o final de semana lá em São Carlos. Aí a gente se viu. A gente começou a namorar a partir dali, não foi?

Marido 1 (f34): Foi.

Esposa 1 (f41): Da segunda vez! Nem eu sabia que eu queria, e a gente começou a namorar! Na verdade eu pensei assim: vou começar, se der certo, deu; se não der certo, não deu. (risos). Aí acabou em casamento!

Psicóloga (f14): Namoraram por quanto tempo?

Esposa 1 (f42): A gente começou a namorar final de 2000, não foi?

Marido 1 (f35): Novembro.

Esposa 1 (f43): A gente começou a namorar em novembro de 2000, e a gente casou em março de 2004. Então, deixa eu ver... 3,5 anos. Quase 3,5 anos.

Psicóloga (f15): O que vocês podem dizer sobre o vínculo que tinham durante a Internet e depois da internet?

Marido 1 (f36): A internet foi só um meio de comunicação, uma ferramenta pra gente se conhecer.

Esposa 1 (f44): É.

Marido 1 (f37): Foi dali que, vamos dizer assim... estabeleceu um contato, foi se conhecendo... A internet só foi um meio, vamos dizer.

Esposa 1 (f45): É, um meio da gente se conhecer, porque não era da mesma cidade, sei lá... Mas teve que ter... tipo assim, a gente não começou a namorar se conhecendo pela Internet. A gente se conheceu primeiro, depois dali que a gente começou a namorar.

Marido 1 (f38): Acho que se não fosse pela Internet a gente não teria se conhecido.

Esposa 1 (f46): Se não fosse pela internet, a gente não teria se conhecido. A gente era de cidade diferente, não teria nem se conhecido. Porque eu nunca fui pra Rio Claro, não tenho nada em Rio Claro. Nem ele em São Carlos.

Marido 1 (f39): Acho que a Internet foi um meio, não que ajudou a gente a se conhecer melhor. A gente foi se conhecendo se vendo, convivendo.

Esposa 1 (f47): Talvez se não tivesse tido já interesse pela internet, talvez nem tivesse se conhecido, sei lá...

Marido 1 (f40): Achei diferente, não sabia que ia acabar desse jeito.

Esposa 1 (f48): Achei engraçado porque a gente ta nos tempos modernos, né? A minha mãe conheceu meu pai por carta. Era uma revista... por causa da igreja dela também. Ela, procurando por nomes, se correspondia com rapazes, e ela achava as cartas do meu pai muito interessante. Aí, depois, achei engraçado, no fim eu acabei conhecendo o Marcelo pela Internet, que foi também um outro meio, que você acha que nunca vai... que não conhece pessoas, e... foi o meio mais moderno, vamos dizer assim, depois a gente trocava *e-mail*, né?

Marido 1 (f41): É, *e-mail* mudou assim, mas...

Esposa 1 (f49): Modernizou, o meio de comunicação, de achar, de procurar. Mas achei interessante.

Psicóloga (f16): Tudo começou no *site* da igreja. Qual a igreja de vocês?

Esposa 1 (f50): Adventista do Sétimo Dia.

Psicóloga (f17): Vocês utilizaram outro *site*, que não fosse o da igreja?

Esposa 1 (f51): Eu não sei o Marcelo, mas para mim era importante que a pessoa fosse adventista. Eu sempre achei mais fácil ter um relacionamento com uma pessoa que tenha um mesmo pensamento que eu, e a mesma crença.

Marido 1 (f42): Eu só usava aquele *site* também.

Psicóloga (f18): Vocês contaram a outras pessoas que se conheceram pela Internet? Como elas reagiram?

Marido 1 (f43): Ela me levou... No primeiro dia que conheci ela, ela me levou na casa dela, acho que ela queria que a mãe dela me visse, sei lá...

Esposa 1 (f52): (Rindo) Eu não sabia onde levar o Marcelo! Levei em casa!

Marido 1 (f44): Foi assim, ela me levou na universidade, na federal, a gente ficou conversando lá, daí eu falei assim “quero ir no banheiro”, daí acho que não tinha banheiro ali...

Esposa 1 (f53): É (rindo).

Marido 1 (f45): Daí ela falou assim...

Esposa 1 (f54): Podia ter ido no shopping...

Marido 1 (f46): Ela falou assim... tem o shopping e tem minha casa, onde você prefere ir? Eu falei: não conheço nenhum dos dois, você me leva onde quiser. Daí ela me levou na casa dela.

Esposa 1 (f55): (rindo) A intenção não era apresentar, mas... coincidiu!

Marido 1 (f47): Sua mãe não ia estar em casa??

Esposa 1 (f56): É... não pensei...

Marido 1 (f48): Seu irmão andando de cueca pelo meio da sala...

Esposa 1 (f57): (rindo) É meu irmão apareceu, andando de cueca.

Marido 1 (f49): Ele não sabia se me cumprimentava, ou se voltava e ia embora. (ri).

Psicóloga (f19): E como foi isso? Como a família reagiu?

Esposa 1 (f58): Minha mãe já sabia, já sabia que eu ia encontrar ele. Acho que ela até fazia questão de conhecer e ver com quem era que eu tava me relacionando. Mas, assim, acho que pelo fato dele ser da igreja. E... que nem eu falei, uma coisa que eu não tive medo de conhecê-lo também foi porque eu tive um vínculo, tive uma pessoa que eu conhecia que conhecia ele, e vice-versa. Lógico que ele não teve informações minhas através dela, porque ele nem teve mais contato com ela, mas eu pude saber... que ela falou bem da família dele, era uma família que era da igreja, e isso era importante pra mim.

Então, acho que, na verdade, o que a Helen, essa minha amiga, influenciou, deu manter contato.

Psicóloga (f20): E pra você, Marcelo, como foi isso?

Marido 1 (f50): Como eu falei, fui conhecer ela não pela foto que ela mandou, mas mais porque eu achava interessante, gostava de conversar com ela. Minha mãe... Eu tinha um telefone no quarto que era só pra Internet, daí eu dava o telefone, às vezes umas meninas ligavam, minha mãe ficava brava. “Ah, essas meninas tão muito... tem que parar de ligar, não sei o quê, pa pa pa...”.

Esposa 1 (f59): Tava ficando mulherengo? (rindo).

Marido 1 (f51): ... “Não vai trazer menina aqui!”. Uma me mandou flores. Eu não tinha muito o que fazer, né.

Esposa 1 (f60): Acho que depois de um mês que a gente já tava namorando, depois de um mês que eu fui pra Rio Claro, daí eu conheci os pais dele... a família, né. Daí fui conhecer a família dele. Mas, assim... ficaram curioso, eu acho. Mas não surpreso, curioso de saber: “Ah, quem que é?”. Assim, as pessoas ficam surpresas, vamos supor, to conversando com alguma amiga que não sabe como a gente se conheceu, e fala: “Ah, a gente se conheceu pela Internet!”, aí sim eles ficam surpresos. Quem não sabe da nossa história, fica surpreso: “Ah, que legal!”. Acho interessante eles terem uma reação de surpresa.

Psicóloga (f21): Você contou, Ana, que o apelido do Marcelo era “Fulano”, e qual era o seu?

Esposa 1 (f61): É, o Marcelo era o “fulano”. Meu nome é Ana Helena, mas eu colocava só Helena. Eu queria manter meu sigilo, vamos dizer assim. E ninguém me conhece por Helena. Falei: ah, não vou estar mentindo... (risos), mas também ninguém vai saber porque ninguém me conhece por Helena.

Psicóloga (f22): Algo mais teriam a dizer sobre o bate-papo?

Marido 1 (f52): Faz 7 anos e pouco. Não lembro, não. Tenho memória curta.

Esposa 1 (f62): Também não lembro. Acho que era mais conversa se conhecendo, que você faz? Ele falava desde aquela época do interesse dele de vim estudar na Inglaterra. Ele falava: “Ah, não consegui fazer minha graduação, mas queria pelo menos conseguir fazer o mestrado fora”. Isso ele já sempre falava, de voltar pra Inglaterra pra fazer o mestrado. E acho que eu falava que eu fazia Enfermagem.

Marido 1 (f53): Acho que com o tempo vai adquirindo afinidade, a conversa vai... acaba falando do dia a dia...

Esposa 1 (f63): É, vai perguntando, e o outro responde: ah e você? Que você acha disso? Foi estabelecendo um certo vínculo, depois foi achando interessante a conversa, depois já foi perguntando como era. Eu não gostava que fosse das primeiras perguntas. Aí a gente conversou... Foi lá pra terceira

vez que ele perguntou qual era minha altura, minha cor de cabelo, sei lá, se era morena, se era loira. Mas o jeito que ele me perguntou também não me irritou. Porque também eu já tava curiosa de saber como ele era, né, então vou ter que falar como é que eu sou!

Psicóloga (f23): E o que dizer da expectativa para o primeiro encontro?

Marido 1 (f54): Ah, eu vi uma loirinha passando, andando assim... pensei: Nossa! Bem que podia ser ela! Mas achei que não fosse pela "fotinha". Tava meio judiada, coitada!

Esposa 1 (f64): (Rindo) Que bom! Eu... Ah, é ele!!!

Marido 1 (f55): No dia, assim... não tinha muitas expectativas. Gostava de conversar com ela, achava ela interessante, mas na verdade pensava nela muito magrela. Tinha medo de abraçar e quebrar.

Esposa 1 (f65): E agora engordei!

Marido 1 (f56): Nós dois.

Esposa 1 (f66): Agora somos dois gordinho! Ah... Você sempre tem uma expectativa, de como é realmente a pessoa. Essa expectativa você diz fisicamente ou de...?

Psicóloga (f24): Qualquer expectativa.

Esposa 1 (f67): Acho que a expectativa maior acho que é realmente a aparência, e de eu saber como é que ele era. Aí, no fim, a roupa dele não era nada do jeito que ele descreveu. Acho que por isso também eu não achei ele tão logo de cara. Falei: mas não é bem essa cor... Na verdade, não ficou nem tão ridículo, do jeito que ele descreveu. Falei: nossa! Uma calça verde, uma blusa azul...

Marido 1 (f57): Tava ridículo?

Esposa 1 (f68): Não! Acho que era essa mesmo... (olhando pra camisa dele).

Marido 1 (f58): Não era... Tenho certeza que não era. Era azul escuro, tinha só uns risquinhos.

Esposa 1 (f69): Ah! Ta certo! Aí fiquei pensando: "Que roupa mais brega que esse menino vai estar vestido, uma camisa listrada, uma calça verde...". Aí, no fim, era uma calça meio acinzentada, um verde, mas puxando bem pro cinza. E... na verdade acho que era uma camisa azul inteira... Isso mesmo... era uma camisa azul inteira, e uma listra ou outra só no começo, na parte do peito assim, e pronto! Acabou! E eu to imaginando uma coisa inteira listrada!

(Risos).

Psicóloga (f25): Parece que não fizeram uma descrição com poucos detalhes.

Marido 1 (f59): Acho que descrevi na minha cabeça do jeito que era. Homem não tem muito detalhe pra descrever.

Esposa 1 (f70): É, acho que é isso! Ele não tinha muito detalhe pra descrever.

Marido 1 (f60): Na minha cabeça era assim. Eu tava daquele jeito. E ela tava achando... tipo um jeca saiu da roça...

Esposa 1 (f71): (Rindo) Aí, quando eu vi, não tava tão descombinando... como eu achei que fosse estar.

Psicóloga (f26): E pra você, Marcelo, o que dizer da descrição que a Ana fez a você?

Marido 1 (f61): Pra mim, você foi com uma camisa amarela, mas você teima que não.

Esposa 1 (f72): Era verde!!!!

Marido 1 (f62): Acho que era amarela...

Esposa 1 (f73): Não era amarela, Marcelo, eu lembro!

Marido 1 (f63): Ela tinha mania de pintar o olho com um negócio da mesma cor que da blusa. Daí ela olhou pra mim, piscando, vi aquele negócio colorido (risos).

Esposa 1 (f74): É que como ele viu minha foto com meu olho fechado... Ele falava, agora eu vou ver teu olho, porque você não vai estar dormindo... Daí eu tava com uma camisa verde, passei um negócio meio esverdeado no olho. Aí eu falei: olha meu olho! Uma coisa assim...

Marido 1 (f64): É que você tinha mania também de ficar piscando.

Esposa 1 (f75): É!

(Silêncio)

Psicóloga (f27): E o que mais poderiam dizer sobre a transformação de um relacionamento virtual em namoro?

Marido 1 (f65): Acho que a gente se conheceu mais no namoro.

Esposa 1 (f76): É, a gente se conheceu bem no namoro! A gente brigou bastante no namoro. Não sei nem como que a gente... (risos). Eu achava várias vezes que a gente ia... Na verdade, assim, a minha mãe... é que o Marcelo é uma pessoa... o que eu gostava nele é que ele era muito atencioso. A família dele é muito atenciosa. E eu sou de uma família que é do sul, descendente de alemão. Alemão é meio frio. E eu gostava da atenção que eles me davam. Eles eram atenciosos, carinhosos, conversavam. O Marcelo era muito atencioso. E, assim, uma coisa que eu gostava nele também, depois de um certo tempo, até de briga e de namoro, eu senti que ele gostava realmente

de mim, e que ele lutava por me ter. E eu pensava, ele deve realmente gostar de mim. Eu gostava disso. Porque, antes do Marcelo, eu tive um namorado, que o pai dele era descendente de alemão, e apesar dele ser uma pessoa boa, carinhosa, cristã, mas ele não era muito atencioso. E, assim... quando eu fui pra terminar o namoro, depois de uns três anos, eu falei: ah, acho que não tá dando muito certo. Sei lá... nem lembro que eu falei, que a gente tinha que terminar, tal. Eu percebi que ele ficou chateado, mas ele não fez... ele não lutou por mim, vamos colocar assim... E o Marcelo sempre lutava por mim. Eu gostava disso. Pensava: então ele realmente gosta de mim. E depois de tudo que ele passou... assim... a minha mãe tinha muito ciúme do nosso relacionamento. Ela tinha ciúme do que eu falava que a família... do jeito que a família dele me tratava, e acho que ela ficava um pouco enciumada. E ela interferiu muito, assim, eu acho, no nosso namoro. E eu lembro que teve uma vez que meu pai até falou: vocês brigam tanto, por que vocês não terminam? Aí eu fiquei com aquilo na cabeça, porque meu pai é de falar pouco. Eu falei: “Nossa! Será que não é pra ser?”. Aí eu lembro que, discutindo bastante com o Marcelo uma vez no telefone, daí ele insistiu que ele queria vir, que se fosse então pra terminar, ia terminar não por telefone, mas pessoalmente. Aí eu lembro que eu chorei, chorei, chorei, chorei. Aí minha mãe percebeu o quanto eu realmente gostava dele. E ele na casa... nem sei como é que foi... acho que ficou bravo. Acho que você saiu com seus amigos: “Ah, também não quero saber...”.

Marido 1 (f66): Eu lembro que... Eu falei pra ela: a gente não começou a namorar por telefone nem pela Internet, então não vou terminar com você nem por telefone nem pela Internet. Eu vou aí, a gente conversa, aí se você achar que é isso, então é isso.

Esposa 1 (f77): Aí eu lembro que ele chegou, e já chegou chorando, daí eu comecei a chorar também. Eu fiquei com dó! Mas, assim, eu gostava dele também. Pensei: eu não ia estar sofrendo tanto se eu não gostasse dele. Então era pra gente ficar junto, então a gente continuou namorando. Então acho que meus pais aceitaram mais também. É que é assim... é... a minha mãe é uma pessoa muito religiosa, e ela achava que o Marcelo não era religioso o suficiente. Ele era meio largado, assim, com a religião. E ela achava que eu tinha que namorar alguém que fosse mais ligado com a igreja. Então, acho que isso que interferiu muito.

Marido 1 (f67): Sua mãe era muito “palpitera”!

Esposa 1 (f78): É, ele falava que minha mãe era muito “palpitera” (ri).

Marido 1 (f68): É tanto que agora tem um oceano separando a gente... (moram em Londres) (ri).

Esposa 1 (f79): Maldoso! Acho que era mais do tanto que minha mãe ficava na minha orelha, sabe? Falando de... eu nem sei o que ela falava. Ah... ela implicava tanto com nosso namoro, e eu acaba descontando no Marcelo, e a gente acabava brigando. Mas, assim, por um lado, a gente se conheceu muito nesse tempo. E apesar da gente não ser da mesma cidade...

Marido 1 (f69): A gente só se via no final de semana...

Esposa 1 (f80): A gente só se via no final de semana...

Marido 1 (f70): E brigava quase todo final de semana.

Esposa 1 (f81): É! A gente só se via de final de semana, ou eu ia pra casa dele, ou ele vinha pra minha casa. Então, a gente passou bastante tempos juntos, deu pra se conhecer melhor. Via levantar, via... fedido, cheiroso... Então, ele veio pra Londres, ficou aqui 8 meses. Depois ele voltou, a gente casou, dois dias depois a gente veio pra cá. Só que... assim, aqui a gente só tinha um ao outro. Não tinha família... tem uma tia, mas não é a mesma coisa. A gente só tinha praticamente um ao outro. Se brigasse... não tinha jeito, tinha que ficar no mesmo lugar também, não tinha como eu ir pra casa da minha mãe, ou sei lá...

Marido 1 (f71): E o lugar que a gente morava também era pequeno, né.

Esposa 1 (f82): É. O lugar que a gente morava não era nem uma kitnet. Eles chamam de studio aqui. É tipo um quarto, que tem uma cozinha e um banheiro.

Marido 1 (f72): Aquele lá até tinha um sofá, mas não dava nem pra dormir.

Esposa 1 (f83): É. O sofá não dava nem pra dormir, tão ruim que era. Tinha uma cozinha meio separada, um banheirinho separado. Mas, assim, você entrava pela cozinha, não tinha uma sala, você já via a cama, já era o quarto.

Marido 1 (f73): Se brigasse, não dava nem pra ficar longe.

Esposa 1 (f84): Mas acho que foi bom aqui. Apesar de a gente ter casado e já vindo pra cá, mas acho que foi bom.

Marido 1 (f74): Tudo que a gente tinha que brigar já tinha brigado.

Esposa 1 (f85): É. Acho que tudo que a gente tinha que conhecer, conheceu no namoro. As diferenças...

Marido 1 (f75): A gente briga ainda...

Esposa 1 (f86): Lógico, né. Mas, assim, as diferenças... A gente não casou...

Marido 1 (f76): A gente tava consciente exatamente de como cada um era, então não foi nenhuma surpresa pra nenhum dos dois.

Esposa 1 (f87): É.

(Silêncio)

Psicóloga (f28): Poderiam dizer alguma coisa sobre projetos atuais?

Marido 1 (f77): A Ana quer ter filho!

Esposa 1 (f88): Pôxa! Casados 4 anos e não ter filho também, né Carla? Não... eu to falando pra ele... Eu acho que... ele não quer ter filho ainda porque ele ta

estudando, então ele acha que vai ser um estresse a mais, e também ele fica muito ligado no financeiro, o que eu acho que tá certo também. Mas... ah... Eu acho que é bom para o casal ter um... ter um bebê. E... assim, eu to pensando em ter um filho, Marcelo ta pensando em fazer o doutorado, ou trocar o carro... não ta pensando no filho (ri). Mas eu vou conversando, que eu quero, não vou forçar idéia, vou deixar ele aceitar idéia. Ah... a gente agora ta numa situação, graças a Deus, confortável, estável. Eu, na verdade, não trabalho como enfermeira aqui. Eu trabalho no hospital colhendo sangue. Então, eu colho sangue dos pacientes que estão nos andares, ou então eu colho o sangue dos pacientes que vêm dos consultórios dos médicos, pra... tipo um ambulatório pra tirar sangue. E... a gente tem nosso apartamentinho, tem nosso carro... A gente ta numa situação mais estável...

Marido 1 (f78): Financeiramente, né.

Esposa 1 (f89): É, financeiramente. As pessoas às vezes perguntam pra gente se a gente vai voltar para o Brasil. No começo, eu sempre falava... o Marcelo falou de vim pra cá, estudar, e depois a gente voltava para o Brasil. Só que, assim, a gente casou e veio pra cá. Então, a gente começou a nossa vida aqui. Se a gente volta para o Brasil, a gente tem que começar tudo de novo. Tem que ir atrás de emprego, tem que ir atrás de casa, tem que ir atrás de um lugar pra se fixar, pra se enraizar. Aqui a gente já ta meio que enraizado. Não assim, enraizado...

Marido 1 (f79): É medo da fase de adaptação, de todo o estresse.

Esposa 1 (f90): É que no começo eu não conhecia ninguém, tava longe da família, outro país, outra cultura, apesar de já conhecer a língua, que eu tenho uma facilidade muito grande. Acho que se eu viesse pra cá não sabendo nem a língua, acho que eu ia gostar menos ainda. E... não que eu não gostei no começo, mas era estranho. E... aí depois que a gente foi pro Brasil, viu a família e voltamos, eu já voltei diferente. Sentindo saudade, dá saudade, claro, mas, assim, agora a gente tem amigos, a gente vai sempre... na verdade, já tem um trabalho, já tem um lugar onde mora, então já ta mais...

Marido 1 (f80): Você (Esposa) sabe que se quiser voltar, a gente tem condições de voltar. Sei lá, se quiser pelo menos uma vez por ano, dá pra ir.

Esposa 1 (f91): Às vezes o Marcelo fica meio com receio de voltar para o Brasil, mais pelo... econômico e também... violência. Claro que depende de onde você vai morar, que aqui também ta ficando violento.

Marido 1 (f81): Sei lá, se ela ta pensando em ter um filho, deixa ter o rebelento aqui...

Esposa 1 (f92): Olha como ele fala do filho! É o rebelento, não é o filho! Não é o bebê, é o rebelento!

Marido 1 (f82): Sei lá, não sei se eu ia querer ter um filho adolescente aqui, mas... de repente até uma certa idade até dá...

Esposa 1 (f93): Assim, a gente tem intenção de voltar para o Brasil. Não tem intenção de morar aqui pra sempre.

Marido 1 (f83): Aposentado, ou antes... não sei.

Esposa 1 (f94): Mas a gente ainda não sabe quando. Não tem uma data.

Marido 1 (f84): Não tem uma data específica. Terminei o mestrado em agosto, daí quero dar um tempo, sei lá... uns seis meses, um ano, pra pensar o que vou querer da vida. Se eu quero fazer doutorado, ou não. Daí... não sei...

Esposa 1 (f95): Eu tinha até pensado em começar a estudar alguma coisa. Mas daí pensei: se eu estou com vontade de ter um filho, se eu começar a estudar, trabalhar, e ter que cuidar do filho, ou então grávida, acho que vai ficar meio complicado.

Marido 1 (f85): Então, assim, para um futuro próximo a gente não tem um plano específico. Mas, a longo prazo, voltar para o Brasil, isso com certeza, independente de onde, morar na beira da praia, andando com o pé na areia...

(Ana ri).

Psicóloga (f29): O que mais poderiam dizer sobre o relacionamento atual de vocês?

Marido 1 (f86): O que eu falo pra ela é que eu odiava o domingo à noite, que era quando eu tinha que levar ela pra rodoviária pra ir embora. Hoje todo dia é sexta-feira, que é quando eu ia buscar ela. Não tem aquele negócio de só final de semana... de novo tá indo embora pra casa dela, vou ter que esperar outra semana pra poder ficar com ela de novo.

Esposa 1 (f96): É, detestava rodoviária (ri). Rodoviária era bom ao mesmo tempo muito ruim. Agora não tem mais despedida. A gente pode deitar juntinho e ficar juntinho. Vai dormir juntinho, não tem que falar tchau. Assim... A gente é muito honesto no nosso relacionamento. Eu falo que o Marcelo não é só meu marido, ele é meu companheiro e meu amigo. É a pessoa que eu tenho pra... é a minha companhia. E se ele não tá... a gente fica tão junto assim, que se ele não tá por perto, acho que fica até meio esquisito. Às vezes eu saio... Às vezes o pessoal do trabalho marca pra tomar um sorvete junto, ou vamos no barzinho, alguma coisa assim. Eu fico: "Ah... eu vou embora pra casa! Não quero ir." "Ah! Larga seu marido, ele não deixa você ir?". Eu falo, "não, deixar... ah... ele também não gosta de ficar sozinho". Mas eu prefiro vir pra casa ficar com ele.

Psicóloga (f30): E você Marcelo?

Marido 1 (f87): Ah... dificilmente eu saio acabo sozinho, a gente tá sempre junto. A única coisa que eu acho ruim é que se ela volta tarde, dependendo do lugar fica meio complicado, mas, todo caso, vou buscar ela. Mas acho que o problema é esse... se eu sei onde ela tá, não vai chegar tarde, meia noite, porque no outro dia tem que acordar às seis...

Esposa 1 (f97): É mais pelo horário então?

Marido 1 (f88): É, acho que é. Pelo horário, preocupação se ta bem, se não ta... Sei lá, mais por isso.

Esposa 1 (f98): Acho engraçado que quando chega final de semana, a gente fica sempre junto, aí chega de segunda-feira, cada um vai pra um canto, ele vai pro trabalho dele, eu vou pro meu, aí eu fico: "Ah... Só vou ver ele à noite agora!". Dá saudade! Fica tanto junto depois...

(Marcelo faz gesto concordando).

Psicóloga (f31): Muito bem. Gostariam de dizer algo antes de encerrarmos?

Marido 1 (f89): Por que você teve interesse por este tema?

Esposa 1 (f99): Ela conheceu o marido dela na Internet. (A pessoa que apresentou o casal à pesquisadora tinha esse dado, e o contou a Ana).

Psicóloga (f32): Tive interesse por estudar o casamento na contemporaneidade. Ao iniciar o estudo, encontrei artigos que destacavam diferentes problemas dos relacionamentos virtuais, com ênfase às possíveis frustrações que os casais podem viver ao transpor o vínculo do virtual para o relacionamento face a face. Acontece que, assim como vocês, também vivi essa experiência, que pode ser também positiva, por isso foquei este estudo.

Marido 1 (f90): Muito bom!

ANEXO V

Entrevista na Íntegra: Casal 2

Psicóloga (f1): Que experiências marcaram a construção do relacionamento de vocês desde o primeiro contato na internet?

Esposa 2 (f1): Você fala primeiro?

Marido 2 (f1): Não sei... O que você prefere?

Esposa 2 (f2): Melhor você falar primeiro. Você tava mais tempo do que eu na internet.

Marido 2 (f2): Quando eu comecei a ouvir falar de chat, bate-papo, assim, tinha aquela noção... nos anos 90, de que só pessoas ligadas a computação... Havia até um certo preconceito, né. *Nerd*, uma pessoa bitolada, uma pessoa que não sai de casa... Então eu não tinha interesse nisso. Tava na faculdade, então tava preocupado em me formar, conseguir um emprego... Tava com essas coisas na cabeça, então não tive a motivação pra entrar em *site* de bate-papo. Colegas de faculdade já entravam, isso em 97, 98. E... não tinha interesse, e... eu tinha até um certo preconceito até, porque eu imaginava, assim, que as coisas seriam como nos filmes, nas músicas... Aquela cena clássica, o sujeito tá virando uma esquina, ou na rua, ou no corredor de alguma instituição, aí ele tromba com aquela garota formosa, derruba os livros e vai lá ajudá-la recolher tudo do chão, tem aquela troca de olhar, ela é bonita, ela não é casada, não tem namorado, os dois estão disponíveis, e aí rola um clima, tudo acontece... todo o cosmos atua em favor de uni-los. Então... imaginando que esses fatos de Hollywood ocorressem com frequência na realidade, na prática, então fiquei aguardando pra ver, só que a minha vida, os meus costumes, me levaram a não ter contato com mulheres, a começar de uma irmã três anos mais velha, com quem, mesmo na infância tive pouco contato, porque mulher amadurece mais cedo, e ela três anos mais velha, então a gente quase não teve relacionamento. E longe de primos, tal, era só eu e meu irmão mesmo, e aí eu comecei me interessar por essa área, engenharia elétrica, áudio, vídeo, assunto que, assim, atrai predominantemente os homens, e que, de certa forma, me separavam do convívio com mulheres. Em todos os meus ambientes de convívio muito rara a presença de mulheres. E quando havia, eu percebia

que havia uma disputa muito grande, como se ela fosse a única mulher do local. Mesmo que ela não seja atraente, mas sendo mulher é um status, então o rapaz que conseguir tê-la, ele vai ter uma posição superior em relação aos demais porque ele conseguiu a única mulher do local, ainda que ela não seja atraente. Então, percebi assim... um assédio muito grande, de forma que não era possível, geralmente porque não havia interesse da minha parte, mas mesmo que houvesse interesse da minha parte, não... a chance era muito pequena, por causa do grande assédio. E isso tenho, assim, exemplos de monte. Numa outra turma, a turma anterior à minha, tinha uma aluna só da engenharia elétrica, e era uma pessoa por quem eu não tinha a menor atração física, não despertava a menor atração física, mas ela era super disputada ali, inclusive ela se casou com um colega de classe. Então, percebi o seguinte: que eu não queria uma mulher pra mim nesse tipo de ambiente, porque, pelo que eu percebi no comportamento é que eram pessoas que tinham... estavam cientes da oferta de parceiros, e que por isso não estavam dispostas a se doar na mesma intensidade como a outra pessoa se doaria a ela, por causa da relação oferta e procura, a lei de mercado, e tudo mais, aquele tipo de coisa. Então, falei assim: não quero uma pessoa pra mim que vai sentir fazer um favor de estar comigo. Se não tem quem quer, tem que se conformar com isso porque não tem condições de exigir nada. Não quero esse tipo de coisa. Tanto que eu via... os conflitos aconteciam... As minhas duas primas, por exemplo, estão divorciadas agora, porque, realmente, é uma situação conflitante essa. Em curto prazo até dá pra suportar, mas pra longo prazo é complicado. Então, falei o seguinte... aí eu comecei a ter o preconceito, sabe? Eu não quero me envolver com nenhuma menina aqui da minha área de trabalho, área de engenharia elétrica, área de pesquisa... Então, quando eu comecei o doutorado... mestrado, doutorado, tinha geralmente uma ou outra menina envolvida ali no trabalho, e eu já me fechava, sabe? Falando assim, dá a impressão de que partia de mim, mas não. Ou geralmente as meninas, ou eram casadas, ou tinha namorado, eram muito assediadas. Eu já me fechava. Aí eu pensava assim, em me envolver com meninas de outras áreas, né, porque tinham os casos, a turma falava, as meninas da psicologia, da pedagogia, da história, da filosofia, da enfermagem... Às vezes eu falava assim "puxa! Eu to no lugar errado, to com um problema de logística!". Realmente, a questão logística é bem complicada. Aí comecei a pensar, "realmente com meu estilo de vida, vai ficar complicado. Eu não vou ter acesso a esse tipo de pessoas". E também na igreja que eu frequento, também, por uma coincidência do destino, também aconteceu esse problema de... mais rapazes do que garotas, né. Então, também havia esse problema, as meninas eram bastante assediadas. Então, também, a gente percebeu o seguinte, porque na minha juventude eu frequentava igreja, e ouvi os comentários dos rapazes, e até hoje eu ouço esses comentários... que os rapazes, eles... geralmente querem usufruir de orgias, bacanais, por aí, mas, na hora de estabelecer um relacionamento sério, eles querem uma mulher mais pura, né. Até falo explicando pra Débora (esposa), pura, santa, casta, imaculada, essa... virou jargão já isso aí. E aí... o lugar mais propício pra isso é numa igreja, tanto protestante como católica. E geralmente alguns rapazes costumam fazer isso. Eu costumo perceber muito isso, sabe? Rapazes já em idade de se casar procurando moças nas igrejas, e pra casar mesmo, começa a namorar e... em seis meses, um ano, já casa. Quer dizer, eles não vão lá em busca de... só de

prazeres assim, porque isso daí eles sabem que lá não é o lugar certo, isso daí eles tem que buscar em outros lugares da vida. Então, por todos esses motivos, a demanda pras garotas era muito grande. A recíproca não era verdadeira. Também nos bate-papos eu pude perceber que essa postura do homem não costuma ser valorizada por parte das meninas, pelo menos por parte daquelas com quem conversei.

Psicóloga (f2): Bate-papo na Internet?

Marido 2 (f3): Na internet. Não queria antecipar, mas pra mostrar porque que na igreja tava tendo essa dificuldade. Se por um lado as meninas da igreja eram por demais valorizadas pelos rapazes de fora da igreja, pra casar, não pra ficar, mas pra casar, as meninas de fora, elas não valorizavam os rapazes da igreja, pelo contrário, havia até uma ridicularização. Por exemplo, são pessoas daquele formato... Edir Macedo, aquele pessoal que só tem um assunto, não sabe fazer outra coisa, aquela pessoa chata, aquela pessoa de papo monótono, não é uma pessoa divertida, uma pessoa ranzinza, então não é uma pessoa legal pra ficar, pra conversar, então... não era compensado. Então, todos os ambientes onde eu me encaixava, havia uma procura muito grande por parte das mulheres, e uma oferta muito grande de homens. Aí o que aconteceu... Ainda bem que eu tive essa percepção, porque, se não, a minha auto-estima ficaria muito baixa, porque realmente foram assim, vários fracassos nesse sentido. Aí o que eu percebi, é... por mim mesmo, eu não tenho como me encaixar em outro local porque eu estaria me anulando. Eu até tentei fazer isso, eu já estive em outros lugares, com outras pessoas, pra diversificar isso daí, só que... eu percebia que o caminho... o sofrimento seria muito grande, eu tava me tornando uma outra pessoa. Fui duas vezes na danceteria, com o pessoal da academia, da musculação, fui em algumas festinhas por aí, só que eu pensei o seguinte: “a garota que eu vou conhecer nesse local vai lá provavelmente porque ela gosta desse tipo de local, e se ela me encontrou lá, ela tá achando que eu também gosto desse tipo de local. Aí, ao iniciar relacionamento, ela vai esperar que nós dois juntos freqüentemos esse local, e eu não vou querer freqüentar, aí vai surgir um atrito”. Então, pensei “não é legal isso, vai gerar problema, e eu não vou querer uma garota que de sábado à noite sai sozinha, ou sai com as amigas pra esses tipos de lugares”. Então, falei “e agora, o que eu faço? Que situação difícil! Como resolver esse problema?”. Só que aí... minha mãe, minha avó, minha tia, falavam assim “não... homem não tem problema, homem pode casar tarde”. Mas eu comecei a olhar ao meu redor, homens de quarenta anos pra cima, solteiros, sabe? Alguns até com mais de cinqüenta anos. Alguns ficavam com mulheres já divorciadas, com filhos, não que... não que eu tenha esse preconceito, mas o que eu via era o seguinte, eles queriam formar uma família, sabe? Mas como eles casaram muito tarde, 45, 50 anos de idade, eles acabaram adotando os filhos que a aquela mulher trouxe de um outro casamento. Isso aí seria o plano B, mas não o plano A pro meu caso. Então falei “isso que minha mãe ta falando, minha avó, minha tia fala, eu não to percebendo, porque eu to vendo os caras ficando solteirões aí, até em idade avançada. Aí vi meu irmão seguindo o mesmo caminho... Aí ouvir os caras falarem assim “ah, mulher é interesseira, mulher só quer dinheiro”. Não é assim, porque meu irmão, muito rico, muito rico mesmo, e não conseguia, as mulheres não eram interesseiras. Notava, assim, dinheiro, carrão... Então, falei

“gente, olha só, o que está acontecendo?”. Inclusive as garotas eram até tão pouco interesseiras financeiramente que, assim, iam de carro buscar o namorado, porque não tinha carro pra passear. Então, assim, elas vinham de uma família que tinha um nível bem superior ao dos namorados, e... se dando bem, uns até casando. Então, deu pra perceber o seguinte: esse negócio de status, sabe, é engenheiro, é doutor, é mestre, isso daí vai trazer pouco benefício nessa área. Aí falei “então, vamos ver se esse negócio funciona, né?”. Paralelamente, eu fui lendo alguns artigos na Internet sobre isso daí, e era desanimador porque... a maioria falava que isso daí geralmente era o plano B, como pra mim foi o plano B, não foi a primeira iniciativa. Só que no caso das mulheres, que sabem que pros homens a importância que tem a visão, né, a parte visual, que é o que dá o primeiro impulso... pode até não ser o mais importante, mas é o ponto de partida, né. A partir desse ponto que o rapaz vai avaliar a garota, se o resto, que pode até ser mais importante, é satisfatório, ou não, mas o ponto de partida é esse. Se a primeira avaliação visual não for satisfatória, aí não há abertura para uma outra oportunidade, a não ser, claro, se eles já trabalhem juntos... quando já se conhecem, tal, ele pode conhecer o interior da garota, né, mas o que não era o meu caso, porque eu não tinha contato. Então, pra mim, essa possibilidade de conhecer uma garota que à primeira vista não despertasse interesse, mas, depois, com o convívio, pudesse me interessar, pudesse conhecer o interior, pra mim tava descartada, porque eu não tinha convívio com mulheres, praticamente, só homens. Então, tinha que ser mesmo nessa questão, primeiro a parte visual, depois vamos conhecer o interior. Só que... o que eu li por aí, vários artigos na Internet, como a parte visual é a parte mais fácil de ser avaliada, então também é a parte mais fácil pra garota atrair os rapazes. Mesmo que a menina, por exemplo, estude num colégio onde só tem meninas, por exemplo, uma escola de freiras, por exemplo, mas uma hora ela vai no shopping, uma hora ela vai na padaria, uma hora vai no cinema, alguma coisa assim. Tem que sair de casa uma hora. E nessa hora ela pode receber o assédio. Quantas vezes a minha irmã já passou por essa situação? Supermercado, restaurante, os rapazes vinham procurar. Então, falei “vamos tentar pelo menos fazer umas amizades aí”. Aí percebi, que embora, assim, a maioria realmente não descartava a atração física à primeira vista, embora, possivelmente com o contato mais íntimo, por amizade, pudesse despertar um sentimento, algumas... conheci garotas muito bonitas pela internet, só que... cada um tem uma intenção quando entra num lugar desses. Por exemplo, tem muita mulher casada, que se sente sozinha, então ela não tem o menor interesse de conhecer ninguém, ela não tem uma colega pra ligar e conversar, então... fica conversando, ela não vai se identificar, não vai dar nenhuma informação pra que a pessoa possa entrar em contato com ela, ela só vai conversar. Só que... como ela sabe que nesses lugares, os rapazes, ou estão procurando uma namorada, ou querem papo, conversas sexuais, ela sabe que ela não pode se abrir declaradamente, falar que ela é casada, que ela não quer nenhuma conversa de teor mais ousado, que ela quer apenas uma conversa leve pra se distrair. Se ela falar assim, a chance do rapaz querer continuar conversando com ela é muito pequena. Então... ela acaba mentindo, ela se faz passar por uma garota solteira, fica conversando, aí quando cansou já, tal, aí desliga. Tem pessoas que fazem trotes, por exemplo, então eu já passei por todas situações assim, várias situações imagináveis. Já passei por

conversas super entusiasmadas, mas de repente... tchau! A pessoa falou tchau e desligou, ou então a pessoa simplesmente desligou.

Psicóloga (f3): Como era isso, o que sentia quando a pessoa de repente desligava?

Marido 2 (f4): Era, assim, era um sentimento de selva. Uma coisa é você estar na rua, no shopping, num lugar sossegado. Outra coisa é vc estar num bairro violento, bairro barra pesada, com pessoas suspeitas ao seu redor. Ou numa selva com animais selvagens por perto, aquela situação de alerta, sabe? Então, é... após as primeiras frustrações, a gente acaba se... prevenindo, porque foram muitas tentativas de trote, sabe? Por exemplo, nunca mais esqueci, teve uma pessoa, e era mulher, não era homem vestido de mulher, o apelido era “venenosa”. Já devia suspeitar!

Esposa 2 (f3): É!

Marido 2 (f5): Aí... Uma conversa super descontraída, né, marcamos um encontro, estive lá. Aí foi passando o tempo, a pessoa não aparecia, passava o tempo, não aparecia... Aí depois de uma hora, aí eu liguei lá, só que daí isso foi em 2000, naquela época eu não tinha telefone celular. Aí, do orelhão liguei pra ela, só que ela só me passou telefone celular. Aí eu liguei pra ela. Ouvi, era voz de mulher mesmo. Aí quando me identifiquei, ela ficou em silêncio. “Alô, tá me ouvindo?”. Silêncio. E cartão de telefone comendo lá os créditos (Esposa ri). Silêncio. “O que aconteceu?”. Aí desliguei, liguei de novo. Aí ela falou “alô”. Aí falei “sou eu, o Paulo” Silêncio. Fui até acabar com os créditos. Então, o que acontece, foi um trote na verdade, e... pra castigar mais o sujeito ainda... além de fazer o cara esperar lá, ainda quer fazer o cara gastar com ligação. Ficar só ouvindo a voz do cara falar “alô, alô...”, e não respondia. Então, teve vários casos assim. Teve um caso que foi, o mais grave, não lembro se era Limeira, Americana... Sta. Bárbara d’Oeste... alguma cidade por aqui, e... a gente marcou o encontro. Eu tinha o celular dela, só que nessa altura já tinha dois ou três anos de experiência, já fiquei preocupado com isso. Pensei “vou fazer um teste”. Fiz de propósito o teste. Atrasei meia hora pra sair de casa, ou vinte minutos. Aí pensei “vou inventar alguma coisa pra fazer ela me esperar”. Aí eu liguei lá, caixa postal. Falei “Deus do céu!” O combinado era que quando eu chegasse lá, eu ligaria pra ela. Caixa postal? Como é que pode isso? Aí... tava arrumado já, sabe? Dez minutos, liguei de novo, caixa postal. Deu uma hora, caixa postal. Isso era de tarde, de noite... caixa postal. Imagine se eu tivesse ido! Eu não tinha o endereço dela, eu só tinha o número do celular dela. Falei “meu Deus do céu, o que é isso? Só se ela perdeu o telefone, caiu no chão, quebrou... Vou dar um crédito, né?”. Aí no dia seguinte eu liguei, tocou o telefone. Ela falou “alô!”. Falei “oi, sou eu, Paulo”. Desligou o telefone. Falei “meu Deus do céu, era trote!”. Se eu tivesse ido... aliás, ela achou até que eu fui mesmo, ela não soube que eu não fui. Aí no outro dia ainda liguei de novo pra saber o que tinha acontecido, nunca mais consegui falar com ela. Então falei “meu Deus do céu, que selva!”. Então, ficava, assim, sempre preocupado. Então sempre que eu marcava encontro, eu marcava encontro num lugar é... agradável pra mim porque se eu levasse o *bolo*, como o pessoal falava, aí já passeava ali, já... pra não perder a viagem. Então, aconteceram algumas vezes, mas, assim, tinha sempre um resguardo, sabe? Aí esse excesso de

precaução limitava algumas coisas. Teve uma pessoa que eu conheci de uma cidade, já era um pouco mais longe, acho que era uns 200 km daqui, só que daí ela falou que eu poderia me hospedar lá. Só que tinha telefone celular, era difícil falar com ela no telefone celular. Várias vezes eu ligava, ela não atendia. Isso foi me dando tanta insegurança, foi esgotando as paciências... nunca consegui comprovar se a pessoa tinha boa intenção, ou má intenção. Mas... é... foi um desgaste, por causa desse excesso de zelo. Teve situações também em que eu errei porque a gente acaba se cansando desse troço todo, a gente acaba se tornando insensível, uma pessoa até pouco humana, sabe? E teve, assim, algumas pessoas, 3 ou 4 pessoas, com quem eu fui cruel, acabei magoando a pessoa, ferindo a pessoa. Uma pessoa, por exemplo, comentei com a Débora (esposa), a gente se encontrou a primeira vez, e... gostei dela, só que foi um encontro assim, ela tinha chegado de viagem, então ela foi correndo lá, tomou banho, tava com roupa casual, sabe? Aí no dia seguinte, quando a gente foi no shopping, ela se produziu, só que eu não gostei da roupa que ela usou, só que faltou maturidade da minha parte pra ter percebido que a roupa não é ela; a roupa a gente troca, a roupa envelhece, joga fora. O importante é a pessoa. E ela era uma pessoa cuja conversa era agradável, e cuja aparência era agradável, mas... assim... como... eu já tinha conhecido muitas pessoas, então o fato de conhecer alguém deixou de ter uma importância pra mim, então eu... eu fiz um comentário sobre a roupa dela, só que de uma forma... grosseira, sabe? Não falei de uma forma delicada. E ela, com razão, se sentiu ofendida. Dali ela se retirou, nunca mais a gente se viu.

Psicóloga (f4): Você disse que conheceu várias pessoas e que deixou de ter importância conhecer?

Marido 2 (f6): Deixou porque foi o seguinte, é... o conhecer pessoas acaba, com o tempo, deixando de ser uma etapa pra ser um fim em si mesmo, porque... No primeiro ano, ou segundo ano, eu dava muita importância para o que poderia vir, o relacionamento que poderia surgir. Mas, com tantos encontros e desencontros, desenganos, tantas frustrações, namoros que não deram certo... namoros que também terminaram de forma ruim, que acabaram gerando feridas, que faz com que a gente não se abra emocionalmente para novos contatos.

Psicóloga (f5): Namoros nascidos desses encontros?

Marido 2 (f7): Isso. Eu nunca namorei uma pessoa que não tivesse conhecido pela internet. Então, eu acabei me tornando desumano com esse processo. É como você imaginar uma criança de rua que... apanha dos colegas, não tem uma palavra de carinho, conforto. Aquela vida... quando se torna adulto, depois de tanto sofrimento, essa criança... esse adulto acaba tendo dificuldade de se abrir emocionalmente com as pessoas, seja um pai, um parente, uma namorada. Então, isso acabou acontecendo. Então, pra não me frustrar, não sentir nada forte “essa vai dar certo!”. Quando vou lá, já logo no primeiro encontro, a aparência é... me atrai, ou se aparência me atrai, a índole da pessoa é ruim, a pessoa faz algo ruim, então... a gente acaba não se envolvendo. Então, a gente acaba não dando tanto valor ao ser humano que está ali do lado, uma pessoa com sentimentos, que tem o seu valor. Acaba vivendo aquela coisa mecânica, aquela coisa comercial. “Entra o próximo, por

favor!”. Então, quando um sai, é... como é o centésimo a sair... eu não estou exagerando se eu disser que foram mais de cem pessoas que eu conheci pessoalmente, da internet. Então, sai um, entra outro. Então, a gente acaba não ligando mais pra isso, sabe? E é uma coisa da qual me arrependo muito, principalmente porque eu não tenho como pedir perdão pra essas pessoas, sabe, que eu magoei, sabe? De forma injusta, né? Se eu tivesse como entrar em contato, eu mandaria *e-mail* “me perdoe, tal”, mas não tem como, né? Então, até prefiro não ficar lembrando disso pra não sofrer. Mas eu fui entrando num processo de insensibilização pra esse tipo de coisa. Aí entrou a Débora (esposa) na minha pior época, porque eu já tava naquela época do... época do “vamos agilizar”. Já que a chance de encontrar a pessoa é de um em cem, um em quinhentos, então, não vamos perder tempo com algo que não vai dar certo, perder tempo com coisa que não vai dar em nada. Então, era aquela coisa objetiva. Ah, acho também importante dizer que eu tinha uma característica muito forte em mim, que depois descobri que é uma característica forte do campineiro, não tão forte quanto foi em mim, mas uma característica do campineiro. E eu posso falar porque nasci em Campinas. A pessoa ser provinciana, ela se fechar aqui na cidade, se isolar para o que está em volta. Prova disso que foi somente depois dos 27 anos que eu fui, pela primeira vez na vida, em Paulínia. Olha que eu nasci aqui! Que eu fui pra Indaiatuba, pra Jaguariúna, pra Cosmópolis, Artur Nogueira, é... Valinhos, que ta ligado com Campinas, eu fui uma vez só porque... quando nasceu meu sobrinho em Valinhos. Foi só nessa ocasião que eu fui pra Valinhos. Souzas também, que é um sub-distrito de Campinas, Joaquim Egídio. Então, eu passei toda minha vida em Campinas. E, pra mim, Campinas era dali do terminal central pro Taquaral. Do outro lado do terminal central, pra cá, essa região, não existia. Não era Campinas pra mim. Então, quando eu comecei a entrar no bate-papo, tinha que ser alguém dali, de preferência do Taquaral. Quando, na pior das hipóteses, Bonfim, Proença... Agora Jardim do Lago, aqui, São Bernardo, era inadmissível. Embora eu tivesse carro, eu não ia tão longe assim pra... por causa de mulher. Então, assim, tinha essa... esse rigor geográfico muito grande. Por causa, também, talvez dos filmes, dos livros, em que a namorada mora na casa ao lado, na quadra de cima, vai à pé, se conhece desde criança, pertinho, ali. Ou então, que trabalhasse juntos, mas como isso era inviável pra mim, por causa do que eu comentei no começo, então só sobrava a parte geográfica. Só que foi uma dificuldade muito grande. Depois fui me abrindo mais. Só que no começo foi difícil pra eu aceitar uma pessoa que não fosse de Campinas, ainda que fosse Jaguariúna, Indaiatuba, Hortolândia, Sumaré... Foi aí que eu comecei a conhecer cidades. Só depois dos 27 anos de idade, comecei a conhecer as cidades ao redor de Campinas. Eu não conhecia... só vivia aqui. Foi uma experiência muito grande, mas ainda tinha esse preconceito. Quanto mais longe... Teve uma menina de Piracicaba, me recusei porque era de Piracicaba, 80 km de distância. Agora, a Débora pegou o pior de mim, porque eu já estava insensibilizado, depois de 4 anos de, de...

Esposa 2 (f4): De Internet.

Marido 2 (f8): De Internet, bate-papo. De Piracicaba, me recusei encontrar com ela, imagina Maringá, quinhentos e poucos...

Esposa 2 (f5): 600 km.

Marido 2 (f9): E vale lembrar que quando eu entrei no *Orkut*, foi em 2005. Foi pra isso, foi pra conhecer pessoas. Não para encontrar conhecidos.

Esposa 2 (f6): Foi em 2004 que você entrou.

Marido 2 (f10): 2004, é. Eu entrei bem cedo, porque eu encontrei poucos conhecidos ali. Primeiro dia no *Orkut*, encontrei 5 conhecidos ali. Então, era bem no começo ali. Mas aí comecei a observar... eu tinha entrado também naqueles *sites* de perfis... Aliás, vou até fazer uma estatística, não oficial, não confiável, mas que eu fiz, ta? Esses negócios de... essas páginas, classificados amorosos... Aí eu fui lá no “Par Perfeito” na época que era de graça, coloquei meu perfil. Fui naquele “Almas Gêmeas”, do Terra, coloquei meu perfil. Fui naquele “Amigos Virtuais” do UOL, quando existia, agora não existe mais, porque nos últimos tempos virou só prostituição. Teve um Cristão também lá. Eu não recebia contatos. Eu recebia, só que era assim, era um perfil bem típico. Eram mulheres geralmente de 8 a 9 anos mais velha do que eu, divorciadas e com filhos, né. Aí eu pensei: isso daí seria o plano B, no plano A eu queria formar uma família. É isso que eu queria. Mas parece que era, assim, uma tendência, porque teve várias, sabe, sempre mulheres assim, mais do que cinco anos mais velha do que eu, divorciadas e com filhos. Aí mandava recados para alguns perfis femininos, e não recebia resposta. Eu falei: gente o que acontece, né? Ou se vinha uma resposta, era só uma. Aí eu mandava outro *e-mail*, daí não tinha mais resposta. Eu falei: o que acontece? Será que meu papo é tão ruim assim? Aí eu fiz um teste: lá no “Amigos Virtuais”, eu criei um perfil feminino, sem foto, porque lá eles incentivavam pra colocar foto, porque nas estatísticas do UOL, era de que um perfil com foto tinha entre sete e nove vezes mais visitas do que o sem foto. Mas eu coloquei sem foto porque pra colocar foto tem que ser assinante do UOL. Tinha 23 anos de idade, era branca, cabelo escuro, comprido, 1m60cm de altura, 50, 55 kg, algo assim, estudante... Olha, foi um susto, viu? Foi um susto porque, no primeiro dia do perfil, teve acho que mais de 50 recados, mais de 50! No segundo dia... devia ter guardado isso... uns 20, mais ou menos. No terceiro, uns 10. Por uma semana, fiquei recebendo pelo menos uns 5 recados por dia. Alguns reincidentes também. Aí por um mês, pelo menos 1 recado por dia. Depois de um mês começou a parar porque tava indo pro fim da fila. Eles vão atualizando, os mais antigos ficavam pra depois, mais difícil achar. Só que, olha, incrível, mais de um ano depois, eu ainda recebia recados por causa daquele perfil, mais de um ano. Aí o que eu percebi: não tem condições! Entrar numa dessa é como... como existia nos anos 80, a Serra Pelada, querer encontrar ouro! É uma pedrinha de ouro pra cada 200 garimpeiros ali. Então, não tem condições. É um ambiente desigual. Então, apaguei todos os meus perfis que eu tinha nos classificados. Fui pro *Orkut*, entrei num monte de comunidades. Teve aquela do “Jogo do Adicione”, “Você namoraria a pessoa assim”... mas dificilmente dá certo isso daí. Teve uma comunidade que era “Dia dos Encalhados”, daquelas brincadeiras com fundo de verdade, né. Aí eu entrei lá. Teve um comentário que o cara fez... Você (Esposa) pode falar do comentário?

Esposa 2 (f7): Ele falou assim, que ele viu uma mulher com uma camiseta escrito assim: “existe 3 tipos de homens que eu gosto...”

Marido 2 (f11): “...os ricos, os bonitos e os que não interessam”.

Esposa 2 (f8): Os que não interessam, é.

Marido 2 (f12): Eram esses 3 tipos de homens, né?

Esposa 2 (f9): É.

Marido 2 (f13): “Os ricos, os bonitos e os que não interessam”. Isso tá lá ainda, tá pra consulta. Aí você (Esposa) comentou, em contrapartida ao que o cara falou, né? Você falou que os homens só se interessam... é...

Esposa 2 (f10): Daí eu falei, filhas mulheres... porque o cara colocou: “é, porque mulher é assim mesmo, não sei o quê, o cara, ou tem que ser bonito, ou tem que ser rico, não sei o quê”. Falei: então, bom, se fosse fazer uma camiseta dessa pros homens, os homens também... ou as mulheres têm que ter bunda, porque Brasil é tudo bunda, ou... alguma coisa assim que eu falei, que era... Falei: “ou a mulher tem silicone, ou as que tem bunda, ou as que não interessam”. Falei, assim, num tom de brincadeira, porque o cara tava revoltado com a camiseta.

Marido 2 (f14): Aí eu fiz outro comentário. O rapaz tinha aberto o tópico, a Débora comentou, e eu fiz outro comentário. Falei o seguinte, em tom de deboche, o seguinte: o quê? Mulher gosta de homem bonito? Corta essa! Quem gosta de homem bonito é gay. Mulher gosta de dinheiro...

Esposa 2 (f11): Você falou assim: se mulher gosta de homem bonito, Chico Anysio não teria casado. (ri).

Marido 2 (f15): É. Falei: você acha que as esposas do Chico Anysio, do Renato Aragão, acham eles bonitos? Só que daí a Débora ficou inconformada com isso daí que eu falei. Aí ela fez um outro comentário, só que não nesse tópico de comentários.

Esposa 2 (f12): Não, na verdade não fiquei inconformada com isso. É porque eu tenho mania de, assim, quando eu escrevia comentários, tanto a pessoa que escreveu antes de mim, que foi provavelmente a quem eu respondi, quanto a que respondia depois, eu tinha mania de entrar no perfil. Aquela coisa de fuçar, mesmo agora que a pessoa vê que você tá entrando no perfil, eu continuo entrando porque eu acho que o *Orkut* é pra isso mesmo, pra você conhecer as pessoas. E eu entrei no perfil do menino lá que foi quem abriu o tópico, mas nada chamou atenção, e entrei no perfil dele.

Marido 2 (f16): Só quero dar uma interrompida, primeiro pra deixar a Carla morrendo de curiosidade; segundo porque eu acho que é legal você contar como foi sua experiência antes de você me conhecer.

Esposa 2 (f13): Ah sim!

Marido 2 (f17): Quando foi que você entrou na Internet?

Esposa 2 (f14): Na verdade, diferente dele, eu tinha pavor de Internet. Até mais ou menos 2003, pra mim Internet era pra fazer pesquisa pra faculdade, pra mandar *e-mail*, receber *e-mail* de pessoas que eu conhecia, e só. Até comentei

com você naquele *e-mail* que eu mandei, explicando mais ou menos a história, né? Amigas minhas que conheciam caras pela Internet, nos chats principalmente, porque na época não se falava no *Orkut*, né. *Orkut* foi mais depois que eu saí da faculdade que começou mais. Então elas os conheciam nos chats, eu falava assim “você vão ver, você vão pegar um maníaco, um louco, o cara vai seqüestrar vocês, vai fazer o que quiser”. Eu ficava super preocupada por elas, porque as únicas notícias que a gente ouvia até então na televisão, sobre Internet, era um louco lá conheceu a menina, a menina foi, se encontrou... agora passa, assim, reportagem de casais que se conheceram, que deram certo. Mas, na época, era só o que se falava na televisão. E eu, assim, sempre desesperada. Só que depois pensei: não sei porque que eu tenho tanto esse medo. Aí amigos sempre convidando “entra no *Orkut*, entra no *Orkut!*”. Mas eu falava que não gostava porque tinha um negócio que tinha que ser convidado pra entrar... Não pode entrar... Pensei assim: “o que será isso? Uma sociedade secreta? Tem que ser...”. Eu não entendia o que era aquilo.

Marido 2 (f18): Uma seita... (ri).

Esposa 2 (f15): Uma seita... Mas falei: tudo bem! Aí entrei no *Orkut*, reencontrei vários amigos, e fui me empolgando, encontrei amigos de colégio, que na época eu já tinha terminado a faculdade. Reencontrei amigos de faculdade que tinham voltado pra suas cidades... que eram de outras cidades, e fui me empolgando com aquilo. Aí uma amiga minha que até, na época a gente tinha um consultório as duas juntas, a gente tinha Internet, então a gente mexia muito juntas ali também na Internet. Ela entrou também nesses *sites* de perfis, “Te Procurando”, “Par Perfeito”, “Par Cristão”. Aí ela falou: “deixa eu fazer um perfil pra você!”. Ela falou: “A maioria que a gente conhece é tudo cara chato, não vai dar em nada. Ali a gente conhece algumas pessoas legais também”. Aí falei pra ela “então faz, mas coloca uma foto minha bem simples porque eu não quero uma foto empertecada pro cara achar que eu sou uma pessoa que eu não sou”. Porque eu tinha aquela visão: o cara tinha que gostar de mim pelo que eu sou, não pela minha aparência. Aí ela falou “ah, Débora, pelo menos uma foto mais ajeitadinha”. Falei “não, coloca uma foto, assim, bem simples”. Aí ela colocou lá a foto que eu pedi, uma foto bem simples. E até que eu recebi alguns recados. Como ele falou, muito mais homens, né, então, por mais horrível que seja a foto que você coloque lá, os caras vem... E acabou dando, assim, em conversa. Conheci um moço lá que, começamos a conversar e passamos do ambiente daquele *site* pro *MSN*, passei meu *MSN* pra ele, mas... também era uma coisa que eu não queria, que eu pensava como ele (Marido), eu queria ter a chance de começar a minha vida com uma pessoa, não queria ter uma pessoa na minha vida que já tivesse uma história. Não que eu não ache que essa pessoa possa ter uma segunda chance, mas não era o que eu queria pra mim naquele momento...

Marido 2 (f19): Eu namorei uma garota divorciada. Quanto a isso não tinha problema. A questão mesmo eram filhos.

Esposa 2 (f16): Pra mim também! Na verdade, ele tinha dois filhos. Até ele ficou super chateado quando eu falei, né, que não daria certo pra mim. Ainda por cima, ele trabalhava com a ex-mulher. Eu falei “vai ser muito pra minha cabeça”. Falei “eu não admito, sou uma pessoa ciumenta”, falei, “isso vai

acabar gerando briga, e é melhor eu não entrar numa coisa que eu sei que eu não vou agüentar”. Aí depois passei por uma experiência muito traumatizante, assim, pra mim, que eu comecei a conversar com um moço que na verdade essa minha amiga que tinha conhecido. Mas, não sei por que cargas d’água, eu comecei a conversar com ele também, e acabou havendo uma empatia mais entre eu e ele, do que ele com essa minha amiga. E os dois conversavam mais raramente, eu conversava mais com ela. Até cheguei a perguntar pra ela se ela tinha mesmo algum interesse, porque eu também não queria atrapalhar se tivesse surgido alguma coisa da parte dela. Ela falou “ah, não. Ele sempre foi meu amigo, já há anos eu converso, nunca aconteceu nada, mais amigo mesmo”. Até que um dia ele falou “tenho uma coisa que eu preciso te falar”. E a gente já tava assim, ele morava numa cidade, mais ou menos próxima de Maringá, então a gente já tinha até planos, assim, da gente se conhecer pessoalmente, tudo mais. Aí um dia ele falou assim “olha, eu não estou mais conseguindo te esconder uma coisa”. Passou tudo pela minha cabeça, até que era homossexual, tudo, menos o que era mais óbvio, que na verdade ele era casado. Ele falava pra mim de uma ex-namorada, que os dois ainda tinham alguma coisa, que ele não tinha... até por isso a gente ainda não tinha se encontrado, porque ele dizia que ele não tinha certeza ainda se ele gostava, ou não, dessa moça. E eu falava pra ele, que então era melhor ele decidir isso primeiro pra daí a gente se conhecer pessoalmente. Até que ele não decidisse, a gente ficaria só conversando. E aquilo pra mim foi um choque, sabe? E ele falou que não queria parar de falar comigo, que ele precisava da minha amizade. Eu falei assim “na verdade, você precisa fazer amizade com a sua esposa, porque, na verdade, o seu problema é que vocês dois não são amigos. Você ta tendo que buscar outras coisas na Internet porque você não tem com quem conversar”. E cortei mesmo o relacionamento, não quis nem amizade, porque, como, da minha parte, já tinha surgido algo a mais, então eu sabia que eu ia sofrer muito, e jamais eu ia querer que... estragar o casamento dele, ou ser a outra também. Era uma coisa que pra mim era inadmissível. Então, isso foi uma coisa, mas não... não foi suficiente pra eu parar. Falei: a partir de agora eu fico mais atenta. Até bom acontecer alguma coisa porque eu vinha daquele medo, aí de repente relaxei, baixei totalmente a guarda, então foi bom ter acontecido isso pra eu voltar naquele certo nível de medo ali, que é um... um medo bom, né, pra vc se proteger de certa forma. E fui conversando com outras pessoas, mas, assim, foi surgindo mais amizades, nunca foi... nunca chegou ao ponto de conhecer a pessoa pessoalmente, ou ter alguma coisa a mais, nem promessas de namoro, nada disso. Na verdade, a primeira experiência foi com ele (Marido). Foi a primeira pessoa que eu conheci pessoalmente, tendo conhecido primeiro pela Internet. As outras pessoas, nenhuma eu cheguei a conhecer.

Marido 2 (f20): A Débora sofreu demais porque, sabe, ela foi uma heroína. Ela pegou uma época muito ruim da minha vida. Teve um outro fato que foi um agravante também, pra situação na qual a gente se conheceu, porque... Um ano e pouco antes, eu tinha conhecido uma menina, que seria, assim, meu primeiro namoro que não se iniciou na Internet. Conheci ela num restaurante, ela trabalhava lá, aí começamos a sair. Aí, no terceiro encontro, ela falou que era divorciada e que tinha uma filha. Aí pensei “vai ficar complicado”, mas ela sabia lidar com isso. Ela sabia que corria o risco de me perder com essa

informação. Então, ela falou da gente ser só amigo, sem compromisso... Naquela situação em que eu estava, com tantas decepções, sabe, aquela solidão, eu acabei entrando nessa. Falei "vamos ser só amigo, né". Só que, com base nisso, eu acabei me envolvendo de uma forma tão forte que depois de 2 meses, acabei até relevando o fato dela já ter uma filha, dela ser divorciada, e também foi um envolvimento, né. Aí teve uns problemas no meio, e eu sem entender porque. Ela falou que tava divorciada, mas o processo tava rolando e por causa disso a gente não podia ser visto em público. Isso podia atrapalhar na guarda da criança. Então, foi um namoro, assim, complicado. Pouco mais de um mês de eu conhecer a Débora, pelo *Orkut*, eu tive um encontro com ela, a gente já tava há uns dois meses sem se ver, aí ela comentou que ela era casada. Foi uma decepção muito grande. E ela queria que eu fosse o amante dela. Ela falou que tava apaixonada por mim, mas que ela não podia se divorciar, e ela queria que eu fosse o amante dela. Aí pensei "de jeito nenhum!". Aí passou um monte de coisa na minha cabeça. A gente se sente, assim, uma pessoa suja, porque eu queria não ter gostado de tudo aquilo lá, sabe? Porque se eu não tivesse gostado, me sentiria melhor. Mas o que mais me castigava foi que eu tinha gostado das coisas que tinha acontecido. E eu não conseguia não gostar. Só que ela era mulher de outro homem! Então, eu me sentia muito mal. Tava, assim, bem decepcionado dessas coisas.

Esposa 2 (f17): Mas é engraçado mesmo essa situação, porque quando você tem determinados princípios... Era a mesma coisa, eu chorava e falava pra essa minha amiga "eu estou me sentindo uma adúltera". Ela falou "você não sabia de nada, você não tinha como saber; ele nem dava nome. Se morasse na mesma cidade, por maior que seja a cidade, sempre tem um que conhece o outro, que conhece o outro... a informação acaba chegando". Mas eu me sentia mal por ter tido algum sentimento por uma pessoa que era casada, quando, na verdade, se tinha alguém que não tinha culpa nessa história era eu, né? Mas a gente acaba se sentindo assim.

Marido 2 (f21): Exatamente! E pra piorar ainda mais pra Débora, umas duas semanas antes de conhecer a Débora, eu conheci pela Internet, pelo *Orkut*, uma menina do Paraná, da mesma distância de Maringá, mas uma cidade muito pequena, eu nunca tinha ouvido falar. E teve um grande envolvimento meu. Ela falava coisas que seduzia, sabe? Aquele tipo de conversa que cativa os homens. E eu tava, assim, totalmente envolvido. Essa foi a situação na qual a Débora me conheceu. Então, eu tratei a Débora de uma forma, assim, bastante insensível, por que? Era de Maringá. De forma alguma eu ia aceitar ter relacionamento com alguém que fosse de Maringá. Segundo, que já tinha passado por muitas decepções antes. E terceiro: se era pra conhecer alguém... pra conversar com alguém de tão longe, pagar interurbano, eu preferia falar com a outra, que ela falava as coisas que eu queria ouvir, coisas que a Débora não falava. Então, eu cutucava muito a Débora. Eu era áspero, porque eu não tinha a menor intenção de criar algum relacionamento com a Débora.

Esposa 2 (f18): Tanto que foi numa dessas cutucadas que, na verdade, a gente começou a conversar, porque, voltando naquela história de eu ter entrado no perfil dele, na época eu tava com intenção de vir fazer uma pós-graduação aqui, daquelas pós-graduação de final de semana. Imagina eu ir de Maringá

pra Campinas, passar o final de semana todo lá sem conhecer ninguém, de repente posso precisar de alguma coisa. E como eu vi que a gente tinha vários... a mesma religião, ele também era uma pessoa que tava nesse meio, porque na época tava fazendo doutorado... vi várias coisas ali no perfil dele... fotos de família, quer dizer, você vê que é uma pessoa que é mais família, não é uma pessoa que coloca foto de festa, boate, seja lá o que for, né? Então... senti uma certa segurança. E mandei o recado falando pra ele tudo isso, e que eu gostaria de manter contato com uma pessoa que fosse daqui, porque eu tinha plano de vir pra cá, e seria quase dois anos tendo que vir frequentemente pra cá, viajar pra cá. E ele entendeu tudo errado, entendeu como sendo uma...

Marido 2 (f22): Uma cantada.

Esposa 2 (f19): Uma cantada, assim, bem da disfarçada. Mas quando ele entrou no meu perfil pra responder, viu lá que tinha recados de outras pessoas, porque eu tava conhecendo outras pessoas. Comunidades de pessoas na minha profissão, "ah, eu também sou fisioterapeuta, que bom te conhecer...". Aí ele falou "bom, essa daí ta atirando pra todos os lados". Tinha de meninas também, mas nessa hora ninguém vê nada, né? Vê só que tinha de outros meninos lá. E a resposta que me deu, eu não entendi nada, porque, pra mim, assim, *site* pra conhecer rapazes pra um possível namoro era este procurando Par Perfeito. *Site* pra amizade era o *Orkut*. Nunca na minha cabeça passou que o *Orkut* pudesse ser um meio de conhecer uma pessoa pra vir a ter um relacionamento, assim, amoroso. E a resposta que ele me deu, falei assim "gente, será que ele entendeu?". Ele respondeu com outras palavras, mas querendo dizer "você ta atirando pra todos os lados". Falei "gente, será que ele entendeu que eu tava paquerando ele?". Aí minha amiga falou "É Débora, você foi muito ingênua, porque você pega o perfil de um cara que nunca viu na vida, e fala pra ele que você quer fazer uma pós-graduação na cidade dele. Claro que ele vai imaginar que você ta paquerando ele, né". Só que eu sempre quero ouvir o lado da pessoa. Então, pensei, não é possível que é isso mesmo que ele ta falando. Aí eu ficava insistindo, mandando recado pra ele. Aí ele respondia mais ou menos a mesma coisa "não, porque é isso mesmo". Eu falava assim "você tem certeza que é isso que você quer falar?". Eu ficava, assim, insistindo, porque eu queria provar pra ele que aquilo era possível, uma pessoa, que era minha intenção, mandar recado inocente, que eu tinha mandado. Daí nisso a gente passou do *Orkut* pra *e-mail*.

Psicóloga (f6): Paulo, você falou que ficava provocando a Débora. Provocando como?

Esposa 2 (f20): Tudo que ele falava era num tom de provocação, porque... como posso falar isso? Porque ele falava que ele aproveitava as meninas que ele sabia que não ia dar muito em nada, como eu morava longe, ele achava que não ia dar em nada, pra ele falar o que ele tinha vontade de falar, sem pudor, sem pensar.

Marido 2 (f23): Desabafar.

Esposa 2 (f21): Desabafar, sem pensar que ia magoar a pessoa, ou não. Só que o que ele não imaginava é que eu gostava de discutir, discutir no sentido

de querer saber a opinião da outra pessoa, entender porque ela pensa desse jeito.

Marido 2 (f24): Imagina, se a pessoa começasse a ficar brava comigo, aí eu já nem respondia.

Esposa 2 (f22): E eu não. O susto que ele levou foi quando eu continuava respondendo. Ele mandava *e-mail* falando “que as mulheres são isso, não sei o quê, lá, lá, lá...”. E eu respondia, tentando sempre entender o porquê que ele pensava isso. Depois que a gente começou a ter conversas, assim, mais pessoais, tudo mais, aí ele contou toda essa história, que ele falou, de como foi a vida dele, todas as decepções que ele teve. E daí, mesmo sem ele entender, porque acho, nessa época, ele não tinha ainda essa visão tão profunda dessa situação, como ele te contou. Mas eu já conseguia compreender um pouco mais.

Marido 2 (f25): Tinha aquelas longas conversas do *MSN*, lembra?

Esposa 2 (f23): É, de *e-mail* a gente passou para o *MSN*. Até começou a ficar uma coisa doentia. Os pais dele nem tanto, porque ele já tinha o quarto dele. Ele ficava lá na Internet no quarto dele, tinha o telefone dele, mas os meus pais começaram a ficar preocupados porque virou uma coisa, passou a ser, assim, uma necessidade de conversar. Tinha dia assim... eu tinha Internet na minha casa e no consultório onde eu trabalhava. Então, assim, nos momentos em que eu não tava... E ele tinha na casa dele e na sala onde ele ficava lá fazendo os trabalhos do doutorado. Então, enquanto eu não tava atendendo nenhum paciente, e ele não tava fazendo nenhuma... não tava conversando com o orientador, assim, os dois estavam conversando. Então, se juntasse todo o tempo que a gente conversava durante o dia, já dava mais ou menos umas 3 horas, 4 horas. Isso durante o horário comercial, vamos dizer assim. Voltava pra casa, mais ou menos umas oito e meia, nove horas, a gente voltava a conversar, e ficava até 3, 4 horas da manhã falando.

Marido 2 (f26): E tinha muitas brigas, por causa do ponto de vista. O que acabou aproximando a gente assim foi que a Débora não desistia, sabe, de discutir esses assuntos. Eu colocava meus pontos de vista, e a Débora ficava argumentando, contra-argumentando, e eu ficava inconformado, “puxa, vida, né. Como é que ela não me manda catar coquinho? Mas também não se cansa de ficar nessa conversa. Ela não desiste do ponto de vista dela”. Isso daí foi assim, foi um... foi aproximando.

Psicóloga (f7): Você disse “discutir esses assuntos”. O que seriam esses assuntos?

Marido 2 (f27): Teve dois tipos de discussão, antes de começar o namoro, e depois de começar o namoro. Antes de começar o namoro, as discussões que não tínhamos pelo *MSN* era “homem é assim, homem era assado”, “mas não é, não é assim”. Depois do namoro... Foi um namoro também pela Internet...

Esposa 2 (f24): Começou assim.

Marido 2 (f28): Foram 6 meses de namoro pela Internet.

Esposa 2 (f25): É. Na verdade, quando a gente começou... quando a gente pensou “acho que a gente ta namorando”, a gente não tinha ainda se conhecido pessoalmente. É que eu conversava mais com ele do que com meus pais! Então, praticamente já era um namoro mesmo. Aí, acho que as discussões giravam mais em torno de coisas que eu pensava de um jeito, e ele pensava de outro. Mas os dois gostavam de discutir, discutir no bom sentido, né? De ter argumentos, então... ainda ia rendendo cada vez mais conversa.

Marido 2 (f29): Realmente, foram 6 meses praticamente de namoro à distância. Você salvou muitas daquelas conversas, né? E o que foi interessante também, sabe, era isso. Devido a essa minha insensibilização que eu passei naqueles 6 anos ali, que eu conheci um monte de gente, eu tava muito fechado, sabe? Eu não conseguia mais abrir meu coração. Agora... eu gostava de conversar com a Débora porque... ao mesmo tempo que ela não aceitava muito a coisa que eu falava, ela não desistia de discutir, entendeu? Não pensava assim “ah, então pensa do jeito que você quiser, vamos mudar o assunto”. Não, ela ia adiante, então ela desafiava a minha inteligência, sabe? Inclusive eu falava, brincando, pro pessoal que o defeito da Débora era ser muito inteligente, era ser mais inteligente do que eu. Brincadeira, né. Eu me sentia desafiado. Então, assim, eu tinha que defender minha honra! Precisava convencê-la do meu ponto de vista.

Esposa 2 (f26): De repente ele viu tudo aquilo... aquela armadura que ele tinha construído em volta dele cair. De repente ele se viu gostando de uma menina, que não era nem de Campinas, nem de Paulínia. Era de Maringá! 600 km de distância! Uma menina que não saiu chorando desesperada no primeiro desaforo que ele falou...

Marido 2 (f30): E não tava procurando namorado.

Esposa 2 (f27): Não tava procurando namorado. Porque, pelo menos no *Orkut*, não tava. O recado que eu mandei pra ele foi pra isso. Então, quer dizer, toda aquela armadura que ele construiu... No começo eu falava “mas por que será tão rude assim comigo?”. No começo, até meio frio. Até meus pais estranhavam. Na verdade, ele falou “eu tinha raiva de estar gostando de você. Eu não queria admitir que tudo aquilo que eu falei, que não... que tinha que ser de Campinas”.

Psicóloga (f8): Você disse que seus pais estranhavam. Como assim?

Esposa 2 (f28): Assim... com relação a ter conhecido pela Internet, isso não. Isso... A minha mãe tinha um pouco mais de medo. Meu pai, não. Achou uma coisa super legal. Ele falou “é, os tempos são outros”. Até meu pai falou “de repente, podia criar *sites* mesmo pro pessoal se conhecer”. Porque meu pai sabia da dificuldade, até na igreja, que ele comentou (Marido). Meu pai via isso, principalmente na igreja, que é onde a gente convive mais, meu pai via essa dificuldade, do pessoal conhecer. Meu irmão tem mais ou menos quase a idade dele (Marido), um pouco mais novo e também não tinha namorada, e tudo mais. Eu também já tinha uma idade que podia estar até casada, e também

não tinha... Isso meu pai não... não foi problema. O que eles estranhavam mais era ficar tantas horas conversando, mas porque é mesmo... você ficar uma hora junto com a pessoa, parece que já supre aquela necessidade. Pela Internet, parece que não supre. Era uma coisa assim... a gente ficava, ficava, ficava... na Internet, e parece que não supria.

Marido 2 (f31): Seus pais percebiam seu abalo quando a gente ligava, lembra?

Esposa 2 (f29): Ah, sim. Meus pais viam também que... principalmente no começo, naqueles 6 meses ali que foi só pela Internet, que a gente se viu pouquíssimas vezes, teve muito termina, volta. Então, eles ficavam assustados com isso também, porque num namoro em que as pessoas não estão se vendo, começa com esse negócio, termina, volta, termina, volta, tem alguma coisa errada.

Marido 2 (f32): Terminamos 2 vezes... 3 vezes.

Esposa 2 (f30): É, umas 3 vezes.

Marido 2 (f33): É, uma você terminou; duas eu terminei.

Esposa 2 (f31): Na Internet, isso daí tem uma dimensão totalmente diferente, porque até uma coisa que eu cheguei a comentar pra você naquele *e-mail* (Débora está falando do *e-mail* em que respondeu ao convite para participar da pesquisa), tem frases na qual a entonação é praticamente tudo na frase. Agora, como é que você vai dar essa entonação na... Pode significar uma coisa, pode significar “eu te amo”, pode significar “eu te odeio” dependendo do tom que você der. Agora, na Internet, como que você vai dar essa entonação? E se a pessoa entender “eu te odeio”. E era... a grande maioria das vezes das brigas, era porque eu tinha falado “eu te amo”, ele entendeu com uma outra entonação, que era outro... entendia errado.

Marido 2 (f34): Por causa disso, fizemos uso daqueles emoticons...

Esposa 2 (f32): Aquilo ali era...

Marido 2 (f35): ...virou um símbolo.

Esposa 2 (f33): ...era essencial pra gente.

Marido 2 (f36): Como eu não uso mais o *MSN*, quando eu vejo aqueles símbolos, aqueles desenhos, a gente lembra da...

Esposa 2 (f34): A gente lembra “ah, lembra quando a gente falava isso?”, que daí colocava esse bonequinho.

Marido 2 (f37): Inclusive, até já virou, pelo menos comigo, já virou um... um jeito de me expressar... Sempre que ela fazia um pedido, assim, pela Internet e eu aceitava o pedido, eu usava uma carinha que não era original do messenger, mas eu adicionei. Era aquela carinha amarela com um jóia do lado. Até hoje, quando a Débora pede alguma coisa, eu faço assim (faz o gesto: sorrindo, com um sinal de ok junto ao rosto), aquela carinha.

Esposa 2 (f35): Então, com o tempo a gente foi conseguindo, porque acho que ele também nunca tinha ficado tanto tempo só com a pessoa na Internet, você já logo conhecia, né?

Marido 2 (f38): Exatamente.

Esposa 2 (f36): Então, a gente teve que ir se adaptando a esse tipo de coisa. Então, esses bonequinhos aí eram muito importante. Se a gente não usasse podia ser catastrófica a conversa naquele dia porque uma frasinha que você falou super simples, entendeu tudo errado, transformava num... num caminhão.

Marido 2 (f39): Aquela desconfiança no começo era muito grande, por causa do passado, né? Demorou pra eu superar essa questão de Maringá ser longe, mas o que ajudou foi que ela tinha parentes em Santo André. Então, aí, no final do ano ela esteve em Santo André. Quando eu fui pra Santo André ver a Débora pela primeira vez, isso foi no shopping, lembra? Foi no shopping, que eu falei "se ela der o bolo...".

Esposa 2 (f37): Passeia no shopping.

Marido 2 (f40): ... aí eu conheço o shopping de Santo André.

Psicóloga (f9): Como foi essa decisão para o primeiro encontro?

Esposa 2 (f38): Depois de umas duas semanas, porque a gente se conheceu no comecinho de dezembro de 2004. Meio, mais ou menos 10 de dezembro.

Marido 2 (f41): Então...

Esposa 2 (f39): Eu ia passar o Natal em Santo André, então a gente já conseguiu...

Marido 2 (f42): Foi no dia 10 de dezembro...

Esposa 2 (f40): ...o encontro, né.

Marido 2 (f43): Foi no dia 10 de dezembro o recado na comunidade.

Esposa 2 (f41): É.

Marido 2 (f44): E olha só, no dia 4 de dezembro, aquele fato da outra pessoa que era casada. Foram 6 dias antes. Então, assim, o meu maior dilema dela ser de Maringá era a distância, apesar de eu já ter ido em Santo André duas vezes...

Esposa 2 (f42): Calma, nem falamos do primeiro encontro, vamos falar de Maringá? Só falar uma coisinha. O primeiro encontro, pra ele, tirando esse fato de que ele tinha medo de eu não aparecer lá, que isso ele já tava tirando meio de que letra já... Da minha parte, foi terrível. Eu nem comentei muito com a minha mãe. Na verdade, a minha mãe ia estar na casa da praia, e eu ia estar hospedada na casa em Santo André, na casa de uma amiga. Então, eu nem comentei muito com a minha mãe, porque eu sabia que minha mãe ia pirar se

ela soubesse que eu ia encontrar pessoalmente com um cara que eu conheci pela Internet. Agora, essa minha amiga, ela conheceu o marido dela, conheceu no segundo colegial, namoraram 10 anos, casaram, então ela não tinha experiência nenhuma com isso. Como eu no início, morria de medo. E ela trabalhava lá no shopping. Então, ela avisou todos os seguranças. Conversou com os seguranças que ela conhecia. Falou “a minha amiga vai estar assim, assim. Ela vai estar com um cara. Qualquer coisa estranha que vocês virem aqui, vocês já...”. Falei “não precisa tanto assim!”, porque eu tinha uma certa confiança. Ele tinha um *site* que tinha fotos de família. Falei “não é possível que alguém inventa tão bem uma história de vida assim”. Então, eu tinha uma certa confiança de que as coisas que ele me falava não era mentira, mas ela morrendo de medo. Aonde a gente ia no shopping, ela ia atrás escondida. Se a gente virava, ela escondia dentro da loja pra gente não ver que ela nos tava seguindo. Então, como é diferente, assim, pra quem ta... E até hoje é assim. Quem não está muito acostumado, quem já... acha super estranho, né? As pessoas se encontrarem... Ainda existe esse receio. Ainda hoje ainda acontece coisa terrível, pedofilia, que está acontecendo bastante agora... mesmo seqüestro, coisas assim, que acontecem, mas isso acontece também sem culpa da Internet, acontece em qualquer lugar.

Psicóloga (f10): Entre o primeiro contato na Internet e esse primeiro encontro em Santo André, quanto tempo?

Esposa 2 (f43): Foi uns... acho que nem 20 dias, né?

Marido 2 (f45): Foi depois do Natal, não foi?

Esposa 2 (f44): É, foi dia 27, logo depois do Natal, e a gente se conheceu... o primeiro contato foi mais ou menos no dia 10.

Psicóloga (f11): Débora, você disse que veio passar o Natal em Santo André, então conseguiram se encontrar?

Esposa 2 (f45): Por eu ter vindo para Santo André.

Marido 2 (f46): Graças a isso a gente se conheceu, porque, como eu falei, eu tinha muito medo de ir lá e não encontrar ninguém. Pensei que não era tão ruim, porque eram 110 km e tinha o shopping lá, então resolvi ir. Mas, pra Maringá... E eu tinha ficado, assim, tão... receoso com as coisas que aconteceram anteriormente, que mesmo eu tendo encontrado com a Débora pessoalmente duas vezes, já conhecia os pais dela, a família, eu ainda tinha um medo de ir pra Maringá e não encontrar ninguém lá. Tanto é que... foi difícil a primeira vez. Teve o carnaval...

Esposa 2 (f46): A gente falou “vamos ter que aproveitar os feriados”. Aí, qual era o primeiro depois dali, é o carnaval. Aí no carnaval ele acabou não indo, então foi a época que a gente ficou mais tempo mesmo sem se ver. Foi entre o último dia de janeiro que a gente conseguiu se encontrar, que foi mais ou menos dia 10 de janeiro, por aí, e até a Páscoa, porque daí só na Páscoa que você foi pra Maringá.

Marido 2 (f47): Isso.

Psicóloga (f12): Na ocasião do primeiro encontro ainda discutiam as intenções?

Marido 2 (f48): Não se falava mais nisso.

Psicóloga (f13): O que vocês poderiam falar sobre a motivação para marcar esse primeiro encontro, além da oportunidade que já disseram?

Esposa 2 (f47): Foi a empatia nas conversas, porque... apesar das primeiras conversas serem mais em torno de discussão do que qualquer outra coisa, seja discussão no bom ou no mal sentido... mas a gente já começou a perceber algumas...

Marido 2 (f49): Não foi a parte física porque eu nunca vi a Débora tão feia como numa das fotos que está lá. Até hoje eu não me conformo, porque ela pôs uma foto ali que... tirando seu pai e sua mãe, todo mundo saiu mau. Os irmãos saíram muito mau. A roupa também, parece que não caiu bem. Não era você na verdade, era uma outra pessoa. Então, enquanto algumas pessoas põem fotos irreais... sabe?

Esposa 2 (f48): Tem até uma comunidade no *Orkut* "Eu tiro foto pensando no *Orkut*". A pessoa tira uma foto pensando se ela vai ficar bonita pra colocar aquela foto no *Orkut*.

Marido 2 (f50): Por falar nisso, vi muito disso também. Fotos de studio, book, né, que eles chamam. A primeira vez foi assim... foi marcante, a foto era, assim uma obra de arte. Quer dizer, um grande artista que pintou aquela obra ali, não é pessoa. Quando eu conheci a pessoa na verdade, foi, assim, um susto. Foi, assim, uma decepção muito grande. Aí a partir daquele momento eu tomei a seguinte postura na Internet: jamais aceitar foto de Book. Se a pessoa fala assim, que tem foto... Eu sempre colocava assim "não vale foto artística". Se for foto artística, prefiro que nem mande.

Esposa 2 (f49): Isso até com homem acontecia. Uma vez o cara falou "ah, queria ver uma foto sua...". Falei "então, manda uma sua primeiro". Era igualzinho aquelas capa de caderno Tilibra, aquele cara surfista, assim, malhado, tanquinho. Falei "tá, a capa do seu caderno você já me mandou, agora manda sua foto" (ri). O cara ficou louco da vida comigo. Brigou comigo e nunca mais quis falar. Ele falou "eu tenho culpa se eu moro aqui no Rio de Janeiro, na beira da praia? Surfei a vida inteira, por isso que eu sou bronzeado". Falei "mas você não tem uma outra foto, você com roupa, camiseta?". Uma foto totalmente produzida de studio, igualzinho aquelas capas de caderno Tilibra.

Marido 2 (f51): Isso aconteceu comigo também uma vez. Recebi uma foto, uma garota muito bonita, só que a foto muito bem tirada, não era uma foto casual. Falei "manda uma foto normal, uma foto 3x4". Ela falou "só tenho essa". Falei "ah...".

Esposa 2 (f50): Não tinha 3 x 4...

Marido 2 (f52): Essas coisas serviram pra gente ficar atento. Essas armadilhas. E eu percebi umas tendências. Duas ferramentas que as meninas usavam pra esconder algumas características que elas não desejavam. Primeira característica é a obesidade. Isso era típico, a foto era só de rosto. Dificilmente, dificilmente uma menina que mandava uma foto só de rosto, não era obesa. Por que? Vamos pela lógica: a menina faz o regime desgraçado, ela sofre horrores de vontade de comer aquele pudim de leite, não come pra manter a forma. E diante de todo esse sacrifício, além de malhar, ele consegue ter aquele corpo magro. Na hora de mandar uma foto, ela não vai querer mandar uma com o corpo magro? Então, pela lógica, dá pra perceber isso. E realmente, essa lógica coincidia com a minha estatística pessoal.

Esposa 2 (f51): Isso que ele ta falando é interessante porque eu tinha essa coisa de “eu quero que o cara goste do que eu sou interiormente, não fisicamente”, e até eu me denegria mesmo nas fotos. Se eu visse uma foto, eu gostei dessa foto, ficou legal, as pessoas que estão aqui eu gosto, eu nem me interessava se eu tinha saído bem ou mal na foto. Mas isso, assim, a minha auto-estima com a parte física era muito baixa. Então, era como se eu tivesse, assim, tipo chutar o pau da barraca. Já que sou feia mesmo, não sei o quê... então o cara vai ter que gostar de quem eu sou, vai ter que assumir que eu não tenho uma beleza física, ou pelo menos não igual aquela coisa padronizada, né, que todo mundo tem o padrão de beleza. Agora, na época que eu conheci ele, eu já tava começando a fazer um regime, fazer exercício. Aí quando a gente começou a namorar, que daí é inevitável, sempre a sua auto-estima sobe um pouquinho mais, eu comecei a mudar, comecei a colocar outras fotos. Até quando eu vi essa comunidade que eu falei pra você “Eu tiro foto pensando no *Orkut*”, até dei risada porque eu e essa minha amiga que a gente tava sempre juntas, acessando a Internet, a gente vivia fazendo isso, tirando foto. Na época, alguns amigos começaram a comprar câmera digital, não sei o quê... Então a gente tinha aquela preocupação de ver como a gente saiu na foto, tal...

Marido 2 (f53): Mas você fez a pior coisa possível, porque... O que a Débora fez dava a impressão de que ela não queria homem, vamos supor, fosse uma lésbica. Porque, além dela colocar no *Orkut* a pior foto que eu já vi na vida, nunca vi uma outra foto que ela saiu tão ruim como naquela foto. Nem naquela foto que você saiu piscando o olho, saiu tão ruim como naquela foto. Do lado dessa foto, ela pôs a foto de uma amiga dela tirada no dia do casamento dessa amiga. Na foto, a amiga ta muito mais bonita do que realmente ela é na verdade. Parecia uma miss, uma modelo. Então, o cara entrava num álbum de fotos, via a Débora feia como não é na verdade, e a amiga bonita como não é na verdade. É uma comparação injusta. Então realmente... eu ficava morrendo de raiva quando via isso. “Tira essas fotos daí, pelo amor de Deus!”. Outra coisa que eu percebia quando as meninas botavam foto... primeiro isso, mandar foto só de rosto, e o segundo era mandar foto de longe. Isso dava tanta raiva, sabe? A menina mandava uma foto... você imagina o seguinte: isso daqui é a foto, a menina ta aqui, ó (mostra com gesto que a pessoa estaria ocupando um espaço bem pequeno da foto, algo equivalente a uns 10 por cento da foto). E aqui tem “o arco do triunfo”, “o arco constantino...”. Tinha uma que era a torre de Londres, o relógio *Big-Ban*, aquele de Londres... lugar turístico. Eu falava assim “puxa, bonita a paisagem; agora, por favor, manda sua foto pra mim?”, “gostei de ver a cachoeira, agora, por favor, manda sua

foto pra mim?”. Geralmente esse tipo de artifício era quando a menina, ela... ela não se achava atraente. Ela queria dar uma enganada. Outro artifício também, do qual eu já fui vítima, era óculos escuros. Geralmente, onde as pessoas são menos atraentes são os olhos. Pessoas jovens; idosos, não. Idosos costumam ter rugas e tal, careca como eu, assim, né? (ri) Mas geralmente pessoas jovens, entre 20 e 35 anos de idade, costumam não ser atraentes... tanto homens quanto mulheres, na região dos olhos. Então, se eu pegar um rapaz ou uma moça feios e puser óculos escuros, grandes principalmente, costuma mascarar isso. Os olhos são a entrada da alma, onde estão as expressões. Geralmente as pessoas têm as expressões feias também. Então, era um artifício muito comum, e nas primeiras vezes eu caía nessa. A pessoa mandava uma foto de óculos... então eu pedia “por favor, manda uma foto sem óculos escuros”. Aí tinha toda aquela poesia em volta pra amaciar a situação “eu preciso ver os seus olhos pra ver seu coração...”. Então, são algumas atitudes que eu percebi com relação a foto.

Esposa 2 (f52): Porque na Internet, se você não tá com uma *webcam*, você não tem uma foto, é um lugar pra quem tem a auto-estima baixa em relação à aparência, é onde você pode se mostrar, você pode conseguir chegar até uma pessoa sem que sua aparência física seja um primeiro empecilho, porque homem, por mais que fale, homem é muito visual. Com certeza, como ele falou, vai chegar até você, se ele não te conhece, não sabe quem você é, se ele tiver uma atração física. Mulher também, mas não é tão... não é uma característica tão forte das mulheres.

Marido 2 (f54): Só traçando um paralelo com relação a isso, é como numa empresa, o pessoal fala assim: “precisa-se de secretária formada”. Na verdade, depois que ela é contratada, o fato dela ser formada é irrelevante, tem que ter competência lá dentro, o diploma se torna irrelevante. Só que é o primeiro parâmetro a ser levando em consideração. Se a pessoa não tem o diploma, ela não é nem avaliada no resto, ela pode ser uma secretária excelente, mas se ela não tem o diploma, ela não é avaliada. Se a empresa soubesse o seu potencial, com certeza a contrataria, mas como ela não tem, a empresa não vai nem se interessar em avaliá-la. O mesmo acontece com os homens. A beleza pode não ser o mais importante, mas é o ponto de partida. E se não passar por esse critério, o homem não vai se dar o trabalho de avaliar o interior da mulher. A não ser que eles convivam juntos. Mas, pessoas como eu, que não convivem, não conviveu com mulheres, não tinha passado por essa experiência.

Psicóloga (f14): A experiência que você veio a ter na Internet?

Marido 2 (f55): Exatamente. Inclusive, no nosso primeiro encontro eu tive uma agradável surpresa, porque, até então, eu nunca tinha visto ela tão bonita, como no primeiro encontro, porque realmente as fotos não contribuíram pra isso.

Psicóloga (f15): Os dois tinham se visto por fotos?

Esposa 2 (f53): Sim. Ele tinha bastante fotos no perfil. Pra mim foi a mesma impressão que eu tive na foto, tive pessoalmente, mas, até uma coisa que eu ia

dizer... Apesar de você conseguir às vezes chegar a conquistar a pessoa só através da conversa, que talvez tenha sido meu caso, a necessidade de ver a pessoa, nem que seja através de foto, ela não acaba. Então, a Internet é uma coisa muito restrita. A gente sente necessidade de ter uma *webcam*, de tirar mais fotos, então eu ficava naquela de sempre tirar foto. Principalmente quando tava conhecendo outros rapazes, aquela coisa de ficar tirando foto, tirando foto, tirando foto, porque a gente sabia que sempre ia conhecer alguém, esse cara ia querer que você mandasse uma foto, porque só aquela coisa de conversa, não sei o quê, acaba não suprimindo, a pessoa quer saber “como é essa pessoa com quem estou conversando?”. Quando eu falei com ele a primeira vez pelo telefone, a gente ainda não tinha se encontrado pessoalmente, o engraçado era que mesmo eu tendo visto uma foto dele, eu imaginava ele completamente diferente, porque eu achava que a voz não condizia com aquela foto que eu tinha visto. Então, quer dizer, a gente foi meio que tendo conhecimento fragmentado. Primeiro eu vi uma foto, depois conversei, mas só por meio de texto, depois pelo telefone, aí quando eu encontrei com ele, aí eu pude juntar essa coisa toda fragmentada. Mas, até hoje de vez em quando eu lembro de como eu imaginei, eu não consegui entender, por que eu imaginava uma outra pessoa. Até hoje, às vezes ainda me vem essa outra pessoa que eu imaginei quando estou falando com ele pelo telefone.

Marido 2 (f56): Isso que a Débora comentou é muito interessante porque eu já vi alguma coisa na Internet sobre isso, e eu imagino, eu acho que devem ter estudos mais aprofundados sobre isso, porque isso não se aplica só à Internet, mas ao telefone e à carta também. É que é o seguinte, a gente não consegue imaginar alguém, uma pessoa, e não formar na mente uma pessoa. Então, quando você lê o texto, por exemplo, um livro, não tem nenhuma foto, a gente sempre forma na mente a imagem de uma pessoa. Quando tem voz também, a voz do Lombardi, a gente fica imaginando uma pessoa. Então, quando você conhece alguém pela Internet, pode até conversar por telefone, mas não tem uma foto, por mais que a pessoa tente se descrever, você vai formar uma imagem na cabeça e não necessariamente vai coincidir. E geralmente não coincide. Você fala assim “eu tenho cabelos compridos até a altura dos ombros, sou branca, tenho olhos escuros, não sei o quê...”. Por mais precisa que seja a descrição, a não ser que a pessoa fale medidas mesmo, como aqueles médicos forenses fazem...

Esposa 2 (f54): Teria que desenhar.

Marido 2 (f57): A não ser que seja assim, um retrato falado. Então, aí o que acontece, a pessoa pode não se identificar. Não sei se é verdade um fato que eu li, foi que o casal se conheceu e ficou conversando por telefone por muito tempo, meses. Aí depois, quando eles foram se encontrar, não sei se foi da parte dos dois ou da parte de um deles, a outra pessoa não era como tinha imaginado, só que eles passaram... não sei se foi pra melhor ou pra pior... mas o tempo que eles ficaram conversando sem se ver foi tão grande, que aquela imagem fictícia se fortaleceu, ficou muito forte, ficou vinculada a essa pessoa, à voz no telefone. E quando se encontraram, a pessoa não conseguiu associar aquela imagem àquela voz do telefone. Aí foi um fracasso, a conversa não durou muito, acabou o relacionamento. Então, algo muito complicado quando

você não tem uma foto. Por exemplo, teve uma menina com quem eu conversei por uns 4 meses, e teve uma com quem eu conversei por mais de um ano, não seguido; conversei por um mês, depois perdi contato, voltei, foi mais de um ano, e essas duas eu não tive foto. Montei uma imagem na cabeça, segundo a descrição que ela me passou. Com certeza eu vou levar o maior susto quando eu encontrar... se eu encontrasse a pessoa pessoalmente. Pode ser que ela seja muito mais bonita do que eu imaginava, ou muito mais feia. Ou até no mesmo grau de beleza, mas com uma aparência diferente. O que acontece, certamente se eu encontrasse essa pessoa, vou falar “não é a pessoa com quem conversei”. Então, sempre fiz questão de fotos, ou então, se ela não pode mandar foto, abreviar o encontro, porque pra mim é complicado, eu começo a formar a imagem. Então, quando eu conheci a Débora, formei essa imagem, por ver as fotos. Quando encontrei ela pessoalmente, foi uma surpresa bem agradável. E eu nem estava acostumando com isso porque todas as vezes a surpresa foi desagradável. Ou tinha surpresa porque a pessoa mandou uma foto que não era real, ou foi uma foto produzida. A única surpresa agradável... a primeira vez que eu fui surpreendido positivamente foi no encontro com a Débora, por causa das fotos ruins que foram colocadas no *Orkut*.

Psicóloga (f16): Aproveitando que você está falando da surpresa do primeiro encontro, gostaria que vocês falassem um pouco mais sobre o primeiro encontro.

Marido 2 (f58): Pra mim foi muito bom, sabe? Só que... eu estraguei tudo porque, como te falei, aquele processo de descartalização das pessoas, essa alta rotatividade, faz com que a gente lide com as pessoas de uma forma impessoal. Como eu conheci muitas pessoas, percebi, assim, que uma ferramenta até, infelizmente eficaz para as meninas seduzirem os rapazes, por meio de sexo ou algo relacionado a sexo. Então, por exemplo, nas conversas, em chat ou por telefone, eu era muito vulnerável a isso, as meninas tinham muito poder sobre mim quando elas apelavam pra esse tipo de ferramenta. Inclusive, aquela menina do Paraná, ela usava esse tipo de recurso nas conversas ao telefone, sabe? Por isso que eu tava tão seduzido, algo que dificultou ainda mais pra Débora, porque foi paralelo. Quando eu conheci a Débora, eu já estava conversando com essa ao telefone. E ficava até 4, 5 da manhã ao telefone com essa daí. Então, o terreno era arenoso, solo infértil.

Esposa 2 (f55): Por um lado eu querendo convencer por quem eu era, com meu interior, e não dando muita bola pra essa questão da aparência, e as outras meninas sabendo uma forma muito mais rápida de atingir os homens.

Marido 2 (f59): E infelizmente mais eficaz. É uma pena isso. Então, o que acontece, algumas meninas, principalmente aquelas, assim, que se interessaram por mim, costumavam facilitar as coisas nessa área pra me seduzir. E o homem, também, quando a mulher age assim, o homem tem a plena certeza de que a menina está interessada nele, né? Inclusive, algumas das meninas sabem disso, e se aproveitam disso, né? Já fui prejudicado algumas vezes por garotas de má índole que fizeram esse tipo de coisa, e em virtude dessa atitude, eu tinha certeza de que a menina gostava de mim, aí eu abria a guarda. Abandonei toda aquela cautela que eu tinha. E aí, me dei mal.

Tive prejuízos aí, prejuízos emocionais. Então, era nesse contexto em que eu estava. Então, quando eu fui encontrar com a Débora lá em Santo André, já tava impregnado com esse tipo de comportamento. Então, se a Débora gostava de mim, pra mim era algo lógico, era algo automático, que ela ia agir como as outras. Já fui lá esperando isso. Aí o primeiro encontro foi aquela coisa agradável, só que quando eu vi que não teria o desfecho que eu imaginava, me frustrei e novamente agi daquela forma egoísta, insensível, como eu agi com algumas outras.

Psicóloga (f17): Por ela não ter agido como as outras, deduziu que ela não tinha interesse por você?

Esposa 2 (f56): É que... pelo menos foi o que você (Marido) me falou... Ele falou assim “eu entendi que porque você não quis ficar comigo depois, era porque você não tinha gostado de mim, porque isso acontecia das outras que não tinham gostado de mim. Dava um jeito ali de ir embora, e acabou”.

Marido 2 (f60): Ou não gostava o suficiente. Gostava de ver como um amigo... assim. E, veja bem, naquela época eu ainda tinha essa aversão a sair de Campinas. Eu já tinha conhecido meninas de outras cidades, mas não gostava. Então, senti uma raiva pelo seguinte, pensei “peguei dois pedágios, andei 110 km, perdi uma tarde, e...”. Quer dizer, olha o sacrifício que eu tive, né? Com outras, fiz muito menos, e recebi muito mais. Então, assim, saí furioso. Só que, embora eu não tivesse o direito de ficar furioso, eu até poderia ficar furioso desde que eu guardasse isso pra mim. Mas... eu fiz questão de externar isso. Então, o final desse primeiro encontro foi muito ruim. A gente não falava mais nada. A Débora falou que precisava ir pra casa. Morri de raiva. E essa raiva é que, por ironia até, me impulsionou a conversar mais ainda, porque eu não conformava com isso. Como é que podia? Ela ta interessada em mim...

Esposa 2 (f57): Na verdade, daí ficou...

Marido 2 (f61): 2 dias.

Esposa 2 (f58): É, 2 dias, assim, sem se falar, o que já não era normal, porque ele tinha o telefone da casa dessa minha amiga que eu tava hospedada, eu continuei hospedada na casa dela, e às vezes à noite ele ligava. Então, eu fiquei aqueles dois dias naquela coisa assim “ele não me merece”, e não sei o quê... Aí daí a pouco eu falava assim “não, foi alguma coisa que eu falei que ele ficou chateado...”, porque, até então, eu não tinha entendido assim tão profundamente que tinha sido por causa disso que ele tinha ficado bravo. Ou, pelo menos, não entrava na minha cabeça. Falava “gente, não é possível uma coisa dessa, a pessoa falar não quero, pronto, acabou o relacionamento, não olha mais na cara”. Ainda mais mulher, que é mais romântica, que tem que ter todo um preâmbulo aí pra isso acontecer, né? Então, fiquei esses dois dias naquela dúvida. Mas, foi, assim, o maior tempo que a gente ficou sem se conversar desde que a gente se conheceu. Até a gente começar a conviver mesmo na mesma cidade, tudo mais, foram esses dois dias, que daí falei “bom, acabou, não estamos namorando mesmo”.

Marido 2 (f62): Mas, assim, sabe, se eu tivesse um megafone, ou um horário na televisão, pusesse conselhos pra esse pessoal que ta entrando, pros jovens principalmente, eu ia dar conselho de contrariar a própria natureza masculina, mas de evitar assuntos da vida sexual no bate-papo, porque é incrível como o poder de avaliação do homem se torna... fica comprometido quando o assunto é esse, ainda que não haja fotografias envolvidas, porque, ao contrário do que muitas mulheres pensam, o homem tem uma capacidade de imaginação muito grande. Agora, algumas mulheres acham que homem tem que ver foto. Não, as palavras têm um poder muito grande. Eu percebo como eu perdi o poder de decidir se a pessoa era aceitável ou não, boa pessoa ou não, quando tinha esse tipo de conversa. Eu era facilmente manipulado. É até uma vergonha falar isso, mas é uma ferramenta que muitas mulheres usam na Internet. Muitas vezes a mulher não tem uma aparência atraente, só que ela se vale disso, e às vezes tem até melhores efeitos do que se ela fosse atraente, porque o homem, ele tem uma insegurança muito grande. Então, se na foto ela parece muito bonita, ele pode se sentir ameaçado pelos homens ao redor. É o caso que aconteceu com o Abraão da Bíblia, aquela Jussara que era muito bonita, ele ficou com medo de matarem ele. Ele falou assim “fala que você é minha irmã, porque vão me matar porque você é tão bonita”. Então, esse medo todo... o homem fica meio tímido assim. Agora, quando são só palavras, se ela está falando aquelas coisas, ela já está receptiva. Então, essa insegurança masculina cai por terra nessa hora. E aí o homem se sente confiante. E é nisso que ele pode ser manipulado.

Esposa 2 (f59): Por outro lado, um cara que eu conheci, que era casado, ele me manipulava com palavras românticas, que é o que convence mais as mulheres. Então, a gente precisa estar prestando atenção, prevenido com relação a isso, os homens nessa parte sexual, e as mulheres com... Não que uma mulher não possa falar nada sexual, e um homem não possa ser romântico, mas ficar atento quando a coisa fica muito concentrada nisso.

Marido 2 (f63): E eu não tinha um papo muito romântico no bate-papo, então muitas vezes eu era preterido, sabe? Por causa de algum outro que tava paralelamente conversando. E, assim, depois que a coisa termina, depois que está fora, fica muito fácil enxergar isso, mas, na hora, sabe... Então, tantos homens, como mulheres, tem que ficar muito atento. Lembro de um caso que eu li...

Psicóloga (f18): Vou precisar interrompê-lo. Preciso pedir que se concentrem na experiência de vocês dois.

Marido 2 (f64): Tudo bem... Depois que a gente começou a namorar firme, nunca mais... nem instalei mais o messenger no meu computador. Instalei recentemente no micro dela pra ela conversar com os pais dela, com as amigas lá em Maringá. Também eu não entrei mais em *site* de bate-papo. Isso daí não era um mérito meu, assim... claro que eu quero ser fiel a Débora até a morte, até que a morte nos separe, mas eu odiava o bate-papo, por causa daquilo que eu já comentei, muito mais homens do que mulheres. Você vê pelos apelidos; para cada apelido feminino, tinha 7 ou 8 apelidos masculinos. E alguns apelidos eram falsos, são homens.

Esposa 2 (f60): Então, assim, acabou facilitando um pouco mais pra gente porque, na época, ele já tava quase pra terminar o doutorado, então ele tava procurando trabalho. Aí ele falou “aonde eu conseguir um trabalho, é onde eu vou”. E eu sabia que tinha algumas universidades, ele queria dar aula, né, tava terminando o doutorado, queria dar aula na área dele, era o que ele gostava. Aí eu falei assim “bom, pra eu sair de Maringá, um pouco mais difícil, porque apesar de eu ter meu consultório, ainda dependo do meu pai, não tenho como ir pra Campinas, por exemplo, me sustentar aí, nem quero que você me sustente sem a gente ter um... ser casado”, ou qualquer coisa assim. Então eu falei: “é mais fácil se você vier pra Maringá”. Agora, a gente ficava naquele medo, né? “Se não você conseguir um trabalho em Maringá, de duas, uma: ou a gente vai ficar, sabe Deus até quando nessa vida de ficar até madrugada aí, tendo que suprir essa necessidade de estar junto, conversando na Internet, ou a gente vai ter que chegar uma hora, a gente vai falar assim não dá mesmo, nenhum dos dois quer ter um relacionamento virtual pro resto da vida, então a gente vai ter que parar por aqui”. Como, assim, era mesmo a vontade de Deus que a gente ficasse junto, eu fui levando o currículo dele num lugar ou outro, numa universidade ou outra, e deu resultado, começaram a chamar ele pra fazer as entrevistas, até que 6 meses depois... acho que exatamente 6 meses depois que a gente tinha... aquele primeiro contato, tudo, ele conseguiu um trabalho lá em Maringá, aí ele se mudou pra lá, a gente não foi morar junto, mas já morava bem perto, três quadras, o sonho, né. Aí ele se mudou pra Maringá, aí a gente continuou... daí até a gente chegar a se casar foi mais um ano e meio de relacionamento, mas daí uma coisa já fora do virtual. Daí a gente nem gostava mais de conversar no *MSN*, como ele falou, meio que traumatizou. Mesmo a gente que foi um relacionamento que foi pra frente, traumatiza por causa dessa questão que eu falei pra você, que a entonação da frase, o jeito que você fala, e ter que ficar na dependência daquelas carinhas... então acho que meio que traumatizou... Ele tava no trabalho dele, tinha acesso a internet, eu tava no meu trabalho, tinha também, mas mesmo assim a gente não... a gente evitava. A gente se encontrava bastante, estava sempre com ele, até porque ele não tinha nenhum familiar. A única pessoa que ele tinha era eu e a minha família. Eram as pessoas mais próximas. A família dele é toda daqui de Campinas, estado de SP, dessa região. Então, a gente se encontrava bastante, mas a gente já nem queria saber muito de Internet. Mesmo pra... o *Orkut* eu continuei tendo contato com os amigos, tudo, mas não...

Marido 2 (f65): Inclusive até lá no *Orkut* eu cheguei a ter 300 e poucos contatos. Hoje estou com cento e alguma coisa porque muitos dos contatos que eu tinha lá, foram, assim, eventuais paqueras, e não deram certo, eu nem sabia mais quem era a pessoa. Tava na verdade fazendo número. Aí fui apagando as pessoas que eu não lembrava quem era. Depois eu fui apagando as pessoas que eu lembrava quem era, mas perdeu a razão de ser, então dei uma enxugada ali, estou com poucos contatos agora. O que é interessante é o seguinte também, a gente teve algumas brigas antes de se casar, e teve três terminos de namoro. Uma vez ela terminou, e duas eu terminei. E numa dessas vezes, eu entrei no bate-papo. Aí eu pude lembrar que horrível que era porque eu pude reviver uma experiência que eu já vivi várias vezes, ficar duas horas na frente do computador e não conseguir conversar com ninguém. Ninguém deu atenção porque... 15 homens, 3 mulheres.

Esposa 2 (f61): E mostrando, assim, o problema que era essa coisa de Internet, esses três términos que a gente teve... claro que depois a gente teve outras brigas, mas nada tão sério que levasse a gente a pensar em terminar. Os três foram dentro desses 6 meses, que a gente ficou só conversando pela Internet, porque realmente, não é uma coisa... um relacionamento já não é uma coisa fácil. Agora, pela Internet, muitas outras coisas se adicionam aí nesse problema.

Marido 2 (f66): E é muito cansativo, muito desgastante. Então a minha recomendação é a seguinte: que a pessoa, se ela puder conhecer pessoas pelos meios convencionais, preferir, porque a Internet é um trabalho demorado, é um trabalho de garimpo, e nesse garimpo ela se coloca em diversos riscos, tanto homens quanto mulheres. Diversos riscos, diversos perigos.

Esposa 2 (f62): E mesmo durante o relacionamento, é uma coisa assim... no nosso caso, foi muito legal, teve toda a parte legal da gente ter conhecido... uma pessoa por quem a gente teve uma empatia até chegar a casar, e tudo mais, mas é desgastante. Inclusive, a família dele não tanto, porque a mãe dele já tava acostumada, sempre via ele lá mexendo no computador, mas os meus pais se desgastaram muito com isso. Até fui aquela coisa, filha estudiosa, não sei o quê... nunca dava problema. Eu comecei a discutir um pouco mais com meus pais, que eles não entendiam porque que eu tinha que ficar tanto tempo na Internet. Meu irmão reclamava "ah, ela fica com a luz acesa, a luz entra por baixo da porta do meu quarto não sei até que horas...". Quer dizer, até a família acaba sendo envolvida, e entende menos ainda, né?

Marido 2 (f67): E o que é interessante é o seguinte também, eu e a Débora não teríamos a menor chance de nos conhecermos se não fosse pela Internet, porque eram cidades diferentes, a Débora não tinha nada pra fazer aqui em Campinas, eu não tinha nada pra fazer em Santo André, aliás...

Esposa 2 (f63): Tirando essa questão, que eu tava pensando em fazer aquela pós, que no final acabei não fazendo...

Marido 2 (f68): Eu nunca tinha estado em Santo André. Aliás, nunca tinha ouvido falar em Santo André...

Esposa 2 (f64): Porque, na verdade, eu nasci em Santo André. Naquela época eu estava morando em Maringá, mas nasci em Santo André.

Marido 2 (f69): Então, assim, é... áreas diferentes... nada iria nos trazer.

Esposa 2 (f65): Talvez essa seja a parte mais legal da Internet, fazer com que pessoas, assim, que jamais poderiam se encontrar, se encontrarem.

Marido 2 (f70): Acho o seguinte, a Internet é um plano B, mas torna fáceis as coisas pra quem está em situação... em terreno difícil. Pra quem não tem contato com pessoas com quem se possa se relacionar. É aquela história, né, na maioria dos lugares, tem metade homens, metade mulheres; tem aqueles que tem mais homens e tem aqueles que tem mais mulheres. E aqueles que são os poucos, a minoria, acabam se beneficiando. Então, onde tem muita

mulher e pouco homem, aí os homens se aproveitam das mulheres, leva pra cama, mal trata as mulheres, são disputados. E onde tem muito homem, pouca mulher, a coisa é aquele assédio todo, toda aquela dificuldade. Homem tem que se anular totalmente pra conseguir uma chance. Então...

Psicóloga (f19): Vocês estão dizendo que a Internet facilita por um lado, mas dificulta por outro.

Marido 2 (f71): Para as pessoas que são maioria, que pertence ao sexo da maioria, imagino que seja uma possibilidade de tornar mais justa essa procura; se a situação não ajuda, pelo menos a Internet ajuda.

Psicóloga (f20): Vocês falaram em seis meses de namoro pela Internet, com três terminos. Quanto tempo entre término e volta?

Esposa 2 (f66): Ah, era um dia...

Marido 2 (f72): No máximo 3 dias.

Psicóloga (f21): E o que vocês poderiam dizer sobre o teria levado a esses terminos e voltas?

Marido 2 (f73): Acho que foi... sexo? (pergunta pra Esposa).

Esposa 2 (f67): Acho que... aquela mesma questão do primeiro encontro, toda vez que essa questão vinha à tona, acabava magoando um ou outro, e a gente acabava terminando. Normalmente era por causa disso, pela dificuldade de expressar através do *MSN*, aí isso acabava também tomando uma proporção muito maior e... Porque, na verdade, talvez nem fosse tanto a questão do sexo em si, mas a questão de que a gente não tinha nenhum tipo de contato físico. Talvez fosse mesmo a necessidade de um contato físico, que existe num relacionamento normal, vamos dizer assim, que não seja pela Internet. Então, nesses 6 meses, a gente não teve contato físico nenhum. Tirando as poucas vezes que a gente se encontrou, que foram mais nos feriados... Páscoa, Corpus Christi... os feriados que tem no primeiro semestre do ano...

Psicóloga (f22): Como vocês tratavam o assunto sexo?

Marido 2 (f74): Não diretamente sobre sexo porque eu, acho que como grande parte dos homens, além dessa necessidade do sexo, tinha outra necessidade, infantil e ridícula, da qual me envergonho, acho que grande parte dos homens se envergonha, é de querer exibir a mulher pros amigos. Então, assim, eu tinha muito orgulho da Débora. Saía com a turma, com os amigos, aí os colegas falavam...

Esposa 2 (f68): Tinha uma namorada, mas não tinha. Como é que ele ia explicar pros amigos que ele tinha uma namora, mas a namorada dele tava lá a 600 km de distância, "que adianta então você ter uma namorada assim?". E entrando na pergunta que você falou, eu acho que essas conversas surgiam até por esse motivo que eu falei, pela necessidade de ter um contato físico. Como a gente não tinha esse contato físico, então isso surgia através de uma conversa, às vezes entrando numa conversa um pouco mais íntima...

Marido 2 (f75): E eu trabalhava o dia inteiro na Unicamp, na pesquisa, digitando, e muitas vezes, à noite, por volta de uma da manhã, eu falava assim pra Débora “eu vou ligar aí porque eu não agüento mais de dor nas mãos”. Usava o telefone porque não agüentava mais. Então, realmente foi uma batalha muito grande, sabe? Mas é por isso, acho que nós fomos provados de uma maneira bastante intensa, sabe? Porque, veja bem, imagina um rapaz que passou por todo esse processo de se acostumar com esses relacionamentos rápidos, conhece uma, descarta, pega outra, descarta, pega outra...

Esposa 2 (f69): Até então, o seu maior relacionamento tinha sido de 9 meses, né?

Marido 2 (f76): 9 meses. Isso.

Esposa 2 (f70): Esse foi o maior, porque os outros eram tudo 3 meses, 2 semanas...

Marido 2 (f77): Mas muitas vezes até de dias mesmo, sabe? E as meninas, muitas delas, facilitam as coisas pra conquistar o cara, pra seduzir o cara. E o cara cai nessa, o homem cai, morde a isca. Então, um sujeito que passou por essa vida 7 anos, namorou... quase dois anos, né?

Esposa 2 (f71): É, deu dois anos, a gente casou...

Marido 2 (f78): 26 meses, né? E realmente... a Débora casou virgem, né. Pra mim foi uma luta muito grande, sabe? Era algo que vinha contra o que eu tinha me acostumado. Então, tudo isso aí levava a brigas, essa distância toda, conflito de opiniões. Paralelamente a isso, a busca por um emprego, estabilidade, mudança de cidade. Foi uma época bem tumultuada. Mas, por outro lado, nós temos uma história juntos, né? Esse sofrimento que nós passamos juntos provou nossa união, mas também mostrou pra nós mesmos que nós temos condições de juntos enfrentar outras dificuldades, até piores, que vierem pela frente, filhos... saúde... coisas assim. Então, assim, a gente sente mais confiança de que vai dar pra gente continuar juntos até que a morte nos separe.

Psicóloga (f23): Quanto tempo de namoro após os seis meses de namoro virtual?

Esposa 2 (f72): 9 meses. Juntando tudo, foram 2 anos de namoro até casar. Então, foi mais um ano e meio.

Psicóloga (f24): Estão casados há quanto tempo?

Esposa 2 (f73): Há um ano e meio.

Psicóloga (f25): E o que vocês podem dizer do vínculo de vocês da passagem do virtual para a convivência face a face?

Esposa 2 (f74): Não consegui ver nenhuma diferença do que ele se mostrou ser. Se eu tivesse conhecido ele pessoalmente, imagino que ele teria se mostrado a mesma pessoa. Algumas coisas eu fui descobrindo que não eram

bem daquele jeito que eu tinha entendido, mas talvez isso tivesse acontecido como uma primeira impressão, como de uma pessoa que eu tivesse conhecido pessoalmente também. Então, não consegui perceber nenhuma diferença. E até uma coisa que a gente comentava era que a gente conversava muito mais do que qualquer outro casal.

Marido 2 (f79): A gente nunca ficava sem assunto.

Esposa 2 (f75): Em alguns aspectos talvez a gente se conhecesse mais que muitos casais que às vezes eram até casados já há anos.

Marido 2 (f80): Até comentei isso com a Débora, nós nunca ficávamos sem assunto, porque, muitas vezes, quando o tempo permitia, quando não tínhamos outras atividades, nós ficávamos sábado inteiro, à tarde, conversando, e parávamos de conversar por irritação na garganta. Eu, talvez, tenho que fazer um trabalho de fonoaudiologia...

Esposa 2 (f76): Porque a mão cansou no...

Marido 2 (f81): Mas... mas... eu que parava de falar com a Débora, porque a Débora não cansava. Mas, se não fosse a garganta, a gente não parava de conversar.

Esposa 2 (f77): Porque, assim, outros casais que tem um convívio ali físico mesmo, tem outras coisas pra fazer, vão... estão se beijando... e a gente não tinha outra coisa; pra gente estar junto a gente tinha que estar conversando. Então, acho que isso acabou trazendo um conhecimento muito maior. Porque às vezes alguns casais acabam baseando o relacionamento numa coisa física apenas, e acaba esquecendo que você tem que conhecer a pessoa, então passaram 5 anos juntos e praticamente não se conhecem. Como a única coisa que a gente tinha pra fazer pra gente estar juntos, a gente tinha que conversar. Não tinha como ficar os dois parados no *MSN*.

Marido 2 (f82): E não tinha dinheiro pra ficar passeando, saindo muito por aí, né?

Esposa 2 (f78): É, também nenhum dos dois tinha dinheiro pra ficar viajando. Eu consegui vir uma vez...

Marido 2 (f83): Em Maringá também, a gente não tinha dinheiro pra ficar indo no cinema...

Esposa 2 (f79): Quando a gente tava naqueles 6 meses na Internet ainda, eu consegui vir uma vez só. Ele ainda foi... acho que umas 3 pra...

Marido 2 (f84): 4 vezes.

Esposa 2 (f80): ...Pra Maringá. Porque teve as vezes que ele também foi fazer as entrevistas de emprego, e tudo mais.

Psicóloga (f26): E vocês mantiveram esse hábito de conversar bastante?

Esposa 2 (f81): Ah, sim, porque a gente criou esse hábito.

Marido 2 (f85): Quando eu me mudei pra Maringá... Aliás, antes de eu saber que eu ia mudar pra Maringá, antes de passar naquele teste, eu já tinha certeza quanto a Débora ser a mulher certa pra mim. Eu não sabia se nós íamos dar certo pela questão geográfica. Se eu não fosse morar lá, não ia dar certo.

Esposa 2 (f82): Nessa época já não era mais aquela coisa fria que ele tinha... de longe, então tchau, não quero saber. Já virou, assim, uma questão de sofrimento dos dois. E se a gente não conseguir morar na mesma cidade, como que a gente vai fazer?

Marido 2 (f86): Tanto é que a cumplicidade que eu tinha com a Débora naquela época não mudou de lá pra cá, porque nós passamos por muitas turbulências que colocou na nossa vida bastante experiência, uma história mesmo, uma vida juntos, uma batalha juntos, mas se eu pensar, assim, a maneira como eu olho pra ela, eu confio nela, não de confiar que não vai fazer coisa errada... confiar de que vamos ficar juntos. Isso eu já sentia nos últimos meses, antes de me mudar pra Maringá. Falei pra Débora, eu comecei a me apaixonar mesmo por ela no começo do ano de 2005. Comecei a ter certeza do meu amor por ela talvez ali próximo ao Carnaval. Antes do Carnaval ainda tinha aquela dúvida. Será que vai sumir, tal... Mas no Carnaval como não deu certo minha ida pra lá, eu sofri tanto por não ter ido, sabe? Naquela ocasião percebi, realmente não era mais uma paixão, já era amor mesmo. Depois, quando fui pra Maringá, foi terrível, não por causa de nós, mas por causa do que eu passei lá, passei por um desses empregos, uma demissão traumatizante... incerteza... trabalho temporário... o tempo correndo, demissão programada pra dali tantos meses...

Esposa 2 (f83): É, aí a gente entrou num problema, assim, de casais normais. A gente saiu daquela coisa do nosso problema ser a distância, ser ficar só na Internet, pra gente entrar em coisas que são mais comuns de outros casais. Porque daí ele tava passando por muitas mudanças, mudança de cidade, sair do doutorado pra entrar mesmo na vida profissional...

Marido 2 (f87): E você também tava...

Esposa 2 (f84): Eu também, com o consultório, mas meio naquela talvez tenha que fechar porque muitos gastos...

Marido 2 (f88): E no Senac, né, procurando...

Esposa 2 (f85): É, procurando coisas e portas fechando...

Marido 2 (f89): Aí fecha o consultório, abre um outro, deu certo... que stress terrível.

Esposa 2 (f86): É, aí então acho que a coisa foi mais, assim, o lado profissional dos dois que tava um pouco desestabilizado ainda, e que a gente teve que aprender a conviver com isso, uma hora era um que tava nervoso com um negócio que aconteceu no trabalho, outro dia era outro, porque não era aquela situação, assim, estável, ele tinha um trabalho, não era efetivo, eu também,

tinha consultório, era autônoma, quer dizer, aquela vida. Ele trabalhando em faculdade particular, que é aquela coisa, totalmente instável, quando você é professor de faculdade particular. Então, até ele se adaptar com Maringá, porque ele gostava demais de Campinas, tava acostumado aqui, tinha toda a família aqui, e tudo mais. E ele é muito apegado com a família, tem os sobrinhos dele, então até ele se acostumar, isso foi uma barra que a gente teve que enfrentar juntos. Mas aí já era uma coisa, assim, já eram problemas diferentes.

Marido 2 (f90): A preparação do casamento também foi muito cansativa porque o casamento foi em Santo André, então, a distância também cansou bastante.

Esposa 2 (f87): É, porque, na verdade, eu não tinha família lá em Maringá. Tinha ido lá pra fazer faculdade, acabei ficando lá, meus pais moraram um tempo lá também. Só que toda minha família era de Santo André, do interior de São Paulo, da região de Santo André. A família dele de Campinas. Se a gente fizesse um casamento em Maringá, ia ter que alugar uns três ônibus pra levar todo mundo pra lá. Então, vamos num lugar que fique mais fácil, então a gente foi resolvendo tudo à distância. Meus pais que viajavam muito pra Santo André, meus pais que viram quase todas as coisas do casamento. Então, aquela correria, e falta de dinheiro também. Meu pai e o pai dele bancaram praticamente tudo do casamento, pra dar uma ajuda no começo...

Marido 2 (f91): E foi uma tensão muito grande porque no ano 2006, eu tinha prestado concurso público e não tinha passado. E aí o casamento foi em janeiro e já na ocasião do casamento eu sabia que em março iria abrir um concurso público lá onde eu trabalhava, pra ser efetivo. Eu era temporário. E eu sabia que o meu contrato temporário terminaria no final do ano. Ou seja, era demissão garantida no fim do ano. E sem possibilidade de recontração por dois anos. Falei “e agora, o que vou fazer? Tenho que passar nesse concurso!”. Então, já no casamento tava com essa ansiedade, sabe? Eu tinha que estudar pra passar.

Esposa 2 (f88): E se a gente não casasse, a gente iria voltar ao mesmo problema do início, porque, os meus pais, eles iam ficar morando em Maringá até o final de 2006, porque meu pai tava fazendo mestrado lá também. No final de 2006 ele terminaria todos os estudos que ele tava fazendo e voltaria pra Santo André. Eu, como não tinha ainda estabilidade financeira, e não queria que ele arcasse comigo sem a gente ter um compromisso, um casamento, falei “o que vai acontecer? Vamos fazer o caminho inverso, ele vai ter que ficar em Maringá, que é onde ele tem o trabalho, e eu vou ter que ir com meus pais pra Santo André”. Então... a gente falou, vamos voltar naquela vida de novo, aí bateu um desespero (ri). Não que a gente tenha tomado decisão de casar só por causa disso, até porque meus pais ainda não tinham decidido mesmo se eles iam, ou não, voltar pra Santo André, ainda não era uma certeza. Mas isso foi um dos motivos que também impulsionou a gente tomar a decisão de casar. A gente quer ficar junto mesmo, a gente acha que já se conhece o suficiente pra ter uma vida juntos. Mesmo porque, na verdade, assim, eu não morava com ele, nem nada, mas eu já sempre tava lá no apartamento dele, até pra dar uma ajuda, pra fazer uma companhia. Então, a gente já fazia uma idéia mais ou menos como seria os dois morando na mesma casa, dividindo uma vida,

né? E até pela ajuda que eu dei na questão profissional dele... quer dizer, você sabe que pode contar com aquela pessoa. Ele também me deu muita ajuda naquele momento do consultório... Então, você começa a perceber que é uma pessoa com quem você pode contar, né. Então, a gente ficou aquele pavor. Se os meus pais se mudarem, a gente vai voltar... quer dizer, vamos começar a história tudo de novo. E ter que voltar pra Internet... não sei o quê, já se conhecendo, mas ter que voltar a depender da Internet pra manter contato. Mas quando a gente se casou, a gente nem sabia se ia continuar morando em Maringá. Tanto que a gente ficou mais 6 meses em Maringá. Ele conseguiu um trabalho em Tatuí, a gente ficou 6 meses em Tatuí. Agora estamos morando aqui. Então, na verdade, desde que a gente se casou, a gente continuou nessa coisa. Até meu pai fala "eu já vi amigos meus, por muito menos, terminarem o casamento, porque não há quem agüente uma vida tão instável, como vocês estão vivendo". Mas eu acho que talvez essa vivência de Internet, que já foi um início sofrido, é o que tenha dado forças pra gente. Então, acho que nesse sentido que a Internet teve uma importância, não só pra gente se conhecer, mas pra gente criar uma base sólida pro nosso relacionamento.

Marido 2 (f92): E realmente as coisas deram certo porque, como ela falou, o meu relacionamento anterior durou 9 meses, e éramos noivos, já tinha uma data de casamento marcado.

Esposa 2 (f89): E você também tinha conhecido pela Internet.

Marido 2 (f93): É. Só que, o que a Débora falou, é... um conhecimento muito raso. Ele é baseado na comunicação física, a comunicação sexual, e a comunicação verbal fica prejudicada.

Esposa 2 (f90): Porque essa... ela era daqui. Então, eles se conheceram pela Internet, mas tinha uma facilidade maior de ter encontrado.

Marido 2 (f94): Mas, realmente não teria dado certo, primeiro pelo... pela... pequenez, vamos dizer assim, do motivo pelo qual ela rompeu com o noivado. Aí eu percebi que eu não conhecia aquela pessoa. E segundo que a gente também não teria dado certo porque ela não seria uma pessoa disponível pra ir pra Maringá. Ela tinha 3 empregos em Campinas, inclusive um salão de beleza. Ela não ia abrir mão dos 3 empregos pra ir comigo pra Maringá, pra começar do zero alguma coisa. Ia largar a mãe dela, viúva, sozinha, idosa. O que ia acontecer era que a gente ia se divorciar, ou ter que ser casado à distância. Lá em Maringá tinha um colega meu na Universidade, cuja esposa mora em Campinas. Ele morava lá em Maringá e a esposa, com os filhos, moravam em Campinas. A esposa se recusou a ir pra lá. Ela até tinha ido, mas a empresa fez uma contra proposta, aí ela voltou pra Campinas. Então, teria sido assim, entendeu? O que eu achei, assim, bastante interessante com a Débora foi a disponibilidade que ela teve de me acompanhar, de Maringá pra Tatuí, de Tatuí pra Campinas, então... Tanto é que em Tatuí, como eu sabia que havia possibilidade de eu ter que sair de lá, ela nem começou a montar o negócio dela, que ela planejava. Ela percebia a possibilidade de sair. Então, achei isso bem interessante, porque, o homem, ele precisa dessa segurança. Nenhum homem quer ficar mudando de cidade toda hora, mas é uma possibilidade, sempre há o risco, ou o perigo de ter que se mudar. A incerteza de contar com

a companhia da esposa numa mudança de cidade é algo terrível. De repente... tem mulher que prefere o divórcio. Esse é o medo. Então, a Débora já provou que... espero que não, mas caso a gente tenha que sair de Campinas, ela estará lá comigo. Isso é bem reconfortante.

Psicóloga (f27): Estamos terminando a entrevista, mas antes queria voltar naquele momento da Internet em que você disseram que se deram conta de que estavam namorando, como foi isso? O que levou a que vocês se sentissem namorados?

Esposa 2 (91): Era a necessidade de conversar. Como um casal que estivesse junto, a necessidade de se encontrar, o nosso era a necessidade de conversar. Eu até falava pra ele que ele colocava no nome dele no *MSN* e uma carinha que é uma carinha que usa um óculos, então a hora que subia aquela janelinha, nossa! Pra mim era a melhor hora do dia!

Marido 2 (f95): E nunca mudava, era sempre aquele, né?

Esposa 2 (f92): É, então a partir desse momento a gente começou a perceber. Até mesmo quando a gente terminou a primeira vez... e a falta que fazia aquela pessoa! Podia conversar com outros vinte amigos no *MSN*, entendeu? Sentia falta de conversar com ele especificamente, tanto é que a minha amiga, ela tinha ele adicionado no *MSN* também, e, por coincidência, os dois não falavam “ah, ela terminou, não vou falar”. Os dois iam falar com ela ao mesmo tempo. Aí eu falava pra ela “pergunta pra ele se ele ta bem”. E ele perguntando “A Débora ta *on-line*?”. Ele já tinha me bloqueado pra não ter aquela...

Marido 2 (f96): Constrangimento.

Esposa 2 (f93): É, pra não ter o constrangimento. Aí ela falou assim “eu aqui no meio? Conversam vocês dois! Os dois vieram falar comigo ao mesmo tempo pra eu responder do outro, então conversem os dois”. (ri). “Vocês, na verdade, querem conversar”. Então, a gente começou a perceber mesmo...

Marido 2 (f97): Tinha também, no começo do ano, um papo assim, a gente pode falar pros nossos pais. Então, teve uma coisa assim, não muito romântica, mas...

Esposa 2 (f94): Pra oficializar. Nunca teve um pedido, assim, uma coisa oficial, não. Mas eu acho que a gente percebeu mesmo pela vontade de conversar, e...

Marido 2 (f98): Eu não pedi a Débora em namoro, por causa de uma coisa de trauma também, porque, antes da Débora, acho que namorei umas seis, eu acho, seis ou sete meninas, namoro mesmo assim. Todas as meninas a quem eu pedi em namoro, disseram “não”. E as seis que eu namorei, eu não pedi em namoro, nunca. Era uma frase amaldiçoada (ri). Então, por isso que demorou pra... mas surgiu casualmente, sabe? A gente nem ficou muito tempo nesse assunto, a gente já foi pra outro assunto.

Esposa 2 (f95): Até eu vir pra Campinas, falar pra minha mãe que eu tinha um namorado, até mais pra formalizar pra família, mas a gente já sabia que era um namoro mesmo.

Psicóloga (f28): E falando um pouco mais dos términos e voltas. Vocês contaram que num deles teve a amiga intermediando. E o que mais poderiam falar sobre as duas outras vezes?

Esposa 2 (f96): Teve uma vez...

Marido 2 (f99): A primeira vez você que terminou.

Esposa 2 (f97): É. Daí foi através da Roberta, dessa minha amiga. Depois teve uma vez que...

Marido 2 (f100): Eu lembro que a última vez, que eu que terminei, aí eu fiquei doente. Passei muito mal, lembra? Aí eu liguei pra você quase sem voz, lembra?

Esposa 2 (f98): É.

Marido 2 (f101): Passando muito mal. A segunda vez eu não lembro como foi.

Esposa 2 (f99): Não sei se foi através de um *e-mail*... mas sempre a gente acabava, como ele disse, o máximo que a gente ficou sem se falar durante esses tempos, foi coisa de três dias...

Marido 2 (f102): To lembrado do seguinte, talvez tenha sido na segunda vez, que eu tinha te bloqueado, mas eu via que você tava *on-line*, aí fiquei trabalhando, nem sei se conversei com outra pessoa, no *MSN*, ou no bate-papo, não lembro agora. Mas foi aquele negócio, aquele mal estar, sabe? A Débora *on-line* ali, aquela vontade de falar, mas “não, tenho orgulho”.

Esposa 2 (f100): E, na verdade, um outro motivo que a gente também brigava, que não era só essa questão da divergência sobre sexo... assim, um outro motivo que a gente brigava era por essa necessidade de se encontrar, e como eu não tinha uma independência financeira, não podia vir muito pra cá. Então, ele falava assim “por que sempre eu que tenho que ir pra Maringá e você nunca vir pra cá?”. Até uma das vezes que a gente terminou, foi por causa disso, porque ele falou assim, ele falou “por que sempre eu tenho que ficar indo aí pra Maringá, você não pode vir pra cá?”. E eu tentando explicar, falando, assim “meu pai é uma pessoa mais conservadora, ele não acha legal ficar indo aí na sua casa sozinha, e não sei o quê... E eu dependo dele”. Meu pai virou pra mim “se você tivesse seu dinheiro, você faria o que você quisesse, agora você fazer uma coisa que eu não concordo, e eu ter que pagar por isso ainda...”. Então, isso também era motivo de brigas. Mas tudo girando em torno daquela necessidade de se encontrar, de se ver. A gente falava “se a gente ficasse 5 minutos juntos, equivaleria... saciava o estar juntos de uma conversa de duas horas no *MSN*!”.

Marido 2 (f103): Só terminando aquela segunda briga lá... então, estou lembrado que foi isso mesmo. Aí eu não agüentei mais, desbloqueei, a gente

voltou a conversar, só conversa fria, não sei se você lembra? Conversa, assim...

Esposa 2 (f101): Como se fosse uma pessoa qualquer, né?

Marido 2 (f104): Isso. Aí, pouco a pouco, foi voltando aquela intimidade lá... E foi uma conversa longa mesmo que...

Esposa 2 (f102): É engraçado que tanto o namoro, não teve aquela coisa assim “você quer namorar comigo? Ah eu quero”, como as voltas também não tinham isso “ah, então vamos voltar? Vamos!”. Quando a gente via, a gente já tava perdido naquelas conversas de novo até 3, 4 horas da manhã, a gente tava... acho que a gente tava namorando de novo.

Marido 2 (f105): E sempre era um susto quando, assim, voltava no *MSN* a conversa e via a hora que começou a conversa. A gente via “puxa, 4 horas de conversa! 5 horas! Olha só!”.

Psicóloga (f29): E à parte as brigas, as discussões em torno das diferenças de pensamento, o que mais ainda a dizer sobre o namoro *on-line*?

Esposa 2 (f103): Era bem... como os dois gostam de falar... que a maioria geralmente é mulher que gosta de falar, mas, no caso, como os dois gostam de falar, era sempre... Sempre começava com aquela coisa “como foi seu dia?”. Não sei o que lá... daí surgiam vários assuntos. Não tinha uma coisa assim...

Marido 2 (f106): O que era engraçado é, quando tinha briga, principalmente quando eram brigas da Débora, você se lembra? (Esposa ri). O texto, assim, várias linhas você escrevia, eu duas palavrinhas: “pois é!”.

Esposa 2 (f104): A Internet mostra o que seria a briga de um casal, mulher “não, porque você não faz isso por mim...”, e o homem “aham!”.

Marido 2 (f107): Inclusive aquela primeira vez, quando eu pensei que ela tava atirando pra todo lado, me escreveu um texto enorme, que não era assim, tal... como é que pode pensar isso? Não sei o quê... exigia um explicação... Aí eu respondi: “poxa!” Lembra? Aquela carinha triste, né? (Esposa ri). Ficou mais nervosa ainda. Tudo que eu falava, eu “poxa!”

Esposa 2 (f105): Então, pra homem, que tem uma dificuldade maior... alguns, né, nem todos... mas é mais comum em homem, deve ser mais difícil assim na Internet, se expressar...

Marido 2 (f108): Foi uma pena ter apagado isso aí, esse texto aí.

Esposa 2 (f106): Algumas coisas... até da comunidade onde a gente se conheceu, que a partir daí eu entrei no perfil dele, a gente tem. Até no casamento, a gente fez tipo um clipe.

Marido 2 (f109): Inclusive nesse clipe do casamento, tinha várias fotos e uma foto era o quadro do *orkut*. Você voltou as fotos daquela época, né?

Esposa 2 (f107): As fotos da comunidade, o pessoal tinha mudado as fotos, mas a foto dos dois, coloquei a foto que a gente usava na época. Também alguns *e-mails* do começo. Anos depois de casado, entrei na comunidade, achei o tópico, e ninguém mais nunca comentou. Acabou ali. Morreu nos dois. Nem o próprio cara que abriu o tópico, não comentou o que a gente falou.

Marido 2 (f110): A gente até pensou em mandar um presente pro cara lá.

Esposa 2 (f108): (Ri) Se ele não tivesse aberto o tópico a gente não tinha se conhecido. E acho que era a única comunidade em comum dos dois. Não tinha nenhum outro, porque ele era de Campinas, de engenharia, de coisa de música que ele gosta. E aquelas comunidades tipo “As mentiras que elas contam”, “Elas perguntam, eles respondem”. E como pra mim não era pra relacionamento o *Orkut*, era mais pra amizade, eu tava em outros tipos de comunidade. É que essa comunidade achei muito engraçado o cara falar assim “se pode ter o dia dos namorados, que tal ter o dia dos encalhados?” Pros encalhados trocaram presentes, esquecer aquela depressão do dia dos namorados. Então, achei engraçado, mas era a única comunidade que a gente tinha em comum. Não tinha nenhuma outra. Era só naquela comunidade que a gente poderia ter se encontrado. Porque pra você encontrar uma pessoa que você não buscou lá pelo nome, só se for se conhecer por participar de comunidade que tenha em comum.

Marido 2 (f111): Nossa história talvez não seja a mais romântica, mas é original.

Psicóloga (f30): Pra finalizar, algumas palavras finais sobre a experiência de terem se conhecido pela Internet e hoje estarem casados?

Esposa 2 (f109): Fico me perguntando como a gente vai passar essa nossa história pros nossos filhos? Porque os filhos sempre, assim, tipo coisas ruins, tipo “meu pai fuma”, aí o filho se torna adolescente, começa a fumar, como é que o pai vai falar pro filho que faz mal, que não pode fumar, se ele fuma? E se um dia eu vir um filho meu, uma filha se metendo numa enrascada na Internet? Conforme você vai envelhecendo, já vai adquirindo uma certa experiência, começa a sacar certas coisas logo de cara. Aí como que eu vou fazer pra falar? “Ah, mas você e o pai se conheceram pela Internet também, você nem sabia quem ele era, não tinha ninguém que conhecesse ele que você conhecesse também”. Então, às vezes eu fico pensando, assim, como explicar essa história quando a gente tiver filhos e eles começarem a questionar, começarem a perguntar. Talvez, quando eles se tornarem adolescentes, quando eles começarem a questionar isso, talvez já seja uma coisa mais comum. Mas talvez ainda tenha todo esse mito envolvido, de que Internet é só maluco que tem. Então, não sei como vai estar. Então, às vezes eu fico me perguntando, como que eu vou passar isso pra quando a gente tiver filhos?

Marido 2 (f112): E também uma preocupação que... até hoje ela vem, da mesma forma que eu até o ano 2000, eu tinha esse preconceito com relação aos usuários da Internet pra esse fim, de repente até que ponto eu tinha esse preconceito por falta de informação, outras pessoas também por falta de informação possam ter esse preconceito. De certa forma, o seguinte, (mudando

o tom de voz) “homem que é homem, chega junto lá, conquista a menina ali com olhar, e pronto! Mulher que é mulher, ela é bonita, o cara vai lá, já se declara pra ela, pronto! Isso daí é coisa do passado, isso daí é coisa pra homem que não sabe chegar junto, coisa pra mulher que é feia, não sei o quê...”. Eu tive já esse pensamento. Precisei passar por um longo processo pra perceber que em determinadas situações, em várias situações, não é isso. Isso que eu falei é verdade também, também se enquadra nisso daí. Mas, não necessariamente. Tem várias situações. Pode existir uma menina super bonita, uma índole encantadora, mas ela mora na fazenda, no sítio lá... Então, a gente não pode rotular. Então, a gente fica com essa preocupação por algum tempo, eu até costumava não comentar com o pessoal que nós tínhamos nos conhecido pela Internet.

Esposa 2 (f110): Até a formação que meu pai foi fazer lá em Maringá foi de pastor. Antes ele era professor de matemática. Como ele se formou bem na época do casamento, então ele que realizou o casamento. Aí meu pai falou assim “você se importam que a minha mensagem seja baseada no fato de vocês terem se conhecido pela Internet?”. Quando eu falei pra ele (Marido), ele ainda ficou meio assim, depois que ele... “ah, não, tudo bem!”. Até meu pai comentou mais ou menos o que ele falaria, mas no começo ele ainda ficou meio assim. Até o clipe que eu fiz, mostrava bem isso, que a gente tinha se conhecido pela Internet, 6 meses de namoro sem estar se vendo ali todos os dias. O problema do final de semana que seja, a gente não se via, era raríssimo.

Marido 2 (f113): Existe uma possibilidade de, com o passar dos anos, essa impressão, esse estigma... não sei a palavra certa... mudar! Por que não, né? Porque classificados por jornal existe desde a época das nossas mães. Anos 50 já existia isso. Então, pode ser que não mude, mas o futuro dirá se vai mudar ou não. Na televisão passou uma reportagem sobre esse assunto. Mostrou lá o casal que se conheceu assim. A moça era uma modelo fotográfico, e o cara era daquelas estátuas gregas, sabe? Aqueles cara malhado. Você vê, não é um perfil que se imagina de gente que se conhece assim, e os dois se conheceram pela Internet. Não sei se foi chat ou classificados. Mas, seja como for, nós temos uma idéia formada. Talvez isso daí corresponda à maioria. Pode até ser que seja a maioria, mas a gente não pode classificar assim já. Porque de repente a gente pode fazer um mal julgamento, porque às vezes existem pessoas que têm opção, mas, de repente... já li... que a menina era muito bonita, mas ela tava cansada dos caras nem ouvirem o que ela falava, porque como ela era bonita, então se ela falava que o céu era verde, o cara falava “é verdade, o céu é verde mesmo, né?”. Se ela falava que ela comia cocô, o cara ia comer também.

Esposa 2 (f111): Tudo que é novo é complicado. Que nem, na época dos nossos pais, os pais divorciados temiam que seus filhos iam largar do marido. Agora na nossa época, isso é como se fosse ser divorciado. Hoje em dia ser divorciado não é nada, não é nenhum terror “oh! Se divorciou!”. Ninguém mais faz tanto estardalhaço por causa disso. Mas ter se conhecido pela Internet ainda é estranho pras pessoas. E assim como filhos de pais separados sofriam, a gente fica se perguntando, o que será que vai passar na cabeça dos nossos filhos? Como é que as pessoas do convívio dele, os amigos, que os pais se

conheceram de uma forma normal, vão lidar com isso? Não que seja uma coisa tão grave quanto um divórcio, que realmente é uma coisa traumática. Mas são coisas que ficam passando pela cabeça.

Marido 2 (f114): Eu tenho uma preocupação também, se eu tiver um filho homem, e perguntar alguma coisa assim, vamos supor que pergunte, porque realmente a única menina pra quem eu conversei pessoalmente sem internet e deu certo foi aquela que era casada. Sem contar outras furadas.

Como uma, por exemplo, que era caixa de supermercado, aí eu falei com ela, tal, e ela aceitou. Falei “puxa, que legal, ela aceitou”. Uma furada! Ela morava em Hortolândia, ela queria que eu levasse ela pra Hortolândia, ela tinha que pegar dois ônibus. Percebi isso porque ela só se encontrava comigo no supermercado, na hora da saída. Só que era 10 e meia da noite, e tinha o último ônibus ali. Se ela não pegasse o ônibus naquela hora, eu ia ter que levá-la pra casa. Ou seja, ou eu falava tchau pra ela e a gente deixava de se ver, ou a gente se via, e eu tinha que levá-la pra casa dela. Final de semana, outro dia da semana, ela não aceitava me ver. Então falei “só pode ser isso, ela quer carona!”. Então, resumindo, se meu filho tiver alguma dificuldade pra se aproximar das meninas, por exemplo, timidez, eu praticamente não vou ter o que aconselhar, porque eu praticamente não tive essas primeiras experiências bem sucedidas nessa área. Então, tenho essa preocupação de meu filho achar que “meu pai não é competente nessa área. Não pode ajudar, tem que pedir ajuda pro um outro cara aí, tal, o pai é um fracassado nessa área...”. Então, uma coisa, assim, que me preocupa, sabe?

Esposa 2 (f112): Pode ser que daqui alguns anos se torne mais comum as pessoas se conhecerem pela Internet do que pessoalmente, porque cada vez mais as pessoas têm medo de sair de casa. A irmã dele conheceu o marido dela assim: ela tava passeando no shopping com a mãe, ele chegou, se apresentou, houve uma empatia, trocaram telefone, alguma coisa assim, e anos depois se casaram. Mas, hoje em dia, com o medo que as pessoas têm, “ah, é um maluco”, talvez se torne até mais comum, mas até chegar nesse ponto, vai gerar uma certa...

Marido 2 (f115): Interessante que o glamour que a sociedade tem pelos métodos à moda antiga. Como aquela música do Frejat, que diz “pode ser que eu a encontre numa fila de cinema, numa esquina ou numa mesa de bar”. Vamos pensar friamente nisso: o cara a encontrou na fila de cinema, provavelmente ela não vai estar sozinha, dificilmente uma menina vai sozinha no cinema. Se ela está com as amigas, o cara vai ter que despistar as amigas, conquistar a simpatia das amigas primeiro, pra conseguir falar com ela a sós. Como que ele vai fazer isso? Se ela tá numa esquina, provavelmente ela tá indo pra algum lugar, ela não vai estar à toa, ou se ela vai estar à toa, a esquina é a rua, e pode ser um bandido. Numa cidade como Campinas, São Paulo, ela vai estar com medo de conversar com um estranho na rua. Se for numa mesa de bar, pior ainda, muito menos ela vai estar sozinha. Ela vai estar ou com namorado, ou com as amigas. Como é que o cara vai chegar lá, vai falar “oi” pras amigas, e pedir o telefone pra ela? Porque as meninas têm medo, a menina pode até sentir interesse pelo cara, mas como as amigas

estão em volta, se ela der o telefone, ela pode ficar com má fama, “ela é fácil demais! Ela é pervertida, sei lá o quê...”.

Esposa 2 (f113): Nunca ninguém falou “oh, que bonito o jeito que vocês se conheceram!”. Pra gente foi uma coisa romântica... o destino... Como ele disse, não havia jamais possibilidade da gente se conhecer que não fosse através da Internet. A gente não tinha nenhuma relação. Ninguém que eu conhecia, ele conhecia. Nada, nada, nada. Mas nunca ninguém falou assim “nossa! Que bonito! Que romântico!”. As pessoas gostam de histórias românticas, mas de falar que se esbarraram na rua, derrubou o livro, todo gentil foi ajudar, trocaram olhares. Mas talvez esse seja o novo jeito romântico de se conhecer.

Marido 2 (f116): Fico imaginando quantos garotos não deve ficar implorando por um elevador que enguice junto com a menina lá. Porque, realmente, há esse glamour por isso, mas a sociedade está ficando cada vez mais desconfiada. E a cobrança, por ser difícil, é cada vez maior. Principalmente por parte das mulheres, há valorização por parte da mulher ser difícil. Só que é importante não confundir ser difícil com ser impossível. Isso já aconteceu comigo quando saía com a galera, tinha um monte de menina lá, tinha uma que era muito bonita mesmo, mas nem cheguei perto daquela lá. Fui falar com uma que era mais ralezinha, porque a insegurança é algo que destrói o cara ali. A minha mãe educou a minha irmã dizendo o seguinte: que mulher foi feita pra dizer “não”, e homem foi feito pra ouvir “não”. Nenhum não, de qualquer natureza, é algo fácil de se levar, pior quando é de pessoa. Quando você procura um emprego, a sua formação é colocada em questão. Se você tenta vender uma coisa e a pessoa não compra, o seu produto é colocado em questão. Agora, se você faz uma proposta dessas e ouve “não”, a sua pessoa é rejeitada. Então, as pessoas acabam confundindo isso, acaba usando como esporte. Principalmente algumas meninas que costumam seduzir os rapazes só pra dizer “não” depois, como uma tentativa de auto-afirmação, pra elevar sua auto-estima. Então, o que acontece, isso daí acaba criando uma situação onde os homens se sentem menos propensos a tomar a iniciativa. Teve até uma história muito engraçada, na turma da Mônica, o gibi, que eu li quando era criança, eles fizeram um bailinho e ninguém queria ser o primeiro a tirar a menina pra dançar. Aí os meninos ficaram tudo tímido, tal, aí as meninas começaram a dançar uma com as outras. Aí os meninos, só de raiva, pra se vingar delas, começaram a dançar uns com os outros também. A gente vê, em parte, é isso que ta acontecendo. Pras meninas o mais importante se tornou o assédio do que encontrar um cara bom. A menina não quer um cara bom, ela quer ser assediada. E pra alguns caras que são bons sedutores, a conquista também, ela fez o Dom Juan, a lenda. A conquista é mais importante do que o fim da conquista. Esse processo se torna mais importante. Então, as pessoas se tornam mais fechadas. Cada vez mais o processo de conhecer outras pessoas se torna difícil, principalmente pra aquelas que não tem um convívio juntos. Quando tem um convívio aí já é mais fácil. Agora, com a Internet, esse processo fica mais fácil por um lado, mas pior por outro, por que? Porque isso se torna um refúgio. Então, o cara sai com a turma, tal, olha as meninas lá, fica inseguro porque a galera ta olhando, não quer levar um fora, porque as meninas comentam também. Num acampamento uma vez eu pedi uma menina em namoro, ela disse não, todas as meninas sabiam o que aconteceu. Então, o cara pode correr esse risco, nem chega perto. Aí chega em casa, com aquela

angústia, liga o micro lá, e vamos tentar. A menina, por exemplo, se maqueia toda, põe um vestido bonito, nenhum rapaz olha pra ela, ela fica frustrada, aí vai na Internet pra abafar esse sofrimento. Então, se por um lado o chat, o messenger, auxilia pessoas que encontrariam dificuldade.

Psicóloga (f31): Mais uma vez, vocês abordam as vantagens e as desvantagens da Internet, e sobre uma nova realidade que precisa, realmente, ser melhor conhecida para sabermos como melhor usufruí-la. Finalizamos, aqui. Obrigada.

ANEXO VI

Entrevista na Íntegra: Casal 3

Psicóloga (f1): Que experiências marcaram a construção do relacionamento de vocês desde o primeiro contato na internet?

Marido 3 (f1): Bom... eu trabalhava com informática há bastante tempo, e eu sempre fui um cara apaixonado por Internet, desde 95. Tive oportunidade de pegar bem no iniciozinho da Internet aqui no Brasil, e a Renata também se apaixonou por Internet, e a gente também pegou aquele primeiro *software* para conversa instantânea, que seria o ICQ. Então, o que acontece, ela tava na faculdade, né... Você tava na faculdade, né?

Esposa 3 (f1): É. Eu tinha conhecido um grupo de pessoas que eram do Rio e outra parte de Niterói, num congresso, e eles tinham ICQ, e pediram pra eu instalar, pra eu poder conversar com eles, que era mais fácil, pela distância, não ter que usar o telefone, tal. Aí nessa época eu tinha computador em casa, mas não tinha Internet, então eu fui no laboratório... eu tava cursando curso de matemática, aí eu ia pro laboratório, porque tinha projeto de pesquisa, tal. Aí durante os intervalos, baixei... meu orientador me ajudou numa parte, porque eu sabia um pouco de inglês, outra parte já tinha esquecido, então muita coisa eu perguntava, dicas pra um, dicas pro outro e comecei a aprender. Só que daí eu conectei, mas não tinha amigos naquela rede, então procurei pessoas... escolhi pessoas que fossem, ou do Rio, ou de Niterói, do sexo masculino. Aí eu pensei na probabilidade de encontrar alguém que conhecesse meus amigos de Niterói. Era mais fácil do que encontrar pelo Rio. Coloquei a faixa de idade, e que fosse de Niterói. E meu interesse era só de amizade, não tinha interesse de ter outro relacionamento, a não ser que fosse de amizade. Até porque, na época, eu tinha um namoro de três anos e... acho que era três anos e pouco... então eu queria uma pessoa só pra conversar, pra me explicar, porque as pessoas que eu tava esperando pra conversar não apareciam. Eu queria aprender a mexer no soffter. Aí ele tava online.

Marido 3 (f2): Trabalhava online.

Esposa 3 (f2): É. Aí perguntei se ele podia conversar... ele tava ocupado... se ele podia conversar comigo. Ele tava ocupado, mas ele foi muito educado, e disse que naquele momento ele não podia falar comigo. Mas eu fui insistente,

não sei se foi no outro dia... eu tentei falar de novo. Acho que no outro dia você falou comigo, né?

Marido 3 (f3):Foi.

Esposa 3 (f3): Daí ele começou a conversar comigo. Eu comecei a perguntar como que fazia pra mexer no programa, tal, e a gente começou a conversar. Começou a falar sobre o que gostava, o que não gostava... tal. E o que me chamou atenção nele, assim, porque tinha gente que eu procurava, e as pessoas começavam a paquerar: "Ah! Mas como que tu é? Qual tua altura?". Aquelas coisas de ficar perguntando do teu físico, né? E geralmente as pessoas que me perguntavam do meu físico eram pessoas que eu conversava o início, e cortava. Teve outras pessoas que eu conversei assim, mas não cheguei a dar continuidade porque as pessoas tinham interesse em... um relacionamento, assim, que não era amizade. E eu queria uma pessoa pra ser amigo. Aí, então, o Felipe começou... logo em seguida, não sei se foi no dia seguinte... Daí, depois de um dois meses, com a Internet em casa, aí a gente começou a falar durante a madrugada, porque eu conectava sempre depois da meia noite pra poder falar bastante.

Marido 3 (f4): Porque era mais barato.

Esposa 3 (f4): É, era bem mais barato. Aí a gente começou a conversar, eu perguntava do que ele gostava. Gostava de viajar, fotografar...Tinha esse negócio de gostar de coisas ligadas à informática...

Marido 3 (f5): Isso em 2000.

Esposa 3 (f5): É, comecei a conversar com ele entre setembro e outubro de 2000.

Psicóloga (f2): Entre vocês não tiveram as perguntas sobre a aparência nesse início?

Marido 3 (f6): Não.

Esposa 3 (f6): Ele até perguntou se eu tinha foto. Mas eu demorei pra mandar foto. Bem depois que eu mandei foto. Ele fez comentário... não sei quanto tempo depois... Eu tava com uma roupa branca, até...

Marido 3 (f7): Com um chapeuzinho de cowboy, né?

Esposa 3 (f7): É (ri).

Marido 3 (f8): Mas o que era engraçado, era que a gente esperava dar meia noite...

Esposa 3 (f8): Ah! E na época ele também tinha namorada (ri).

Marido 3 (f9): Ah, é... Aí... então que acontece, eu tinha namorada, ela tinha namorado, né, então acabou focando nossa conversa numa amizade mesmo.

E isso facilitou bastante, porque, talvez por isso não tenha ficado aquela conversa chata de... como é que você é? Características físicas...

Esposa 3 (f9): Aquela coisa melosa...

Marido 3 (f10): E nossos papos começaram a ficar muito densos... Chegava quase a ser uma terapia em grupo, porque a gente ficava falando coisas dos nossos relacionamentos um pro outro. Ela falava dos problemas dela, eu falava dos meus, e tal... aí acabava falando sobre problemas familiares. Coisas que estavam acontecendo com a família dela, coisas que estavam acontecendo com a minha...

Esposa 3 (f10): Com estudo...

Marido 3 (f11): É, com estudo... Então ficava como numa terapia... E era engraçado, pelo menos pra mim, era que sempre que eu tinha algum problema na minha vida, assim, eu ficava esperando dar meia noite porque eu sabia que com a Renata poderia me abrir e receber uma... ter uma opinião... uma... Era meio aflição de ambas as partes.

Esposa 3 (f11): É. É até assim, por um lado, eu só tenho irmãs, e ele só tem irmãos. Então, eu sempre tinha vontade de ter um irmão pra perguntar aquelas coisas que a gente tem vontade de perguntar, mas não é pra um amigo que pergunta, não é pra um primo, porque é um segredo. Seria pra um irmão mesmo, pra te dar dicas como é que faz com outros homens... coisa e tal, né? E ele também tinha isso, porque ele não tinha irmã, então eu sempre tive mais afinidade pra conversar, assim, confiar, muito mais em amigos homens do que em amigas mulheres. Então, era muito mais fácil com ele, que não tinha contato com nenhuma das pessoas do meu círculo vicioso, né, pra me dar opinião, de não conhecer o outro lado, do que se fosse uma pessoa que me conhecesse fosse me dar opinião.

Marido 3 (f12): Mas o que era interessante, acabou ficando assim... a gente sentia falta de poder conversar com o outro. Sempre que a Renata tinha algum problema, ela mandava algum e-mail, assim "Pô! Preciso conversar com você!". E eu a mesma coisa, assim. E quando ela não podia me atender ou aparecia naquela madrugada, era um desespero, assim.

Esposa 3 (f12): É, ficava naquela ansiedade, esperando o outro.

Marido 3 (f13): Aí, tipo assim, a gente se encontrava no dia seguinte como se fosse um casal de namorados se cobrando (ambos rindo). "Ah, você não apareceu ontem, pô! Me deixou lá esperando, e eu precisava falar com você, e você não...". Aquela coisa, assim, de cobrança. Psicologicamente, era uma experiência muito diferente, assim. A gente via que sentia a falta da conversa um com o outro. E isso se rolou por mais de um ano, né?

Esposa 3 (f13): É. Eu lembro que nos domingos ele sempre tinha ensaio no domingo, e chegava dez horas. Dez horas era sagrado pra mim. Ele tinha o ensaio, sempre rolava um estresse lá na banda. Ele chegava, contava tudo,

pedia opinião. Se aconteceu alguma coisa com o primo, ele pedia opinião. Era... tudo ele queria opinião (ri).

Marido 3 (f14): E nisso... a gente ficou nessa conversa mais ou menos um ano. Só pela Internet.

Esposa 3 (f14): Daí, quando chegou em janeiro de 2001, eu cheguei a vir ao Rio duas vezes, mas tentei marcar com ele e não consegui conhecer ele.

Psicóloga (f3): Ele do Rio e você de onde?

Esposa 3 (f15): Santa Maria, Rio Grande do Sul. Aí, quando chegou em julho, eu vim novamente, tentei encontrar ele, falei por telefone e não consegui conhecê-lo.

Psicóloga (f4): Por que não dava certo?

Marido 3 (f15): Porque, na verdade, ela vinha durante a semana, num congresso. E ela ficava no Rio, e eu moro em Niterói, do outro lado da ponte. Então, era complicado porque ela vinha durante a semana e chegava no final, já ia embora. Durante a semana, é difícil de eu ir pro Rio. Era complicado sair daqui pra ir pra lá pro Rio. Eu saía tarde do trabalho, tal. Aí quando a gente via, chegava o final de semana já tinha que ir embora. Aí era mais uma oportunidade que se passava da gente se encontrar. Isso rolou quase mais um ano depois...

Esposa 3 (f16): Aí eu me formei, minha formatura foi em dezembro de 2001...

Marido 3 (f16): Ah, né... Essa é engraçada (ri).

Esposa 3 (f17) Engraçado pra ele, triste pra mim. Mandeí convite pra ele ir pra minha formatura. Aí ele morava aqui no prédio, e...

Marido 3 (f17): Não, não. Você me convidou pra ir pra formatura, só que era meio utópico, né, porque era longe, tal, e... 2000 km, tal. Aí eu falei “não vai dar e vai ser meio complicado”, tava trabalhando, tal, até que passada já a formatura dela, assim, passados alguns dias, o meu vizinho aqui de porta aqui em Niterói, chega pra mim e fala assim: “Felipe, passei num concurso público, e vou morar em Bajé, no Rio Grande do Sul”, e Bajé fica do lado de Santa Maria...

Esposa 3 (f18): Não, três horas...

Marido 3 (f18): É, três horas de Santa Maria. Aí eu falei: “pô! Tem uma amiga minha que mora em Santa Maria. Pode até ser uma oportunidade de se conhecer, né? Só que, o que aconteceu, ele é meu amigo de infância. Que que ele fez? Ele comprou um carro, sem saber dirigir, contando que eu ia dirigir o carro dele. Aí calhou de eu estar tirando férias. Aí ele me ligou, falou: “to contando com você. Meu carro já está com a mudança pronta, e eu estou viajando amanhã, dia 25 de dezembro, Natal. Aí, como ele era um amigo quase irmão, eu topei a aventura e saí daqui no dia 25 de dezembro de 2001, e a gente foi de carro até lá. Só que no meio do caminho a gente se perdeu (ri), e

acabou não passando em Santa Maria. A gente foi parar em Bajé por Pelotas. Seguimos um outro caminho.

Esposa 3 (f19): (Rindo). Mas o pior é que ele não levou meu endereço, não levou meu telefone, tava tudo anotado no computador, no trabalho dele. Nem que ele quisesse, ele ia conseguir me encontrar.

Marido 3 (f19): Aí ficamos lá em Bajé, eu querendo ir até Santa Maria, só que meu amigo não emprestava o carro (ri), porque ele tava com medo, o carro dele era novo, tal... Acabou que a gente não conseguiu se encontrar, mesmo eu estando do lado da cidade dela.

Esposa 3 (f20): Aí em janeiro de 2002, aí eu vim novamente. Eu tava fazendo um curso em São Paulo, aí eu vim dois finais de semana pra cá. No primeiro final de semana, eu vim, marquei com ele. Uma amiga minha, que eu conheci... que causou toda a história de eu encontrar ele... Aí eu marquei com ele, ele foi lá no Rio me buscar pra gente sair. Só que eu não falei nada pra minha mãe, falei só pra minha amiga, que eu tava saindo com um cara da Internet. E, pra mim, encontrar uma pessoa da Internet, pra minha criação, e pelos meus costumes, era uma coisa... muito absurda, assim, que jamais passaria pela minha cabeça conhecer uma pessoa que eu tinha conhecido pela Internet. Mas eu confiava tanto nele, e tudo que ele me passava parecia ser tão verdadeiro, que eu tinha medo de chegar e não ser aquilo. Porque, assim, a nossa construção familiar é muito parecida, os nossos valores... família, princípios, tudo assim, é muito parecido, que é uma das coisas, assim, que nos uniu muito, né?

Psicóloga (f5): Isso ainda pela Internet?

Esposa 3 (f21): É. Até os nossos pais são bancários, a minha mãe é dona de casa, a mãe dele durante um tempo ficou em casa, depois ela foi trabalhar... Essa construção de estar todo mundo junto, se reunir, estar com os parentes próximos, e tal. Aí, eu saí com ele, a gente veio pra Niterói, fiquei assustada quando vi que a gente ia atravessar a ponte (ri). Aí, quando a gente chegou, a gente tava na praia, a gente se olhou e disse um pro outro assim: "parece que a gente se conhece, assim, há muitos e muitos anos!". Parecia que a gente era amigo, assim, desde a infância. A gente conversava como se fazia anos que estivéssemos juntos.

Psicóloga (f6): E vocês já tinha se visto, trocado foto, antes desse primeiro encontro.

Marido 3 (f20): Aí já tinha trocado foto.

Esposa 3 (f22): É, já tinha trocado foto.

Psicóloga (f7): E as fotos que trocaram foram suficientes pra vocês se reconhecerem, ou precisaram se descrever para se localizarem no primeiro encontro?

Esposa 3 (f23): Não, daí já deu...

Marido 3 (f21): Não, o engraçado foi o seguinte: a gente, até nesse dia, sempre tinha aquela coisa da amizade muito forte, só que... o que aconteceu, a gente passou, assim, um dia inteiro, assim, juntos, um dia inteiro. Encontrei com ela de manhã, rodei pelo Rio todinho, rodei Niterói todinho de carro, mostrei tudo pra ela. E, à noite, eu fui levá-la de volta lá pro Rio, encontrar com umas amigas, que elas iam ver um filme na praia de Copacabana...

Esposa 3 (f24): Depois ia ter um show.

Marido 3 (f22): É, depois ia ter um show na praia de Copacabana. Aí, engraçado, quando a gente chegou lá na praia...

Esposa 3 (f25): Noite de lua cheia... (ri).

Marido 3 (f23) É... Aí, o que aconteceu? Eu fui embora, assim, na hora que tava pensando em ir embora que eu senti... que, assim, que eu tava gostando dela. Senti uma coisa assim... diferente. Percebi que não era só amizade, assim. Que aquilo tinha sido muito bom, sabe? E, você tendo a sensação de que tava acabando, né... Aí eu teria que voltar pra Niterói. Falei: "é o seguinte, eu vou assistir o filme com vocês também". Aí acabei ficando em Copacabana até tarde lá, pra poder ficar um pouco mais junto dela. Aí acabou, na hora de ir embora, assim, a gente voltou pra casa da amiga dela, aí ouvi a amiga dela falar assim: "ah, aquele fulano... ", porque ela me chamou pra jantar, e ouvi um papo assim: "ah, e aquele fulano lá do congresso, ele não te chamou pra jantar, não?" Aí eu vi que a Renata ficou meio sem graça, aí falei "Ih! Tem boi na linha!". (Ambos riem). Falei: "Tem alguma coisa aí nesse angú! Não vou mexer nisso, até pra não me machucar, né?". Aí deixei quieto e fui embora. Peguei a ponto, fui embora, mas voltei, assim, meio... inculcado, assim. Aí, no dia seguinte, você tava... como que é? Aí vc foi pro congresso, né?

Esposa 3 (f26): Não, daí voltei pra São Paulo. Daí, na outra semana... não sei se foi uma semana ou duas semanas...

Marido 3 (f24): Daí você foi pro Impa.

Esposa 3 (f27): Impa?

Marido 3 (f25): Pro Impa, daí você me ligou de orelhão.

Esposa 3 (f28): Aí no outro final de semana não deu pra gente se encontrar porque eu ia prestar o concurso do banco do Brasil. Aí... isso foi em 2002 ainda?

Marido 3 (f26): Foi.

Esposa 3 (f29): Aí ficou um tempão, a gente não se viu mais. Aí fui ver só em... julho de 2003. Aí eu julho de 2003 eu vim, eu tava no Rio. Aí ele e o irmão dele foram nos encontrar, a gente saiu. Só que até aí tinha rolado... A gente ficava falando piadinha... Na época eu não tava ficando com ninguém, nem ele. Teve vários rolos, ele contava os rolos... eu orientava "ah, se fosse comigo, eu fazia assim...". Aí em julho de 2003...

Marido 3 (f27): Deixa eu contar essa história...

Esposa 3 (f30): Aí...

Marido 3 (f28): Deixa eu contar essa história...

Esposa 3 (f31): Eu vim... por que eu vim?

Marido 3 (f29): Não... calma! Você veio pra um outro congresso.

Esposa 3 (f32): Ah, é!

Marido 3 (f30): Aí, o que aconteceu? Ela veio pra esse congresso. Aí ela me ligou, eu tava no trabalho, ela falou assim: “Ah, Felipe, estou aqui no Rio. Vamos se encontrar? Vamos sair pra jantar”. Falei: “beleza!”. Aí ela virou pra mim, falou assim: “Ah, Felipe, trás um amigo seu, você me apresenta ele que eu te apresento umas amigas minhas”. Até então, a gente achava assim que...

Esposa 3 (f33): A gente ficaria com pessoas assim...

Marido 3 (f31): Opostas. Aí falei “beleza!”. Chamei um amigo meu, só que ele furou. Acabei chamando meu irmão. Aí a gente foi se encontrar lá no Rio. Chegamos na boate. Na hora que eu tava apresentando meu irmão pra ela, senti, assim, que não queria apresentar ninguém pra ela. E ficou uma sensação assim... E ela não queria apresentar a amiga dela também...

Esposa 3 (f34): Não, e eu falo muito, né, e ele também, aí a gente ficou, assim, conversando, conversando. Eles nos olhavam, a gente só enxergava, assim, um ao outro... (ri):

Marido 3 (f32): Aí, o que aconteceu? A gente ficou conversando... isso numa boate do Rio de Janeiro...

Psicóloga (f8): Entre o primeiro e esse segundo encontro, vocês conversaram na Internet sobre as impressões, sentimentos, do primeiro encontro?

Marido 3 (f33): Não falamos.

Esposa 3 (f35): Falou! Até que a Marta (irmã da Esposa) falou contigo. A Marta soltava umas piadas de vez em quando...

Marido 3 (f34): Ah, certo.

Esposa 3 (f36): Tenho uma irmã gêmea... e nessa época, em julho, a gente já tava usando o MSN...

Marido 3 (f35): Mas foi depois... na outra vez... A gente ficou numa... uma coisa meio fria. A gente sempre jogava piada um pro outro, falava “ah, vai acabar rolando um dia, não sei o quê...”, mas não falava, assim, do sentimento que tinha rolando naquele primeiro encontro. Aí a gente não falava nada daquilo. O que aconteceu foi que nesse dia da boate, que a gente saiu...

Esposa 3 (f37): Ah, é!

Marido 3 (f36): A gente ficou conversando a madrugada toda. Música rolando, e a gente só conversando, conversando, conversando... tal. Aí chegou no meio da boate, aí resolvi me declarar (ri). Só que aconteceu o seguinte: tava conversando pra caramba, tal, aí eu falei pra ela assim... e ela falava muito que gostava muito da minha amizade, não sei o quê, que a gente era muito amigo... aquela história toda. Aí eu cortei ela assim: “pô, Renata, acho que a amizade ta se transformando em outra coisa”. Ela: “ah, mas por que??”. Falei: “porque estou com vontade de te dar um beijo”. (ri). Aí, ela: “que isso?? Não sei o quê...”.

Esposa 3 (f38): (Rindo). Ta confundindo...

Marido 3 (f37): Ta confundindo as coisas... Aquela... aquela coisa que a mulher faz, né? Só que, na hora que ela falou isso, senti medo de perder a amizade dela, entendeu? A gente sempre teve muito medo de perder a amizade um do outro. Então, na hora que ela começou a falar aquilo, aí comecei a pensar “ih, cara, eu acho que estou confundindo as coisas...”. E eu fui tirando o time de campo, e pensando muito na amizade. Aí acabou que não rolou nada.

Esposa 3 (f39): É, mas eu falei, assim, pra ele não porque eu pensava assim “se eu ficar com ele agora...”, como eu morava longe, “não sei quando é que vou voltar pra ver ele”. Mesmo ele sendo meu amigo, não tinha certeza se ele iria pra lá, como ele nunca tinha ido..., se ele iria lá pra me ver. Então, fiquei naquele receio. Depois disso aí a gente comentou, porque eu disse assim pra ele “ah, beijo não se pede”.

Marido 3 (f38): Não, depois...

Esposa 3 (f40): Um tempo depois disso, falei pra ele “beijo não se pede. Beijo se tenta e se consegue dar!”. Falei assim: “se tu tivesse insistindo, talvez teria dado o beijo”. (ri).

Marido 3 (f39): Não, você falou que tava com vontade de beijar na verdade.

Esposa 3 (f41): Eu tava com vontade, mas eu tinha medo porque eu... pra mim, se fosse pra ter alguma coisa, teria que ter continuidade, não era uma coisa “ah, vou dar um beijo, vou ficar, e depois vai esfriar, nem falar mais com ele”. Daí eu não queria.

Marido 3 (f40): Daí acabou que a gente voltou pra casa assim meio frio no carro, assim, tal.

Psicóloga (f9): Os dois preferiram preservar a amizade, então?

Marido 3 (f41): Isso, foi bem isso. Aí a gente voltou, só que aquilo ficou matutando na cabeça, se ela deveria ter se preservado... ficou aquilo durante meses. E quando a gente se encontrava on-line, essa conversa sempre surgia. Aí eu falava “ah, Renata, eu acho que a gente devia ter se beijado...”. Ela falava “ah, você tinha que ter me beijado à força, não devia ter perguntado...”.

Aí eu ficava com aquela coisa na cabeça, martelando, martelando, martelando... Aí até que passaram mais uns seis meses, né?

Esposa 3 (f42): Daí, depois de seis meses eu vim pra outro curso... Ela (falando para o marido) vai dizer “essa menina só faz curso”. (ri). Aí em julho de 2004, aí eu vim pra cá...

Marido 3 (f42): Nisso já tinham se passado três anos da gente ter se conhecido, né.

Esposa 3 (f43): É. Aí em julho de 2004, eu vim... julho, não. Janeiro de 2004. Eu vim pra fazer um curso aqui no Rio. Aí eu fiquei um mês inteirinho aqui. “Bom, agora, se for pra acontecer alguma coisa, vai ser agora quando eu chegar. Se não acontecer, porque não é pra acontecer”. Aí eu vim... (rindo) cheia da intenção, aí eu cheguei, tal. No dia que eu cheguei, tinha umas amigas que trouxeram a bagagem pra mim. Aí ele foi me buscar e a gente passou o dia inteiro juntos. Nos encontramos, tal, aí a gente ficou de marcar de sair. Ele disse que queria que eu visse a banda dele tocar. Que daí eu vinha pra cá, tal. Aí pensei “esse guri tem que ter uma namorada e não quer me contar”, porque falou do show, e o cara não se manifestava. Pensei “ele deve ter uma namorada e quer manter as duas”. Pra mim, não queria tirar o time de campo, e pra outra não queria também dizer que tinha uma amiga, que ia levar a amiga pra sair, mas não tinha namorada nenhuma.

Psicóloga (f10): Por que pensou que ele teria uma namorada?

Marido 3 (f43): Não, porque...

Esposa 3 (f44): Porque ele não me deu retorno.

Marido 3 (f44): Porque aconteceu o seguinte, a gente acabou ficando meio desconstruído. Eu tava meio que naquela... “ah! Será que vale a pena investir de novo? Ela reagiu daquele jeito na boate. Não sei se vale...”. Ficava com aquela coisa matutando na cabeça. E nesse meio tempo, eu tava com alguns problemas na minha família. Toda vez que a gente que podia combinar alguma coisa, de final de semana, surgia um problema na minha família, eu acabava ficando sem cabeça e falava “ah, Renata, no momento não estou legal pra te encontrar, tal, vamos deixar pro próximo final de semana”.

Esposa 3 (f45): Só que ele não me falava qual era o problema, e eu ficava pensando mil e uma bobagens, né?

Marido 3 (f45): É que os meus pais estavam quase se separando, na verdade. Então, eu tenho mais dois irmãos, e a gente tava tentando fazer o meio de campo, tentando contornar aquela situação. Então isso acabava... isso perturbava no nosso psicológico. A gente ficava meio que abalado, e eu não tinha vontade de sair, sabe? Eu não estava feliz com aquela situação, e eu falava “não vou sair, vou deixar minha mãe aqui... chateada, tal”, e eu acabava não saindo, só que a minha falha foi não ter conversado isso com a Renata, né? Eu deixei aquilo bem assim... escondido, pra evitar que ela soubesse, também, uma coisa meio desagradável. E ela ficava matutando “por que será

que esse menino não fala comigo, tal”. E acabou que se passou, e ela acabou ficando com um amigo da amiga dela, né?

Esposa 3 (f46): É. Aí depois ele falou: “ah, por que você ficou com o cara?”. Eu, no fim, acabei ficando com o cara porque, na época, eu tava já trabalhando em Santa Maria, e eu não tinha idéia assim... Eu fiz aquele congresso, depois eu não tinha idéia quando eu viria ao Rio de Janeiro. Não tinha a menor noção... Aliás, nessa época eu não estava trabalhando. Então, eu estava sem emprego, só estava estudando. Então, não estava com dinheiro pra viajar, e pra manter um relacionamento distante, só pela internet, não dava segurança. E o outro cara, eu não tinha nenhum sentimento que não fosse passageiro. E com ele (marido), era diferente... se eu fosse ficar com ele, ia ser diferente. E lá em casa, eu lembro de eu sentada na cozinha, olhando pra minha mãe, aquelas coisas, nada dava certo nessa vida, não tinha emprego, não tinha namorado, não tinha nada... Aí eu dizia pra minha mãe “ah, guri bom é o Felipe, pena que ele tá longe”. Não sei quantas vezes eu disse isso pra minha mãe. Aí em junho de 2004 eu consegui um emprego, consegui me manter bem, então dava pra eu me programar, fazer minhas viagens, tal. Aí quando foi em junho...

Marido 3 (46): Aí nesse meio tempo, assim, acabei ficando com outra menina...

Esposa 3 (f47): É, ele teve uma outra namorada.

Marido 3 (f47): Tive uma outra namorada. Aí, nesse meio tempo, quando eu vi que ela tinha vindo, não tinha acontecido nada, comecei a namorar outra menina. Aí a gente ficou mais ou menos de janeiro até abril, maio, mais ou menos assim... sem... a gente conversava muito pouco.

Esposa 3 (f48): Quando ela tava com essa namorada, eu sentia falta dele pra conversar. Aí ele sumia, no domingo, que era o dia da gente conversar, chegava tarde, aí a gente conversava muito pouco. Aí eu sentia falta daquele bate-papo, né...

Psicóloga (f11): Vocês conversavam sobre essa namorada?

Marido 3 (f48): A gente conversava.

Esposa 3 (f49): Contava. Eu também tive vários namorados. Namoro, não... ficava. Pensava que era namoro; quando via, era uma decepção. Aí eu dizia pra ele assim “ah, achei o meu marido!” (Ri).

Marido 3 (f49): É... (riso sem graça).

Esposa 3 (f50): Aí eu tinha uma vizinha lá que falava “ah, isso daí ainda vai dar em casamento...”. Que nada, passava um mês, dois meses, já tinha acabado.

Marido 3 (f50): Aí eu dava a maior força. Ela mandava mensagem pra mim assim: “Felipe, a gente precisa conversar à noite, urgente”, não sei o quê... Aí, quando chegava à noite, ela “Felipe, terminei com o...”. Eu falava “ah, que pena!”. Mas no fundo... Aí eu ficava meio assim... Aí acabou que ela tava pra vim em julho, só que nessa época eu já tava solteiro, e tava indo em muitos aniversários, festas, com meus amigos. Aí aconteceu que ela viu uma foto

minha na Internet, eu abraçado com duas amigas. Na época, essas amigas estavam saindo comigo direto. Eram amigos e amigas, mas elas estavam sempre junto com a gente. Então, pra ela, que tava vindo de fora, ela não sabia quem eram aquelas meninas, e se era uma amizade tão forte quanto a minha e a dela.

Psicóloga (f12): Como ela viu essas fotos pela Internet?

Esposa 3 (f51): Pelo Orkut.

Marido 3 (f51): Pelo Orkut.

Esposa 3 (f52): As duas estavam abraçadas, penduradas no braço dele. E tava a foto delas com ele no Orkut, e não tava a minha com ele...

Marido 3 (f52): Ah, é...

Esposa 3 (f53): E dizia que eu era a melhor amiga dele! Falei “como?”. Daí mandei uma mensagem pelo celular.

Marido 3 (f53): Isso é muito interessante, né? Aí uma madrugada assim, eu tava indo dormir, assim. Já era uma hora da manhã, mais ou menos, aí eu recebi uma mensagem no meu celular, assim “como você fala que...

Esposa 3 (f54): Sou sua melhor amiga...

Marido 3 (f54): “... sou sua melhor amiga, sendo que tem duas meninas abraçadas com você no Orkut, e você dizendo que são grandes amigas suas? E não tem nenhuma foto minha com você no Orkut!”. Aí ela falou alguma coisa assim “pense nisso...”, não sei o quê... “gosto muito de você”, tal. Aí eu fui dormir com aquilo encucado. Falei “pô! Será que a Renata ficou com ciúme das amigas?”. Aquilo... a madrugada inteira fiquei pensando naquilo. Falei “caramba...”. Fiquei perturbado. Ele nunca tinha mandado recado pelo celular, ainda mais uma hora da manhã. Aí, beleza, surgiu a oportunidade dela vir em julho, um mês depois dessa foto, ela teve oportunidade de vir aqui pro Rio, né? Conta aí.

Esposa 3 (f55): Aí eu vim... (ri).

Marido 3 (f55): Ela veio marcar território.

Esposa 3 (f56): Aí eu já tava trabalhando, e esse congresso era uma semana, só que meu chefe não permitiu que eu ficasse a semana inteira, e foi a viagem mais corrida que eu fiz na minha vida. Tinha que viajar longe e voltar numa correria só. Aí eu vim, fiquei, dormi duas noites aqui. Cheguei num dia, dormi duas noites, e no outro dia fui embora. Aí vim pro congresso, marquei com ele de sair à noite, só que eu tava na casa de uma amiga minhas, que eu conheci no congresso, não era uma amizade íntima, assim, e eu tava na casa dela. E eu liguei pra gente sair.

Marido 3 (f56): Vou contar, porque essa é muito interessante. Aí ela me ligou, assim, ela falou “ah, Felipe, estou no Rio de novo”. Aí eu falei “Pô! Agora, não

pode deixar passar essa oportunidade, vamos resolver isso”. E eu queria resolver aquilo de uma maneira assim, ou a Renata vai ser minha eterna amiga, porque eu queria entender aquele sentimento, o que tava acontecendo de verdade. Eu não sabia mais se era amizade ou se era amor, o que era. Aí, o que aconteceu? Ela me ligou, falei “vamos jantar”. Imaginei um jantar romântico, né. Aí eu liguei pro meu irmão mais velho, falei “pô, você conhece um restaurante bom no Rio, tal, em Ipanema?”, “Ah, conheço um restaurante ótimo, um em Ipanema que é bem luz de velas, bem legal”. Falei “Taí, vou levar a Renata pra jantar lá”. Aí botei uma roupa legal, tal, peguei o carro e fui lá pro Rio encontrar com ela, em Copacabana. Aí paro o carro na porta do prédio dela, esperando, todo perfumado. De repente, desce a Renata com mais três pessoas (ri). Eu falei “quem são essas pessoas?”. Ela chega assim “Oi, Felipe. Tudo bom? Essa aqui é fulana de tal, fulana de tal, fulano de tal. Eles são de fora do Rio e querem conhecer o Rio (ambos riem). Falei “não acredito!”. Aí falei assim “mas hoje é quarta-feira, não tem nada pra conhecer no Rio”, ela “ah, mas eles querem conhecer qualquer lugar”. Aí falei “ah, ta bom”.

Esposa 3 (f57): “Eles querem ir pra Lapa...”.

Marido 3 (f57): “Eles querem ir pra Lapa”. Aí falei “Lapa! Lapa é perigoso!”. Eu querendo desvencilhar dos amigos dela, né? E as amigas, tal. Aí, resumindo, foi todo mundo no carro, tal, foi todo mundo pra Lapa. Aí chegou na Lapa, a gente sentou, eu fiquei meio chateado assim, dirigi meio chateado até a Lapa...

Esposa 3 (f58): (Rindo). Ele se perdeu no meio do caminho...

Marido 3 (f58): Aí a gente foi pra esse bar da Lapa, a gente procurou sentar junto. Aí ficamos conversando, tal. Aí virou um bate-papo com vários amigos num bar.

Esposa 3 (f59): E a maioria era homem...

Marido 3 (f58): E a maioria era homem sentado na mesa. Aí a Renata teve a feliz idéia de falar assim “ah, Felipe, estou cansada. Será que você não me leva em casa? Aí as amigas dela ficaram empolgadas com a Lapa “embora agora?”. Aí ela falou “ah, eu tô cansada. O Felipe me leva, vocês ficam aí” (ri). Aí acabamos deixando as meninas, eram de fora do Rio, ficaram na Lapa junto com os rapazes lá, e eu fui levar a Renata de volta em casa. Aí a gente voltou pro estacionamento pra pegar o carro. Aí, quando chegou no estacionamento, falei “ah, agora é oportunidade!”. Finalmente a gente se beijou. (ri).

Esposa 3 (f60): Depois de cinco anos!

Marido 3 (f59): Cinco anos não, Renata. Não... cinco anos!

Esposa 3 (f61): Cinco anos!

Marido 3 (f60): Mas aquele negócio... Da real intenção mesmo, que a gente começou realmente a flertar, foram...

Esposa 3 (f62): Foram dois anos.

Marido 3 (f61): Dois anos? Não, foi um ano. 2004, julho de 2004 até...

Esposa 3 (f63): Não, julho de 2003.

Marido 3 (f62): Ah, é... julho de 2003. Quase dois anos. Aí, dali, tipo assim...

Esposa 3 (f64): Aí... eu escrevia muito projeto, publicava muita coisa na época, aí eu voltei pra Santa Maria. Aí no outro dia...

Marido 3 (f63): Não, não. Aí no outro dia a gente saiu, né?

Esposa 3 (f65): Ah, é. No outro dia a gente saiu. Me levou pra jantar lá na lagoa, né?

Marido 3 (f64): É, é... A gente jantou na lagoa, só que o que aconteceu...

Esposa 3 (f66): Num bar mais romântico.

Marido 3 (f65): ... Aí foi num bar mais romântico, tal. Só que na hora de ir embora, assim, eu sabia que ela ia voltar pra cidade dela, eu já comecei a me preparar psicologicamente que aquilo, na verdade, terminaria ali. Eu comecei a ter essa sensação assim comigo, falei "ah, eu acho que a gente finalmente se beijou, mas acho que vai acabar aqui...". Eu já comecei a me preparar assim... Não sei a Renata, como é que ela ficou, mas eu tava meio assim... me preparando pra isso, até porque tava chegando a hora dela ir embora. A gente só tinha algumas horas ali junto. Aí a gente voltou pro carro, se beijou, tal, ficou bastante tempo junto, tal...

Esposa 3 (f67): Eu tava numa canseira...

Marido 3 (f66): É. Só que a Renata tinha que acordar cedo pra viajar...

Esposa 3 (f68): Tinha passado o dia inteiro em congresso...

Marido 3 (f67): Aí eu deixei ela lá na casa, e voltei pra Niterói. Aí você voltou pra Santa Maria. Aí conta...

Esposa 3 (f69): Voltei pra Santa Maria, aí falei pouquíssimas vezes com ele, mas não que eu não quisesse falar com ele, era que eu tava realmente numa época muito ocupada. E eu trabalhava sob pressão, fazia muita hora extra.

Psicóloga (f13): Renata, e pra você, como foi esse momento de ficarem juntos e ter que se despedir?

Esposa 3 (f70): Eu não lembro assim... Ele lembra muito mais coisas. O sentimento dele é muito... Ele absorve muito mais as coisas. Ele é bem mais...eu sou sentimental, mas ele é mais ainda. Ele é o tipo cobrança, sabe? Cobra por tu não lembrar. Aí, realmente eu não lembro, eu sei que eu cansei muito. A minha intenção era que continuasse. Eu sabia que eu viria num congresso pra São Paulo em setembro, e nesse congresso eu pretendia vir no final de semana pra cá. Só que acho que tu não sabia, né?

Marido 3 (f68): Não.

Esposa 3 (f71): Então, eu sabia que em breve eu viria, só não sabia se ele iria, né? Eu tava sempre naquela...

Marido 3 (f69): Na verdade, você estava com o pé atrás.

Esposa 3 (f72): É. Eu ficava com o pé atrás, tipo “Ai, eu venho, mas não sei se... se ele vai, né?”. Aí quando foi em setembro, aí tipo... ainda em julho, na outra semana foi seu aniversário...

Marido 3 (f70): É. Aí ela me ligou no meu aniversário, tal, beleza. Só que aí aconteceu o seguinte, isso foi em julho, aí ela sumiu, praticamente agosto todo, assim. Aí falei assim “ah, realmente acabou. Aquilo mesmo... foi só aquele beijo e pronto. Acabou tudo”. E eu tinha até um casamento, do guitarrista da minha banda, tinha casado com a vocalista da banda. Se conheceram dentro da banda. Aí... é uma outra história muito interessante... Aí eu tinha aquele casamento, até pensei, falei “poxa! Acho que vou ligar pra Renata, e vou mandar uma passagem pra ela vir pra ir no casamento comigo”. Tava com isso na minha cabeça. Só que... ela não respondia minhas mensagens por e-mail, pelo MSN. No trabalho, eu não conseguia falar com ela. Falei “Bom, acho que a Renata não levou aquilo à sério, vamos esquecer aquele assunto”. Aí eu já tava completamente já... passou aquele momento assim, de você ficar chateado, e já tava meio que naquele lado... se conformando com a situação. Aí um belo dia, estou trabalhando assim, já meio que aquela coisa tinha esfriado já, em setembro já, ela me manda mensagem...

Esposa 3 (f73): Não era setembro, era agosto.

Marido 3 (f71): É... Não era agosto...

Esposa 3 (f74): O problema é que na época, em agosto, era o prazo que fechava pra enviar trabalho. Então, eu estava escrevendo dois projetos pra enviar, então não tinha tempo pra ficar batendo papo. E ele manda e-mail, assim, no meio do dia, de manhã, e quer que eu responda imediatamente, porque ele sempre tá ali conectado, então ele recebe e-mail e responde na mesma hora. E eu não tenho essa sistemática dele, de receber o e-mail e mandar. Eu mando lá quando eu tenho tempo. Depois que eu fiz tudo, aí que eu respondo. E ele não, ficava na ansiedade que tem que responder assim que recebe.

Marido 3 (f72): Mas aí, tipo assim, eu fiquei chateado com a situação e meio que tinha esquecido já a nossa história. Falei assim “ah, isso não vai pra frente”. Aí um belo dia, assim, de tarde num sábado...

Esposa 3 (f75): Não, foi no meio do trabalho.

Marido 3 (f73): Ah, é...

Esposa 3 (f76): Foi no meio do trabalho que eu mandei, eu lembro!

Marido 3 (f74): Aí... Resumindo, ela me mandou a mensagem, dizendo assim: “Oi, vou estar no Rio em setembro...”.

Esposa 3 (f77): Consegui férias.

Marido 3 (f75): “Consegui férias”. Só que eu... eu tava assim... Falei “Agora??” (Esposa ri). Agora não quero mais! (ri). Você me ignorou um mês, não... Ela falou “você não ta feliz com essa notícia?”. Falei assim: “sinceramente, Renata, eu tô confuso agora”. E eu tava confuso mesmo, falei “ah, pô, ela me ignorou praticamente um mês, depois da noite do beijo, e agora vai falar que vai passar um mês de férias no Rio?”

Esposa 3 (f78): (Rindo). E a mensagem era pra você procurar um apartamento pra mim.

Marido 3 (f76): Ela falou “ah, estou querendo alugar um apartamento...”.

Esposa 3 (f79): Falei “Felipe, estou indo pra um congresso em São Paulo. Consegui 15 dias de férias. Aí eu disse assim “tem um monte de amiga minha que em vez de ficar em hotel, elas alugam apartamento, que fica bem mais em conta”. Aí eu disse “me ajuda procurar um apartamento pra eu ficar aí” (ri).

Marido 3 (f77): Aí eu falei pra ela assim: “ah, Renata, a gente precisa conversar”. “Ah, mas por que? Você não está feliz?”. Falei “não, estou meio confuso com a situação. Não estou entendendo o que você quer. Você sumiu, e agora ta dizendo que vai passar as férias, tal”. Aí eu sei que a gente discutiu assim, pra caramba. Aí eu achei que até ela fosse desistir de vir pro Rio, né? Porque eu falava tudo aquilo pra ela, né? Só que ela não desistiu. Aí ela “ah, mas mesmo assim estou indo pra aí, e a gente se encontra. A gente se encontra e vamos ver o que vai acontecer”. Aí chegou um belo dia... quando ela chegou no Rio... ela chegou e a gente foi se encontrar.

Esposa 3 (f80): Você foi me buscar.

Marido 3 (f78): É. Fui buscar ela no aeroporto...

Esposa 3 (f81): Cheguei no sábado...

Marido 3 (f79): Na rodoviária... Aí eu busquei ela na rodoviária, aí acabou que a gente foi direto pro apartamento onde ela tinha alugado a casa. Aí falei “ah, Renata, dessa vez vou te levar pra conhecer a região dos lagos”. Aí acabou que...

Esposa 3 (f82): E eu tava com medo, porque eu não tinha tido nenhum relacionamento com ele, né? Aí chegou no sábado, ele dizia “ah, vou levar... nós vamos pra região dos lagos, não sei o quê...”. Passou na minha cabeça, assim: como assim, ele vai me levar pra um motel, vai dormir junto comigo?? (Ri). Ficava isso na minha cabeça, como é que vai ser isso? E eu tava assim, que eu não queria falar aquilo pra ele, tipo... no apartamento ele podia dormir, tinha outro cômodo, não tinha problema, mas ir direto pra um hotel, não... não tava funcionando aquilo na minha cabeça.

Marido 3 (f80): Aí acabou que a gente foi lá ver o apartamento que ela tinha alugado, um apartamento de alugar por temporada. Aí a gente acabou ficando no apartamento, desistimos de viajar.

Esposa 3 (f83): Porque o tempo piorou...

Marido 3 (f81): É, o tempo piorou. Aí a gente foi no cinema, saiu, foi passear no shopping...

Esposa 3 (f84): Foi num aniversário...

Marido 3 (f82): É! A gente foi no aniversário de um amigo meu, isso mesmo! Aí ela alugou esse apartamento no Rio. A gente fechou tudo, deixou a mala lá. E eu falei "Renata, tem um aniversário de um amigo meu lá em Niterói". E fui pra Niterói pro aniversário. Aí ficamos no aniversário até tarde, já era duas horas da manhã. Ela falou assim "ah, Felipe, você vai me levar em casa, lá em Copacabana?". Falei "não, vou te levar, não tem importância". Aí eu levei ela lá em Copacabana. Aí chegamos em Copacabana... eu não voltei.

Esposa 3 (f85): Eu fiquei com medo dele voltar, e atravessar toda a ponte sozinho. Na ida, ele meio que dormiu na ponte. Aí fiquei com medo, "depois acontece qualquer coisa, e veio me trazer...". Teve uns amigos meus que teve essa história, era carona, deixou um no caminho e depois o outro se acidentou. Falei "não, acho melhor...". Só que ele dormiu a semana inteira. (Ri). Aí a gente começou a namorar! Daí depois ele foi... Daí eu só acreditei que o namoro ia pra frente quando ele chegou em Santa Maria... Santa Maria, não. A primeira vez que ele foi, foi pra Gramado. Não chegou a ir pra Santa Maria, mas quando ele chegou ali no Rio Grande do Sul, aí já... já acreditei que a coisa ia pra frente.

Marido 3 (f83): Aí a gente passeou... Eu fui pra Gramado a primeira vez. Aí a gente resolveu ir pra Gramado e a gente não foi na cidade dela.

Psicóloga (f14): Depois de quanto tempo do início do namoro que você (marido) foi pro sul?

Marido 3 (f84): A gente começou em setembro...

Esposa 3 (f86): Novembro.

Marido 3 (f85): Novembro.

Esposa 3 (f87): Aí em dezembro...

Marido 3 (f86): Calma! Só que em novembro ela queria muito que fosse pra cidade dela, pra conhecer os pais dela... conhecer a família dela, todo mundo. Só que meu sonho sempre foi ir pra Gramado com ela. Sempre falei que queria ir pra Gramado com ela. Aí quando surgiu uma folga no meu trabalho, de quarta a domingo, falei "Renata, é a chance da gente fazer aquela viagem dos meus sonhos, que era ir pra Gramado com você". Eu sempre falei isso desde o início das nossas conversas. Eu sempre falava "ah, quero passar um final de semana com você em Gramado...". Aí ela ficou meio chateada porque a gente

não ia pra cidade dela, mas topou a aventura de ir pra Gramado. Até porque era muito mais romântico... (ri).

Psicóloga (f15): Você falava de ir pra Gramado com ela desde antes do namoro?

Marido 3 (f87): É. Eu sempre brincava com ela assim, que queria ir pra Gramado com ela.

Esposa 3 (f87): É que eu sempre gostei de viajar, sempre participei de passeio, excursão... Fazer turismo mesmo, passear, aventura assim... fotografar, e tal. E ele também gostava de viajar, com os amigos, e tal. E até uma vez, numa viagem que eu fui com umas amigas minhas, eu falei pra ele que eu tinha ido pra Santa Catarina com umas amigas, falei "ah, legal que tu fosse lá com a gente também". Mas era uma viagem que só ia mulher...

Marido 3 (f88): Mas voltando... A gente foi pra Gramado, ficou lá, de quarta a domingo. Aí voltamos. Em dezembro tinha um casamento aqui de um guitarrista da minha banda, do outro guitarrista. Minha banda... o pessoal adora casar (ri). Aí, chegou em dezembro, teve esse casamento. Falei "ah, Renata, seria legal se você viesse". Ela veio. Então, ao todo, a gente se encontrou em julho, em setembro, depois em novembro, e em...

Esposa 3 (f88): Depois em janeiro!

Marido 3 (f89): Não, depois em dezembro.

Esposa 3 (f89): E depois em janeiro!

Marido 3 (f90): É, depois em janeiro.

Esposa 3 (f90): Depois, fevereiro (ri).

Marido 3 (f91): Depois, fevereiro. Foi bem seguido assim, né? Aí...

Esposa 3 (f91): Aí aconteceu uma coisa boa, a gente conseguiu viajar mais. (ri).

Marido 3 (f92): Aí, quando foi em janeiro, na seqüência deste mês, eu fui pela primeira vez lá pra cidade dela, conhecer os pais dela, conhecer a família dela toda. E eu fui, assim, muito rápido. Fui numa sexta pra voltar num domingo, mas fui muito legal!

Esposa 3 (f92): Você tinha tirado férias...

Marido 3 (f93): Que tirado férias! Você ta doida? Não, não... Foi de sexta a domingo.

Esposa 3 (f93): Era feriado...

Marido 3 (f94): Não era feriado. Era feriado sexta. Lembra que quem lembra das coisas sou eu, não você. (Ri).

Esposa 3 (f94): Era feriado.

Marido 3 (f95): Era feriado, sexta, sábado e domingo. Não era feriado... era uma folga que eu tinha.

Esposa 3 (f95): É!

Marido 3 (f96): Sexta e sábado.

Esposa 3 (f96): Deixa isso pra lá... (Riem). Aí depois era carnaval, eu vim, tirei uns dias de férias, eu acho...

Marido 3 (f97): É.

Esposa 3 (f97): Aí depois acho que foi Páscoa... Não lembro que época que era...

Marido 3 (f98): Não, aí começaram as promoções da Gol. Aí, com as promoções da Gol, você viajava, por incrível que pareça, com 25 reais!

Esposa 3 (f98): Não foi 50, não?

Marido 3 (f99): É, a primeira era 50, depois caiu pra 25. Foi na época que a Gol tava querendo acabar com a Varig, né? Foi um golpe de misericórdia na Varig. Aí a gente aproveitou pra viajar pra caramba. A gente viajava quase... todo mês, assim. Dava um pulo em Porto Alegre assim rápido. Aí a gente ficou nisso até mais...

Esposa 3 (f99): Um ano.

Marido 3 (f100): Um ano. Um ano nessa ponte aérea.

Esposa 3 (f100): Aí foi que eu cansei do meu trabalho. (ri).

Marido 3 (f101): Aí a Renata se cansou do trabalho dela...

Esposa 3 (f101): (Rindo) Eu não agüentava mais de tanta pressão...

Marido 3 (f102): ... em dezembro, e eu ia tirar férias em janeiro.

Esposa 3 (f102): Meu trabalho foi assim... Na época ele já tava... como eu gostava muito da informática, tinha uma parte do meu trabalho que tinha muito a ver com análise de sistemas, e o que começou me desestimular no meu trabalho eram algumas coisas que eu não conseguia fazer por causa de algumas plataformas que tinha lá, pra desenvolver. Aí eu comecei a conversar com o analista de sistemas de lá, e ele foi me explicando o que faltava, e eu comecei a conversar com o Felipe, dizendo "ah, eu queria que fosse assim, assim, assado", que aí, a partir daí, eu ia desenvolver. Aí o Felipe começou a pesquisar algumas coisas aqui, e falou "ah, Renata, é legal você fazer um curso aqui, tem treinamento, não sei o quê... as oportunidades são melhores. Você vai ser bem mais valorizada aqui". E, no fim, resolvi me dar férias, e chegou no Natal, o meu chefe me deu a entender que era pra eu dormir lá, e

adiar as férias pra dali a quinze dias. Aí eu disse assim... cheguei com a minha carta de demissão, que eu ia ficar mais três dias, e que eu tava indo embora. Aí eu vim embora...

Marido 3 (f103): Não...

Esposa 3 (f103): Não, daí o Felipe foi pra lá... passou o ano novo aqui?

Marido 3 (f104): Passamos o ano novo aqui.

Esposa 3 (f104): Ah, é. Passei o ano novo aqui, daí ele passou férias lá. Aí eu fiquei quinze dias aqui, né?

Marido 3 (f105): E eu fiquei quinze dias lá.

Esposa 3 (f105): Fiz um curso aqui por quinze dias. Depois ele foi comigo, quinze dias. Aí voltou... quando chegou o carnaval, eu vim pra ficar.

Marido 3 (f106): Aí ela veio com mala e cuia. (Riem). Aí a gente alugou esse apartamento, e estamos aqui. Basicamente isso...

Psicóloga (f16): Lembrando das impressões que vocês tiveram um do outro no relacionamento virtual e das impressões a partir do primeiro encontro, confirmam que a Internet pode ser suficiente para conhecer de verdade uma pessoa?

Marido 3 (f107): Sim. É lógico que...

Esposa 3 (f106): A convivência, claro, tu desconhece. Isso é pra qualquer casal. Independentemente da Internet, quando tu vai morar junto, tu descobre outras qualidades, e alguns defeitos (ri). Mas nada assim... A gente não teve problema assim... Até hoje nunca teve... brigar, essas coisas assim. A gente é muito de conversar, a gente gosta de conversar sobre tudo. E o Felipe tem muito assim, tipo, quando discorda de alguma coisa, ele não dorme sem resolver. Tem que estar resolvido porque, se não, não consegue dormir. Daí, até digo pra ele às vezes... Eu deixei tudo, né? Deixei família, deixei tudo e vim pra cá, e às vezes eu tenho muito medo de sufocar ele, porque... eu cheguei a ter um trabalho aqui, mas eu fiquei dois meses, mas... tem uma diferença de cultura muito grande pra mim, aqui. O Rio, assim, é... Quando eu fui trabalhar, fui ver que é um contraste pra mim. Que uma coisa que me chocou dentro do Rio de Janeiro foi... a cultura, assim, a forma de tratar as pessoas. Tem grandes empresas, e tem empresas que pensam que são grandes. Então... tem, assim... o palavriado do Rio de Janeiro pra mim é uma coisa chocante. Uma cultura que as pessoas são muito... Claro que tem pessoas usam baixo calção nas palavras, mas lá as pessoas são muito educadas na forma de tratar, sabe? E aqui, a gente... essas coisas meio que chocam. Então, quando... estar desempregada, né? Com aquela intenção que eu vim de conseguir um emprego pra melhorar... O Felipe sabe que eu sou ambiciosa, que eu tenho vontade de crescer, que eu luto no trabalho. Quando eu não sei as coisas, procuro fazer pra conseguir. Então, tem coisas assim, tem coisas que me perturbam e eu acabo só conversando só com ele. Então, como eu não tenho trabalho, não saio, fico muito em casa, eu não tenho amizades minhas. As

amizades que eu tenho minhas são pouquíssimas, não dão nenhuma mão, e moram no Rio. Então, eu acabo muito em casa, e graças a Deus, os pais dele moram aqui no prédio, então eu consigo... eu vou ali. Como eu sou muito família, muito em casa, então eu me dou muito bem com os pais dele. Então, quando eu me sinto muito sozinha, desço. Às vezes vou lá, tomo um cafezinho... e volto. Às vezes eu quero ficar sozinha, quietinha na minha, o que me deixa muito... Eu me sinto muito à vontade. Mesmo que eu tenha um problema, alguma coisa que esteja me incomodando, sempre é pra ele que eu recorro.

Marido 3 (f108): De qualquer forma, a gente também conseguiu contornar esses problemas assim porque... eu tenho uma banda, né. Além de ser analista de sistemas, eu tenho essa banda há muitos anos, e essa banca acaba criando uma dinâmica na nossa vida, né? Porque a gente toca muito, tem muito show, e a Renata sempre vai em todos os shows, e ela é fotógrafa. Então, ela é a fotógrafa oficial da banda, assim, né. Então, isso ajudou bastante a gente, porque os nossos finais de semana eram sempre em shows, sempre envolvidos com viagens, com ensaio da banda, tal. E isso sempre foi muito bacana. E minha banda, esse ano ela vai, pela segunda vez, representar o Brasil lá em Liverpool, na Inglaterra, no festival em homenagem aos Beatles. E o ano passado a gente foi, foi um sucesso danado, a gente fez onze shows em seis dias. Esse ano vou ter a oportunidade de levar a Renata. Então, a gente ta até brincando, que a gente vai fazer a lua de mel antes de casar (ri).

Esposa 3 (f107): A única coisa que a gente não fez antes de casar foi filho, porque, o resto... lua de mel... Todo lugar que o pessoal viaja, “ah, vamos pra Búzios, vamos pra Gramado, vamos pra Parati...”, tudo a gente já fez. Agora nós vamos fazer na Europa (ri). Nós vamos fazer tudo o contrário.

Marido 3 (f109): E é engraçado assim porque, a minha banda, apesar da gente estar junto... a banda existe há nove anos, e é um casamento de cinco pessoas mesmo, né? E às vezes muito conturbado. Então, eu me senti até mais confortável, assim, da Renata poder ir esse ano comigo, porque ano passado a gente viajou junto, cinco só. Não foram as namoradas e esposas, foi só a banda. E, na verdade, falei pra Renata que senti muita dificuldade, porque eu sempre fui muito acostumado de viajar com a Renata, né? E a gente viajando junto é uma diversão, assim, porque a gente gosta das mesmas coisas. A gente é muito aventureiro, assim.

Esposa 3 (f108): Chega o final de semana a gente resolve “ah, vamos pra Petrópolis”. A gente não programa, a gente entra no carro e vai pra Petrópolis. Se não tiver hotel, a gente vai procurar algum motel. (Ri).

Psicóloga (f17): Então, vocês realizaram as viagens que imaginaram nas conversas pela Internet quando ainda eram só amigos.

Marido 3 (f110): É!

Psicóloga (f18): E nessas conversas vocês imaginavam algo assim, que os dois topariam viagens sem programar?

Marido 3 (f111): Não, não. Isso a gente descobriu junto.

Esposa 3 (f109): Mas tinha uma época, no ICQ, que a gente não usava microfone. Mas tinha uns negocinhos no ICQ que faziam uns barulhinhos de risada, trem. Então a gente conversava e usava muito “há, há”, sabe? Me lembro de rir muito com ele, assim, na Internet. A gente se divertia, né?

Marido 3 (f112): Mas ela perguntou desse espírito de aventura, se a gente já...

Esposa 3 (f110): Já imaginava pelas experiências que a gente contava um pro outro das viagens. Até porque o Felipe mandava fotos, que ele tinha um blog, botava as fotos, mandava e-mail dizendo “olha as fotos da viagem, fui pra tal lugar...”.

Marido 3 (f113): E é engraçado que lá em Liverpool no ano passado, eu senti muita falta dela porque eu chegava numa estação de trem, aí eu via que tinha um trem dali pra Irlanda, né. Aí eu chegava pro pessoal da banda, falava assim “pô gente, vamos pra Irlanda, conhecer a Irlanda, ta aqui do lado”. Aí eles “ah, não, Irlanda não... muito longe...”. Aí eu falei “ah! Se a Renata tivesse aqui, ela ia, eu tenho certeza”. Aí acabou que a gente foi pra Paris, chegou em Paris e eles quiseram ficar em hotel, por incrível que pareça. Eles não queriam passear em Paris. Falei “vocês não vão passear?”. Aí eu ficava pensando “imagina a Renata vendo aqui a Torre Eiffel”. Aí eu peguei a máquina fotográfica, e andei por Paris todinha, assim, sozinho, mas imaginando como se tivesse com ela, assim, pelas mesmas atitudes, assim. Ou seja, me metendo no metrô, comprando mapa, parecia que eu tava viajando junto com ela, sabe? Aí esse ano falei, assim, vai ser um sacrifício pra gente, tal, mas eu falei “ah, Renata, vamos dar um jeito e dessa vez você vai”.

Psicóloga (f19): Estamos quase finalizando, o que vocês podem dizer sobre o significado que a Internet teve na vida de vocês.

Marido 3 (f114): Significou muito, porque eu acho que a Internet... Eu sou um entusiasta, assim, da Internet, porque, realmente, eu trabalho com Internet desde o momento dela ter sido liberada aqui no Brasil, desde 95. Eu acho que tem... é lógico que tem... como qualquer coisa, tem o lado bom, tem o lado ruim, mas eu acho que ela permite a pessoa, na verdade, se despir, assim, de preconceitos, de se abrir, você... por estar essa coisa virtual, você acha que você ta protegido. Então, você tende a fazer uma conversa muito mais franca, muito mais aberta do que estando pessoalmente.

Esposa 3 (f111): Se tu for uma pessoa como a gente é, né, a gente nunca foi de má intenção...

Marido 3 (f115): Sim!

Esposa 3 (f112): A gente sempre agiu de boa intenção, porque tem o lado negro, né? E tem o nosso lado, porque acho que o nosso lado é o lado bom de conseguir conquistar as coisas através da Internet. É que nem o Orkut agora. O Orkut, se a pessoa estiver usando pro bem... Eu já encontrei pessoas assim que... eu morei em outra cidade que eu perdi completamente o contato com

peças... inclusive tem uma amiga minha, que era minha melhor amiga, e eu passei muitos anos sem saber dessa minha melhor amiga. Eu sempre tive vontade de encontrar ela. Aí, outro dia, ela que me encontrou. Pra mim foi assim, foi recuperar aquela amiga que tava sempre comigo, e que eu não tinha a menor idéia de onde que tava. Descobri que não tava nem perto da minha cidade, ela tava em Brasília.

Marido 3 (f116): E eu acho o seguinte, a Internet permitiu, na verdade, formar uma base do nosso relacionamento que eu considero muito importante, assim, que foi a amizade. A fundação do nosso relacionamento, na verdade, é baseado em pura amizade, na mais pura amizade possível, assim. A gente acha que isso é muito forte. E eu sempre valorizei muito. Sempre falei isso pra Renata. Não sei se é um defeito, ou não, mas eu sempre botei a amizade, assim, dos meus amigos é tudo. Eu tenho nela uma grande amiga, e uma pessoa que eu sei que eu posso confiar. E ela a mesma coisa. Então, acho que a Internet ajudou muito nisso porque fez com que a gente tivesse uma relação, no início, muito aberta, né? Basicamente isso.

Psicóloga (f20): Agora, para finalizarmos, algo a mais para destacar a respeito do relacionamento de vocês?

Marido 3 (f117): Eu só tenho lembranças boas da Internet, e o que eu tenho é... incentivar as pessoas a conversarem, a se conhecerem pela Internet. Eu acho muito saudável.

Esposa 3 (f113): Tem muitas coisas que... Uma coisa que perguntavam... as minhas colegas no trabalho elas tinham uma curiosidade de saber... elas perguntavam "já fez sexo virtual?". Aí eu sempre dizia pra elas: "eu nunca fiz!". E eu disse, não tinha... eu nunca tive malícia... nunca tive a intenção nem malícia nenhuma. A gente já tinha intimidade, poderia ter... A gente nunca teve nada dessas intenções. A gente conversava porque a gente sempre teve assunto, sabe? A gente nunca ficou sem assunto. Meu pai... no início, meu pai chegava a mandar eu dormir porque, dependendo eu chegava a ficar até seis da manhã, que era o último minuto da conexão de um pulso só. Aí a hora que eu ia deitar pra dormir. A gente pesquisava... procurava música pra escutar junto, que aí ele foi descobrindo coisa que eu gostava, música. Eu colocava pra ele ouvir junto comigo. Tem muita gente que pensa assim... eu pensava... ah nunca vou me envolver com uma pessoa da Internet, mas não via preconceito com isso, mas tem uma coisa que eu digo assim, muitas vezes a gente sai, vai numa boate, vai lá, pensa que conheceu uma pessoa, mas o que você sabe da vida dela? Sabe muito menos do que eu sabia do Felipe até eu relacionar com ele. Quantas vezes os casais se conhecem num bar, o que eles realmente sabem da vida um do outro? Não sabe nada!

Psicóloga (f21): O que vocês estão dizendo é que a Internet pode não apenas não ser um mal caminho para conhecer pessoas, mas que pode levar com que as pessoas se conheçam antes de qualquer outro contato, antes de dar início a um relacionamento mais íntimo. E que este caminho será bem sucedido se houver boa intenção.

Esposa 3 (f114): Exatamente.

Marido 3 (f118): Um canal de comunicação onde as pessoas se abrem mais do que pessoalmente. Não sei se porque a pessoa ta mais à vontade, ta em casa... e pessoa fica mais relaxada mesmo...

Psicóloga (f22): Muito bom! Finalizamos, então. Agradeço a participação de vocês.